Ewerton Helder Bentes de Castro

Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial

Fazeres, saberes e possibilidades



DIALÉTICA
EDITORIA

CONSELHO EDITORIAL



Alexandre G. M. F. de Moraes Bahia
André Luís Vieira Elói
Antonino Manuel de Almeida Pereira
António Miguel Simões Caceiro
Bruno Camilloto Arantes
Bruno de Almeida Oliveira
Bruno Valverde Chahaira
Catarina Raposo Dias Carneiro
Christiane Costa Assis
Cíntia Borges Ferreira Leal
Eduardo Siqueira Costa Neto
Elias Rocha Gonçalves
Evandro Marcelo dos Santos
Everaldo dos Santos Mendes
Fabiani Gai Frantz
Flávia Siqueira Cambraia
Frederico Menezes Breyner
Frederico Perini Muniz
Giuliano Carlo Rainatto
Helena Maria Ferreira
Izabel Rigo Portocarrero
Jamil Alexandre Ayach Anache
Jean George Farias do Nascimento
Jorge Douglas Price
José Carlos Trinca Zanetti
Jose Luiz Quadros de Magalhaes
Josiel de Alencar Guedes
Juvencio Borges Silva
Konradin Metze
Laura Dutra de Abreu
Leonardo Avelar Guimarães
Lidiane Mauricio dos Reis
Ligia Barroso Fabri
Lívia Malacarne Pinheiro Rosalem
Luciana Molina Queiroz
Luiz Carlos de Souza Auricchio
Marcelo Campos Galuppo
Marcos André Moura Dias
Marcos Antonio Tedeschi
Marcos Pereira dos Santos
Marcos Vinício Chein Feres
Maria Walkiria de Faro C Guedes Cabral
Marilene Gomes Durães
Mateus de Moura Ferreira
Milena de Cássia Rocha
Mortimer N. S. Sellers
Nígela Rodrigues Carvalho
Paula Ferreira Franco
Pilar Coutinho
Rafael Alem Mello Ferreira
Rafael Vieira Figueiredo Sapucaia
Rayane Araújo
Regilson Maciel Borges
Régis Willyan da Silva Andrade
Renata Furtado de Barros
Renildo Rossi Junior
Rita de Cássia Padula Alves Vieira
Robson Jorge de Araújo
Rogério Luiz Nery da Silva
Romeu Paulo Martins Silva
Ronaldo de Oliveira Batista
Vanessa Pelerigo
Vitor Amaral Medrado
Wagner de Jesus Pinto

Ewerton Helder Bentes de Castro

Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial

Fazeres, saberes e possibilidades



DIALÉTICA
EDITORA

[redacted]

Copyright © 2021 by Editora Dialética Ltda.
Copyright © 2021 by Ewerton Helder Bentes de Castro.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Capa: Ygor Moretti
Diagramação: Alice Sabino Medeiro
Revisão: Responsabilidade do autor
Conversão para Epub: Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C355p Castro, Ewerton Helder Bentes de.

Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial : fazeres, saberes e possibilidades / Ewerton Helder Bentes de Castro. – Belo Horizonte : Editora Dialética, 2021.
E-book: 1 MB. ; EPUB.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-252-0239-6

1. Psicologia Fenomenológico-Existencial. 2. Psicoterapia. 3. Saúde Mental. I. Castro, Ewerton Helder Bentes de. II. Título.

CDD 150

CDU 159.9

Ficha catalográfica elaborada por Mariana Brandão Silva CRB-1/3150

DIALÉTICA
EDITORA
/editoradialetica
@editoradialetica
www.editoradialetica.com

Currículo

Pós-Doutor pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras De Ribeirão Preto, Doutor em Ciências (área de concentração de Psicologia) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (Labfen). Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia (Mestrado em Psicologia) e da graduação em Psicologia da Faculdade Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Organizador dos livros Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa; Práticas de pesquisa em Psicologia Fenomenológica e Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica.

Sinopse

Da im-possibilidade, me fiz possibilidade. Nessa perspectiva é que consideramos a trajetória até o momento. O Laboratório de Psicologia Fenomenológico-existencial (Labfen) traz a público mais uma obra pautada no que chamamos de Psicologia de inspiração fenomenológica.

Trabalhar com essa base teórica significa redimensionar o olhar sobre si mesmo, sobre o outro e o olhar que lanço sobre o olhar do outro, ou seja, as relações que estabeleço comigo e com o outro, compreendendo que somos na vida sendo-com-o-outro.

Um dos aspectos presentes no viés relacional sob a acepção da fenomenologia diz respeito à visada do cuidado e do cuidar. Não se trata, diga-se de passagem, ao cuidar que apenas vela, zela e desvela, mas o existir pautado nessa perspectiva. Desse modo, torna-se premente que busquemos consolidar a produção fenomenológica, considerando as relações interpessoais como as possibilidades a que somos chamados a experienciar em nosso cotidiano, superando dificuldades e limites inerentes ao próprio caminhar. Como foi expresso logo no início, da impossibilidade, me fiz possibilidade.

Agradecimento

`À minha família, que como eu, ousadamente, mostram
que não viemos ao mundo a passeio!
À Janderson, por me fazer feliz!
À vida, por tudo!

Apresentação

O Grupo de pesquisa em psicologia fenomenológico-existencial, sediado no Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen) vem, através das produções de alunos da graduação e do mestrado em psicologia, apresentar mais uma proposta embasada na perspectiva teórica da Fenomenologia.

E como nas três obras anteriores – Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa; Práticas de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica e Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica: o contexto amazônico em clínica e pesquisa – cada capítulo é um avanço no mergulho que o Grupo tem se permitido realizar na perspectiva fenomenológica em sua imbricação com a Psicologia. Assim, é trazido um leque de temáticas e o olhar que lhes é lançado sob o viés fenomenológico.

Percorrer esta trilha tem sido sobremaneira desafiador. E esse desafio tem sido experienciado, principalmente, no caminhar de cada um dos discentes que ousam – sim, ousam – seguir por este caminho, uma vez que, o início do processo se dá de modo titubeante, inseguro. Contudo, com o passar do tempo, percebe-se que a segurança e o

mergulho na teoria se tornam os elementos mais visíveis e, com os quais, os futuros profissionais vão se possibilitando crescer e redimensionar o olhar para o outro, para o mundo, para a vida, para si mesmo. E o movimento da circularidade existencial é vivenciado. Compreendem que ir além de si mesmos, em sua relação com o outro, é fundamental.

Assim, os capítulos que compõem este livro, estão assim dispostos: **Academia, aqui vou eu:** o retorno à sala de aula após os 40 anos, escrito por Ruth Florêncio, Denis Guimarães Pereira, Gonçalo Caldeira Bastos da Mata e Ewerton Helder Bentes de Castro; **Entre a obra de ficção e a academia, possível imbricação:** discursos de acadêmicos de Psicologia por Carla Victória Noriega Garcia e Ewerton Helder Bentes de Castro; **Ser-idoso em situação de bem-estar e de internação:** compreendendo os paradoxos da existencialidade, por Joana Brito de Oliveira Castelo Branco e Ewerton Helder Bentes de Castro; **Viver a escola:** dificuldades, conflitos e possibilidades na vida do educador, por Jânia Maria Figueiredo de Lima e Ewerton Helder Bentes de Castro; **O "ser-no-mundo", estrangeiro de si mesmo**: significados e sentidos de suas viagens por Lídia Moura Franco da Costa e Ewerton Helder Bentes de Castro; **E no desempenho do meu trabalho, sofri violência:** agentes de trânsito têm a palavra, por Raimundo Erasmo do Carmo de Sousa e Ewerton Hélder Bentes de Castro; **Ser-vizinho de Residência Terapêutica:** o sentido da "loucura" para comunitários, por Gabriel Vítor Melo Rocha, Denis Guimarães Pereira e Ewerton Helder Bentes de Castro; **Vivência hospitalar e o paciente oncológico**: a possibilidade de compreensão da Logoteoria de Viktor Emil Frankl, por Manoel Guedes Brandão Neto e Ewerton Helder Bentes de Castro; **Jovens Portadores de HIV/AIDS:** compreensão dos fatores de abandono ao tratamento, por

Saasha Kathleen da Silva Vital, Mauro Batista Negreiros, Luziane Vitoriano da Costa e Ewerton Helder Bentes de Castro; **A criança foi adotada, agora o vazio:** o olhar dos cuidadores do abrigo, por Raimundo Sidney Gil Evangelista, Ewerton Helder Bentes de Castro, Rafael Luiz de Aguiar Porto e Luan Silva de Souza; **Violência sexual contra a mulher:** do ato violento à superação, por Ewerton Helder Bentes de Castro, Janderson Costa Meira, Enio José de Andrade Rodrigues e Jaqueline de Freitas Figueiredo; **Suicídio, autolesão, relações abusivas, fatores contemporâneos:** a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares, por Ewerton Helder Bentes de Castro.

Eis, as possibilidades!

Prefácio

Ewerton significa "o que vem da cidade dos javalis", corajoso, bravo ou resistente. Não é de se estranhar que o organizador desse livro, que se chama Ewerton, é um sujeito que se lança a diversos desafios, enfrentando as adversidades, desbravando a ordem vigente e se mantendo firme no processo corajoso de ampliar horizontes de saberes e práticas.

Hélder significa "o mais velho", ancião, pessoa de posição elevada. Também não é à toa que o segundo nome do organizador dessa obra é Hélder, o cara de cabeça branca, que transmite segurança no andar, no fazer, no dizer e no propor, denotando vasta experiência de vida, não por causa da idade, mas em virtude, justamente, das adversidades que enfrentou.

Ao juntarmos Ewerton Hélder, temos um experiente, corajoso e bravo ser humano. Portanto, essa obra não poderia ser outra senão o resultado do trabalho de alguém que conduz pessoas e processos para alcançar metas: um verdadeiro líder, que agrega pessoas em pro de algo mais amplo, que, na exata medida em que tenta invadir novos horizontes, resiste bravamente aos imperativos vigentes.

Conheci Ewerton em um dos congressos de Fenomenologia. O sorriso largo, a elegância, a voz firme e o olhar agregador chamaram-me atenção de imediato. Não me perguntem por que, porque essas sintonias não têm explicação racional, apenas a experiência ressignificada é capaz de alcançar alguma compreensão do que é ter-me tornado sua parceira de aventuras no mundo das abordagens de inspiração fenomenológica em Psicologia e ter sido convidada a prefaciar este livro...

Estar diante da obra "***Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades***", é estar diante de uma produção de sentido coletivo, resultante de múltiplos olhares e tentativas de compreensão sobre fenômenos humanos, criando possibilidades de aquisição de conhecimentos, o que, para mim, constitui o próprio sentido de ser psicóloga, docente e pesquisadora de inspiração fenomenológica: reapropriar-me de mim mesma no ato de produzir/adquirir conhecimentos.

O livro apresenta dizeres e fazeres no âmbito do improvável, remetendo-me à minha própria história, basicamente me envolvendo com dimensões muito significativas do ponto de vista fenomenológico: tempo, espaço, lugar, outro e obra (parafraseando Monique Augras).

Esse resgate histórico, me fez caminhar por diferentes etapas da minha vida. Como mulher, investi nos estudos e adiei o projeto da maternidade, em um processo inverso às colaboradoras do primeiro estudo apresentado. Essa condição, permitiu que, mesmo em um tempo considerado tardio, eu me lançasse à obra do ser mãe, muitas vezes necessitando de outros para o exercício desafiador de cuidar/educar os filhos. Foi a escolha profissional que me trouxe a um lugar bem longe da

família, construindo outros laços e educando os filhos em outro espaço que não o lar primeiro.

Mais adiante, me deparei com a importância da leitura na minha vida, e me vi voltando no tempo, tentando resgatar experiências de leituras na biblioteca da escola, no ensino primário, meu refúgio; também no meu quarto, quando na adolescência, os romances, as ficções, o suspense de livros de autores americanos, enchiam meus dias e minhas noites; ou já na universidade, quando me encantei pela filosofia e digeria todas as linhas produzidas por existencialistas e fenomenólogos, além de autores psicanalistas e humanistas. A leitura se fez presente, me ajudou a levar o tempo, a debater com outros sobre os sentidos que as linhas escritas tinham para mim, a questionar o lugar e o espaço em que eu me tornava uma cientista e a me lançar ao desafio das obras que produzo enquanto tal...

Posteriormente, o presente livro me levou a viajar no tempo, ao relembrar minha avó, meus avós, meu pai e minha mãe, falecidos na idade da experiência. A saudade invadiu o meu peito, a experiência de um pai hospitalizado em UTI antes de morrer e a morte repentina da mãe em um dia em que eu viajava para a minha cidade natal para passar as festas de final de ano com ela, me encheram os olhos de lágrimas. Esses outros, que estão na base da minha jornada, estiveram sempre lá, naquela cidade do Nordeste, lugar onde eu era acolhida a qualquer tempo, por outros que viam em mim a melhor obra que já haviam produzido. Nunca foram para instituições de idosos, porque tiveram muitos filhos cuidadores. Esses idosos foram os grandes Outros com os quais tive que me acostumar a viver em um espaço distante, aos quais não dediquei tanto tempo na velhice por tanto trabalhar e com os quais

eu daria tudo para estar compartilhando minhas obras atuais, sejam escritas, materiais ou simplesmente os netos e bisnetos que procriei para eles...

Mas o livro nos joga no passado e nos convida ao presente em um piscar de olhos. Ao abri-los, novamente, me vejo como mãe de filhos em idade escolar e como educadora universitária, convivendo todos os dias com outros educadores, que vivenciam na pele o sofrimento de transformar gerações com parcos recursos financeiros e estruturais, mas resguardam a esperança da transformação do espaço escola, lugar, também, de acolhimento e convivência com outros.

Da escola, somos lançados ao mundo. E como é bom viajar nesses espaços para conhecer outras culturas, outros nortes. O presente livro também nos leva alhures, quando a memória nos invade e nos presenteia com imagens cheias de sentido, dos lugares, espaços e obras visitadas em tempos mais distantes, em tempos mais presentes, sempre nos permitindo a nostalgia que nos dá quando olhamos, nesse momento de pandemia da COVID-19, para nossas malas vazias e a impossibilidade de novas aventuras, do impedimento do exercício da liberdade devido ao isolamento social, sem muitas opções de escolha de se lançar ao mundo, em outros espaços e lugares, desbravar o desconhecido e se embebecer de outras culturas.

E, de repente, para além da dor diante do caos social em que estamos vivendo por conta da pandemia, a obra que eu tenho em mãos, me traz à realidade do mundo sofrido do trabalho, imbuído que está de precariedade de suas relações e condições, da violência em todas as suas expressões. De forma inovadora, autores desse livro visitam o cotidiano da violência no mundo do trabalho do agente de trânsito, me remetendo

aos meus dias de outrora como condutora em cidade grande, exposta a assaltos nos sinais, agressividade de condutores, atropelamentos, medo, angústia. Mas me traz para o tempo presente, onde motociclistas e ciclistas são atropelados a cada esquina, já que motos e bicicletas são os principais meios de transporte dos trabalhadores do lugar em que resido hoje.

E, em outro piscar de olhos, o leitor desse livro sai da violência cotidiana à loucura institucionalizada. Violência de outra ordem, mas não menos adoecedora, quando uma comunidade inteira exclui alguém que não suportou o sofrimento psíquico intenso e que vivencia a exclusão social. Esse capítulo me remete ao meu papel como docente de curso de residência em saúde mental e todo o trabalho que esse papel envolve, de capacitar estudantes para a inclusão, para a defesa das políticas públicas de feição antimanicomial, para o respeito aos anos de reforma psiquiátrica no Brasil e para a resistência ao risco que o SUS, os CAPS e todas as comunidades terapêuticas enfrentam na atualidade.

No entanto, o livro organizado por Ewerton não fecha seu ciclo na situação de violência e adoecimento psíquico, mostrando, também, possibilidades de prática diante da dor e do sofrimento em pacientes oncológicos, apontando, a partir do olhar da logoterapia, processos de construção de estratégias de enfrentamento para esses sujeitos, capazes de ressignificarem seus sentidos de vida, mesmo como seres-doentes-para-a-morte. Em contrapartida, também somos convidados a visitar doenças como HIV-Aids e, para, quem como eu, perdeu um tio há 18 anos por consequências desse adoecimento, o coração é tocado pela dor do luto, por ter con-vivido lado a lado com esse tio a experiência corporificada de um ser-no-mundo-sendo-portador-de-Aids, e pre-

senciado como Outros significativos são importantes para que este sujeito enfrente a finitude da existência.

E no caminho da andança pelos capítulos do livro, nos deparamos fechando nosso círculo hermenêutico com o olhar sobre a infância, ao retorno de onde tudo começa. Melhor ainda: um olhar de cuidado à criança adotada. Tenho dois irmãos adotivos e, óbvio, as lembranças da adoção deles pelos meus pais, intermediada por assistentes sociais, enfermeiras e orfanatos que conduziam o processo de crianças diretamente abandonadas por suas mães em maternidades públicas. Como irmã mais velha no exercício do cuidado desses irmãos, compreendi sensivelmente a experiência de apego das cuidadoras que foram entrevistadas por coautores deste livro.

Mas, como as andanças nessa obra são um vai-e-vem existencial, volto, novamente, para minha condição como mulher, que, bravamente, junto-com-outras, com sororidade, luto avidamente enfrentando a violência contra a mulher. Retorno, também, para minha condição de docente psicóloga, envolvida com o fazer clínico diário do cuidado com pessoas em sofrimento psíquico intenso ou em crise, algumas com comportamentos suicidas, para junto-com-elas, ressignificarmos o sentido da vida.

Portanto, a leitura desse livro é um caminhar pela própria vida e suas questões existenciais. Para lê-lo, é preciso se lançar ao desafio de compreender fenômenos especificamente humanos, com todas as suas dores, mas também, com todos seus sabores, algo que pode ser feito, principalmente, por profissionais de saúde, que, corajosamente, lutam pelo fazer ético e competente, seja na prática, seja na pesquisa, dando às

pessoas espaço de escuta e fala para, se abrindo às experiências da vida como valor maior, transformarem im-possibilidades em possibilidades.

Profa. Dra. Shirley Macêdo
Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco

Autores

Carla Victória Noriega Garcia

Discente do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq.

E-mail: caarlanoriega@gmail.com

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0470-4609

Denis Guimarães Pereira

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas. Graduado em Psicologia pela Faculdade Martha Falcão. Docente do Curso de Psicologia da Universidade Paulista/Manaus/Am. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica de base fenomenológica. Membro do grupo de pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro dos grupos

de estudos “Martin Heidegger” e “Maurice Merleau-Ponty”. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da Ufam.
E-mail: denis.guimaraes33@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1297-4753

Enio José de Andrade Rodrigues
Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia – PPGPSI/UFAM. Especialista em Psicologia Clínica Social Ampliada pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM Docente do curso de graduação e Pós-graduação do Instituto Metropolitano de Ensino no - IME/ (FAMETRO) Manaus e Centro Educacional Feksa Ltda-ME/Capacitar. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro dos Grupos de Estudos em Merleau-Ponty e Martin Heidegger pelo Labfen.
E-mail: enio40@gmail.com
Orcid:0000-0002-6393-304X

Gabriel Vítor Melo da Rocha
Especialista em Apoio e Diagnóstico Terapêutico com ênfase em Infectologia pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Universidade Nilton Lins. Psicólogo formado pelo curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Pesquisador em Saúde Mental e HIV/Aids. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-

Existencial certificado pelo CNPq. Membro dos Grupos de Estudos em Merleau-Ponty e Martin Heidegger pelo Labfen.
E-mail: gabrielvitor.mr@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2803-4726

Gonçalo Caldeira Bastos da Mata
Pós-graduado em Psicologia Clínica Institucional pela Faculdade Barão do Rio Branco – UNINORTE. Pós-graduado em Psicologia Clínica Contemporânea pela Faculdade Barão de Rio Branco – UNINORTE. Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Aperfeiçoamento em Apoio Matricial na Atenção Básica com ênfase nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família – ENSP/FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ/EAD.
E-mail: gonmata@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0086-6560

Janderson da Costa Meira
Gestor de Recursos Humanos pela Universidade Paulista (Unip). Discente do Curso de Psicologia da Escola Superior Batista do Amazonas ESBAM/Manaus. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro dos Grupos de Estudos em Merleau-Ponty e Martin Heidegger pelo Labfen.
E-mail: jandersoncosta336@gmail.com
Orcid: 0000-0001-9145-6465

Jânia Maria Figueiredo de Lima

Pós-graduada em Ética pelo Departamento de Filosofia/Ufam. Pós-graduanda em Psicologia Clínica de Base Fenomenológica/Instituto Vision. Psicóloga formada pelo curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Pedagoga formada pela Escola Normal Superior/UEA. Docente da Secretaria Estadual de Educação e Qualidade de Ensino/SEDUC/AM. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq.

E-mail: phanmellafigueiredo@gmail.com

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8999-7024

Joana Brito de Oliveira Castelo Branco

Psicóloga formada pelo curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Especialista em Psicologia da Saúde pela Residência Multiprofissional em Saúde da Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Vieira Dourado, com ênfase em Infectologia. Atualmente é psicóloga do Hospital Universitário Francisca Mendes, atuando na internação e atendimento ambulatorial com pacientes cardiopatas e seus familiares.

E-mail:joana_britto@hotmail.com

Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5398-534X

Lídia Moura Franco da Costa

Psicóloga formada pelo curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Proprietária do site

http://lidimoura.46graus.com onde registra ensaios fotográficos relativos a viagens pelo país.
E-mail: lidimoura@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8852-5172

Luziane Vitoriano da Costa

Consultora para trabalho de mobilização de adolescentes/UNICEF. Especialista em Relações Familiares na Teoria Sistêmica (FSDB). MBA em Gestão Escolar (USP/ESALQ). Pós-graduanda em Epidemiologias e Vigilância em Saúde (UNYLEYA). Pós-graduanda em Intervenção em crise e prevenção do suicídio (UNYLEYA). Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista UNIP/Manaus. Interesse nos temas: Vulnerabilidade, Saúde Mental, Saúde Pública e HIV/Aids, Políticas públicas, Gênero, Direitos Humanos, Direito das Crianças, Prevenção e Posvenção do suicídio. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro dos Grupos de Estudos em Merleau-Ponty e Martin Heidegger pelo Labfen.
E-mail:luziane.costa@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8374-9206

Manoel Guedes Brandão Neto

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia/UFAM. Pós-graduado em Psicologia Hospitalar pela Faculdade Martha Falcão. Psicólogo formado pelo Centro de Ensino Superior do Norte-UNINORTE. Membro do Laboratório de Psicologia

Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro dos Grupos de Estudos em Merleau-Ponty e Martin Heidegger pelo Labfen.
E-mail: manoelbrandaorh@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9156-7218

Mauro Batista Negreiros
Discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Ufam da linha de Pesquisa Processos Psicológicos e Saúde. Psicólogo formada pelo curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Grupo de Estudos em Martin Heidegger pelo Labfen.
E-mail: m.b.negreiros@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0535-4567

Raimundo Erasmo do Carmo de Sousa
Psicólogo formado pelo curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (Labfen). Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq.
E-mail: r.erasmo@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4671-1214

Raimundo Sidney Gil Evangelista

Psicólogo formado pelo curso de Psicologia da Escola Superior Batista do Amazonas / ESBAM.

E-mail: gil.e@hotmail.com

Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8551-6636

Rute Costa Guimarães Florencio

Pós-graduanda em Gerontologia e Saúde Mental e Psicologia Sexual pela Faculdade UniBF. Graduada em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas/ESBAM. Psicóloga na Policlínica Mais Saúde em Santarém/Pará.

E-mail: rutyflorencio@hotmail.com

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4370-7087

Saasha Kathleen da Silva Vital

Psicóloga formada pelo curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: saasha_vital@hotmail.com

Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2736-4800

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Academia, aqui vou eu:o retorno a sala de aula após 40 anos

Ruth Florêncio

Denis Guimarães Pereira

Gonçalo Caldeira Bastos da Mata

Ewerton Helder Bentes de Castro

Entre a obra de ficção e a academia, possível imbricação: discursos de acadêmicos de Psicologia

Carla Victória Noriega Garcia

Ewerton Helder Bentes de Castro

Ser-idoso em situação de bem-estar e de internação: compreendendo os paradoxos da existencialidade

Joana Brito de Oliveira Castelo Branco

Ewerton Helder Bentes de Castro

Viver a escola:dificuldades, conflitos e possibilidades na vida do educador

Jânia Maria Figueiredo de Lima

Ewerton Helder Bentes de Castro

O “ser-no-mundo”,estrangeiro de si mesmo: significados e sentidos de suas viagens

Lídia Moura Franco da Costa

Ewerton Helder Bentes de Castro

E no desempenho do meu trabalho, sofri violência: agentes de trânsito têm a palavra

Raimundo Erasmo do Carmo de Sousa

Ewerton Hélder Bentes de Castro

Ser-vizinho de Residência Terapêutica: o sentido da “loucura” para comunitários

Gabriel Vítor Melo Rocha

Denis Guimarães Pereira

Ewerton Helder Bentes de Castro

Vivência hospitalar e o paciente oncológico:a possibilidade de compreensão da Logoteoria de Viktor Emil Frankl

Manoel Guedes Brandão Neto

Ewerton Helder Bentes de Castro

Jovens Portadores de HIV/AIDS: compreensão dos fatores de abandono ao tratamento

Saasha Kathleen da Silva Vital

Mauro Batista Negreiros

Luziane Vitoriano da Costa

Ewerton Helder Bentes de Castro

A criança foi adotada, agora o vazio:o olhar das cuidadores de abrigo em Manaus

Raimundo Sidney Gil Evangelista

Ewerton Helder Bentes de Castro

Rafael Luiz de Aguiar Porto

Luan Silva de Souza

Violência sexual contra a mulher: possibilidades de compreensão do mundo - vivido!

Ewerton Helder Bentes de Castro

Janderson Costa Meira

Enio José de Andrade Rodrigues

Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares

Ewerton Helder Bentes de Castro

Academia, aqui vou eu:o retorno a sala de aula após 40 anos

Ruth Florêncio
Denis Guimarães Pereira
Gonçalo Caldeira Bastos da Mata
Ewerton Helder Bentes de Castro

Introdução

No período colonial, intelectualmente, a mulher não era valorizada, sendo incluída, por alguns escritores e poetas na categoria *Imbecilitus sexus* (sexo imbecil), resumindo e reforçando sua atuação aqui cuidado do lar, conforme os versos de um poeta da época: "Mulher que sabe muito é atrapalhada. Para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada"[1].

A partir do argumento de que as mulheres têm baixa capacidade intelectual, atrelado a outros discursos políticos, religiosos e étnico-raciais, a figura feminina foi sendo posicionada como inferior a

masculina e ao longo dos tempos sua educação foi nivelada, julgando quais aprendizados as mulheres estavam aptas a receber[2].

No período de 2000 a 2009, os dados do último Censo Escolar, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostram que o número de pessoas que entraram na faculdade com mais de 40 anos ultrapassou os 19 mil no Estado[3].

Conforme Romanelli[4], a distinção no trato dos gêneros afetou fortemente o acesso das mulheres ao ensino superior. No entanto, embora a presença das mulheres nas universidades tenha se dado muitos séculos após a dos homens, atualmente, segundo o Censo, as matrículas na educação superior "contaram com participação majoritariamente feminina ao longo do período de 2001 a 2010"[5].

Na vida moderna as mulheres têm deixado o casamento para segundo plano preferindo assim primeiramente sua estabilidade financeira. Optar pelo retorno a sala de aula mesmo em idade considerada 'avançada' foi observado como algo prazeroso na vida de algumas mulheres, o que nos recorda a compreensão da psicologia acerca das interações necessárias ao próprio caminhar de cada um de nós.

A psicologia do curso de vida entende que o indivíduo e o ambiente social atuam numa interação dinâmica, no sentido de que o desenvolvimento humano é visto como um processo contínuo de adaptação que dura por toda a vida, relacionado a processos internos em interação com as atividades externas e a historicidade do ser humano.

Dessa forma, buscamos compreender o retorno à sala de aula após os 40 anos. O que levou uma das autoras deste capítulo – ex-discente de

psicologia, este é o resultado de seu TCC - a ingressar na faculdade parece ter sido a necessidade de novos conhecimentos, e ao mesmo tempo, realizar o sonho de ser profissional na área da psicologia. Quando o sonho se tornou realidade, dúvidas se fizeram presentes: o receio devido ao longo tempo fora de sala de aula e a grande diferença de idade em relação aos colegas. No início, ocorreu o que de algum modo era esperado, a dificuldade em entender a linguagem acadêmica usada pelos docentes, uma vez que, os mesmos usavam palavras e termos técnicos que não faziam parte do seu cotidiano. Daí, percebeu o quanto havia de limitação em seu vocabulário e como isso atrapalhava o aprendizado.

Outra dificuldade encontrada foi, sem dúvida, raciocinar de maneira rápida e com um encadeamento lógico. Muitas informações eram trabalhadas feericamente e isso não possibilitava processar tudo que estava recebendo dos professores. O resultado de tudo isso foi, sem dúvida, grande frustração. Com o passar do tempo observou que o processo de aprendizagem estava sendo trabalhado gradativamente e passou a se ver como um ser de possibilidades e isso tudo, aliado a experiências de vida.

Do ponto de vista acadêmico, acreditamos que esse tema contribui para incentivar as pessoas com mais de quarenta anos de idade a ingressar no ensino superior, ajudando-os em suas dúvidas e medos que, muitas vezes, assolam os que já 'passaram' do tempo de estudar, possibilitando-os dessa maneira, buscar novos conhecimentos.

Diante disso, percebemos que o melhor caminho a ser trilhado para compreender este fenômeno é a Fenomenologia que possibilita *ser-com-*

o-outro em seu mundo vivido e com isso, encontrar os sentidos e significados de suas vivências.

Adentrando a temática

A realidade da Educação Brasileira de um modo geral ainda está muito longe da desejada pela maioria dos brasileiros, principalmente, pelos menos favorecidos e porque não dizer por aqueles que pelos mais variados motivos abandonaram o banco das escolas ou universidades. No entanto, as pesquisas indicam que houve um aumento significativo nos últimos anos. Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) de 2011, houve um aumento considerado de pessoas com mais de 40 anos cursando faculdade. E esse índice tem aumentado a cada ano segundo mostra os números do IBGE[6].

É muito interessante saber que aos poucos as pessoas têm procurado as universidades, independentemente de sua faixa etária. Mesmo com o aumento da população são visíveis os índices de 2000 e 2010, onde o aumento foi de 192% de novos estudantes nas universidades, e, destes a maioria com idade superior a 40 anos. Para Bruno[7], o que tem motivado essa faixa etária a retornar ou ingressar nas universidades pela primeira vez e esses dados não são de uma região isolada dos pais, mas por toda a parte do Brasil os indicadores são positivos.

Raposo & Günther[8] defendem a teoria da seleção agregada, como um conjunto específico de metas escolhidas durante o ciclo da vida, que podem ser identificados como: adquirir conhecimento, objetivo de vida, levar conhecimento para que a comunidade indígena ficasse esclarecida, ajudar no acompanhamento dos filhos.

Podemos ver ainda os mais diferentes motivos que tem determinado essa busca pela formação acadêmica: condição financeira, formação superior que propicie melhores condições no mercado de trabalho, enfim, a teoria apresenta ainda a aposentadoria como um dos motivos da busca de novas metas, pois pode ajudar no contato com as pessoas, relacionamento com os filhos, desejo de refazer a vida, na adaptação a novos padrões exigidos pelo mercado de trabalho ou exigência de novas legislações[9].

Outro fenômeno que chama atenção é que a maioria desses novos universitários é composta por mulheres. Para Oliveira[10], um dos motivos para a participação tão grande de mulheres em universidade é porque elas despertaram e perceberam seu talento e potencial que até então era virtualmente desconhecida pela maioria, ou estavam alienadas nas crenças e costumes de que a mulher devia cuidar dos filhos, casa e marido. Onde o homem como provedor tinha mais oportunidade e chance de entrar e cursar uma faculdade.

No entanto, esses tabus foram aos poucos sendo vencidos pelas mulheres que têm percebido que podem fazer muito mais do que ficar em casa e deixar ser governada e sustentada pelo marido. Pelo contrário, as mulheres conseguem desempenhar várias atividades e ainda ter momento com a família sem deixar de ser mulher.

A família bem estruturada com casamento sólido teve resultado satisfatório e motivo compensado para o ingresso na faculdade. Outro ponto positivo é a crise da meia-idade, onde as mulheres que foram privadas de realizar o que tinham desejo no passado agora percebem que não há mais impedimentos, ou seja, não há mais a preocupação com filhos pequenos[11].

Nesse sentido, vivenciam a busca pelo sucesso profissional, momento de aproveitar as oportunidades conquistadas pelos anos de trabalho e cuidado da família, fazendo algo, que realmente seja importante para sua satisfação própria.

Infelizmente, muito ainda precisa ser feito para que todos tenham os mesmos direitos de fato. A mulher é sem dúvida uma guerreira, continua com suas obrigações domésticas e, nessa jornada, acrescentou o trabalho e a faculdade. Para o homem funciona o contrário, rara vezes consegue trocar de papel com a mulher sem ser discriminado como se pudesse medir sua masculinidade pelo trabalho exercido, ou, atividade desenvolvida em casa.[12]

Com a idade é necessário preencher o dia a dia com atividades que estimulem o cérebro e a faculdade é, sem dúvida, um lugar onde podem ser vivenciadas situações as mais variadas possíveis. A escola ou faculdade é um desses espaços para a interação com a sociedade. Outros fatores como salários iguais para homens e mulheres, aceitação em área como construção, engenharia, indústria, política etc. Essa discrepância ainda precisa ser corrigida em todos os segmentos, no sentido de que homens e mulheres exerçam as mesmas atividades com salário e oportunidades iguais. E um dos meios é o preparo acadêmico. As mulheres estão fazendo a sua parte com muita qualidade a esse respeito[13].

A mulher que por muito tempo foi deixada a margem da sociedade, hoje tem um papel fundamental, e em muitos casos lado a lado com a figura masculina. Infelizmente a desestruturação das famílias tem criado abismos, uma vez que, dado o status dos papéis sexuais ser desigual, a

autoimagem, a autoestima e o autoconceito nas meninas podem ser vivenciados sob o viés do sofrimento e, consequentemente, baixos.

Com essa corrida desenfreada ao mercado de trabalho, status, o que poderíamos considerar como foco? A questão da carreira, especificamente no lar *versus* fora dele, é um dos dilemas que mais pressionam a mulher contemporânea, particularmente quando ela optou pelo casamento e pelos filhos. O dilema para uma mulher torna-se: devo ficar em casa e providenciar alimentação para meu marido e filhos, ou possuir uma carreira e correr o risco de negligenciar ou prejudicar minha família?

Estou na faculdade e agora? Esta é uma pergunta feita pela maioria das pessoas ao ingressarem nas instituições em todo o país com mais de 40 anos, além de todo o contexto histórico, ainda pesam os anos, a falta de rotina de leitura em muitos dos casos e a socialização com alunos com idade de filhos e netos desses novos universitários e como conseguirá ter êxito nessa nova etapa de sua vida, com todos esses empecilhos? [14].

Muitas mulheres estão adiando o casamento e as responsabilidades familiares até que suas carreiras estejam bem encaminhadas e elas possam se dar ao luxo de arranjar tempo para o casamento e para a família. Alguns sugerem que o casamento como uma segunda carreira possa ser uma resposta para a mulher no futuro. É necessário compreender que a mulher – independente ao pensamento cultural - poderá simplesmente não casar.

A experiência é sempre válida, tanto para quem transmite como para quem ouve, essa troca de informação é como se dar o processo de conhecimento, mas a estrutura emocional dessa estudante que está fora

do ‘normal’ da idade escolar precisa tá bem ajustada e definida para que novamente surja o interesse por sua capacitação[15].

Optar pelo retorno a escola mesmo nessa idade deve ser prazeroso, não algo imposto ou obrigatório. Nesse ínterim, torna-se importante ser aceito pelos colegas e se permitir a mudanças. Afinal, posso compartilhar o saber que sei e com isso aprimorar esse nicho que denominamos conhecimento.

Este capítulo é originário de um Trabalho de Conclusão de Curso. Participaram desta pesquisa 05 alunas do curso de Psicologia de uma Faculdade privada na cidade de Manaus selecionadas em consonância aos critérios de inclusão do projeto.

Compreensão do fenômeno

Observamos nos discursos das participantes que, para elas, o mais importante foi ir em busca do seu objetivo e do ideal que havia sido deixado para último plano por vários motivos. É que, antes de quaisquer fatores, hoje sua prioridade o seu a sala de aula, a fim de construir a realização pessoal. E para que isso ocorresse, alguns elementos se fizeram presentes.

A percepção do acolhimento como algo imprescindível: “*Então eu vi o esforço que elas* [as alunas de Psicologia] *faziam em acolher as pessoas e amenizar o sofrimento, não só o meu como das outras pessoas também que estavam lá passando por sofrimentos*” (PERA).

O incentivo, para uma delas (Abacaxi), foi a drogadição do filho e não conseguir lidar com os conselhos externos, se possibilitou ir em busca de maior compreensão acerca da pluridimensionalidade da dependência química e se submeteu ao processo seletivo: “*um filho*

dependente químico, então chegou àquela fase de agressão e quem ta fora chega a dar conselho deixa ele de mão [...] senti que o curso me ajudaria, meu marido também! Na verdade, ele que me incentivou! Olha vai ter, vai fazer o vestibular, menina"

Outros aspectos também foram considerados fundamentais para a escolha. Siriguela, descendente de cearense revelou, que a profissional de Psicologia a estimulou, e lembrou que nenhum membro de sua família possui curso superior e seus pais são analfabetos. A instituição religiosa é percebida como a alavanca para a opção, como outra participante (Ameixa), que declarou ser a partir do movimento religioso a que pertence o elemento mobilizador para cursar faculdade.

Heidegger[16] revela que ser-no-mundo é estar lançado no mundo. É, dessa forma, estar e considerar-se apto a realizar escolhas. Corroborando com este filósofo, Castro[17] salienta que o *Ser-Aí*, o *Dasein*, ou *pre-sença* evoca a constituição ontológica do homem, ou seja, diz respeito àquilo que o constitui como homem. E, dessa forma, a escolha por um novo momento em suas vidas caracteriza o que Heidegger[18] revela: "É na pre-sença que o homem constrói seu modo de ser, sua existência, sua história".

Diante do exposto, cumpre compreenda-se que ao prestar atenção a si mesmas, as participantes optam por seguir o curso de Psicologia, plenamente conscientes do que estão fazendo. Castro[19] referenda esta questão considerando que o homem é um ser que possui consciência de sua própria existência, ou seja, neste caso, a partir do momento em que refletem que há necessidade de ir em busca de um sentido para suas vidas, estas mulheres escolhem adentrar no Ensino Superior e, consequentemente, modificar o mundo que as rodeia. Portanto, pesam o

que passaram, passam e escolhem uma área do saber a ser seguida, caracterizando a existência humana pautada na historicidade e na temporalidade.

E assim, iniciam a faculdade e muitos questionamentos surgem. Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca a sua direção prévia. Questionar é buscar pacientemente o ente naquilo que ele é como ele é. A busca ciente pode transformar- se em 'investigação' se o que se questiona for determinado de maneira libertadora.

Convivendo com mulheres que retornaram aos estudos após quarenta anos é possível observar que surgem questionamentos e sentimentos sendo anteriores ao contato com a realidade ou durante a vivência em sala de aula. Os sentimentos são misto de alegria e medo, uma vez que, os questionamentos surgem no primeiro momento, quando surgem pensamentos sobre como será sua adaptação à turma e no contato com as disciplinas, os colegas de classe e os professores, ou seja, com o todo.

O tempo afastada de sala de aula foi algo que provocou inicialmente curiosidade acerca do que iria encontrar, como ressaltou Pera: "*O que eu senti a princípio foi uma grande curiosidade porque depois de tantos anos fora da sala de aula, pensei o que eu vou encontrar lá, é claro que não ia ser nada fácil, eu tinha muito bem em mente. O que eu senti foi um grande impacto*"

A vivência também foi percebida como um movimento de alegria, haja vista a realização de um sonho (Morango). Também momentos de dificuldade expressos na fala de Abacaxi, principalmente ao se referir à questão da comunicação com os outros alunos e quando precisava apresentar trabalho acadêmico. Siriguela, por sua vez, revelou que a

insegurança, ao adentrar o curso de Psicologia, era tanta que resolveu ficar no que denominou *"o canto da sala, sentar no fundão, só para olhar"*. Movimentos existenciais caracterizados por sofrimento, dor, menos valia, sensação de incapacidade e de não-aceitação.

Percebe-se que ingressar na faculdade com mais de 40 anos, leva a determinados questionamentos, tais como: estou na faculdade, e agora? Ainda pesam os anos sem estudar, a falta de rotina de leitura e a socialização com alunos de idade menor que as suas. Como vai conseguir superar? Fatores plenamente vivenciados por cada uma dessas mulheres.

Escolha realizada. Adentram em uma área do Ensino Superior. Advém questionamentos, sensações e percepções a pouco e pouco. Outro mundo, outro modo de ser é vivenciado. Castro[20] revela que lançado no mundo, o *Dasein* recebe esta denominação exatamente por existir em um "aí", em um mundo construído historicamente. Em *derrelição*, ou seja, na condição de lançado de maneira irrevogável, o homem encontra-se no mundo.

Assim, este mundo novo – o do curso superior – compõe-se de entes os quais são tanto utensílios, objetos que utiliza para explorar o mundo que o cerca, como também outras pessoas. Assim, o *Dasein* é um ser-no-mundo e um ser-no-mundo-com-os-outros, sendo esta a sua *facticidade* básica, da qual não tem como escapar. E isso remete de imediato, aos questionamentos iniciais de nossas participantes. O mundo que até então era de alguma forma seguro, deixa de sê-lo e vivenciam esse novo momento sob essas várias caracterizações, quais sejam: curiosidade, alegria, medo de não conseguir.

Em relação às primeiras dificuldades é possível observar através dos discursos que o fato de não poder compreender a linguagem técnica e a

adaptação aos meios tecnológicos na ocasião podemos dizer adaptação ao desconhecido, trouxe medo tornando-se um desafio para as entrevistadas. Dessa forma, encontramos discursos como o de Pera, que revelou: " *a maior dificuldade realmente fui eu, éé é [...], nomes científicos, que é citado dentro da sala de aula e quando era colocado por algum professor ficava pensando: o que é isso? eu ficava perdidinha [...] desafios que eu sabia que eu ia enfrentar*".

As relações também se mostraram conflituosas, onde desavenças foram vivenciadas e, com isso, troca de turno, como ressaltou Ameixa: *"Olha, a maior dificuldade que eu tive foi primeiro de adaptação [...] comecei estudar de manhã, mais tinha muitos menininhos novos, e aí você já entra com uma idade maior já fica mais complicado e aí eu passei pra tarde"*

Podem ser observadas diversas dificuldades encontradas no início da graduação dessas mulheres. Sabemos que o desenvolvimento é um processo que dura por toda vida, sendo assim, apesar das dificuldades encontradas, as participantes têm chances de adaptar-se a esse meio e alcançar o objetivo, enfrentando os medos e as inseguranças. Mudanças ocorrem. A vida transforma.

O mundo modificou. Novos momentos, novas relações, novas situações a serem vivenciadas. Heidegger[21] ao realizar a analítica do *Dasein* ou da "*pre-sença*" atentou para compreender esse mundo. O que lhe interessou em realidade foi a mundanidade do mundo. Conceito ontológico na medida em que significa a estrutura de um momento constitutivo do ser no mundo. É também um existencial – aspecto relacionado à essência do homem, ao ser -, pois é uma determinação existencial da *pre-sença* que já existe em um mundo. A "*pre-sença*" não existe por causa do mundo ou o mundo por sua causa, mas já se

encontra num mundo, como parte essencial de sua existência, portanto, *ser-no-mundo*[22] [23].É, portanto, necessário enfrentar as situações que provocam as mudanças cotidianas.

Forghieri[24], a seu turno, revela que uma das características do existir consiste na expansividade. Ao realizar uma escolha, o resultado acaba interferindo de forma positiva ou negativa em minhas relações interpessoais. E, aprofundando ainda mais o pensamento desta autora, ela revela que nesse processo está presente a minha maneira ou modo de ser no mundo. E, como percebe-se na proposta de Heidegger anteriormente descrita acerca da *mundanidade*, o modo de ser de cada uma destas mulheres modifica a *pari passu* após ingressarem na Faculdade. E, dentre estas, o modo preocupado de ser, caracterizado pelo direcionamento contínuo a algo que nos ocorre e que nos causa sofrimento e angústia.

Assim, as participantes diante de seu novo momento enfrentam as mais diversas situações que as mobilizam, tais como a que ocorreram nos momentos iniciais da faculdade conforme externado nos discursos. O que certamente facultou preocupação e sensação angustiantes.

Ao ingressar na graduação de psicologia há metas a serem alcançadas, obstáculos a serem superados, para que possa concluir o curso. As formas de enfrentamento nos chamaram atenção, como ressaltou Pera: *"eu tinha que enfrentar, afinal de contas, eu me propus a isso. E era um grande sonho, já que anos atrás eu não tivesse essas condições então; como agora surgiu, eu entrei com tudo, vamos lá,* né*? como diz o seu tema, vamos lá vamos enfrentar!"*. Pensamento corroborado por Abacaxi, quando diz: *"Mas como eu costumo dizer, meu pensamento é: comecei, tenho que ir até o final e vou com dificuldades, né? Como todos,* não só os

jovens não, só nós da minha idade, mas os jovens sent*em também dificuldades, alguns, é verdade, então é isso!*".

Ameixa percebe que precisava fazer algo por ela mesma, afinal os filhos já estavam casados, precisava aprender mais, ressaltando: "*Vou estudar, eu comecei a perceber que precisava aprender mais algumas coisa. Meus filhos já estavam todos criados, já casados, eu já estava cuidando dos netos dentro de casa, eu disse:* não! Eu tenho que fazer alguma coisa por mim".

Nicolau[25] ressalta que o indivíduo ao escolher o futuro, envolve ansiedade associado ao medo do novo. É necessário aceitar a condição humana e conseguir confrontar a ansiedade e escolher o futuro, caracterizando a maturidade pessoal e social.

Heidegger[26] cunhou um termo relativo ao homem, ao *Dasein*, denominado autenticidade. Para este filósofo o homem autêntico é o que reconhece a dualidade radical entre o humano e o não humano, que reconhece que estar-no-mundo não implica em estar-no-meio-do-mundo. Assim, a busca pela autenticidade é a própria busca da condição humana naquilo que ela tem de mais peculiar e sublime: a consciência de si e do outro. É na autenticidade que o homem se torna, através da consciência, homem na busca dos valores que irão determinar-lhe essa condição. Angerami-Camon[27], a seu turno, compreende que tudo o que acontece é meu, tudo o que me acontece é por mim. Assim, baseado no pensamento sartreano é possível dizer que o homem autêntico é aquele que se submete à conversão radical através da angústia e assume sua liberdade.

As entrevistadas demonstraram a forma como decidiram estudar psicologia, mesmo tendo mais de 40 anos de idade. Tinham obrigações,

resultado do ser-mãe e ter filhos, nas quais estiveram imersas por longo período - e assim, por mais que se sentissem inseguras quanto à reação dos que as rodeavam, buscaram enfrentar quaisquer sentimentos e lutar até o final pela graduação, já que esta foi a meta traçada. Adentrar a Universidade significa receber o apoio dos grupos dos quais faz parte. Isso nos remete ao pensamento de Heidegger[28] quando ressalta que *ser-no-mundo* é ser *Cuidado*. Um cuidado que se estabelece em relação a mim mesmo e a outrem. Assim, no *Cuidado* fica expresso outro aspecto, o *ser-no-mundo-com-os-outros*, neste caso os familiares e aqueles que fazem parte do rol das relações destas mulheres, onde o apoio e, inclusive o não-apoio se fizeram presentes a partir da escolha, a partir da decisão.

Entrar na Universidade significou modificar de forma bastante acentuada a vida destas mulheres. E essa escolha certamente traria concomitante uma série de transformações em vários níveis de suas existências. Contudo, seus discursos são unânimes em afirmar que, mesmo diante de tantas mudanças, o apoio familiar foi imprescindível para que pudessem enfrentar o que adviria de sua escolha. O excerto de discurso a seguir mostra efetivamente a importância desse apoio:

> A aceitação eu também devo muito a eles [familiares], porque me deram bastante incentivo, *né*? e como eu tava querendo mesmo e eu tava precisando, eu tinha tido uma perda muito grande, que foi a morte do meu marido, muito ressentida e pesarosa, eu tinha que focar em alguma coisa que me tirasse daquele sofrimento que eu estava passando [...]. PERA

Sabemos que a família tem influência indispensável sobre a escolha de cada um de nós. Torna-se um porto seguro, permitindo, assim, a passagem gradativa para novas formas de interação. Dessa forma, a configuração familiar tem a função de apoiar, dar força, motivar essas mulheres a buscar a graduação. Todas obtiveram apoio de seus familiares

porém, a família de uma das entrevistadas passou a fazer cobranças em virtude do que consideravam sua falta, pois achavam que ela estava dando prioridade aos estudos e deixando a família em segundo plano, uma vez que, sua formação requeria esforço, tempo, disponibilidade.

Heidegger[29] caracteriza o ser-com como o *mundo humano*. Forghieri[30], Castro[31] [32] por sua vez, denominam *mundo das relações*. E isto significa que é no conviver com o outro que me encontro, que percebo quem sou e estar-com-o-outro em momentos difíceis de minha vida possibilita, quando o apoio a mim externado é de forma positiva, que consiga ir além do que está posto, significa o autoencontro necessário para que eu consiga atingir meus objetivos, minhas metas.

O que aqui nominamos como positivo é diretamente proporcional ao *Cuidado*, que de acordo com Fernandes[33] considera um modo de ser, afinal:

> o cuidado não se refere a este ou aquele comportamento ou tipo de comportamento humano. Enquanto tal vigora, antes, como o modo de ser que se encontra atuante em todo e qualquer comportamento humano. Todo e qualquer comportamento humano é cuidado e se cumpre como cuidado (p. 20).

Questão bastante relevante expressa nas falas das participantes, diz respeito à forma como foram recebidas no meio universitário, como foram vistas no seu local de trabalho e como se sentem em fazer algo que escolheram fazer, como revelaram, Pera: "*Não, graças a Deus que eu tive uma boa acolhida pelas colegas, né? eu que escolhi um turno que era vespertino, ter pessoas mais jovens, mas não, muito pelo contrário, eu fui muito bem acolhida; todas as pessoas até me elogiam por eu estar retornando*". Morango, por sua vez: "*Não, acerca da discriminação ou algum preconceito, eu não me lembro, eu não me lembro de ter sofrido nada nesse sentido. Na turma, eu me senti muito bem apoiada e eu achei que*

houve uma troca, eu tinha alguma coisa pra oferecer. Então nós nos unimos nesse sentido, nunca me senti discriminada no meio acadêmico nem acerca da idade ou coisa do gênero".

Castro[34] revela que a existência é concebida como poder-ser, possibilidades, projetos, o que denota abertura e movimento. O homem, a cada momento, tem de assumir o próprio ser como seu, ou seja, constituir-se em seu ser. Isto nos remete à dor de ser, uma vez que todos nós, em algum momento, sentimos essa dor de ser. Assim, nossa existência é sempre *ser-com-o-outro* e, ao mesmo tempo, estaremos sempre buscando por nosso ser singular e autêntico. O homem é singular e complexo. É desse homem que cuidamos. O homem com possibilidades de novos horizontes em seu vir a ser.

É essa possibilidade que podemos observar através das falas, as participantes se propuseram a estudar, sentiram-se valorizadas como pessoa, respeitadas como ser humano, o que as auxiliou muito em manter o foco em seu objetivo.

Como pode-se observar, escolher significa optar, decidir-se por algo que naquele momento parece ser o melhor; e escolher significa deixar a possibilidade de viver outras coisas, outros relacionamentos, outras formas de atuação, outras possibilidades profissionais[35].

Através da fala das participantes, é possível concluir que a pessoa é resultado de suas escolhas, cabe a ela determinar-se por suas escolhas. Uma das participantes escolheu estudar psicologia, após a morte do seu esposo, e isso lhe trouxe um novo sentido de viver, pois manteve o foco na graduação. As demais participantes alegam que foi uma escolha positiva estudar psicologia, pois atualmente elas têm outra forma de ver

as situações, os sentimentos já não são os mesmos, uma delas conseguiu adaptar-se à realidade e se sente realizada por meio da escolha que fez.

Ser-no-mundo é perceber-se como sendo um ser-de-possibilidades. Com base nos discursos das acadêmicas, há o relato de diversos acontecimentos que marcaram suas vidas, e de certa forma foram os que retardaram o ingresso na faculdade mais cedo. Suas falas, atualizam esse passado como algo que as complementa, que faz parte de sua história, *temporalizam*. Como ressalta Ameixa: "*Em 1979, parei quando completei o meu segundo grau, e em oitenta, nasceu a minha primeira filha, do nascimento dela pra cá eu não tive mais condições de estudar, né? [...] Eu voltava pra cuidar dos filhos ou continuava na faculdade, então naquela época, eu preferi cuidar dos filhos, e voltei a minha vida pra terminar de criá-los*".

Siriguela, por sua vez revela: "*47 anos, cearense, tenho duas filhas uma de 27 e a outra de 22 ano. Fui casada por 19 anos, perdi minha mãe muito jovem, com 17 anos, tive que criar meus cinco irmãos. Vim pra Manaus aos 20 anos de idade, quando meus irmãos mandaram me buscar, porque a vida estava muito difícil, vim pra cá pra acabar de criar meus irmãos [...] Com o marido e a filhinha de 11 meses, os primeiros anos foram ótimos, não conhecia ninguém, sofri muito no meu casamento, tentei salvar meu casamento, não consegui e eu ficava em cima do muro ou cuidava dos meus filhos ou cuidava do casamento, né?*".

O temporalizar foi vivenciado de modo bastante acentuado, uma vez que ali, durante as entrevistas, traziam todo esse fundamento da existência humana. Forghieri[36] considera esta existenciália como sendo "*experienciar o tempo, sendo esta a vivência que mais próxima se encontra de nosso existir*".

A temporalidade é a nossa vivência imediata do tempo, que consiste em um constante fluir, um perene presente que integra tanto o passado como o futuro. O fluxo do nosso existir é experiência de modo intenso e rápido nas vivências agradáveis e lento nas desagradáveis. E quando estas são muito intensas, chegamos a sentir que o nosso existir está tão devagar que nos dá a impressão de estar quase parando.

Estas falas nos remetem a refletir que apesar de recordar uma vivência do passado que serviu com obstáculo para sua graduação, elas param e refletem o momento que estavam vivendo e tomam uma atitude do que seria prioridade deste ponto em diante, ou seja, 40 anos, filhos criados: agora é hora de pensar em mim!

Considerações Finais

O estudo buscou compreender a concepção das alunas de um curso de Psicologia em Manaus que ingressaram na faculdade após os 40 anos. Para isso, utilizamos os pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial. Dentro dessa ótica se tornam necessárias algumas considerações. Observamos nos discursos dessas mulheres que, para elas, o mais importante foi ir à busca do seu objetivo e do ideal que haviam sido deixados para último plano por vários motivos. E, antes de quaisquer fatores, hoje foi dada prioridade ao seu retorno à sala de aula, com a finalidade de realização pessoal.

Do ponto de vista acadêmico, acreditamos que esse tema contribuirá para incentivar as pessoas com mais de quarenta anos de idade a ingressar no ensino superior, ajudando-os em suas dúvidas e medos que, muitas vezes, assolam os que já “passaram” do tempo de estudar, fazendo-os dessa maneira, buscar novos conhecimentos.

A escolha em retornar à sala de aula, realizada por cada participante, possibilitou a construção de cada etapa subsequente até chegar a sua realização pessoal. Vale ressaltar que a maioria das participantes, tiveram como alavanca a crença na possibilidade de tomarem para si as rédeas de suas vidas, e passaram a vivenciar novas experiências, trazidas pela escolha de estudar. Fizeram das dificuldades uma forma de incentivo para alcançar o objetivo traçado.

Ao ingressar na faculdade após os 40 anos, essas mulheres tiveram mudanças em vários contextos de sua vida, como na família, no trabalho e até mesmo no seu modo de vivenciar situações do dia-a-dia, através de perceberem que são um ser-de-possibilidades.

Este trabalho nos possibilitou compreender a caminhada em uma graduação por pessoas que acreditavam já havia passado o tempo de estudar. E, principalmente, compartilhar as formas de superação e de aprendizado a partir da vivência narrada por cada participante, podendo incentivar outras mulheres a retomar de onde pararam, fazendo isto de maneira prazerosa. Enfim, propiciar que se percebam como um ser-de-possibilidades!

Referências

ANGERAMI-CAMON, V. A. **Psicoterapia Existencial** – 4. ed. rev. - São Paulo: Thomson Learning Brasil, 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da Educação Superior 2010**. Resumo técnico. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educaçao superior/censo superior/resumo

tecnico/resumo tecnico censo_educacao_superior_2010.pdf. Acesso em 11 de novembro de 2012, p. 24

BRUNO, M. **Aumenta número de pessoas que voltaram a estudar após os 50**, 2014. Disponível em: http://araraquara.com/ noticias/cidades/not,3,7,8 43482,senhor+ eduardo++presente-aspx, Acesso: 30 de mar de 2014.

CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger** – Ribeirão Preto, 2009.

_____. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

FALCÃO, J**. Elas realmente não fogem à luta**. Disponível em: http://www.geogle.com.br. Acesso em: 06 de janeiro de 2015

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa**.** São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

LYRIO, E. **Curso superior**: eles começaram aos 40, 10/03/2012 – Disponível em: www.redegazeta.com.br. Acesso: 10/11/2014

NICOLAU, A.A. Ser-no-mundo na contemporaneidade. **Educação em Revista**, **Belo Horizonte**, v. 45. p. 223-248. jun. **2007**.

OLIVEIRA, R. S. R**. Educação, Maternidade e Progresso. Uma análise sobre a educação das mulheres entre 1870 e 1910**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, IFCH, UNICAMP, agosto, 1995.

PETROSKY, N; ONGARATTO, N. **Pessoas com mais de 40 anos volta às salas de aula,** 2013. Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: http://www.metodista.br/rronline/noticias /educacao/2013/0 5/pessoas-com-mais-de-40-anos-tem-iniciativa-de-voltar-as-salas-de-aula, acesso: 30 mar de 2014.

RAPOSO. D. M. dos S. P. & GÜNTHER. I. de A. O ingresso na universidade após os 45 anos: um evento não-normativo. **Psicologia em Estudo**. Maringá, V. 13, n. I p. 123-131, jan/mar, 2008

RIBEIRO, A. I. M. Mulheres e educação no Brasil-colônia: história entrecruzada. Anais Histedbr, 2006. Disponível em: http:/www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigo_frames/artigo_021.html. Acesso em: 1° de agosto de 2018, p. 5

ROMANELLI. O. de O. **História da educação no Brasil** (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, B. O. Graduação após os 40: Mulheres possíveis. Seminário Internacional **Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

1 RIBEIRO, A. I. M. Mulheres e educação no Brasil-colônia: história entrecruzada. Anais Histedbr, 2006. Disponível em: http:/www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigo_frames/artigo_021.html. Acesso em: 1° de agosto de 2018, p. 5

2 SILVA, B. O. **Graduação após os 40**: Mulheres possíveis. Seminário Internacional **Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

3 LYRIO, E. **Curso superior**: eles começaram aos 40, 10/03/2012 – Disponível em: www.redegazeta.com.br. Acesso: 10/11/2014.

4 ROMANELLI. O. de O. **História da educação no Brasil** (1930/1973). Petrópolis: Vozes, 2010.

5 BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da Educação Superior 2010**. Resumo técnico. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educaçao superior/censo superior/resumo tecnico/resumo tecnico censo_educacao_superior_2010.pdf.Acesso em 11 de novembro de 2012, p.24

6 BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da Educação Superior 2010**. Resumo técnico. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educaçao superior/censo superior/resumo tecnico/resumo tecnico censo_educacao_superior_2010.pdf.Acesso em 11 de novembro de 2012.

7 BRUNO, M. **Aumenta número de pessoas que voltaram a estudar após os 50**, 2014. Disponível em: http://araraquara.com/ noticias/cidades/not,3,7,8 43482,senhor+ eduardo++presente-aspx, Acesso: 30 de mar de 2014.

8 RAPOSO. D. M. dos S. P. & GÜNTHER. I. de A. O ingresso na universidade após os 45 anos: um evento não-normativo. **Psicologia em Estudo**. Maringá, V. 13, n. I p. 123-131, jan/mar, 2008

9 BRUNO, M. **Aumenta número de pessoas que voltaram a estudar após os 50**, 2014. Disponível em: http://araraquara.com/ noticias/cidades/not,3,7,8 43482,senhor+ eduardo++presente-aspx, Acesso: 30 de mar de 2014.

10 OLIVEIRA, R. S. R**. Educação, Maternidade e Progresso. Uma análise sobre a educação das mulheres entre 1870 e 1910**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, IFCH, UNICAMP, agosto, 1995.

11 RAPOSO. D. M. dos S. P. & GÜNTHER. I. de A. O ingresso na universidade após os 45 anos: um evento não-normativo**. Psicologia em Estudo**. Maringá, V. 13, n. I p. 123-131, jan/mar, 2008

12 FALCÃO, J**. Elas realmente não fogem à luta**. Disponível em: http://www.geogle.com.br. Acesso em: 06 de janeiro de 2015

13 PETROSKY, N; ONGARATTO, N. **Pessoas com mais de 40 anos volta às salas de aula,** 2013. Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: http://www.metodista.br/rronline/noticias /educacao/2013/0 5/pessoas-com-mais-de-40-anos-tem-iniciativa-de-voltar-as-salas-de-aula, acesso: 30 mar de 2014.

14 Ibidem

15 BRUNO, M. **Aumenta número de pessoas que voltaram a estudar após os 50**, 2014. Disponível em: http://araraquara.com/ noticias/cidades/not,3,7,8 43482,senhor+ eduardo++presente-aspx, Acesso: 30 de mar de 2014.

16 HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

17 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

18 HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p.309

19 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

20 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

21 HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p.309po

22 CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger** – Ribeirão Preto, 2009.

23 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

24 FORGHIERI, Y.C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

25 NICOLAU, A.A. Ser-no-mundo na contemporaneidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45. p. 223-248. jun. 2007.

26 HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p.309

27 ANGERAMI-CAMON, V. A. **Psicoterapia Existencial** – 4. ed. rev. - São Paulo: Thomson Learning Brasil, 2007.

28 HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p.309

29 HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p.309

30 FORGHIERI, Y.C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

31 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

32 CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger** – Ribeirão Preto, 200

33 FERNANDES, M.A. Do cuidado da Fenomenologia à Fenomenologia do cuidado. In: PEIXOTO, A. J.; HOLANDA, A.F. (Org.) **Fenomenologia do cuidado e do cuidar**: perspectivas multidisciplinares – Curitiba : Juruá, 2011, pp.17-32.

34 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

35 Ibidem

36 FORGHIERI, Y.C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2011, p.41

Entre a obra de ficção e a academia, possível imbricação: discursos de acadêmicos de Psicologia

Carla Victória Noriega Garcia
Ewerton Helder Bentes de Castro

Introdução

A leitura é incentivada ao longo de toda a existência humana, sendo importante não só para aumentar o nível intelectual dentro do âmbito acadêmico, como também sendo uma forma de distração ou hobbie. Durante os primeiros anos, a leitura é incentivada com livros classificados como infantis, sendo eles sobre contos e fábulas. Com o passar dos anos, ao adentrar no ensino médio, os livros passam a ser de caráter "mais sério", normalmente sendo clássicos da literatura brasileira ou estrangeira. Já no meio universitário, a leitura, quase completamente, é direcionada a livros técnicos, sendo os outros gêneros literários descartados ou colocados em segundo plano. Ou seja, à medida que passam os anos aquilo que é considerado "adequado" dentro do meio

acadêmico faz com que o sujeito passe a descartar aquilo que é considerado "improdutivo".

Os livros sempre estiveram presentes na vida da primeira autora, e sua paixão pelo gênero de ficção surgiu desde que tinha 12 anos. Cada história lida é encantadora, a forma como cada personagem é único, como o autor cria mundos novos, acontecimentos inimagináveis ou apenas faz uso de um fato real e o transforma em uma história do seu ponto de vista, da forma que ele pensa ser mais interessante contar. Quando se lê esse gênero literário o compromisso com a realidade simplesmente desaparece e é possível sonhar e "se perder" em meio àquela narrativa, sentir a essência do autor, mas, ao mesmo tempo, ter a liberdade de dar o significado que quiser ao que estiver lendo.

Apesar de inúmeras críticas vindas de professores, alguns colegas e até mesmo familiares, pelo fato de acreditarem que tal gênero literário não é capaz de acrescentar algo "relevante" intelectualmente, a autora acredita que os livros de ficção são não apenas uma forma de aguçar a imaginação do leitor, mas também de ensinar a pensar de uma maneira mais ampla, de passar a lidar com as situações de forma mais crítica, podendo fazer uso desse aprendizado como quiser e em qualquer área da vida.

A academia tem como pressuposto na formação em quaisquer áreas, a imersão em conteúdo de livros técnicos. Entretanto, observa-se que o discente geralmente não questiona o que lhe é repassado, até porque não há o hábito de se apresentar uma justificativa para a utilização de determinados livros em sala de aula. Dessa forma, os livros são fragmentados muitas vezes em capítulos e entregue a cada grupo de aluno para discussão e apresentação em sala, sob a forma de seminário.

Não restam dúvidas que, o caso da Psicologia, em seu processo de formação, elenca entre as disciplinas a compreensão das características do humano, sua trajetória histórica, o homem compreendido como um ser datado e situado. Enfim, a possibilidade de se utilizar livros de ficção, ou compor estratégias de ensino / aprendizagem a partir deles é algo que pode ser vivenciado de uma forma mais ampla no decorrer dessa formação profissional.

Assim, para entender melhor esse tipo de gênero de livros e seus impactos na vida dos estudantes universitários, foram utilizados o método fenomenológico e a fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty, tendo em vista que o olhar da Fenomenologia sobre o outro é para compreender o mundo-vivido do sujeito da experiência. Dessa forma, a proposta de pesquisar esta temática veio nesse sentido, o de possibilitar a elaboração de estratégias metodológicas para a formação em Psicologia, principalmente buscando compreender os impactos que a leitura de livros de ficção tem na vida de discentes do curso de psicologia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) à luz da psicologia fenomenológica existencial.

Vale ressaltar que este capítulo tem origem em um projeto de pesquisa desenvolvido no Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, da Universidade Federal do Amazonas.

Conhecendo a temática:A obra de ficção

A leitura é algo presente na vida do ser humano. O hábito da leitura provoca imersões em mundos fantásticos – caso da literatura de ficção, comumente fazendo parte da fase infantil de todos nós– e, por outro lado, propicia a aquisição de conhecimento. A literatura de ficção, que,

na fase infantil, era tão frequente e importante torna-se obsoleta, sendo tratada com certo desdém por grande parte das pessoas.

É comum a ideia de que as histórias fictícias não acrescentam nada de significativo à vida das pessoas, sendo elas meras formas de passar o tempo. No entanto, a forma como cada leitura impacta seu leitor depende exclusivamente dele. Wellek & Warren[37] dizem que a linguagem literária está longe de ser apenas referencial; tem o seu lado expressivo, emotivo e não se limita a afirmar ou a exprimir o que diz; quer dizer ainda influenciar a atitude do leitor, persuadi-lo e, em última instância, modificá-lo. Sendo assim, tal gênero literário ultrapassa a simples ideia de uma "história de faz de conta".

A ficção existe desde que se tem civilização. O ser humano, sempre buscando entender cada fenômeno que não conhecia, passava a criar explicações, em geral fantasiosas, para o porquê daqueles acontecimentos. E assim foi ao longo de milhares de anos, onde tais histórias passavam a moldar a cultura de diferentes povos, como a egípcia e grega, baseada na adoração de seus deuses. Por essa razão tudo aquilo que era escrito nos livros era tomado como verdade, sendo eles utilizados apenas para fins de aprendizagem por pessoas consideradas cultas. Um dos primeiros livros publicados desse gênero foi "O Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda", sendo do autor Geoffrey of Monmouth (1132/35) o mais antigo que se tem registro, difundindo, assim, esse gênero.

Mas, o que classifica uma obra literária como fictícia? Os gêneros de ficção são definidos, em parte, pelos comprometimentos não-ficcionais envolvidos com a obra de ficção. A diferença entre, digamos, romances naturalistas, contos-de-fadas, obras de ficção cientifica e contos

surrealistas é definida, em parte, pela extensão dos comprometimentos do autor no tocante à representação de fatos reais – tanto fatos específicos sobre lugares tais como Londres, Dublin e Rússia, como fatos gerais sobre o que as pessoas podem fazer e como é o mundo. Além disso, para que uma história fictícia tenha valor é necessário que o leitor realmente acredite naquilo que está lendo, é preciso que para ele, naquele momento, aquela seja a sua verdade, porque, se não for assim, a obra perde seu sentido. Dessa forma, o significado de cada história dependerá de cada leitor, como diz Eagleton[38] a definição de leitura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler e não da natureza daquilo que é lido.

Compreensão do vivido a partir da psicologia fenomenológico-existencial de Merleau-Ponty

Para compreender o vivido, expressos nas entrevistas, dá-se conta que uma das propostas existentes para a compreensão, no sentido fenomenológico, do real, será a identificação neste do seu caráter de fenomênico e não de empírico. A partir daí, pode-se afirmar que para entender o discurso das participantes da pesquisa pensou-se o processo a partir da Psicologia Fenomenológico-Existencial.

Partir para a análise numa perspectiva fenomenológico-existencial consiste, dentre outras coisas, em um remeter-se a uma análise do existir na dimensão ontológica, conforme a analítica da existência. O pensamento de Maurice Merleau-Ponty foi a referência de base para a análise das entrevistas, especificamente na obra *Fenomenologia da Percepção*[39] e *O Olho e o Espírito*[40].

Temporalidade: lembrançasdo início do hábito de ler

Em algum lugar no tempo [...] e assim, iniciam as histórias em sua maioria. Considerando o que os participantes trouxeram, fica claro em suas falas a motivação, o estímulo que os levou a mergulhar no mundo da leitura. E dessa forma, encontramos referências à família, como nos revelou Diana: *"A [...] a minha mãe. Ela sempre me estimulou, ela sempre [...] de pequenininha tinha vários livros em casa,* só que eu não sabia pra que servia, *porque eu não sabia ler (risada)! Aí, quando eu fui aprendendo a ler,* aí *[...] ela lia pra mim e aos sete anos eu tomei gosto, entendeu? Comecei a ler o da bruxinha e achei superinteressante e aí fui lendo [...] foi me estimulando pra eu começar a conhecer outros tipos de literaturas"*.

Tonks, por sua vez, ressaltou que sempre teve o hábito da leitura, desde as mais simples. A leitura é um hábito em sua família: *"Então [...] meus pais sempre leram muito, então desde pequenininha, eu sempre tive muito livro em casa. Eu lembro só que eu tinha tipo um livro gigantesco em casa, de história, e tinha uma página que não tinha desenho, era só letra, e eu não sabia ler, mas eu ficava lendo aquilo/vendo aquilo e achando lindo: "nossa" bem legal, e essa, é minha primeira lembrança com livro, assim"*.

Outros participantes já trouxeram, por sua vez, o início da leitura relacionada a ter sido criada pela avó (Dafne); Alek, lembrou que sua mãe o incentivou à leitura quando estava com 10 anos e ela pediu que escolhesse um livro, o fez e não parou mais a partir desse momento; Sophia, a seu turno, lembra que sempre foi sôfrega por ler e o fazia muito rápido, tendo inclusive de ter sido desafiada pela mãe que não acreditava que ela compreendesse as história e, ao lê-lo, recontou para a genitora toda a história, a partir daí, a mãe passa a comprar mais de um livro para a filha; Zaratustra revelou que o primeiro livro "*As fábulas de*

Esopo" presenteado pela mãe, tornou-se o elemento motivador para seu hábito pela leitura; M. D. Campbell, lembrou que sua tia o presenteava com livros e a partir daí, passou a ler continuamente.

Outros aspectos também percebemos como os que impulsionaram à leitura, como no caso de Ishtar, que foi a partir do momento em que começou a ler e buscava a biblioteca da escola para escolher os livros; Enforcado foi através de revista em quadrinhos digital; Amaya, Urakin, Lizzie e Poliana, foi através da leitura de livros infantis, tais como, por exemplo.

Temporalidade. Tempo. O ser-no-mundo merleaupontyano é sem dúvida, um corpo total, mas jamais totalizado ou acabado. Ele é uma totalidade totalizante como uma obra de arte, sempre aberto a novas compreensões e, como na arte, a novos estilos. Em *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty[41] revela que a subjetividade – que somos todos nós – vivencia os "acontecimentos" recortados, uma vez que somos observadores finitos, em uma totalidade espaço-temporal do mundo objetivo.

Assim, o tempo não é um riacho que desliza para o mar, ou apenas a sucessão de presente, passado ou futuro. Tempo é vivência. Tempo é experiência. Não é substância fluente, nós nos constituímos no tempo. Ora, considerando o que trazem os participantes, sua imersão na leitura foi propiciada por uma série de elementos. Nesse momento, percebe-se o que o filósofo francês revela quando postula que somos consciência perceptiva e intercorporeidade. O mundo vivido, particular, singular dos colaboradores da pesquisa revela que sua imersão na leitura se deu a partir de experiências com o outro – o outro corpo que comigo convive, daí intercorporeidade.

No que concerne a consciência perceptiva é, por sua vez, compreendida como consciência aberta ao mundo, pois está no corpo. É o corpo que percebe, é o corpo que sente, é o corpo que vive a experiência, que de tal magnitude se apresenta, é lembrada no ato da entrevista – mesmo passado tanto tempo – com a emoção e o sentimento vivenciados àquela época. Eis a vivência do tempo, eis o *temporalizar*. Resgatar o outro em minha vida, resgatar o momento que inicio meu processo de leitura, resgatar histórias, eis o temporalizar.

E a imersão na leitura me fez buscar além da história, algumas vezes me encontrei: entre sentidos e significados

A partir do momento em que a leitura se faz presente na vida dos participantes, e estes mergulham na história que está sendo contada, ocorre a verossimilhança com o conteúdo expresso. Ou seja, eu me encontro nos personagens ou na temática desenvolvida pelos autores. Assim, a identificação com o que está sendo relatado, torna-se parte de mim. Neste sentido, o autoconhecimento é algo percebido por alguns dos colaboradores, como *Diana*, *Lauren* e *Tonks* que consideram a leitura como uma espécie de imersão na possibilidade de se reconhecerem em seu cotidiano, inclusive, suas escolhas.

Outros contextos também foram trazidos, como o de "Se "desligar" momentaneamente da realidade, onde a leitura possibilita enfrentar o estresse do dia a dia (*Piper*); a adaptação a novos espaços em decorrência de mudanças contínuas de cidade , tornando a leitura quase uma necessidade "biológica" (*Kate*); para superar o Bullying sofrido na escola e identificando-se com personagens que sofriam o mesmo, impactando e fazendo mudar a visão de si mesmo e do mundo (*Kaira*); uma forma de

escapar das questões que ocorriam a seu redor (Poliana); busca de conforto, distração, alívio, ajudar a lidar com os problemas (*Dafne*).

A leitura rompe com barreiras, transformando a realidade dos leitores, como disse Enforcado: "é... acredito que seja a possibilidade de reinventar parcialmente ou quase que totalmente nossa própria realidade. Eu vejo que com uma coisa que você a possibilidade de seja qual livro de fantasia ficção esteja mas para mim que me interessa é poder ver essas realidades sendo transformadas vivenciar coisas que normalmente você não tem experiência assim, acho que é uma forma de você vivenciar dentro de um outro campo, claro, não só físico, não sensorial mas dentro desse campo da imaginação... como você querer dominar esse campo, essas diversas experiências, sabe? Que são de certa forma programadas por outra pessoa, mesmo assim são experiências que geram um papel ativo quando você as constrói".

Alek mencionou o fato de que através da leitura de obras de ficção poder sair "da prisão" que a faculdade traz em questão das pressões de tempo; Kaira, ao ler *A guardiã da minha irmã*, sobre câncer na infância revelou que mudou sua vida no sentido de estabelecer um objetivo, fazer algum curso na área da saúde; para Lizzie, a leitura é catártica, além de possibilitar olhar o entorno a partir do olhar empático; Zaratustra ressaltou que sua visão de mundo foi definida a partir da leitura de obras de ficção; Kate, por sua vez destacou que é para observar o mundo de forma ativa.

Neste momento, torna-se necessário trazer o que Merleau-Ponty compreende como consciência, sua concepção de consciência é a perceptiva, inextrincavelmente ligada ao corpo, em diálogo permanente com o mundo, é a relação direta do homem com o mundo e que se

configura na relação corpo-mundo, uma vez que é corpo-vivido, corpo no mundo. Esta ideia permitirá avançar na compreensão da relação eu-outro, mas não no âmbito da intersubjetividade concebida a partir da consciência intencional, mas visada a partir da experiência do corpo, pela intercorporeidade: o eu e o outro são órgãos de uma mesma intercorporeidade.

Mas, estamos falando de livros e personagens. Qual a relação com corpo e intercorporeidade? Simples. A imersão em determinada leitura, permitiu aos participantes redimensionarem sua visão de vida e de mundo – e em alguns casos de si mesmos -, uma vez que, dada a dimensão da leitura dos participantes, conseguiram ir além dos problemas pelos quais estavam passando e "ver" a situação sob outros aspectos.

Ser-no-mundo para Merleau-Ponty[42] é redimensionar a si mesmo, na relação com o outro. E esse outro, nesta pesquisa, é o personagem que se lhe apresenta como possibilidade de imergir na própria história a partir do elemento ficcional e permitir-se – este é o termo – perceber quão as características dos personagens são similares às suas ou de outro modo se apresentam como caminhos que podem ser apreendidos como sua própria caminhada. Afinal, o caminhar não é o ponto final em si mesmo. Dependerá sempre do meu modo de olhar.

Psicologia: Como posso usar a experiência com a literatura de ficção no campo profissional

O impacto causado pela significação dada as histórias lidas pelos participantes, carrega a vontade de compartilhar suas boas experiências com outras pessoas. Assim, explorar tal literatura como ferramenta da

profissão passa a se tornar mais possível, como falou Lauren: "é um meio de você mostrar o seu/o que tá *no seu mundo pras outras pessoas, então se você não tem aquele [...] aquele jeito de chegar e falar, se você não se sente totalmente aberto pra isso, os livros, a escrita é [...] a ficção, qualquer coisa que você tenha a ideia ali de colocar em pratica ou de ler isso ajuda você a se comunicar, é uma comunicação, é uma conexão. Por isso que pra mim é muito importante e eu acho que seria muito útil se a gente colocasse isso dentro da psicologia. [...] aquilo ali é o mundo de uma pessoa e se dentro da psicologia a gente busca entender mundos que estão internalizados dentro das pessoas porque não usar os livros pra isso, porque eles são uma ferramenta incrível*".

Compreender os conceitos que usamos é captar o papel que desempenham em nossas vidas no mundo, ou seja, captar a percepção de uma experiência é compreender como a percepção efetivamente funciona em nossas relações com o mundo circundante e com as outras pessoas. Assim, o mundo que percebemos, não é uma coleção de objetos separados, mas um todo no qual a maneira como percebemos um objeto é sempre afetada por sua relação com outros – afinal, ele aponta para além de si mesmo e, assim, adquire sentido, tem significado. Em suma, ele é um mundo.

Considerando o que os participantes deste estudo trouxeram, a percepção que têm da leitura de um livro de ficção, pode – e deve – ser observada de forma mais pluridimensional, haja vista que, suscitaram em seus discursos, a possibilidade de se utilizar a obra de ficção no exercício profissional a partir da formação em Psicologia. Ora, minha percepção está diretamente relacionada ao "olhar" que lanço sobre a experiência

vivida – o mundo vivido – tornando a percepção uma abertura direta para o mundo real e inesgotável.

Conforme suscitamos anteriormente, meu olhar está localizado no meu corpo. Merleau-Ponty[43] compreende este corpo vivido como sendo ao mesmo tempo corpo objetivo e corpo fenomenal, diz ele: *"meu corpo é de uma só vez corpo fenomenal e corpo objetivo"*. A partir daí, o foco se torna o estudo da corporeidade, do corpo fenomenal ou vivido, corpo que se apresenta como o de uma subjetividade, corpo próprio possuidor de um esquema corporal dinâmico.

Merleau-Ponty[44] descreve *"o corpo é um nós de significações viventes e não a lei de um certo número de variantes"*. O corpo próprio é o que sente sentir, se experimenta experimentar, se vê agindo em um comportamento significativo. O corpo próprio é um ser em situação, ser no mundo em seu modo de existir. Ele é expressão e manifestação de uma subjetividade única e indivisível. Dessa forma, aprofundando o pensamento deste autor, pode-se considerar que o corpo próprio, enquanto expressão, é visto como uma das formas significativas da linguagem, enquanto um modo de expressar o cuidar de seu próprio corpo na sua totalidade psico-físico-espiritual, bem como cuidar nas relações interpessoais.

Assim, a análise das percepções dos participantes nesta pesquisa nos abre para a dimensão do sentir e também do ressentir, ou seja, da afetividade, da emoção, do desejo.

Considerações Finais

O escritor Raphael Draccon, em seu livro "Dragões de Éter – Caçadores de Bruxas" diz que "[...] se ela [Nova Éter] sobreviveu ao seu

descobrimento, e se ela hoje ainda pulsa e permanece viva reverberando feitos extraordinários em dimensões que o mundo material não pode alcançar é na verdade porque você existe. E sonha com ela. E sonha com conosco. E a faz sonhar com você." As histórias de ficção são resultado daquilo que cada autor decide compartilhar com os outros, através da escrita, sendo seus sentimentos e vivencias. No entanto, a partir do momento que o livro entra em contato com o leitor é quando elas passam a fazer sentido e os significados dados mudam de acordo com a particularidade de cada um. Assim, uma mesma história apresenta inúmeros significados, possibilita diferentes impactos e sentimentos.

Através das entrevistas feitas foi possível observar, de forma mais clara e próxima, a profundidade da declaração feita pelo autor. Partindo do olhar fenomenológico percebi que os voluntários trouxeram discursos carregados de lembranças, significados e experiências particulares, encontraram e refletiram em cada história lida seu próprio ser, sua singularidade, sua percepção a respeito do mundo, foram capazes de transformar a realidades. Dessa forma, um mesmo livro pôde impactar uma pessoa de forma positiva ao passo que também foi capaz de impactar outra de forma negativa, já que as ideias, vivencias e sentimentos de cada uma são particulares.

Utilizar o método fenomenológico permitiu ir além do que estava sendo dito, permitiu escutar verdadeira e profundamente aqueles que aquiesceram realizar a pesquisa. Possibilitou "ver" o outro de forma mais plena e pluridimensional, possibilitou mergulhar em cada história que foi trazida, conhecer cada verdade que foi descrita e, mais do que isso, levou ao encontro de nossas próprias vivências na academia. Assim, olhar a partir desse viés culminou que em cada entrevista estivesse o

encontro com o olhar desse outro, com o meu próprio olhar, e um olhar sobre a formação em Psicologia.

Percebe-se que os objetivos foram atingidos. Vislumbramos na fala dos colaboradores o quanto pode ser implementado, metodologicamente falando, na formação em Psicologia; o quanto pode ser revisto no que concerne a determinadas posturas muito fechadas em si mesmas e nas quais o aluno não é escutado. Compreendemos que há muito a realizar e, para que isto ocorra, torna-se mister que o *modus operandii*, em salas de aula, laboratórios, supervisões de estágio e trabalhos de conclusão de curso sejam discutidos pormenorizadamente e que se busque ir além do conteudismo que assola a academia. É premente ousar. Torna-se imprescindível, como ressalta a fenomenologia, vivenciar a abertura necessária à vida, de forma a nos tornarmos cada vez mais, senhores do próprio caminhar.

Tendo isso em vista e de acordo com as falas dos entrevistados em relação a utilização desse instrumento na área da psicologia, sugere-se que o núcleo docente possa discutir com os professores acerca das metodologias utilizadas em sala de aula no processo ensino-aprendizagem que se resumem em livros técnicos. Os livros de literatura trazem a possibilidade de uma nova visão a respeito da subjetividade, de identificação com personagens e histórias, além de uma forma diferente de integração.

Referências

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura:** Uma introdução**.** Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2003

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** Carlos Alberto Ribeiro de Moura (trad.). 4. ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011.

_____. **O Olho e o Espírito.** Trad. Paulo Neves e Ma. Ermantina Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

WELLEK, R. ; WARREN, A. **Teoria e Literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

---

37 WELLEK, R.& WARREN, A. **Teoria e Literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

38 EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: Uma introdução. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2003

39 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** Carlos Alberto Ribeiro de Moura (trad.). 4.ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011.

40 _____. **O Olho e o Espírito.** Trad. Paulo Neves e Ma. Ermantina Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

41 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Carlos Alberto Ribeiro de Moura (trad.). 4.ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011.

42 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura - 4.ed. - São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011.

43 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** Carlos Alberto Ribeiro de Moura (trad.). 4.ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011, p. 179.

44 Ibidem, p. 287.

Ser-idoso em situação de bem-estar e de internação: compreendendo os paradoxos da existencialidade

Joana Brito de Oliveira Castelo Branco
Ewerton Helder Bentes de Castro

À guisa de reflexão

O que é ser idoso? Como denominar esta fase da vida? Para alguns autores a melhor idade, a maior idade ou também a terceira idade. Mas muito mais que denominações, é importante perceber a pluralidade presente neste campo, como diz "pluralidades de viver a vida"[45]. O envelhecimento traz alterações naturais e gradativas, mas não são especificas da terceira idade. Depende de como a pessoa viveu e enfrentou três aspectos norteadores: o biológico – corpo que envelhece e declina –, o psicológico – sua personalidade – e o sociocultural - onde está inserido e qual papel exerce para sociedade.

Freitas[46] afirmam que a velhice não é uma doença nem implica somente em limitações. Concordam quanto ao declínio corporal e suscetibilidade a doenças, contudo buscam colocar em evidência as novas possibilidades por vezes esquecidas pelos idosos e pela sociedade que muitas vezes a veem unicamente como a que antecede a morte. Tais possibilidades referem-se a chegar nesta etapa da vida com uma boa qualidade de vida, preservando bons hábitos alimentares, sociais e pessoais.

Baseando-se na hereditariedade e em comportamentos, as características psíquicas também estão relacionadas a isso, ou seja, não são particularidades de uma faixa etária, mas a manutenção ou acentuação de traços de personalidade. Esta autora exemplifica que o idoso pode, de acordo com suas vivências, elaborar suas perdas, valorizar seus ganhos, utilizar seu tempo para novas experiências como também, por outro lado, encontrar dificuldades de se adaptar a novos papéis, de planejar seu futuro, de se adaptar às mudanças e até mesmo desenvolver alterações psíquicas que exigem maior atenção como depressão, hipocondria, somatização etc.

Foi esta dualidade que impulsionou a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Como este idoso tem percebido esta etapa de sua vida? O que ele tem feito, explorado novos horizontes ou temeroso de um fim mais próximo?

Assim, pretendemos abordar as diversas pluralidades de viver a vida, os significados que cada um atribuem e de que maneira enfrentam as mais diversas situações nesta fase da vida.

A partir daí surgiram questionamentos acerca da temática e que nortearam o olhar dos pesquisadores: Como os idosos vivenciam

situações de bem-estar em seu cotidiano? Que significados atribuem ao processo da doença quando necessitam permanecer internados em ambiente hospitalar? Que enfrentamentos são realizados pelos idosos diante de situações difíceis que a vida lhes traz? Que visão tem sobre a díade saúde-doença nesta altura da vida?

Reflexões sobre a temática:Re-conhecendo o ser-idoso

É comum termos uma representação ideológica, estigmatizadora do papel sociocultural do idoso, cuja identidade é construída em oposição a do jovem, embora o discurso singular do idoso seja de não se reconhecer dentro deste meio, mas sempre jogando para o outro, pois a ideia passada é a de um ser que só tem passado, sem possibilidades de se lançar para o futuro.

Envelhecimento sob o viés social implica nas modificações das relações interpessoais do idoso em detrimento de questões que podem surgir como crise de identidade, mudança de papéis, aposentadoria e perdas de diversas maneiras[47]. Nesta fase, ocorre um reajustamento nas relações sociais em prol de novos relacionamentos e a possibilidade de proporcionar a aprendizagem de um novo estilo de vida a fim de que as perdas tenham menor impacto.

É desta maneira que os aspectos biopsicossociais vão se entrelaçando, para além do corpo envelhecido, abrangendo a personalidade, o papel social, econômico e cultural do idoso. Assim, ao distinguir e diferenciá-las, é possível compreender as múltiplas dimensões desta etapa, o que abrange o campo do desenvolvimento, antes limitado à infância e adolescência. Hoje, a pessoa em desenvolvimento não é nem biologizada, nem psicologizada, nem

sociologizada. Pelo contrário, o indivíduo é sistematizado, ou seja, o seu desenvolvimento é conceitualizado e estudado tendo em conta a sua integração numa matriz de variáveis que derivam de múltiplos sistemas de organização[48].

Para tratar deste campo, foi criado o termo "envelhescência" que Gunther[49] caracteriza em seis pontos: sendo ele como um processo que percorre todo o caminho de vida do sujeito; marcado por perdas e ganhos; influenciado pela parte biológica e cultural; capacidade de regularização diante de perdas; encontra limitações devido ao declínio biológico natural, porém é adaptável através da plasticidade; e, por último, sofre influência das relações sociais estabelecidas.

Consideramos dois tipos de envelhecimento; o biológico normal e o usual. O normal seria marcado por características universais, mudanças pelas quais todos os seres humanos irão passar e o usual incluiria doenças provenientes dos maus hábitos ao longo da vida.

Desta maneira, a contribuição do desenvolvimento psicológico ao fator biológico, quando não comprometida por demências, está relacionada a um significativo rendimento intelectual, mesmo na velhice. Simone de Beauvoir ressalta que o processo de envelhecer é circular, onde cada fator reage e é afetado uns pelos outros. Através da dimensão existencial podemos perceber que a velhice, assim como todas as situações humanas, proporciona modificações na relação do sujeito com o tempo e com sua própria história.

Ao buscar os significados para a existência do ser-idoso, seguindo o ponto de vista humanista, precisamos considerar a perspectiva de experimentar as relações da pessoa idosa com os fenômenos vivenciados, sejam eles perdas ou ganhos. Assim, algumas das áreas mais significativas

em sua vida, como trabalho e status social, vão perdendo espaço, devido à valorização da vitalidade e produtividade econômica. Com isto, a importância de cultivar os significados da existência de forma positiva, para que haja uma elaboração das perdas e valorização do bem-estar psicológico e físico, trabalhando no idoso sua percepção acerca de sua trajetória.

Dentre uma variedade de propostas de conceito sobre bem-estar associado à qualidade de vida na terceira idade, é interessante usar das percepções dos sujeitos, considerando isto como o ponto de partida, dentro do contexto social em que vivem e de acordo com suas metas e expectativas próprias. Hahm, Lotze, Domin & Schmidt [50], consideram diversos fatores, dentre eles, a saúde física, funções cognitivas, comunicação, alimentação, reserva energética, presença ou ausência de dor, comportamento emocional, lazer, trabalho, conhecimento, conscientização e a mudança de atitude consigo mesmo e com a sociedade. Por fim, somenos a estas definições, o conceito de plasticidade comportamental - a capacidade do sujeito se adequar as diversas demandas que encontrar - como critério fundamental para uma qualidade no envelhecimento.

Com isso, questionamentos de como esta qualidade de vida é propiciada podem surgir no cotidiano das pessoas. Dessa forma, a manutenção da autonomia e a atividades grupais com pessoas da mesma geração favorecem esse aspecto. A primeira, por regular a autodeterminação e a capacidade de resistir às pressões sociais; a segunda, por promover a manifestação de significados compartilhados, contribuindo também para produção de integração e vínculos sociais.

E quanto aos pacientes acamados, internados em uma instituição hospitalar? De que maneira eles enxergam este momento que estão vivenciando?

Para Giacomini & Wanderley[51], o período de hospitalização pode trazer consequências como vivenciar situações estressantes que demandam de uma readaptação por parte dos idosos. Segundo Carretta *et al*[52] a autonomia e individualidade desse sujeito fica comprometida, colocando-o em situação de vulnerabilidade e fragilidade, que, associado ao hospital, ambiente que por si já gera desconforto, e perante o processo da doença, gera perdas em diversos âmbitos ao idoso.

Diante desta situação, é importante dar voz ao indivíduo, pois com sua fala poderemos nos aproximar do significado de sua vivência e, no campo da Psicologia, atender as necessidades durante esse período.

A partir desta introdução teórica sobre as subjetividades dos indivíduos em tema e apoiado na fenomenologia existencial – que possibilita a compreensão e a percepção do sujeito diante de suas próprias experiências e dos significados que ele atribui nas suas relações[53] – esta pesquisa se propôs a buscar este sentido de ser-idoso em duas situações distintas a fim de que possamos conhecer de que maneira estes sujeitos têm experienciado esta fase da vida, carregada de histórias e vivências.

Compreendendo a vivência:a experienciação do idoso

Estes foram os nomes fictícios escolhidos pelos participantes do trabalho que gerou este capítulo: “Vitória-régia”, “Sereia”, “Sempre-viva”, “Rosa”, “Max”, “Beija-flor”, “Girassol”, “Perpetua”, “Abacate” e “Ipê”.

Ser-idoso: a concepção do mundo-vivido na vivência de um Grupo de Idosos e em situação de internação

Adentrar esta fase da vida possibilita o reconhecimento de toda uma trajetória que hoje é percebida sob as mais variadas dimensões. Esta categoria traz os discursos de ambos os grupos pesquisados: os participantes de um Grupo de Idosos e os idosos na condição de internados. Poder-se-ia supor que, por exemplo, um dos grupos, por estar hospitalizado, os discursos seriam paradoxais. Contudo, surgem concepções similares em relação a ter atingido esse momento da existência.

a) Participantes de Grupo de Idosos

Nos excertos de discursos apresentados a seguir podem ser percebidas variadas concepções acerca do ser-idoso dentre os participantes do Grupo de Idosos. Assim, são encontradas concepções como **conquista:** *"É conquistar muita coisa. Conquistar muita coisa porque o que a gente passa, a gente vê muitas pessoas idosas que desistem, mas não é por outra coisa não, é falta de estímulo*" (Vitória-Régia); como **Ser muito bom "apesar das perdas"**: *"Olha, ser idosa é muito bom, mas tem também as partes que não são boas, né? que são as partes que vem as doenças, né?, vem as perdas, a gente tem as perdas, né? e as doenças tipo a minha que eu sofro de artrose, que é uma das piores."*(Sereia); como **Poder passar por várias etapas:** *"Idosa, pra mim, é uma experiência com o passar do tempo que chega; porque você sabe que todos nós temos por etapas, do nascimento ao desencarne*" (Sempre Viva); **Significa ter vivido e estar viva**: *"O que é ser idosa... Ser idosa hoje, eu me considero hoje uma pessoa vivida, que já conviveu muito com a vida e já está passando pelo terceiro período da sua*

vida e que já está daqui pro final. Mas não estou morta, eu estou viva!" (Rosa); **Um privilégio:** *"Eu louvo a Deus por ter vivido até aqui, tantos anos o Senhor me deu de vida, até aqui nos ajudou, o Senhor. Então, pra mim, é um privilégio muito grande, um agradecimento que eu tenho a Deus, por ter me dado todos esses anos de vida. E louvo a Ele pelos anos que ainda estão por vir; não sei quanto tempo, mas só tenho a agradecer a Deus"* (Max).

b) Em situação de internação

A situação de hospitalização é geratriz de angústia, de dor e sofrimento. Contudo, ao serem questionados acerca da fase da vida em que se encontram, como é ser-idoso, os participantes não foram muito diferentes em suas respostas se compararmos com o que os participantes do outro grupo ressaltaram, apesar de dois deles colocarem a situação vivida atualmente – a internação – à frente de suas concepções. Assim, as falas revelaram: **Ter filhos cuidadores**: *"Ser idosa [...] é bom porque [...], mas eu vejo muitos idosos maltratados, eu não, tenho meus filhos que, graças a Deus tem muita paciência comigo, tive sorte nesse ponto. Vamos ver como vou chegar na velhice"* (Beija-flor); **É uma coisa boa, apesar das dificuldades financeiras**: *"Ser idosa [...] ser idosa, eu acharia que é uma coisa boa né? mas eu precisava por eu ser idosa, precisava de uma ajuda, porque não sou aposentada e eu sou doente e já lutei tanto, precisava ao menos de uma aposentadoria, uma ajuda de custo, pra me ajudar no remédio. Ser aposentada é uma coisa muito boa,* né*? ser uma senhora idosa também, mas precisa de uma ajuda"* (Girassol); **É um privilégio poder olhar para trás e perceber que foi cuidadora:** *"Ser idosa, minha amada, eu acho que é um privilégio que a gente alcança, de chegar na idade que eu*

já estou ou até mais, se Deus permitir, e é isso aí. É a pessoa ter esse privilégio de chegar nessa idade, ter podido criar filho, ser uma boa mãe, uma boa esposa, sabe, ter cuidado dos filhos, como eu cuido até hoje dos meus. Não penso em ser negativo por ser idoso" (Perpétua); **Incerteza em decorrência do seu quadro de saúde:** "*Ser idoso pra mim [...] Olha em primeiro lugar é minha saúde porque a gente sem saúde [...] Se tivesse com saúde não estava aqui, estava em casa curtindo com minha mulher. Infelizmente estou aqui*" (Abacate); **É refletir sobre a vivência passada e aconselhar a moderação:** "*Ser idoso é [...] Eu acho que é o realce da vida da vida jovem, da vida produtiva, mas que você entregou essa parte aí com resultados, ou seja, você dedicou-se ao máximo, produzindo alguma coisa do seu trabalho, da sua vida particular e muitas vezes o idoso não percebe que durante a juventude e a vida adulta ele deve ter mais cuidado com certas coisas, como por exemplo, o açúcar, o sal, a gordura, a bebida e o cigarro porque se não houver essa atenção ele vai sofrer um pouco, assim como eu estou agora*" (Ipê).

Percebe-se que nos excertos de discurso, acima de quaisquer outros fatores, está explícita a ideia do existir, da existência propriamente dita.

Ao nos reportar a existir, a existência, amparamo-nos em Forghieri[54] quando esta autora compreende esse termo a partir do verbo grego *ec-sistir* que literalmente significa "sair para fora, abertura". Assim sendo, os discursos dos participantes permitem inferir que tanto na situação de internação quanto na situação de fazer parte de um grupo de terceira idade, compreendem este momento existencial como uma dádiva, uma conquista, um não fazer ou que houvera feito, um agradecimento a Deus por conseguirem ter atingido a plenitude da

idade, ou seja, apesar das dificuldades enfrentadas no decorrer de suas caminhadas podem olhar para trás e ter a certeza de "ter vivido".

Fundamentando ainda mais esta acepção, encontramos em Heidegger[55] amparo para compreender a dimensão existencial do *Dasein* (Ser-aí) quando este pensador exprime que ser-no-mundo é estar aí, no mundo. Ora, enquanto ser-no-mundo estou imerso em situações diferentes e variadas que me permitem seguir em frente, aceitar e enfrentar as mais diferenciadas facticidades e poder, a partir daí, olhar para trás e ver que construí um trajeto, não me permitir adentrar pelo aspecto negativo da vida, e compreender que, independentemente das agruras do tempo e da vida, cheguei a este momento, ser-idoso. E, são estas as concepções que os participantes deste estudo demonstram em suas falas. É, de alguma forma, ter vivenciado a autonomia sob a perspectiva da autenticidade.

Autonomia e os seus significados

A autonomia é uma das características mais valorizadas, pois ter liberdade de decisão, de ir e vir, ter independência etc., é um aspecto produtor de boa qualidade de vida. Ao se tratar da pessoas idosa, marcada por diversas alterações biopsicossociais, ter ou não autonomia traz determinados significados que foram expressos de maneira bem distinta pelos dois grupos.

a) Participantes de Grupo de Idosos

Para os idosos deste grupo a autonomia é presente e apreciada já que se permitem realizar suas vontades e proporcionar vivências

prazerosas. Dessa forma, percebemos: **Tomar suas próprias decisões sobre o que é melhor pra si:** "*De me conhecer por dentro e de saber o que eu quero, como posso me respeitar, do que eu quero pra mim, eu não me importo com a opinião de terceiros. Aqui tem aquelas amigas que criticam, as críticas não me perturbam. Tipo roupa, eu tenho amigas minhas que se importam se você está com uma blusa, "não gostei dessa blusa", nunca mais vou usar. Comigo não acontece isso. Eu é que tenho que decidir, ver se está bem, se não está. Eu é que tenho que decidir. Eu tenho que saber o que é bom pra mim, não é meu filho que vai saber, não é meu namorado*" (Sereia); **Liberdade para ir e vir**: "*Sou uma pessoa tranquila, sou uma pessoa feliz, tenho o que eu quero, se eu precisar viajar vou pra ali, vou pra acolá, Graças a Deus [...] Minha vida continua numa boa, sou livre, faço o que eu quero, vou pra onde eu quero, se quiser ir para Goiânia, minha irmã tem apartamento lá, eu vou, se eu quiser ir pro Rio, minha irmã manda me buscar, eu vou também*" (Sempre Viva); **É ter um hobby e curti-lo:** "*(...) Me considero uma pessoa viva, não vivo dentro de casa porque não é meu hobby, tenho que sair de casa diariamente para viver a vida como ela é. Encarar a vida de frente, porque a vida é boa, desde que saiba viver*" (Rosa).

b) Em situação de internação

Já neste grupo, os discursos relacionam a autonomia com o trabalho, com produção e com o sentido de ser útil. Na fala destes, a autonomia é sentida da seguinte forma: **É ser útil:** "*Se eu fosse boa de saúde ainda estava trabalhando [...] Parece que quando você trabalha parece que você vive mais do que estar dentro de casa com problema, pensando em outras coisas e quando está trabalhando você está ali com os outros, sua vida parece que melhora, o sistema de [...] tudo;* só sair de casa

pro trabalho é uma coisa muito boa, você ganhar seu dinheiro e estar fazendo alguma coisa pra vida e não ficar sem fazer nada" (Girassol); **É "não parar quieta":** *"Minha filha diz que caí porque eu não paro quieta. Mas claro que não paro. Parar só para dormir. Eu vejo que estou assim porque sempre fui ativa, trabalhei vendendo perfume de porta em porta"* (Perpétua); **A perda da autonomia associada ao adoecimento:** *"Eu trabalhei muito. Meus filhos disseram: papai, o senhor trabalhou e ficou doentio. Agora parei de trabalhar, ano passado também fiquei internado aqui 11 dias com problema de coração"* (Abacate); **É trabalhar e ser reconhecido:** *"Eu sempre me movimentei. Eu aposentei em 98, mas trabalhei até 2013, a firma que não me deixou sair. Eu passei a ser o instrutor da empresa de imersão, eu trabalhava com o transporte de produtos petrolíferos da Petrobrás. Então eu resolvi que já estava na hora de parar. Aí me botaram pra fora com festa, com bota-fora. Foi um negócio muito bonito"* (Ipê).

Geschke, Weyer-Elberich, Mueller, Binder & Fellgiebel[56] em seu estudo na Alemanha; Deutsch, Heinemann, Cook, Foster, Miskovic, Goldsmith & Cella[57]; Mudge & Hubbard[58], Kim et al[59], nos Estados Unidos; Steptoe & Fancourt[60], Wells et al[61] no Reino Unido, ressaltam a dificuldade dos idosos exatamente no que concerne em relação à perda de autonomia. O quanto há um quê de frustração, de sofrimento em pessoas idosas nesse locus.

Autonomia, questão fundamental na processualidade do existir. Dessa forma, os participantes atribuem significados variados a esse termo. Os discursos tornam-se plenos à medida que estabelecem uma relação direta entre autonomia e autenticidade. Por autenticidade, compreendemos a capacidade do ser humano em estar em seu mundo

circundante – os vários ambientes que vivencia, vivenciou ou vivenciará, as normatizações e regulamentações do entorno social -, não apenas como uma caixa ou animal preso em uma jaula, ou seja, não está, simplesmente, em um ambiente; ele mora ou "habita" no mundo, que conforme pressupõe Forghieri[62] "se abrem possibilidades, não apenas por poder se locomover de um lado para outro, mas, em virtude da consciência que possui das situações que já vivenciou, está vivenciando e ainda poderá vivenciar".

Diante disso, há um movimento dialético nesse existir do *ser-no-mundo*. Adapta-se, tenta de um ou de outro modo, age sobre a natureza e sobre seu próprio corpo, o que se pode perceber nos discursos dos participantes ao significarem autonomia com ser útil, poder ir e vir, tomar decisões, realizar escolhas e seguir em frente, mesmo diante das adversidades, ou como fala Heidegger[63] das *facticidades* que se abateram ou se abatem sobre eles.

As facticidades são geratrizes de angústia, diante da possibilidade de *não-vir-a-ser*, possibilidade irrevogável da existência. Este estado de ânimo leva o *Dasein* a empreender o caminho em direção à conquista da autenticidade. Assim, ao longo do caminho vai percebendo que, em relação à situação de estar lançado no mundo de maneira irrevogável, em *derrelição,* lhe é aberto um horizonte de possibilidades, que pode projetar-se no mundo partindo de si mesmo e não do que os "outros" lhe dizem.

Mediante essa compreensão de *ser-no-mundo* lançado a existir, os participantes deste estudo expressam através do significado referente à autonomia – aqui caracterizado como autenticidade -, que ser autênticos em seus trajetos de vida foi a possibilidade de voltarem sua atenção para

si mesmos. Escolheram a si mesmos como possibilidade de ser-no-mundo. Este é o "ser si-mesmo"[64]. Daí, a percepção de olharem para trás e para o presente e atribuírem os significados expressos acerca da autonomia.

Contudo, a idade remete a limitações, como veremos a seguir.

Limitações: a difícil vivência

Sabemos que as limitações, com o avanço da idade, vão surgindo. Das tarefas mais simples às mais complexas, corpo e mente vão estabelecendo limites. A maneira como cada indivíduo lida depende também do contexto em que está inserido, pois encontramos nas falas limitações similares, mas significados distintos.

a) Participantes de Grupo de Idosos

Com as falas a seguir, percebemos que tais idosos passam pelos mesmos enfrentamentos que outros, como acometimentos que trazem limitações em áreas importantes de suas vidas, mas o contexto social no qual estão inseridos, torna-se um motivador a mais para buscar superação e chegar de fato ao seu limite, com o desejo de superá-lo. **Superação:** *"Eu já cheguei de dormir e acordar com dor. De dormir porque o sono te derruba, mesmo estando com dor, mas de acordar, sentar na cama pra rezar e a dor vem. De levantar e querer fazer minhas coisas, porque eu faço tudo na minha casa, fazer minha higiene, voltar pra minha cama e ter vontade de novamente ficar deitada. E com isso eu fico péssima. Eu fico péssima. Pra mim tudo na minha vida é eu ter minha autonomia, de fazer minhas coisas mesmo que seja com alguma dificuldade"* (Sereia); **É**

esperado: *"A velhice é porque os órgãos mesmo vão ficando cansados, o ser humano mesmo vai tendo seus limites, você não é mais aquela criatura com vinte e três, vinte e quatro né, então você vai ficando... Por mais que você se esforce, você não tem aquela agilidade, aquela disposição, aquele preparo físico que tinha antes. Por exemplo, uma pessoa na minha idade, eu, por exemplo, sou muito ativa, agora ultimamente a gente observa que por mais que acorde e faça os afazeres que fazia na maior tranquilidade, tu chega depois do almoço já tá meio travada [...] Mas se eu vier pra cá, eu não deito depois do almoço, fico na minha atividade, perdendo as calorias, fazendo exercício, ativando as articulações, botando em movimento mesmo porque o ser humano é uma máquina e a gente não pode parar. Então é isso, eu venho pra cá pra fazer as atividades, eu adoro dançar. Eu gosto, mas infelizmente hoje não posso fazer tudo o que gostaria por causa do meu pé"* (Sempre Viva); **Não dar espaço a doença:** *"Acho que tudo (Sobre o que lhe dá prazer)! Menos a doença. Eu tenho muitos tipos de doença, que se eu fosse pensar no que eu tenho, acho que já estaria deitada esperando que a morte viesse para me levar, mas eu não relaxo!* (Rosa).

b) Em situação de internação

As limitações, associadas à incapacidade de trabalhar e produzir, são vivenciadas de maneira diferente do grupo anterior, sendo a internação fator importante para significarem desta forma. **É ser resiliente:** *"Não faço mais nada, meus filhos que fazem. Apesar de ser pobre e humilde, a minha velhice tem sido boa"* (Beija-flor); **Incapacidade de trabalhar:** *"Porque eu fico sentida não podendo fazer o que eu tenho vontade de fazer, trabalhar, ganhar meu dinheiro para ajudar a família porque a gente precisa. Quem não precisa, né? Eu sinto vontade [...] Fora o*

trabalho não tem muita coisa, porque já não sou pessoa de fazer muita coisa [...] Olha, eu posso costurar, sei fazer muita coisa como crochê, mas que agora por conta da minha vista, me empata, mas eu tinha vontade de fazer. É isso" (Girassol); **É incômodo:** "*Incomoda a gente ficar só aqui deitado, deitado. Mas o doutor pediu pra sempre fazer uma caminhada pelo corredor*" (Abacate).

Neste momento, os dois grupos significam o envelhecimento, no que concerne às limitações impostas pelo processo do envelhecer, de forma diferenciada. Se por um lado, o grupo que está em atividade no Grupo de idosos percebe a limitação orgânica como natural, como superação; o outro grupo, sua situação de internação é algo grandioso, que causa impossibilidade, incomoda, exaspera. O estudo de Rodriguez, Zheng & Chui,65 revelaram características similares ao encontrado nesta pesquisa.

Heidegger[66] compreende como facticidade esse "fato de ser", de "estar-lançado" e que, como ser-no-mundo, temos de nos desincumbir de existir. Consideramos aqui as mais variadas limitações decorrentes da idade como facticidade existencial, uma vez que, com o passar dos anos o orgânico tende a apresentar fragilidades que podem ou não culminar em um processo de internação do idoso.

Esse fragilizar do organismo remete ao pensamento de Merleau-Ponty67 no que diz respeito à corporeidade. Este autor coloca o próprio corpo no núcleo do sujeito, pensando o sujeito como encarnado68. Freitas69 resgatando o pensamento desse filósofo ressalta que é do corpo que provém o sentido significado pela consciência. A espacialidade e a significação enquanto sentido são imanentes à percepção. A presença do corpo é, em efeito, a possibilidade de um sentido. Na medida em que o

corpo efetua uma operação primordial de significação, uma continuidade é percebida entre o corporal e o espiritual. A existência corporal, concebida como esboço de uma verdadeira presença no mundo, é qualificada de sentido encarnado.

A intencionalidade inerente ao corpo forja sua dimensão expressiva e a transforma em centro da ação humana. As situações humanas são avaliadas não a partir do sujeito pensante, mas em função de um sujeito corporal, ou melhor, intercorporal, intersubjetivo. O sentido, portanto, não está agregado às palavras, "só aparece na intersecção e como que no intervalo das palavras"[70]. Assim, agrega ao sentido não apenas propriedades intelectuais, mas também a emocionalidade, uma vez que o sentido é o mundo segundo o homem.

Assim sendo, os participantes expressam de acordo com o momento que vivem – Grupo de Idosos ou internação -, o sentido que atribuem às limitações que advém com o decorrer do tempo a partir da percepção que têm do mundo em virtude de sua inserção em dois ambientes antagônicos, o grupo e o hospital. E, a partir desse *locus*, exprimem a sua emocionalidade, o sentido atribuído ao mundo. E, nesse olhar, a religiosidade apresenta-se como fator fundamental.

Religiosidade

A religiosidade é um item em destaque, principalmente quando associada a algum tipo de agravo a saúde - o que nos remete à obra de Kluber-Ross[71] e os cinco estágios por ela descrito ao encararem como possibilidade a morte - bem como em aspectos da vida valorizados pelos idosos. A religiosidade torna-se uma ferramenta importante, pois é a

maneira que encontram para lidar com seus medos e angústias. Assim, percebemos similaridades nos discursos dos dois grupos.

a) Participantes de Grupo de Idosos

Para este grupo, a religiosidade é um alicerce para alcançar o desafio de viver a vida, demonstrando fidelidade ao que acreditam. Dessa forma, encontramos: **Compromisso:** *"E outra coisa também, as minhas preces. As minhas preces pra mim é fundamental, é nas segundas, quartas e sextas. Tenho compromisso e eu vou"* (Sereia); **Fé e barganha:** *"Eu estou aí para o que der e vier, esperando o que vem de Deus, pois eu creio muito em Deus e Nossa Senhora [...] Foi aí que falei pra Deus "Deus, agora é contigo, daqui só o Senhor porque é o médico dos médicos". Aí eu fiz um propósito com Deus.eu fiz os quarenta dias de jejum, mesmo debilitada. E eu falei assim, com tanta fé que eu tava porque chega um momento que a gente fica numa situação tão carente, tão necessitando de Deus porque só Deus na vida, no meu caso, só Deus. E eu falei pra Deus que antes que terminasse a Santa Convocação, se ele me curou, que me desse um sinal. E Deus me deu esse sinal. Ele me deu um aviso que eu estava curada em nome de Jesus e eu creio que estou curada*" (Rosa).

b) Em situação de internação

O fator de internação suscita sentimentos de angústia, esperança e resiliência, conforme destacados nas falas a seguir, mas mantendo a religiosidade como papel de base, como visto no grupo anterior. Dessa forma encontramos a **Súplica:** *"Às vezes eu choro, "Senhor, será que o Senhor não vai ouvir minhas preces? Me ajude pra eu construir minha*

casinha" (Beija-flor); Esperança: "*Eu digo que pra Deus nada é impossível. De repente eu posso ficar boa e fazer alguma coisa dentro da minha casa e ganhar meu dinheiro*" (Girassol); **Agradecimento:** "*Olha, cheguei nessa parte bem (na terceira idade), com a ajuda de Deus*" (Abacate).

Para entender a linguagem religiosa (símbolo, mito) é necessário partir da *experiência do sagrado* que a linguagem quer comunicar. Do contrário, trabalharemos estes termos sem seu correlato real na vida.

Mesmo que a finalidade da vivência religiosa seja transcendente (por enquanto, "o sagrado"), trata-se de uma experiência *humana,* própria do ser humano e condicionada sua forma de ser e pelo seu contexto histórico e cultural. Também é fundamental e existencial na experiência religiosa, porque é *humana,* faz parte do ser humano contingente e está sujeita a todos os perigos da finitude. O "presente" que a vivência religiosa oferece é justamente a referência à outra Realidade: a transcendente.

A fala dos participantes remete assim à questão da introspecção e da meditação. Afinal, é pela transcendência que o homem descobre a totalidade de suas possibilidades existenciais, possibilidades conforme é percebido nos discursos, que não se esgotam ainda que a existência esteja quedada, inerte diante das adversidades existenciais.

Convém ressaltar que a religiosidade não é estanque, não envereda pela estaticidade. Pelo contrário, possibilita que os participantes possam seguir adiante, enfrentando as desvalias quando estão internados e dependentes de todos e de tudo; levando-os a agradecer pelo trajeto percorrido até este instante de suas vidas.

E no contexto de suas vidas, um grupo é, sem sombra de dúvida, o arcabouço, o fundamento necessário a todo o processo de

enfrentamento e da vontade de seguir em frente. Percebe-se que o estudo de Castro[72] referenda essa questão relacionada ao exercício da religiosidade e da espiritualidade.

O papel da família:

A família é o primeiro grupo social no qual se está inserido. O conceito desta instituição, atualmente dinâmico, permite caracterizarmos família como entes consanguíneos, com fortes vínculos afetivos, mas também composto de pessoas significativas, mesmo quando não há parentesco. Dentro deste grupo, cada um exerce uma função. A imagem do idoso também sofre transformações ao longo das gerações. Ele pode ser a referência no seu contexto social, como também discriminado pela constante necessidade de ser cada vez mais ativo ao exercer um papel social.

Com essa pluralidade de construções familiares, assim também se percebeu nos discursos dos grupos, apresentando-nos as suas próprias particularidades.

a) Participantes de Grupo de Idosos

Os significados das relações com seus entes se assemelham em ambos os grupos, havendo o sentido de cuidado mútuo, valorização e respeito. Assim temos, **a Valorização:** "*Tem famílias que toma conta dos seus idosos e o idoso tem aquele valor, mas tem famílias que [...]* Não sei também o que essa pessoa idosa possa ter magoado outrora, né*?[...] Feliz do idoso que tem alguém que valorize, sabe, porque nós idosos somos difíceis, muito difíceis de lidar, conviver*" (Vitória-régia); **É ser cuidada:** "*Meu filho,*

que é o melhor de todos, fez um plano de saúde pra mim, disse que eu não merecia estar passando por isso. Hoje eu tenho um plano de saúde o que já melhora bastante [...] O meu filho mais velho é um filho pai que a qualquer momento, a qualquer hora, ele mora no Rio de Janeiro, mas ele pode estar no Japão, ele quer saber notícias de casa, minha, dos irmãos e tudo o que ele pode fazer, ele faz. Conto assim com ele" (Sereia); **É ser protetora:** *"Moro com meu neto, tenho uma filha que tem um garotinho, que agora mesmo ela saiu pra levar ele ali e daqui eu vou pegar e fico com ele porque ela dá plantão, então ajudo ela no que eu posso, sempre estou assim, as vezes não estou na minha casa porque estou na casa dela, aí meus irmãos ficam me procurando. Ela é sozinha, precisa da mãe dela, eu só tive ela, né?"* (Sempre-viva); **Não é somente a família consanguínea:** *"Conquistei uma família aqui (no grupo) que gosto muito. A gente se sente amada porque quando a gente envelhece se sente muito só (se emociona). Eu sou mãe solteira, criei cinco filhas, minhas filhas são tudo donas da vida delas, foram saindo de casa e terminei só. Então terminei sozinha*" (Max).

b) Em situação de internação

Como no grupo anterior, os significados se repetem, contudo, destaca-se neste grupo, o sentido de continuidade que alguns expressaram, ou seja, o sentido que deram às suas vidas e o desejo que se reproduzam nos próximos. **É cuidar:** *"Meu maior desejo é esse, construir uma casa boa pra deixar meus filhos bem. No resto, estão todos crescidos, cada um com sua vidinha, mas moram todos comigo, mas cada um tem sua vida. Esse é meu maior desejo*" (Beija-flor); **É auxílio mútuo:** *"No caso eu nunca trabalhei de carteira assinada. Meus filhos todos trabalham, de uma maneira eu já ajudei também. Até um quilo de açúcar que você compra, já*

ajuda" (Girassol); **É ter sorte:** "*Nós somos muito família. Um sofre a dor do outro [...] Eu tenho muita sorte de ter o marido que tenho. São 47 anos casados e ele é meu companheiro em todos os sentidos*" (Perpetua); **É ver sua geração crescer:** "*Eu tenho um neto, vai vir aqui amanhã, tem quatro anos. Quero vê-lo subir nesses degraus da vida, ainda mais alguns anos. Quero apoiá-lo*" (Ipê).

Ser-no-mundo é *ser-com*. Heidegger[73]; Freitas[74]; Forghieri[75]; Castro[76] ressaltam que o mundo onde o ser-no-mundo é lançado constitui-se de um aspecto primordial, o mundo das relações, o mundo humano, o ser-com-o-outro.

O mundo humano diz respeito à convivência com os semelhantes, à convivência, ao encontro com todos aqueles que fazem parte de nossa rede relacional. Daí, ser fundamental em nossa existência, uma vez que, desde o nascimento até à morte encontramo-nos em situações em que peremptoriamente o outro está conosco. Assim, conforme pressupõe Forghieri[77] o existir é originariamente ser-com o outro, embora o compartilhar humano nem sempre seja vivenciado de fato.

No encontro com meu semelhante ocorre uma relação de reciprocidade, há influência de um sobre o outro. Assim, só atualizamos nossas potencialidades quando nos encontramos e entramos em contato com outras pessoas. Afinal, sou humano por co-existir com o outro. Assim, a família é o grupo que permite, ou melhor, possibilita ser quem sou[78]. No caso dos participantes, em ambas as situações, a vivência do cuidar e do ser cuidado. Heidegger[79] compreende que ser-no-mundo é ser *Cuidado*. Mas, o que vem a ser este Cuidado?

É o Cuidado consigo mesmo e com o outro. Um cuidado que na fala dos participantes encontra-se revestido por zelo, desvelo. É o que o filósofo considera como ocupação e pre-ocupação enquanto solicitude que ocorrem no modo atento, zeloso. O outro é acolhido, bem tratado, notado, considerado.

Considerações Finais

Escolher a temática da terceira idade como pesquisa permite alcançar diversos olhares sobre um mesmo fenômeno, uma vez que o idoso é representado como um organismo em declínio e limitado e, ainda, como um ser estigmatizado e oposto a virilidade do jovem. No entanto, podemos pensar o idoso sob outro viés: o da amplitude de experiências vividas, exclusivas daqueles que caminharam longamente na vida. Refletir sobre as possibilidades para a fase mais longínqua do ser humano, nos possibilita resgatar a história de vida e pensar o futuro, a partir de um reinventar cheio de significados e mudanças. Assim, pretendemos ressaltar as pluralidades de viver a vida, as relações interpessoais e os significados dados a sua trajetória através da própria fala de quem o vive.

E com este olhar de quem vivenciou é que se baseia o método fenomenológico, suspendendo qualquer valor pré-estabelecido e dando voz para significar o fenômeno de acordo com a percepção do próprio sujeito, o que propiciou maior compreensão sobre o que é ser idoso dentro de duas situações, que *a priori* poderiam ser consideradas paradoxais, por se tratar de um grupo participante de atividades sociais e outro grupo internado em um hospital geral, mas mostrou-se muito mais além.

Dentro das entrevistas surgiram cinco macros temáticas – ser-idoso, autonomia, limitação, religiosidade e família - que se inter-relacionam e permitem tal compreensão. Eles explicitaram que, independentemente dos caminhos que percorreram, chegar nesta fase da vida é um privilégio e este sentimento os estimula a preservar o que consideram como mais importante, a autonomia, o direito de ir e vir, serem protagonistas da própria história. Envolvo a partir disto o que a Fenomenologia de Heidegger[80] nos propõe, ou seja, o *ser-aí*, lançado no seu mundo circundante e autêntico a medida que recria suas próprias possibilidades, mesmo quando para muitos seja uma fase marcada como o fim e que por isso poder-se-ia supor estática.

Deste modo, impulsionados por suas conquistas e superações vivenciadas, é que eles trazem de que maneira a experiência religiosa tem o seu papel dentro da existência de cada um, sendo como agradecimento ou esperança, mas como fator essencial na compreensão do próprio ser e que sabem que é finito. Assim como também o desempenho que a família exerce, completando este ser-no-mundo como um eterno ser-com-outro, pois o sujeito se reconhece de acordo com suas relações, que aqui se mostraram ser através do cuidar e ser cuidado.

No entanto, destacam-se as limitações, exploradas pelo grupo internado como um momento de fragilidade, o qual acaba por influenciar todas as outras situações abordadas, trazendo incertezas e angústias, modificando o modo de perceber o mundo ao seu redor. Com isto, refletimos o papel fundamental do psicólogo neste momento, pois apenas o fato de escutá-los durante as entrevistas permitiu que se expressassem seus medos, ajudando-os a aliviar. Assim, um

acompanhamento mais prolongado permitiria amenizar os efeitos da internação e do adoecimento.

Entrar em contato com diversas histórias e ver como os idosos estavam revivendo todos aqueles fatos que iam narrando propiciou uma experiência riquíssima, pois permitiram, enquanto pesquisadores e ouvintes – pensar o fazer psicológico, como também enquanto ser humano empático, numa atitude de pré-reflexão -, participar e nos permitir envolver com cada situação e aproximar-nos, assim, da compreensão de como se sentem após essa longa jornada da vida.

Referências

BARRETO, T.S.; OLIVEIRA, C.B.V.L.; ROSA, L.M.; MEIRA, J.C. & CASTRO, E.H.B.C. Grupo de Idosos, modificando sonhos e perspectivas: um estudo fenomenológico. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica**: o contexto amazônico em pesquisa e clínica – Curitiba : Appris, 2020, p. 27-48

CARRETTA, M.B.; BETTINELLI, L.A.; ERDMANN, A.L.; HIGASHI, G.D.C.; SANTOS, J.L.G. Compreendendo o significado do ser idoso vivenciando sua autonomia na hospitalização. **Rev Rene**. 2013; 14(2):331-40.

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

ESHMAWEY, M.; FREDOUILLE, J. &; BIANCHI-DEMICHELI, F. Âge avancé, déclin cognitif et sexualité dans les institutions de santé. /

[Advanced age, cognitive decline and sexuality in healthcare institutions]. **Rev Med Suisse***; 16(686): 548-551, 2020 Mar 18.*

FONSECA, A M. Subsídios para uma leitura desenvolvimental do processo de envelhecimento. **Psicol. Reflex. Crit**., Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 26 Jan. 2014.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

FREITAS, J.L. **Experiência de adoecimento e morte:** diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia (1ª reimpr.). Curitiba: Juruá, 2010

GESHKE, K.; WEVER-ELBERICH, V.; MUELLER, A-K; BINDER, H. & Fellgiebel, A. Feasibility and utility of a cognitive screening for risk stratification in hospitalized older patients. **Int J Geriatr Psychiatry***; 34(4): 588-593, 2019 04.*

GIACOMINI, T.; WANDERLEY, K. da S. Compreendendo o idoso e sua vivência de internação hospitalar. **Rev. Kairós Gerontologia**, 13(1), São Paulo: Junho, 2010. p. 221-230.

GUNTHER, I de A. Envelhecimento, Relações Sociais e Ambiente In: FALCÃO, D.V.S.; ARAÚJO, L.F.A. (Org.). **Temas em psicologia do envelhecimento:** perspectivas teóricas, pesquisa e prática. Editora Alínea, Campinas, São Paulo, 2011. p. 13- 23.

HAHM, S.; LOTZE,M.; DOMIN, M. & SCHMIDT, S. The association of health-related quality of life and cerebral gray matter volume in the context of aging: A voxel-based morphometry study with a general

population sample. **NeuroImage** Volume 191, 1 May 2019, Pages 470-480

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KIM, E. *et al.* Optimism and Healthy Aging in Women and Men, **American Journal of Epidemiology,** Volume 188, Issue 6, June 2019, Pages 1084–1091, https://doi.org/10.1093/aje/kwz056

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer:** o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros e a seus próprios parentes trad. Paulo Menezes – 9ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** Carlos Alberto Ribeiro de Moura (trad.). 4.ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011.

MUDGE, A.M. & HUBBARD, R.E. Management of frail older people with acute illness**. Internal Medicine Journal** Volume 49, Issue1 January 2019 p. 28-33

RODRIGUEZ, F.S.; ZHENG, L. & CHUI, H.C. Psychometric Characteristics of Cognitive Reserve: How High Education Might Improve Certain Cognitive Abilities in Aging. **Dement Geriatr Cogn Disord***; 47(4-6): 335-344, 2019*

SCHIEL, J.E. & SPIEGELHALDER, K. Gegenseitige Beeinflussung von Insomnie im Alter und assoziierten Erkrankungen. **Z Gerontol**

Geriat 53, 112-118 (2020). https://doi.org/10.1007/s00391-020-01694-6

SILVA, M. da C. **O processo de envelhecimento no Brasil: desafios e perspectivas**. In: Textos Envelhecimento. Rio de Janeiro: v. 8, n. 1, 2005.

STEPTOE, A. & FANCOURT, D. Leading a meaningful life at older ages and its relationship with social engagement, prosperity, health, biology, and time use. **Proceedings of the National Academy of Sciences**. vol. 116, issue 4, 2019, pp: 1207-1212s

VIEIRA DE MELO, S.M.; CALDAS, M.T. Merleau-Ponty e Gadamer: possibilidade de se pesquisar a prática de psicólogos clínicos In: BARRETO, C.L.T.; MORATO, H.T.P. & CALDAS, M.T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba: Juruá, 2013, p. 183-201

WELLS, J. *et al.* The experiences of older adults with a diagnosed functional mental illness, their carers and healthcare professionals in relation to mental health service delivery: An integrative review. **JCN.** Volume29, Issue1-2 January 2020, pp. 31-52 https://doi.org/10.1111/jocn.15067

---

45 ESHMAWEY, M.; FREDOUILLE, J. &; BIANCHI-DEMICHELI, F. Âge avancé, déclin cognitif et sexualité dans les institutions de santé. / [Advanced age, cognitive decline and sexuality in healthcare institutions]. Rev Med Suisse; 16(686): 548-551, 2020 Mar 18.

46 FREITAS, J.L. **Experiência de adoecimento e morte:** diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia (1ª reimpr.). Curitiba: Juruá, 2010.

47 SCHIEL, J.E.; SPIEGELHALDER, K. Gegenseitige Beeinflussung von Insomnie im Alter und assoziierten Erkrankungen. **Z Gerontol Geriat** 53, 112-118

(2020). https://doi.org/10.1007/s00391-020-01694-6

48 Ibidem, p.279

49 GUNTHER, I de A. Envelhecimento, Relações Sociais e Ambiente In: FALCÃO, D.V.S.; ARAÚJO, L.F.A. (Org.). **Temas em psicologia do envelhecimento:** perspectivas teóricas, pesquisa e prática. Editora Alínea, Campinas, São Paulo, 2011. p. 13- 23.

50 HAHM, S.; LOTZE,M.; DOMIN, M. & SCHMIDT, S. The association of health-related quality of life and cerebral gray matter volume in the context of aging: A voxel-based morphometry study with a general population sample. **NeuroImage Volume** 191, 1 May 2019, Pages 470-480

51 GIACOMINI, T.; WANDERLEY, K. da S. Compreendendo o idoso e sua vivência de internação hospitalar. **Rev. Kairós Gerontologia**, 13(1), São Paulo: Junho, 2010. p. 221-230.

52 CARRETTA, M.B.; BETTINELLI, L.A.; ERDMANN, A.L.; HIGASHI, G.D.C.; SANTOS, J.L.G. Compreendendo o significado do ser idoso vivenciando sua autonomia na hospitalização. **Rev Rene**. 2013; 14(2):331-40.

53 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4.ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011.

54 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

55 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

56 GESHKE, K.; WEVER-ELBERICH, V.; MUELLER, A-K; BINDER, H. & Fellgiebel, A. Feasibility and utility of a cognitive screening for risk stratification in hospitalized older patients. Int J Geriatr Psychiatry; 34(4): 588-593, 2019 04.

57 DEUTSCH, A.; HEINEMANN, A. W.; COOK, K. F.; FOSTER, L.; MISKOVIC, A.; GOLDSMITH, A. & CELLA, D. Inpatient Rehabilitation Quality of Care From the Patient's Perspective: Effect of Data Collection Timing and Patient Characteristics.**Arch Phys Med Rehabil**; 100(6): 1032-1041, 2019 06.

58 MUDGE, A.M. & HUBBARD, R.E. Management of frail older people with acute illness. **Internal Medicine Journal** Volume 49, Issue1 January 2019 p. 28-33

59 KIM, Eric et al. Optimism and Healthy Aging in Women and Men, **American Journal of Epidemiology**, Volume 188, Issue 6, June 2019, Pages 1084–1091, https://doi.org/10.1093/aje/kwz056

60 STEPTOE, Andrew & FANCOURT, Daisy. Leading a meaningful life at older ages and its relationship with social engagement, prosperity, health, biology, and time use. **Proceedings of the National Academy of Sciences**. vol. 116, issue 4, 2019, pp: 1207-1212s

61 WELLS, Julia et al. The experiences of older adults with a diagnosed functional mental illness, their carers and healthcare professionals in relation to mental health service delivery: An integrative review. **JCN**. Volume29, Issue1-2 January 2020, pp. 31-52 https://doi.org/10.1111/jocn.15067

62 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011, p. 30

63 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

64 Ibidem, p. 65.

65 RODRIGUEZ, F.S.; ZHENG, L. & CHUI, H.C. Psychometric Characteristics of Cognitive Reserve: How High Education Might Improve Certain Cognitive Abilities in Aging. **Dement Geriatr Cogn Disord**; 47(4-6): 335-344, 2019.

66 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013 p. 188.

67 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura - 4.ed. - São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011.

68 VIEIRA DE MELO, S.M.; CALDAS, M.T. Merleau-Ponty e Gadamer: possibilidade de se pesquisar a prática de psicólogos clínicos In: BARRETO, C.L.T.; MORATO, H.T.P. & CALDAS, M.T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica. Curitiba**: Juruá, 2013, p. 183-201

69 FREITAS, J.L. **Experiência de adoecimento e morte**: diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia (1ª reimpr.). Curitiba: Juruá, 2010.

70 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Carlos Alberto Ribeiro de Moura (trad.). 4.ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011, p. 42.

71 KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros e a seus próprios parentes trad. Paulo Menezes – 9ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2008.

72 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

73 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 188.

74 FREITAS, J.L. **Experiência de adoecimento e morte**: diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia (1ª reimpr.). Curitiba: Juruá, 2010.

75 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011, p. 30

76 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

77 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011

78 BARRETO, T.S.; OLIVEIRA, C.B.V.L.; ROSA, L.M.; MEIRA, J.C. & CASTRO, E.H.B.C. Grupo de Idosos, modificando sonhos e perspectivas: um estudo fenomenológico. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica**: o contexto amazônico em pesquisa e clínica – Curitiba : Appris, 2020, p. 27-48

79 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 188.

80 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 188.

Viver a escola:dificuldades, conflitos e possibilidades na vida do educador

Jânia Maria Figueiredo de Lima
Ewerton Helder Bentes de Castro

Introdução

A escola é um espaço marcado por conflitos e significados. Pode ser classificado como uma zona de alta complexidade, pois em meio tantos significados e sentidos a figura do professor surge como um agente de transformação social e política. No entanto, ele também sofre transformações em muitos aspectos da sua vida pessoal, emocional e profissional.

Tais transformações são decorrentes dos inúmeros problemas não solucionados no âmbito da escola como instituição, a qual possui suas singularidades, ou seja, uma cultura peculiar. Cultura essa que possui características próprias, seu próprio jeito de ser. Problemas como ausência de recursos, distorção idade/série, investimentos em

infraestrutura, desqualificação profissional, indisciplina por parte dos alunos, entre outros, nesse ambiente tão complexo e multifacetário.

Além desses aspectos, há os entraves que são enfrentados no cotidiano escolar por parte dos educadores; além da desvalorização profissional histórica, há a falta de recursos adequados e necessários para que este possa desenvolver um trabalho que atenda ás suas expectativas quanto ao desenvolvimento de práticas e metodologias educativas que promovam aos educandos o desenvolvimento satisfatório das habilidades cognitivas.

A escola como organização e espaço de transformação social também precisa ser atendida quanto instituição, assim como a sociedade como um todo, pois a mesma, não exerce apenas a função de reprodutora de conteúdo, mas também, é responsável pela promoção do exercício da cidadania.

Para o exercício de uma ação reflexiva, torna-se imprescindível, a valorização e o reconhecimento do profissional do educador, e isso não apenas concernente a questões já tratadas como formação e má remuneração, mas no que diz respeito aos seus aspectos subjetivos, ao reforço das suas competências, e melhores condições de trabalho.

Ao seu reconhecimento quanto sujeito histórico, social e emocional, e não apenas quanto profissional, afinal o bem-estar emocional depende das vivências socioculturais que o indivíduo desenvolve, pois estão interligados entre si. Assim sendo:

> Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois é possível afirmar que estão diretamente relacionados com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Dessa maneira, pode-se supor que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais um sentido afetivo[81].

Quando buscamos compreensão acerca do papel social do professor primeiramente nos remetemos ao fato deste ser alvo de inúmeras cobranças para que desenvolva uma prática pedagógica competente e comprometida com resultados que o sistema exige, no entanto não se atenta para a subjetividade do educador em questão; para as suas angústias, medos e inquietações, adquiridas ao longo do processo de docência. Aspectos ignorados, pois a busca exacerbada por competências que o enquadrem nas exigências do sistema educacional o fragmenta e o desumaniza, ou seja, não se dá a devida relevância aos sentidos e significados que ele atribui à sua existência.

A compreensão dos sentidos e significados que os professores atribuem à docência torna-se relevante para que novas possibilidades venham a ser visualizadas por estes, a fim de os mesmos possam refletir a sua existência quanto ser-com-outro e ser-no-mundo, como nos posiciona os estudos de Pereira & Castro[82].

Os professores não são estranhos às suas fraquezas e dificuldades humanas; no entanto, seus recursos emocionais para enfrentá-los, têm sido até o presente, limitados, pois não se libertam da angústia de se verem aprisionados em suas próprias limitações, sem saber a direção que devem tomar e permanecem num estado de vertigem como assevera Kierkegaard:

> Angústia pode se comparar a uma vertigem. Aqueles cujos olhos se debruçam a mirar uma profundeza escancarada sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura... Desse modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para a sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se (2013, p. 67).

Nesse aspecto, uma vez que o olhar fenomenológico contribui para superar as dificuldades, discutir a fragmentação do ser-docente, torna-se

relevante para que assim, haja a compreensão dos sentidos e significados ocorridos na sua trajetória frente ao ato de ensinar. Tal compreensão visa favorecer a desconstrução e construção de si mesmo, a fim de fomentar a ideia de o mesmo ser um ser em constante mudança, um ser de possibilidades superando suas angústias e desajustes.

Dessa forma, a fenomenologia quanto método busca a compreensão do fenômeno, valendo-se da parte desse fenômeno, que pode ser o gesto o símbolo, a expressão, sua própria manifestação e caminha rumo ao todo a fim de recuperar o contexto de significação, as estruturas básicas as essências, assim sendo, o conhecimento acontece quando captamos o significado do fenômeno e para tanto, é necessário a intervenção por meio da interpretação do sentido, a fim de que as manifestações do fenômeno venham acontecer.

Por isso, faz-se necessário compreender: de que maneira o professor de uma escola municipal das séries iniciais lida com essas formas de sofrimento que afetam a dimensão da sua existência e os impactos destes frente a sua prática pedagógica e a responder as seguintes questões: Como é ser docente em uma escola de Ensino Fundamental? Quais as dificuldades que o professor encontra no desenvolvimento do seu trabalho? Que ganhos e perdas o professor o professor poderia apresentar acerca da sua prática pedagógica? Que contribuições e sugestões o professor daria para melhorar a sua vivência nessa escola de ensino fundamental?

Em busca de compreensão das vivências

Vivenciar a escola remonta a algo muito mais amplo do que se imagina. As participantes demonstram em seus discursos que o cotidiano

escolar está permeado por uma série de diversificadas e múltiplas dificuldades, desde aquelas relacionadas à questão do material pedagógico utilizado na instituição, abarcando o excesso de cobrança e o descaso com a infraestrutura da escola.

A exigência atual dos gestores federal, estadual e municipal sobre os professores no sentido de contribuir para que o IDEB nacional atinja patamares internacionais, tem resultado em sofrimento, angústia na vida dos docentes. Para que o melhor pudesse ser feito e o objetivo alcançado, o recurso pedagógico deveria ser considerado como elemento fundamental para que o processo ensino-aprendizagem obtivesse resultados mais positivos.

Contudo, conforme demonstraram os discursos, a vivência cotidiana dos professores é bem diferente. E assim foi verificado, pode-se observar que a exigência de resultados não condiz com a realidade da existência efetiva de material pedagógico necessário ao processo ensino aprendizagem, uma vez que, na concepção de Montessori: *"[...] Porque assim, você é muito exigida, mas não te dão recursos pra te trabalhar com as crianças nessa exigência, então a gente tem muita dificuldade nesse sentido, a gente faz o que pode, pedimos alguma ajuda dos pais, mas como eles são muito carentes, a nossa dificuldade é essa. Não conseguimos alcançar tudo que a gente almeja com ele".*

A falta de recursos pedagógicos vem somar a outras faltas, dos alunos e da participação dos pais, impedindo formação mais ampla do aluno

A tristeza diante do fato de quanto a falta de recursos pedagógicos impede uma formação mais ampla do aluno. Entre o sonho em dar o melhor, propiciar o melhor para aquela criança e a frustração de não

poder contar com recursos pedagógicos condizentes à formação do aluno. Uma das dificuldades que causa comoção, tristeza, decepção, conforme mostra a fala da participante Fusari: " *[...] falta de recurso. Porque nós vem...nós vimos que na escola municipal eles são um pouco abandonados, por que? Nós que somos professores, por exemplo a minha pessoa, eu me sinto que eu tenho que dá o melhor quero... dá o melhor pra aquela criança, quero ver aquela criança desenvolvendo, sendo que a escola pública não tem essa visão. Eles são esquecidos e pra nós dá isso, nós temos que tirar dos nossos bolsos para dar o melhor para essa criança*".

A instituição "escola" passou por transformações nas últimas décadas. Foram mudanças que poderíamos considerar qualitativas e quantitativas. Qualitativas no sentido de que a este ambiente, a família passou a considerar como o elemento mais primordial do que a própria configuração familiar. E, na fala da entrevistada Mantoan se percebe essa questão, tendo em vista que, a mesma compreende como um dos fatores fundamentais para o sucesso no processo ensino-aprendizagem a presença da família de forma mais efetiva e consistente, o que parece não ocorrer.

A este aspecto é acrescido o que se colocou anteriormente como quantitativo. A esfera mais alta da gestão escolar exigindo dos docentes que todos os respondam aos anseios e perspectivas relativas ao aumento do IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica -, por exemplo, conforme traz a fala seguinte*: "[...] E assim, eu acho assim que é muito difícil porque a além dos alunos serem...não serem muito interessados nos estudos deles, os pais não ajudam ...não fazem aquela ajuda necessária que eles precisam dele. Que é como eu sempre falo pra eles, não adianta ter uma ótima professora na frente deles ali, se eles não querem estudar né,*

então eu vejo uma dificuldade, uma barreira que a gente...que nós professores, principalmente da zona leste enfrentamos muito, fora as cobranças que nós temos que vem lá de cima né, que é diário tem que tá em perfeito, notas, faltas, fora os projetos que a gente tem que fazer, que a gente tem que aplicar, muitas vezes chegam em cima da hora, então isso dificulta muito a gente , porque a gente tem que parar de dar a nossa aula pra fazer é , vamos supor assim entre aspas né, as vontades deles lá..né...então isso é muito trabalhoso, é dificultoso pra gente".

Outro elemento considerado como dificuldade vivenciada pelos docentes diz respeito a infraestrutura, uma vez que se sentem inseguros diante da violência crescente nas instituições escolares de nossa cidade. Concomitantemente, ainda no quesito infraestrutura, veem descaso quanto a elementos básicos como a água que é servida para os mesmos já que a mesma não é de boa qualidade e tem medo de adoecer, como ressalta Fusari: " *a infraestrutura é...devia ter vigilância, porque lá não tem vigilância, nós...é... são vinte professores, então essas professoras são abandonadas, desculpa a expressão. E também falta de água, sendo que nós pedimos pra essas crianças trazer água de casa pra ela tomar, e também nós professores corremos riscos de ao beber aquela água, adoecer né, tanto eles como a gente e é preocupante porque nós já pedimos, a direção já se mobilizou, e as sugestões que eles deram*".

Apoiamos nosso pensar no referencial heideggeriano que em sua obra *Ser e Tempo* revela que o *mundo* é vivenciado à conta de inóspito. Afinal *ser-no-mundo* é estar lançado, jogado em mundo que não escolhemos[83]. Redimensionando este pensar, a vivência das participantes em instituição escolar está caracterizada pela experiência do desafio de formas variadas.

Precisamos compreender o *mundo* sob três aspectos: circundante, humano e próprio. Cabe neste momento fazer referência ao mundo circundante, os vários ambientes e espaços que são experienciados pelo ser-no-mundo e que, dependendo de como se dá essa experienciação, estes ambientes podem ser considerados como agradáveis ou desagradáveis[84] [85] [86].

As participantes vivenciam esse "mundo circundante" sob o viés do desagradável, haja vista a referência acerca da falta de recursos pedagógicos que transformam seu *métier* em algo bastante desgastante, angustiante inclusive, uma vez que não conseguem desenvolver um trabalho que poderia ser a nível de excelência. Contudo, esse fazer se torna difícil em decorrência do parco recurso utilizado e ainda faz frente às constantes cobranças acerca do desenvolvimento de seu melhor, não sendo considerada essa limitação no que tange ao recurso que deveria ser alocado junto a essas docentes para que seu trabalho pudesse ser desenvolvido.

A partir deste momento, pode-se observar vários elementos identificados como conflitos presentes no cotidiano das professoras. Assim, temos a insatisfação em não ser atendida em suas necessidades e o trabalho é percebido como coercitivo, como falou Montessori: " *[...]Porque, assim, você é muito exigida, mas não te dão recursos pra te trabalhar com as crianças nessa exigência, então a gente tem muita dificuldade nesse sentido, a gente faz o que pode, pedimos alguma ajuda dos pais, mas como eles são muito carentes, a nossa dificuldade é essa. Não conseguimos alcançar tudo que a gente almeja com eles*".

A percepção do desinteresse das esferas superiores que cobram a aprovação dos alunos no sentido de mostrar efetividade do processo

ensino-aprendizagem, e por isso sentem-se coagidos, gerando angústia e insatisfação. Soares ressalta: *"[...] a gente vê que não tem aquele interesse mais por parte do governo, parte do governo que a gente não vê que não tem aquela preocupação, eles só querem saber que vai ter o índice né tem que ter o índice no final, os alunos tem que ser aprovados, no final nós temos que passar as vezes o aluno porque a gente tem que...ele não pode...numa sala de aula não pode ter 35 alunos e a metade... tem que ser só a metade, tem que ficar só 8 ou 6 meninos no máximo, que sai né... aí a gente fica coagido mesmo, passa um aluno que as vezes nem sabe mesmo, não tem capacidade de passar pra outra série, as vezes nós somos obrigados a fazer isso*".

Perceber que o trabalho desenvolvido mediante tantas dificuldades não tem o reconhecimento, ou seja, vivenciam o desmerecimento, a desvalorização do que realizam como docentes, conforme relatou Ferreiro: *"[...] Eu me sinto frustrada quanto a isso, ainda não realizei esse sonho de ver poxa eu fiz um trabalho assim...a questão do reconhecimento a gente sabe que pode até haver né, entre aspas, algum...alguma palavrinha, alguma coisa...mas o reconhecimento mesmo palpável, que a gente possa né ver que isso né vai mudar, eu fiz o trabalho vai mudar alguma coisa, eu realmente não tenho visto isso, e isso, realmente me frustra, eu sou um pouco frustrada nessa área ai, nessa questão*".

Compreender o hiato, a diferença patente entre as esferas públicas e privadas, não se torna motivo para abandonar a escola pública, pelo contrário é um motivador no sentido de manter-se firme no propósito de dar o melhor para os alunos, como falou Fusari: *"[...] Primeiro, que a escola privada ela cobra muito mais do que a pública, através...como assim, você pode perguntar. Por exemplo, lá na escola privada eles dizem que crianças pequenas já saem...fique lendo e escrevendo, na escola pública*

não... já é diferente...é cada um por si, mas eu sou diferente...se eu tenho a minha...se eu tô ali eu sou responsável pelos meus alunos de dar o melhor para eles").

Conforme ressalta Holanda[87] falar de mundo significa retornar à concepção husserliana: *Lebenswelt, o mundo-vivido.* Compreende-se mundo vivido como as experiências subjetivo-relativas manifestadas no cotidiano, ou seja, o mundo da vida, o horizonte de fatos, o *cotidiano imediato*[88]. Complementando este pensar, Barreto[89] nos diz que "*o ser humano existe lançado no mundo, na facticidade do cotidiano, enredado nas circunstâncias estruturais já interpeladas pelo público*".

Ora, considerando a experiência relatada pelas participantes, esse mundo da vida tornou-se difícil, angustiante e preenchido por conflitos que as lançam em uma sistemática de desafios contínuos. Se, por um lado, a vivência destes conflitos gera um pensamento sobre coerção no trabalho, por outro lado a desvalorização é percebida sob aspectos diversos, desde a gestão central ao não-reconhecimento do que realiza junto a seus alunos, em sala de aula.

Corroborando com o encontrado nesta pesquisa, os estudos de orenstein[90], Riethof et al[91], La Torre et al[92], Yu et al[93], Naghieh et al[94], mostram a dimensão do sofrimento psíquico no cotidiano de docentes

Apesar da angústia e do sofrimento inerentes ao processo de ser-docente, as participantes acalentam sonhos. Perspectivas de que seu trabalho venha a ser reconhecido, valorizado, e que possam continuar a dar o melhor de si mesmas. Assim, as falas nos trazem o desejo por um sistema que contribua pelo favorecimento do trabalho do professor: *"[...] Pra minha classe, que venha mais material pra escola, pros colegas, que venham os materiais necessários como caderno, lápis, recursos, e que deem*

cursos profissionalizantes pra aquela...tipo, temos aula de informática, mas muitos professores não sabem mexer nos computadores, tem a biblioteca mas não podemos utilizar todos os livros porque nem todo mundo tem a formação adequada pra isso. Então cursos que qualifiquem mais os professores (Montessori)".

A esperança por transformações na educação, como disse Soares:*"[...]Melhorias assim, eu acredito assim que tem que ter mais é... mais recursos, mais formações, nós precisamos ter formações, mas é assim não aquela formação feita assim ah sem recurso...[...]".*

O anseio pela parceria entre escola e família, tendo em vista a importância da família no sentido de que essa díade escola/família designe um processo ensino-aprendizagem com mais qualidade e crescimento do aluno, como ressaltou Ferreiro: *"[...] eu penso que a família ela é uma extensão [...] não há uma continuidade , enquanto o professor em sala cobra, a gente tem todo aquele compromisso, né? com a educação e quando a gente vai ver no outro dia a tarefa não foi feita , o pai não comparece à escola [...] eu pelo tempo de experiência vejo que isso atrapalha bastante no processo de aprendizagem do aluno [...] gosto muito de trabalhar com a autoestima do aluno, acho que é importante o ser humano é movido por estímulo e eu trabalho muito isso com eles, que eles são capazes, que eles podem e eu passo essa atividade pra um aluno copiar do quadro, inclusive ele tem uma letra muito bonita e ele falou: - ah! professora não vou fazer não, minha mãe disse que a minha letra é muito feia, que eu sou desorganizado, que essa minha tarefa tá muito feia, eu não vou fazer mais não. Quer dizer, a família que podia estar estimulando, dando aquele incentivo todo, é o contrário, quer dizer ela já atrapalhou, ele já brecou ali, já ficou achando: ah não tem valor, não tem importância pra*

minha família, pra minha mãe, então eu não vou fazer. Que teria que ter essa troca né, a professora aqui cobrando e a mãe lá estimulando, ajudando, sentando ao lado mesmo como era os nossos pais antigamente, sentava tinha um tempo para nos educar, nos orientar".

Anseio por mais respeito e valorização do profissional da educação. Para Mantoan, a dimensão da sala de aula e do professor vai além do simbólico ou da representação, permite enxergar além do ambiente escolar e redimensionar para a vida: *"Então eu espero mais compromisso, mais respeito, mais valorização da nossa categoria né? Porque pra você ser um doutor você tem que passar pela sala de aula, tem que sentar numa cadeira, tem que prestar atenção no que o seu professor está falando. Então você tem que passar pelo professor pra você ser alguém na vida,. você tem que passar pela sala de aula, e quem tá lá na sala de aula? O professor. Até o professor pra ser professor tem que ser aluno, tem que passar pelo professor. Então eu espero que um dia olhem com mais carinho essa classe. É muita falta de respeito, como eu disse, hoje em dia o aluno ele tem muito direito, é direito disso, direito daquilo. O professor não pode pegar apertar um pouquinho o braço que se o pai souber que se for daqueles pais rígidos,. o professor tá em maus lençóis. Então assim, mais valorização tanto financeira quanto na questão, como eu falei de mandar material pra gente".*

Ser-no-mundo é ser de possibilidades[95] [96]. Nesta compreensão Heidegger[97] nos traz uma visão do homem como existente, o *Dasein (Ser-Aí)*. As docentes vivenciam o mundo da escola, o mundo do ensino com seus limites, ou seja, são o que esse autor considera o *Dasein* em sua *mundaneidade*. Ora, o *Dasein* é sempre mundano, uma vez que é apreendido por ele, o é já com e no mundo[98]. É na cotidianidade de nosso mundo mais próximo que vivemos, lidando no mundo e com as

coisas do mundo, numa infinidade de modos de se ocupar da vida, num todo articulado de significações.

É, no encontro com o aluno, com os pais, com os gestores que as participantes desta pesquisa se percebem como seres de possibilidade, o *vir-a-ser* torna-se presente em suas falas que nos trazem seus anseios, suas perspectivas, suas possibilidades em relação à docência.

Ensinar, a missão! O ato de ensinar, também é redimensionar o olhar sobre o próprio fazer. O ensinar vai além do ato mecânico em sala de aula, perpassa um redimensionamento sobre si mesmo e sobre o outro que está sob sua égide de cuidados. A vida docente representa ir além de si mesmo. E, nesse processo, o sentido atribuído ao ser-docente, está diretamente relacionado ao olhar que se lança sobre si-mesmo na esfera do dedicar-se a desenvolver um trabalho de qualidade.

Dedicação em buscar formas de desenvolver um trabalho de qualidade, como ressalta Montessori: *"[...] quando a gente chega em casa não dorme direito pensando naquela criança, pensando no seu trabalho, porque você deixou a desejar, onde você poderia ter dado o melhor, mas você não deu o melhor porque você não tem o recurso, você se dedica totalmente a educação. Aí! chega em casa não tem aquela convivência de família, deixa de dar atenção pra família, por que você tem que procurar maneiras pra ensinar; começa a estudar, pesquisar pra trabalhar com os materiais que chegam , então você se dedica 24 horas pra educação"*.

Soares, por sua vez, mostra gratidão à pedagogia pelos conhecimentos adquiridos trazidos para a vida pessoal: *"[...] se há dez anos eu tivesse tido feito pedagogia, até na educação nos meus filhos ia influenciar. Muitas coisas eu aprendi na pedagogia mesmo, entende?. Como lidar com meus filhos, como lidar mais com os problemas, porque do dia a*

dia das crianças a gente vai aprendendo! Então eu sempre digo, ah! aquele tempo se eu tivesse feito isso, o que eu tô fazendo por esses alunos alguma coisa; não é nem a parte de conteúdo, de aprendizado, é a parte mesmo emocional, sentimental. Teria sido muito melhor, teria dado uma educação melhor para os meus filhos. Eu, hein? Acho isso, sempre falo isso".

Apesar de dificuldade vivenciadas, conflitos, falta de recursos, algo fica patente, não possuir arrependimentos por ser professora, como ressaltou Fusari: "*[...] eu não me arrependo! Mas eu sinto que, sinto não, eu sei que isso é um dom mesmo; um dom mesmo que Deus me deu. Em escolas que já passei de poder alfabetizar um aluno desleixado, um aluno com problemas de aprendizado, especial. Eu vejo, meu Deus! Tem alguma coisa, acho que Deus não dá nada pra gente se a gente não for capaz de fazer; com a ajuda Dele, é claro, e é isso que me faz eu não me arrepender, por outras coisas, mas eu não me arrependo mas mudaria algumas coisas, na minha formação e tudo...mas eu não me arrependo não, porque é o que eu gosto, tenho prazer, me realizo, fico feliz em poder ajudar os meus alunos, em poder mudar alguma coisa na vida deles*".

E o mundo novamente se faz presente, o *mundo próprio*[99] [100] [101]. Este representa a relação que a pessoa estabelece consigo mesma, envolve o pensamento e a transcendência da situação imediata, se ocupa de si mesmo.

E, nessa ocupação, se dá o que Heidegger[102] reconhece como o fato de que o *Dasein* "é chamado a apropriar-se de si mesmo ... que é si próprio podendo escolher-se, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se aparentemente". O exercício da docência propicia que essas mulheres reflitam, a partir de seu fazer laboral, sobre quem são, como se veem, como se deu sua caminhada.

Apesar de na trajetória profissional encontrarem várias dificuldades e conflitos, conseguem perceber a vida docente sob o viés de conseguirem desenvolver um trabalho eficaz e eficiente, permeado por gratidão e, principalmente, não se arrependerem da caminhada trilhada até este momento.

A docência é a expressão, diríamos mesmo a efetivação do *cuidado*. Cuidar do crescimento e desenvolvimento desse outro que está na condição de meu aluno. É poder me possibilitar outro olhar sobre aquele que está em processo de vir-a-ser. Assim, é vivenciar a sensibilidade em relação às necessidades individuais do aluno, como Montessori revelou: *"[...] uma coisa assim que eu tenho levado comigo: é você conhecer o outro, querendo ou não faz parte da vida do nosso aluno, mesmo que você queira "ah ele é meu aluno só na hora.., mas é de realidade, de situações que a gente passa em sala de aula. A gente querendo ou não, a gente entra a vida do aluno e pelo menos eu, eu falo por mim, que a maioria dos professores são assim, e a gente tenta fazer algo; tenta mudar a história dele e a gente com essa convivência toda a gente vê inúmeras situações , inúmeras é situações mesmo: que eles passam muitas vezes de necessidade, de família desestruturada ,de que eles precisam, é como se eles estivessem gritando, pedindo ajuda, uma vez que têm a família totalmente desestruturada mesmo*".

O comprometimento pessoal com o bem-estar do aluno. Independente ao reconhecimento acerca do trabalho que desenvolve e dos revezes que ocorrem no dia a dia docente, desde a responsabilidade dos pais, perpassando alunos e atingindo o docente, como revelou Mantoan: *"[...] será que é só porque eu não sou reconhecida, que eu tenho que fazer um mal trabalho? Eu culpo os pais? Eu culpo os pais também,*

culpo os alunos também...culpo, por eles não terem interesse. Mas eu culpo também o professor, sabe por que? Se eu tô naquela área, se eu tô...por mais que eu não goste, mas eu tenho que ser profissional, eu tenho que procurar, eu tenho que ..se eu tô ali, eles estão esperando de mim, eles estão esperando o melhor de mim, pode ser uma turma de trinta alunos , pode ser...e desses trinta apenas cinco estejam interessados, não importa, mas eles estão esperando alguma coisa de mim ali, então eu não culpo só o governo, eu não culpo só os pais, eu não culpo só os alunos, eu falo porque eu vejo isso né...eu não vou dizer assim... porque tem professor que diz: ah! eu peguei o fulano que não sabe ler! aí culpa o pai por eles se desinteressarem, mas será que é só eles que são culpados? Eu acho que a gente tem que se auto avaliar e ver realmente onde que tá o erro, se é os pais, se é os alunos, ou se é a gente. Eu vejo muito professor desinteressado, eu vejo muitos professores que trabalham não porque gostam, não porque deu profissionalismo dele, mas trabalha pelo dinheiro, apenas pelo dinheiro".

Responsabilidade com as crianças com quem trabalha, a missão do educador: *"[...] porque nós temos um cuidado...porque primeiro que essas crianças são pequenas, eu acredito que quando essa criança ao entrar na escola já é responsabilidade nossa, aí já lá fora já não é nossa, por que? Já são os pais, mas nós requeremos essa responsabilidade ao máximo para nós, porque nós somos responsáveis por elas (Fusari)".*

Holanda[103]; Barreto[104]; Heidegger[105]; Forghieri [106]; Castro[107] compreendem que ser-no-mundo é ser-de-cuidado. No cuidado o *Dasein* expressa sua caminhada. Afinal, cuidar é cuidar de outrem, é ser-no-mundo-com-o-outro. É o que Heidegger[108] ressalta: *Dasein* é ser-com, a *co-presença*, o mundo humano. O mundo das relações se manifesta.

Somos existencialmente ser-com-o-outro. Ser-com é compartilhar, condição ontológica do Ser. A co-existência desvela-se de forma própria, pois é no ser-com o outro que o ser se atualiza, se permite, se possibilita[109]. As participantes ressaltam esta questão fundamental, ao importarem-se com o aluno, ao buscarem realizar da melhor forma seu trabalho docente no sentido deste outro crescer, ir além.

Considerando os discursos, as participantes nesta altura da carreira docente, algumas com anos de experiência, outras nem tanto tempo assim; expressam que esse olhar a própria trajetória, significa compreender que o caminhar valeu a pena ser caminhado, que o trajeto de vida enquanto professoras é pleno de sentidos e de realizações. E nisto, o entendimento de experienciar é caracterizado sob a fácies de paixão, de resultados alcançados, de entrega e de realização.

Dessa forma, expressam nas falas, a paixão pelo ato de ensinar, pelo trabalho que executa e pelos resultados alcançados, como revelou Mantoan: *"[...] eu já não fico perturbadinha quando eu to fazendo a leitura que eles não conseguem ler, mas eu to no trabalho graças a Deus os pais deles assim tão me ajudam dando muito, eu fiz um grupo no WhatsApp, então tudo que acontece na sala de aula eles sabem, todas as atividades que eu passo trabalho, se vai ter avaliação, eu informo eles e eu descobri um método com eles de fazer eles trabalharem com os filhos, eu to destacando no grupo! Olha, essa semana o aluno fulano de tal foi destaque na sala de aula, conseguiu ler, conseguiu resolver as operações. Assim, falo o aluno e ainda dou, falo coisa assim que é pro os outros pais assim poxa só o filho do fulano , e eu to conseguindo porque quando eu passava trabalho pra casa eles não faziam. Depois que eu comecei a fazer isso, os fulanos tal, tão de parabéns, porque trouxeram os trabalhos bonitinhos do jeito que eu pedi mesmo e teve*

um dia que eu me assustei que eu passei um trabalho que era pra fazer na cartolina...não lembro...era educação...sexual uma coisa assim, e eles trouxeram , a minha mesa ficou cheia, geralmente é um ..de trinta e três eram oito que traziam. A minha mesa naquele dia ficou cheia, nossa gente, vocês não sabem como eu to feliz de ver um monte de papel aqui, por que professora? Porque vocês fizeram, ah mamãe que ficou botando...mandando eu...aí já fiquei aaah tá, então...me ajudou, me ajudou um pouco o grupo, nessa questão aí deles, mas eu to trabalhando agora você pode até ver, eu to trabalhando...eu tive que voltar... tô trabalhando multiplicação, eu tô na multiplicação ainda não consegui passar pra divisão porque eles não sabiam, não sabiam, não sabiam, não sabiam mesmo, então hoje eu passei um vídeo sobre multiplicação, era um professor ensinando lá, que só eu falando a minha garganta não aguenta, eu tô vendo, aliás eu tô vendo que tô tendo resultados. Porque eu tanto trabalho aqui, como os pais estão trabalhando em casa... dei tabuada de multiplicação pra todos os alunos e eles estão trabalhando em casa porque eu...assim como eu sou cobrada, como eu falo pra eles gente eu sou cobrada pra alfabetizar os filhos de vocês, e eu vou cobrar vocês. Porque não é só obrigação minha ,e eu cobro mesmo os pais, e esse e essa situação...de eu ...de vezes em quando colocar o aluno falando de tal foi bem, tá mexendo parece com eles, eles querem ver os filhos deles lá sendo destacados pela professora".

A entrega ao ato de ensinar: "*[...] eu penso que nós podemos com as nossas palavras, com nossas ações, nosso agir, podemos mudar um pouco a história dele ...dando uma palavra de incentivo, com carinho, com atenção, e é isso que me estimula é saber que eu faço parte , que eu posso mudar a história daqueles alunos. Hoje eu vejo alunos meus, já adultos já com uma formação muito superior a minha, pra sociedade ...e eu fico muito feliz,*

porque poxa eu fiz parte, muitos vão na minha casa... fala: poxa professora, eu lhe agradeço eu lembro disso, eu lembro daquilo...das suas palavras dos seu incentivo, a motivação mesmo é essa...de ver os nossos alunos caminhando, se encaminhando, buscando uma melhoria de vida e de Deus acima de tudo, que Deus...se não for Deus na nossa vida nos dando força, nos ajudando mesmo, a gente não consegue verdadeiramente (Ferreiro)".

Sente-se realizada por ser professora, como ressalta Soares: *"[...] Como pessoa. Como pessoa mesmo, a minha autoestima aumentou, aumentou a minha autoestima, porque eu já tinha magistério, quando eu cheguei a Manaus, porque eu não sou de Manaus né, e eu já tinha magistério, mas eu cheguei aqui fiquei 12 anos parados pra cuidar dos meus filhos (Soares).* Corroborada pela fala de Fusari: *"[...]é uma ...é uma área que eu quero carregar pro resto da minha vida. Foi opção mesmo... opção".*

A vivência cotidiana imediata é a maneira primordial de existirmos[110]. Compreendemos a nossa existência com um sentimento pré-reflexivo que pode ser de compreendido sob várias nuances. A das participantes é sob o viés do trabalho bem realizado e a sensação de olhar para trás e perceber a dimensão do vivido, do experienciado, sob a égide da realização.

Neste momento, ressaltamos a partir das falas um termo: *sentido*. A docência tem um sentido para estas mulheres. Mas, o que seria o sentido? Ora, Heidegger[111] revela que no processo de vivenciar a cotidianidade imediata, as situações vêm ao nosso encontro. Nesse ínterim – e porque não dizer continuamente – compreendemos e interpretamos as facticidades (situações surpresa), e da interpretação há a indicação do para quê de alguma coisa, e "*o sentido é aquilo que se articula na abertura da compreensão*". Heidegger chama de sentido a

perspectiva segundo a qual algo se torna compreensível, um existencial do *Dasein*. O que Symanski e Szymanski[112] amparadas no pensamento de Critelli, revelam: *"sentido é o mesmo que destino, rumo, a direção do existir"*.

Considerações Finais

A fenomenologia como método científico se propõe a compreender o homem na sua condição existencial a partir da sua cotidianidade, portanto pode ser chamada como a ciência do existir, da possibilidade, já que esta busca interpretar a essência e os contextos nos quais o homem desenvolve as suas experiências.

A escola quanto instituição de ensino ganha a dimensão de espaço sociocultural que se propõe a promover a inclusão minimizando as desigualdades, conflitos e sofrimentos vivenciados nesse espaço. Os professores são os agentes mais atingidos pelas mudanças e transformações ocorridas no seio da mesma, pois são vistos em sua totalidade, e não em suas essências.

Com esse entendimento a fenomenologia pode auxiliar no processo da conquista da autonomia e empoderamento do profissional da educação, nesse espaço, que muitas vezes, rotula e despreza a subjetividade humana.

Ao abrir espaço para as narrativas das professoras que contribuíram para o aprofundamento e discussão da proposta desse trabalho, pude perceber que, embora, no decorrer do percurso da história da educação, embora a ciência de forma tradicional, tenha tentado dar conta de interpretar e explicar os processos educacionais, esta tarefa não tem sido cumprida satisfatoriamente.

Pois o que tem sido observado, é a tentativa de explicar o cotidiano escolar de forma homogeneizada, não observando os seus diferentes contextos e as especificidades dos seus agentes. O que se torna perceptível, é o direcionamento das ações por meio de uma visão generalista de homem, sem a devida atenção para a sua pluralidade de ideias, multiplicidade de pensamentos e possibilidade de vir a ser. Há uma insistência na separação entre o sujeito e suas vivências.

Dessa forma, o professor que cotidianamente lida com os seus conflitos pessoais e institucionais, também é ignorado em seus sofrimentos adquiridos frente a pressão pautada nos moldes tradicionais e coercitivos do ato de ensinar exigidos pela atual política educacional.

Principalmente no que diz respeito ao não-atendimento das suas expectativas, como melhores condições de trabalho, remuneração digna, perda de autonomia, indisciplina escolar, e ausência do compromisso por parte dos responsáveis dos alunos em relação ao seu desenvolvimento e rendimento escolar. Somando-se a isso, a má qualidade de vida que esses fatores desencadeiam.

Para além de observar, fazer parte desse contexto foi uma experiência enriquecedora e ao mesmo tempo inovadora para a minha concepção de ser-com-o-outro-no-mundo, promovendo assim, uma ressignificação do meu olhar que lanço sobre as educadoras em questão.

A priori a concepção que eu tinha do trabalho dessas educadoras era de cunho paliativo. Por meio do discurso apresentado por cada uma delas, eu adquiri outra perspectiva quanto as suas práticas pedagógicas. E isso foi impactante pra mim, pois eu não esperava encontrar tais significados.

Pois em cada discurso, eu pude visualizar suas angústias, suas desesperanças, anseios, mas também as suas possibilidades, seus sonhos, sua paixão e entrega ao ato de ensinar, e o desejo por mudanças que favoreçam a promoção do exercício da cidadania.

Assim sendo, mesmo estando em constante confronto com situações de angústia e sofrimento, as participantes da pesquisa se possibilitaram refletir acerca das relações estabelecidas com o seu cotidiano, e a partir destas, reconheceram a educação como uma experiência profundamente humanizadora, na qual não perderam sua condição existencial como ser de possibilidades, sonhos e transformações.

Referências

BARRETO, C.L.B.T Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Org.). **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. - Rio de Janeiro: Juruá Editora Ltda, 2013, v., p. 27-50.

BORENSTEIN, M. Les soignants et leurs émotions au quotidien - Caregivers and their emotions in their day-to-day work **Soins pédiatrie/Puériculture.** Vol 39 - N° 304 P. 10-12 - septembre 2018, Doi : 10.1016/j.spp.2018.07.002

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

HOLANDA, A.F. **Fenomenologia e Humanismo:** reflexões necessárias – Curitiba : Juruá, 2014, 232 p.

LA TORRE, G., *et al.* Definition, symptoms and risk of techno-stress: a systematic review. **Int Arch Occup Environ Health** 92, 13–35, 2019. Doi: https://doi.org/10.1007/s00420-018-1352.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de Angústia**. São Paulo: Vozes, 2013.

NAGHIEH, A.; MONTGOMERY, P.; BONELL, C.P.; THOMPSON, M. & ABER, J.L. Organisational interventions for improving wellbeing and reducing work-related stress in teachers. **Cochrane Database of Systematic Reviews** 2015, Issue 4. Art. No.: CD010306. DOI: 10.1002/14651858.CD010306.pub2.

PEREIRA, D.G. & CASTRO, E.H.B. Vivência do paradoxo prazer e sofrimento na escola: ser-docente In: CASTRO, E.H.B. **Prática de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica** – Curitiba : Appris, 2019, p. 131-144

RIETHOF, Norbert et al. Burnout Syndrome, Mental Splitting and Depression in Female Health Care Professionals. Med Sci Monit 2019; 25:5237-5240 DOI: 10.12659/MSM.915360

SZYMANSKI, H.; SZYMANSKI, L. Repercussões do pensamento fenomenológico nas práticas psicoeducativas In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Org.) **Prática Psicológica na**

Perspectiva Fenomenológica. – 1 ed. - Rio de Janeiro: Editora: Juruá Editora Ltda, 2013, v. , p. 51-76.

YU, J. *et al.* Professional self-concept and burnout among medical school faculty in South Korea: a cross-sectional study. **BMC Med Educ** 19, 248 (2019). https://doi.org/10.1186/s12909-019-1682-z

---

81 KIERKEGAARD, S. **O conceito de Angústia**. São Paulo: Vozes:, 2013.

82 PEREIRA, D.G. & CASTRO, E.H.B. Vivência do paradoxo prazer e sofrimento na escola: ser-docente In: CASTRO, E.H.B. Prática de Pesquisa em Psicologia Fenomenológica – Curitiba : Appris, 2019, p. 131-144

83 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 188.

84 IBIDEM

85 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011

86 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

87 HOLANDA, A.F. **Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias** – Curitiba : Juruá, 2014, 232 p.

88 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013 p. 188.

89 BARRETO, C.L.B.T Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Org.). **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. - Rio de Janeiro: Juruá Editora Ltda, 2013, v., p. 27-50, p.40

90 BORENSTEIN, M. Les soignants et leurs émotions au quotidien - Caregivers and their emotions in their day-to-day work **Soins pédiatrie/Puériculture**. Vol 39 - N° 304 P. 10-12 - septembre 2018, Doi : 10.1016/j.spp.2018.07.002

91 RIETHOF, Norbert et al. Burnout Syndrome, Mental Splitting and Depression in Female Health Care Professionals. **Med Sci Monit** 2019; 25:5237-5240 DOI: 10.12659/MSM.915360

92 LA TORRE, G., et al. Definition, symptoms and risk of techno-stress: a systematic review. **Int Arch Occup Environ Health** 92, 13–35, 2019. Doi: https://doi.org/10.1007/s00420-018-1352.

93 YU, Jon et al. Professional self-concept and burnout among medical school faculty in South Korea: a cross-sectional study. **BMC Med Educ** 19, 248 (2019). https://doi.org/10.1186/s12909-019-1682-z

94 NAGHIEH, A.; MONTGOMERY, P.; BONELL, C.P.; THOMPSON, M. & ABER, J.L. Organisational interventions for improving wellbeing and reducing work-related stress in teachers. **Cochrane Database of Systematic Reviews** 2015, Issue 4. Art. No.: CD010306. DOI: 10.1002/14651858.CD010306.pub2.

95 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

96 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011

97 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

98 SZYMANSKI, H.; SZYMANSKI, L. Repercussões do pensamento fenomenológico nas práticas psicoeducativas In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Org.) **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. 1ed.Rio de Janeiro: Editora: Juruá Editora Ltda, 2013, v. , p. 51-76.

99 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

100 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011

101 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

102 Ibidem, p. 78

103 HOLANDA, A.F. **Fenomenologia e Humanismo:** reflexões necessárias – Curitiba : Juruá, 2014, 232 p.

104 BARRETO, C.L.B.T Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Org.). **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. - Rio de Janeiro: Juruá Editora Ltda, 2013, v., p. 27-50.

105 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

106 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

107 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

108 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

109 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

110 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

111 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo.** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

112 SZYMANSKI, H.; SZYMANSKI, L. Repercussões do pensamento fenomenológico nas práticas psicoeducativas In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Org.) **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. – 1 ed. - Rio de Janeiro: Editora: Juruá Editora Ltda, 2013, v. , p. 51-76, p.70.

O "ser-no-mundo",estrangeiro de si mesmo: significados e sentidos de suas viagens

Lídia Moura Franco da Costa
Ewerton Helder Bentes de Castro

Pré-reflexões

O campo de pesquisa e atuação da Psicologia tem se ampliado cada vez mais, abrangendo diversas áreas. Especialmente por ser um campo da ciência que tem como objeto de estudo o homem, a psique e comportamentos, a Psicologia pode se expandir a qualquer temática que envolva o homem. Em outras palavras, qualquer tema que implique o indivíduo e as vicissitudes de sua subjetividade compõem um ótimo terreno para a pesquisa e atuação da Psicologia. Considerando ainda, a recente inserção da mesma como área científica, sabe-se que a tendência é o contínuo crescimento e atualização desta, inclusive nas áreas, fenômenos e/ou fatos que ainda não há estudos, no que concerne ao âmbito da Psicologia.

Assim, esta pesquisa irá evidenciar um desses fenômenos, o 'viajar', quais os sentidos e significados da(s) viagem(s) para viajantes independentes. A temática abordada nesta surgiu através das minhas experiências com o Couchsurfing (que pode ser traduzido para o português como "Surfando entre sofás"), uma rede social voltada para viajantes, onde pude conhecer alguns viajantes independentes que estavam viajando há mais de seis meses mundo afora e pude notar muitas semelhanças nos seus discursos referentes às suas motivações e também pelas experiências que vivenciavam durante suas viagens. Como sempre fui curiosa e tinha um grande interesse em viajar, gosto que adquiri com minha família, e ainda considerando o destaque deste tipo de viagens nas mídias, comecei a questionar quais seriam os sentidos e significados dessa experiência de se desprender da sua rotina para se aventurar em conhecer e viajar pelo mundo por períodos longos e que fatores influenciaram na decisão de ir e conhecer o mundo de forma não convencional. Foi então, que decidi o quão rico seria compreender o homem através das suas viagens, esse ser, que é um ser-no-mundo, um eterno vir-a-ser, e que é um 'ser' tão atual, fruto da pós-modernidade.

Após uma breve pesquisa em busca de referenciais teóricos que tratassem do assunto, percebi a necessidade de estudos que abordassem o tema, principalmente no que concerne aos estudos da Psicologia, uma vez que esta trata diretamente dos fenômenos que acometem o ser-humano, enquanto ser-no-mundo. Motivada a compreender os significados e sentidos do homem moderno como ser-no-mundo e enquanto viajante do mundo, é que desenvolvi esta pesquisa pioneira, visto que há poucas literaturas a respeito.

Sendo assim, esta pesquisa se propôs a compreender, sob à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial, os significados e sentidos do viajar para pessoas que decidiram viajar pelo mundo, de forma independente, e que se utilizam da rede *couchsurfing* para isso, assim como investigar quais fatores influenciaram essa decisão e quais aspectos dessa decisão estão relacionados ao seu modo-de-ser.

Ressalta-se que a temática desta pesquisa é de extrema importância e relevância, por se tratar de um dos fenômenos atuais mais notáveis, desde o século passado, principalmente com o crescimento acelerado de meios e recursos referentes à este, como por exemplo a rede Couchsurfing. Sendo os viajantes independentes um dos modelos mais genuínos da sociedade pós-moderna, e considerando a escassez de literaturas que tratam sobre esta temática, esta pesquisa, se apresenta como pioneira e pretende, portanto, suscitar maior interesse e estimular novas pesquisas e estudos referentes à temática em questão, especialmente no âmbito da Psicologia.

O estudo que será apresentado foi realizado com dois viajantes independentes que se encontravam na cidade de Manaus-AM, durante suas viagens pelo mundo.

Re-vendo conceitos,redimensionando o temaViagem como fenômeno

Sendo um fenômeno social que ganhou grande destaque no século XX, a viagem pode ser caracterizada, de acordo com Avena e Burnham[113], como

> um caminho a percorrer externa e internamente. Realizar uma viagem, ir, se transportar no tempo e no espaço, ir a diferentes lugares, ver um país, estabelecer contato com

> uma cultura diferente da sua e com os sujeitos nela inseridos, com seus hábitos e costumes, são algumas das possibilidades deste movimento pelo tempo e pelo espaço.

Assim, 'viajar' abarca diversos significados e sentidos: descobrir, explorar, conhecer, podendo ainda ser considerada com um movimento repleto de complexidades, capaz de modificar o olhar do viajante em relação às imagens e representações sobre um lugar, sua cultura e sua população[114] [115].

O viajante é o elemento central da viagem, o qual é o outro (sujeito-viajante) que em contato com o outro (sujeito-habitante local) realiza trocas diversas[116], cuja alteridade existente na relação desses dois sujeitos pode posteriormente transformar-se de estranheza, num primeiro momento, para acolhimento, posteriormente.

A viagem é um locus social, que pode ser considerada como um espaço de aprendizagem, onde a construção de conhecimento se dá através de diversas informações com valores agregados que são disponibilizadas aos sujeitos envolvidos nesse processo. Ainda segundo os mesmos autores, as relações oriundas da viagem afetam os sujeitos envolvidos, transformando-os, reconstruindo suas visões, percepções e significados. "A viagem é uma atividade, um deslocamento no tempo e no espaço, em que estão presentes multivariados elementos que a fazem complexa e plena de sentidos para quem as realiza"[117]. Portanto, a viagem carrega em si saberes e fazeres dos mais diversos sujeitos, se tornando um canal privilegiado de difusão de intercâmbio e conhecimento.

Significados e sentidos de ser viajante

Os mochileiros ou *backpackers*, são caracterizados por realizarem um estilo de viagem independente, espontâneo e econômico, enfatizando que além da questão do planejamento pessoal, estes viajantes optam por recursos mais econômicos para aproveitarem um período mais longo de viagem, sem planos rígidos.

Um estudo mais quantitativo e técnico desses tipos de viajantes pode caracterizá-los como viajantes que querem ter independência para escolher quais atrativos serão visitados, o tempo de permanência em cada local, os meios de locomoção e hospedagem a serem utilizados, e que objetivam conhecer o maior número possível de destinos e obter um aprendizado mais real e profundo sobre as culturas desses locais.

Referente às principais motivações destes viajantes, as quais estão sempre ligadas à busca de experiências, destaca-se a satisfação de desejos internos e individuais, busca do crescimento pessoal, proporcionado pela aprendizagem por meio da exposição, autonomia no processo decisório e intenso relacionamento com outras pessoas[118]. Por isso, esse estilo de viagem é interpretado pela autora como uma oportunidade de exercitar a criatividade e gerar um domínio sobre si mesmo e sobre o ambiente em que se está viajando.

Algumas questões sociais e culturais que podem ter influenciado as pessoas a viajarem de forma independente pelo mundo foram os avanços tecnológicos e o aumento de tempo livre para lazer, o que possibilitou que um número cada vez maior de indivíduos realizassem suas viagens, de forma completamente independente, seja no planejamento e escolha dos locais, meios de transporte e hospedagem, custos e passeios, dentre outros[119]. Esta mesma autora ressalta que o número de viagens internacionais realizadas em todo o mundo cresceu consideravelmente

nesses últimos 50 anos, devido à maior facilidade de acesso às viagens, assim como a valorização das atividades ligadas ao lazer, às artes, às culturas e também devido às mudanças econômicas.

Uma das principais características dessa nova geração moderna, da qual os viajantes independentes fazem parte, é que junto com o avanço das tecnologias surgiram-se maiores expectativas e concomitantemente serviços cada vez mais personalizados e singulares[120]. A realidade vivida e percebida por esses viajantes, de acordo com a mesma autora, está sempre repleta de expectativas, onde os objetos observados parecem mais reais e autênticos do que o original, e por isso acabam se transformando em objetos hiper-reais.

A autora também postula que a pós-modernidade, marcada por recriações e reproduções, está sempre em busca de incutir valor nas sensações ocasionadas por determinados objetos, mais do que já originalmente existe, ou seja, uma busca pelo valor mais intensificado do que o próprio valor real do objeto. Então, o que leva esses sujeitos da pós-modernidade a buscarem sempre mais? De estarem sempre em busca de extrair o máximo possível de suas experiências, não estando mais satisfeitos com o que simplesmente é? A realidade que as diversas vias e formas de comunicação e artes visuais representam é demasiadamente exagerada, estando muito além da própria realidade. Um ótimo exemplo disso são as ficções apresentadas nos filmes, como "Avatar", "Alice no país das maravilhas", tudo no cinema é representado de uma forma surreal, hiper-real, ou até mesmo muitos recursos que possibilitam que simples fotografias possam ganhar mais cores, mais vida, parecerem mais do que realmente são.

A compreensão do homem pós-moderno enquanto viajante através de estudos ou buscar as razões que levam esse sujeito a viajar e descobrir como as viagens "influem na vida e no comportamento do homem são questões importantes que ainda não foram abordadas em muitos estudos"[121]. Estes mesmos autores, trazem a importância de se realizarem mais estudos a respeito dos viajantes pós-moderno, uma vez que estes são um dos melhores modelos disponíveis do homem-moderno-em-geral, ou seja, o viajante, retratado pelos autores como turista, mas destacado nesta pesquisa como viajante é uma das representações mais ricas e importantes do homem pós-moderno.

A sociedade moderna é caracterizada também pela concepção de tempo que é interpretado como uma dualidade (tempo de trabalho e tempo livre/tempo de lazer), onde o trabalho se opõe ao lazer. Sendo a viagem considerada uma forma de lazer, esta pode ser também considerada como o oposto ao trabalho.

Dentre os benefícios que a viagem pode trazer estão inclusos: permitir uma vida melhor, cura, combate ao stress cotidiano, possibilidade de vivenciar experiências únicas, educação e modificação da percepção de vida do viajante. Ainda segundo os mesmos autores, a viagem propicia conhecimento. Sendo assim, o homem deve viajar no mínimo uma vez por ano para lugares nunca visitados, uma vez que o viajante busca em sua experiência de viagem uma compreensão do mundo e de sua própria existência.

Os mesmos autores apresentam o termo errância que pode significar uma relação diferente com o outro e com o mundo, a qual é resultado da aspiração de um 'outro lugar', porque aquele em que se vive não consegue satisfazer às questões habituais ou dar as repostas

procuradas. Este tipo de atitude pode ser visto como perigo, pois desconfia-se daquilo que é errante; vagar sem destino é um perigo e é também um ato de resistência, uma espécie de protesto contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção[122]. Esta errância também significa mobilidade, que envolve o elemento: aventura. A aventura da existência abrange experiências das mais diversas formas, vividas em tempo real e coletivamente por meio da internet e dos demais meios de comunicação em rede, e também das deslocações geográficas.

A viagem está na moda, mas ela significa expor-se, arriscar-se à alteridade, à novidade, ao estrangeiro, ao incomum e ao incomensurável. É a busca do não lugar, do prazer, e a insatisfação do outro lado é o motor da errância, em "busca de um outro prazer, o desejo de um outro estado das coisas, pois o vivido não satisfaz"[123].

A procura da identidade tem um sentido especial: a história de cada um é traçada pelos lugares por onde passou. Por isso o percurso da viagem também tem seu valor, é prazeroso passar por ele. O viajante procura, busca, interroga, mas respeita. E nessa busca do mundo, procura a si mesmo: busca sua identidade, em outras palavras, seu modo de ser.

Pertencer ao grupo, ao lugar, faz parte de uma das principais formas de ter identidade, de ser, e para o viajante, a sua identidade está composta em não ter casa, em estar no mundo. Aqui se percebe um conflito, pois a identidade do viajante é não ter identidade, é se desfazer da sua identidade, é se desfazer, é ir, estar em movimento, é um processo de desenraizamento, que permite ao viajante abrir caminhos, se redescobrir, se recriar.

No entanto, este pertencer da identidade só tem sentido se houver um polo de repulsa. Desta forma, as identidades dos viajantes são colocadas à prova quando estas se deparam com a diversidade de outras culturas e de outras identidades. Pois na tese mais tradicional da antropologia sobre a diferença, os grupos conhecem sua identidade quando são contrastados com outros, de modos de vida diferentes[124]. Sendo assim, a viagem pode exercer uma função fortalecedora das culturas, pois ao se refletir no outro o viajante pode reforçar sua cultura e vice-versa. Porém, esse fortalecimento só ocorre se nessa relação construtora e reforçadora de identidades existir o estrangeiro, como este outro, caracterizado pela sua alteridade.

O viajante afeta a comunidade local como esta também é afetada pelo viajante. Os viajantes, são aqueles que vêm do nada e partem para lugar nenhum, não tem nome nem história. Aparece apenas para tudo mudar e então partir novamente. Há três fases, segundo os autores que ritualizam a chegada dos estrangeiros nas comunidades locais: o primeiro contato, a apresentação dos cômodos ao viajante e os ritos de agregação para que este se familiarize. Os autores citam também os ritos de separação os quais permitem que o viajante volte para seu lugar de origem sem que tenha se transformado tanto no outro e sem que perca sua ligação com sua sociedade, ou seja, há uma cisão. Vale ressaltar que mesmo o viajante sendo este outro, diferente, estranho (estrangeiro) ele também é acolhido pelos indivíduos locais.

Uma das características principais destes tipos de viagens independentes é a aventura, conforme já citado anteriormente, que é uma experiência desconexa do fluxo normal da vida, e que apesar de ser onírica, é real. Esta tem a vantagem de ser um momento fora do tempo e

espaço cotidiano, o que aumenta as chances de ocorrência da mesma. Outro elemento importante é a curiosidade, que provoca a sensação de aventura e adrenalina necessária para ir cada vez mais em frente, ninguém é viajante se não for curioso. Há uma troca de sentidos na experiência de viajar, pois o que é passageiro (a própria viagem) se torna presente e o cotidiano (o que é fixo, a vida real do viajante) está em suspensão, cujo intervalo dessa experiência se dá no espaço e no tempo[125].

O estrangeiro exerce um papel fundamental na dinâmica das interações sociais da viagem, pois este é o intermediário com a exterioridade, é a própria alteridade, é um ser estranho à existência, mas que também está ligado ao seu centro.

A experiência da viagem é de suma importância para o homem, pois se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e da identidade. A viagem é uma necessidade transformadora. Os relatos de viagem e a literatura sobre viagens criam e reforçam a ideia da viagem como ação humana importante para a formação do homem.

Identidade do ser-viajante

Acerca da identidade do sujeito durante a(s) viagem(s) pode ocorrer algumas mudanças significativas como a expatriação e transições culturais. Sobre este fenômeno de aculturação, pode-se dizer que:

> Trata-se da intrusão de novas e, às vezes, conflitantes auto identidades que o indivíduo encontra quando encontra um Outro culturalmente diferente. As relações conturbadas com o Outro e as ambiguidades comportamentais filtram-se em última instância a uma relação conturbada com o eu. Essas relações difíceis afetam a capacidade do indivíduo de se apoiar em auto-identidades reconhecíveis e consistentes. A sensação de "coisa

> errada" não é mais sobre ambiguidades com o Outro ou ambiguidades comportamentais, e sim sobre ambiguidades com o eu[126].

O conflito da identidade dos expatriados é caracterizado pelas "dificuldades em conciliar demandas de comportamento conflitantes entre si", e "que levam o indivíduo a não poder mais agir de forma condizente com os seus valores e princípios básicos". Um relato de um dos mais famosos viajantes pode descrever um pouco do impacto dessas transições culturais na identidade do viajante que a vivencia:

> A pessoa que tomou estas notas morreu no dia em que pisou novamente o solo argentino. A pessoa que está agora reorganizando e polindo estas mesmas notas, eu, não sou mais eu, pelo menos não sou o mesmo que era antes. Esse vagar sem rumo pelos caminhos de nossa Maiúscula América me transformou mais do que me dei conta"[127].

A rede Couchsurfing

Graças ao advento da internet, o turismo tornou-se uma atividade que ocorre em 'redes', as quais os viajantes independentes se utilizam bastante durante suas viagens[128]. Sendo assim, esta pesquisa se utilizou da rede Couchsurfing que é uma das principais redes sociais que possibilita intercâmbio de hospedagem.

Estas redes se caracterizam por ser uma forma gratuita de hospedagem, que podem ser definidas como redes, onde os internautas se dispõem a hospedar turistas em suas próprias casas, sem nenhum encargo financeiro. Além da gratuidade, outro benefício deste meio de hospedagem é que esta se dá na casa de um habitante do local visitado, o qual "poderá mostrar melhor os hábitos da comunidade local, [...] não restringindo assim a viagem à mera observação de monumentos e locais turísticos"[129].

Escolheu-se a rede *couchsurfing* por ser a mais expressiva em número de usuários, (atualmente com 7 milhões de mais de 100.000 cidades), e que conta também com cerca de 10 mil cadastros por mês. E é justamente este crescimento acelerado dela que sugere a sua importância atual. O nome *couchsurfing* pode ser traduzido como surfando entre sofás, expressão bastante utilizada pelos usuários que se hospedam na casa de outros usuários. Outro termo bastante utilizado na rede para se referir a um dos usuários dela é "couchsurfer".

A rede *couchsurfing* teve sua versão beta lançada em janeiro de 2003 e, um ano depois, foi lançada sua versão 1.0, a qual é mantida principalmente através do site www.couchsurfing.org. O projeto *couchsurfing* busca conectar pessoas de diversos países com o objetivo comum de compartilhar experiências. A proposta da rede é oferecer intercâmbio de hospitalidade através do mundo de forma gratuita. A ideia é que, por meio de uma rede social (Couchsurfing), usuários possam interagir com pessoas de diversos países[130].

Além de Casey, Daniel Hoffer, também americano, Sebastian Le Tuan, francês, e Leonardo Bassani da Silveira, brasileiro, foram responsáveis pela fundação do projeto, em 2004, a ideia de que pessoas de qualquer lugar gostariam de compartilhar suas casas com estranhos surgiu após um e-mail enviado a um grupo de estudantes na Islândia. No site da rede, há uma breve descrição da visão do projeto: "*Nós visionamos um mundo melhor através de viagens e viagens mais ricas através das conexões. Couchsurfers compartilham suas vidas com as pessoas que eles encontram, promovendo intercâmbio cultural e mútuo respeito*"[131]. Portanto, a objetivo da rede é conectar os viajantes com uma rede global de pessoas que desejam compartilhar de maneira profunda e

significativa, tornando viajar uma experiência verdadeiramente social, sendo alguns dos valores desta rede: compartilhar sua vida, criar conexões, praticar a bondade, permanecer curioso e deixar as coisas melhor do que como você encontrou.

Ao permitir que viajantes de diferentes localidades se conectem, é possível aos usuários conhecer de perto a cultura dos locais que estão visitando, bem como economizar na estadia[132]. Uma vez cadastrado no site, o usuário poderá participar realizando pelo menos uma das seguintes atividades:

> a) oferecer hospedagem na sua própria casa para outro viajante;
> b) se oferecer para fazer um passeio para apresentar sua cidade ao viajante que está visitando sua cidade;
> c) se hospedar na casa de outro usuário;
> d) fazer passeios com outros usuários nas suas cidades locais;
> e) participar dos eventos realizados por grupos de usuários da rede;

A rede *couchsurfing*,

Sendo assim, esta rede permite aos usuários compartilharem suas experiências, interagirem com pessoas de todo o mundo, assim como realizarem o intercâmbio de culturas e idiomas.

Compreendendo o ser-no-mundo-viajante

A partir deste momento, expressam o que sentem a respeito de suas viagens e consequentemente do viajar, assim como a forma pela qual se percebem enquanto ser-no-mundo viajante. Destaca-se que apesar dos conteúdos variados que foram expostos, visto a riqueza e complexidade do fenômeno pesquisado, esta análise irá evidenciar e discutir apenas aqueles concernentes aos sentidos, significados e ressignificações desta(s) viagem(s) para os viajantes, assim como sua experiência de ser-no-mundo-viajante.

Para melhor compreensão ou mesmo apresentação dos participantes, segue uma breve apresentação de cada um. A primeira entrevista foi realizada com um espanhol de Bilbao, 30 anos, formado em Engenharia Robótica, mas que atualmente trabalha como professor de Ciências no campo, onde vive numa grande casa com vários amigos. Viajou pelo mundo por 17 meses. Começou pela Venezuela, depois viajou para o Japão, China e sudoeste da Ásia, Mongólia e outros países, terminando em Istan, uma pequena cidade da Espanha. Viajou ainda para alguns países 'ex-soviéticos', Afeganistão, norte do Iraque e depois voltou para o Oriente Médio. Já viajou por toda a América Latina, do Chile à Califórnia. No total, já visitou cerca de 90 países, se utilizando sempre da rede *Couchsurfing* em suas viagens.

Já a segunda entrevista foi realizada com um francês parisiense de 27 anos, auto empreendedor, que mora em Paris, mas tem parentes na Guiana Francesa, onde está realizando um projeto para abrir uma empresa junto com seu pai. Viajou pelos seguintes lugares, também se utilizando do *Couchsurfing,* durante o período de maio 2012 até os dias de hoje: Inglaterra, Espanha, Alemanha, Suécia, Marrocos, Turquia, Líbano, Egito, Senegal, Gâmbia, Camarões, Quênia, África do Sul, Tailândia, Vietnã, Myanmar, Camboja, Estados Unidos da América, Canadá, México, Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Peru, Bolívia, Argentina, Brasil, Guiana Francesa, França, Itália e Suíça.

Para entender melhor sobre como se deu o processo de construção do ser-viajante, é necessário conhecer quais foram suas motivações, que fatores influenciaram para que os viajantes decidissem viajar por um período tão longo, de forma independente.

Uma das principais motivações e razões pelas quais os viajantes decidem viajar é a busca por experiências, seja para a satisfação de desejos pessoais e individuais e/ou busca pelo crescimento pessoal, o qual pode ser proporcionado pela aprendizagem através da exposição, autonomia no processo decisório e intenso relacionamento com outras pessoas e outras realidades[133]. Corroborando com esta acepção nos disse Aventurier: *"Então, você sai daqueles planos solitários e fala com as pessoas, acha as coisas do seu próprio jeito [...] é se colocar em situações de viver surpresas."*

Ambos os participantes afirmaram que o principal motivo pelo qual decidiram viajar foi a insatisfação pela vida que levavam, a sensação de quererem mudar, e também o desejo de conhecer o mundo, como expressa Aventurier*: "Eu estava esperando viver coisas loucas" "eu tinha a estranha impressão de estar perdendo minha própria vida [...] Porque você não vive sua vida perdendo-a, você simplesmente vive e isso é tudo"*. Fenômeno asseverado por Maestro: *"eu queria conhecer gente [...] Desde pequeno gostava sempre de conhecer tudo. Foi um momento da minha vida que [...] eu disse "vamos voar" e comecei a voar."*

A busca pelo crescimento pessoal e a busca de si também foram percebidas nas falas dos participantes, onde estes esclareceram que suas viagens representam uma forma de se (re) descobrirem. Assim, a princípio, esta busca de si é revelada de forma muito pessoal e introspectiva, durante as viagens, fazendo desta um momento constante de reflexão para os viajantes: *"Uma das razões de eu ter saído era mudar meu modo de vida como eu lhe disse, que quer dizer mudar tudo, no momento. Dentro de mim eu sabia que eu faria um novo tipo de trabalho, mas não sabia qual. Então eu tive que procurar isso em mim mesmo. Achar*

minhas motivações, para descobrir. E é por isso que eu tive que ficar sozinho, porque, eu lhe disse, não é discutindo com pessoas que um dia você vai descobrir o seu trabalho. É entender quem você é dentro de você e então você diz ok, esse sou eu, o trabalho que serve para mim é esse, ninguém mais irá me dizer o que eu devo fazer ou onde devo ir" (Aventurier).

Para poder se 'encontrar', se descobrir e então reconhecer sua própria identidade, o homem, estando sempre na condição de vir-a-ser, busca certezas através de suas experiências. Para isso, este se desprende de tudo que lhe é familiar, se colocando em situações e cenários distintos de sua realidade. A busca pela compreensão do mundo, que também é percebida na fala dos participantes, é entendida como uma forma de compreender sua própria existência. A necessidade de sair da sua zona de conforto conota ao fato de que este viajante passa a se perceber como agente de seus próprios desvios, e com isso surge uma sensação de se recuperar um (*novo*) sentido para 'ser', de reconstruir ligações com o mundo, consigo e com os outros*: "o que me motivou profundamente é que eu precisava sair do meu enquadramento, eu estava esperando viver coisas loucas. Algo que realmente me tirasse da minha zona de conforto inicial" (Aventurier).*

Aqui surge a angústia, que se dá como a compreensão de que está faltando algo, e é esta experiência de vazio que incita o ser-viajante a se apropriar para então poder 'ser' quem propriamente pode ser. No entanto, esta apropriação na verdade é sempre uma "uma projeção pouco definida, mas decisiva, que está à sua frente"[134]. Pois este, conforme já citado anteriormente, encontra-se sempre na condição de vir-a-ser, como ressalta Aventurier: "*Eu estava em algum tipo de atividade*

muito espiritual e num modo de vida nada ativo, muito básico e eu queria ser um pouco mais ativo."

Temporalidade: percepções e vivências do tempo

Em relação à temporalidade, o viajante tende a pensar somente no momento presente, não se pre-ocupando[135] com o que poderá acontecer amanhã ou nos dias seguintes. Suas prioridades se modificam. Se antes suas prioridades eram a duração da viagem, o quanto deveriam e podiam gastar, que lugares iriam visitar, que atividades tinham que fazer, agora, primam apenas nas coisas mais simples, como se se têm o que comer ou onde dormir: *"Se você pensar em dois anos é difícil, mas se pensar por cada dia é fácil. E só se preocupa o que você tem que comer e onde dormir [...] Então é fácil" (Maestro).*

Temporalizar consiste em experienciar o tempo, pois este é o fundamento básico da existência humana. Em nosso existir cotidiano o tempo é vivenciado como uma totalidade, porém o tempo humano não se assimila à ordem linear do tempo físico[136]. Uma vez que estão em realidades distintas de sua própria realidade, preocupações com o trabalho e outras responsabilidades profissionais ou qualquer situação que lhes remete à sua rotina de vida anterior são deixadas de lado para vivenciarem intensamente o presente, pois o tempo vivenciado nas viagens é um tempo diferente do que fora e é vivenciado em sua rotina (vida que os viajantes deixaram ao viajar pelo mundo): *"E quando passei a viajar era viver sem tempo e sem dinheiro [...] As pessoas ficam ridículas por dinheiro" (Maestro).* Como nos falou Aventurier: *"Gente, eu não vou nunca mais voltar a rotina de vida que eu tinha antes, nunca mais vou voltar a isso".*

“Quando eu estou viajando, eu realmente me sinto livre” (Aventurier).

Acerca dos sentidos e significados atribuídos ao ser-no-mundo viajante, é nítido na fala dos participantes que viajar é algo libertador e que os faz se sentirem felizes. Enquanto viajante, o ser-no-mundo encontra-se num estado de encanto, marcado pelas ‘surpresas’ e ‘aventuras’ que surgem nos seus caminhos: Maestro expressa “E me mudou totalmente porque eu queria sorrir, estar tranquilo, não ter nada a se preocupar como trabalho, de não querer estar trabalhando, queria viver, queria estar tranquilo e feliz”. Aventurier, por sua vez, declara: “*Eu me senti um herói quando estava fazendo isso pela primeira vez. Eu estava no oposto de um estilo de vida passivo*”.

Esse encanto pela novidade, pelas aventuras, pelo incomum, pelo diferente, à alteridade é algo comum ao viajante. Principalmente por estar vivenciando situações completamente distintas de sua realidade, o viajante experiencia as realidades que lhe são apresentadas durante suas viagens como algo extremamente atraente. Neste momento, não há resistência em relação ao que é desconhecido, na verdade, é prazeroso para estes vivenciarem experiências inesperadas, tanto, que estão sempre em busca de mais: “*Era como se eu estivesse vivendo o topo da minha vida. Mas você não pode parar uma coisa dessas. Quer dizer, essa energia, esse dinamismo tende a continuar.” (Aventurier).*

Esta aventura, que apesar de onírica, é real, é uma das principais características deste tipo de viagem, que se caracteriza por ser uma experiência desconexa do fluxo normal da vida.

Tempo de trabalho versus tempo de lazer

Para Figueiredo e Ruschmann[137], o tempo é interpretado com uma dualidade, onde o trabalho se opõe ao lazer. No caso em questão, o fenômeno estudado nesta pesquisa se manifesta como 'tempo de lazer', o que de certa forma causa um desconforto para os participantes. Pois viver um longo período de tempo apenas voltado para o lazer não corresponde ao 'padrão' da sociedade moderna, onde o capital ainda desempenha um papel notável. Isto pode ser percebido como um ato de resistência, *"uma espécie de protesto contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção"*[138] . E por isso há um sentimento de estranheza, a princípio: *"Quando eu comecei eu estava me sentindo culpado porque eu não estava trabalhando" (Aventurier)*

No entanto, logo essa estranheza, desconforto e culpa se vão dando espaço ao oposto disto: a realização. Como uma forma de superar este conflito, os viajantes criam formas de 'trabalho' durante suas viagens, cada um de acordo com sua intencionalidade[139]: *"Porque eu tinha que ter a impressão de estava administrando a mim mesmo. Eu tive a impressão de que administrando minha viagem, eu me sentiria menos culpado por isso."* (Aventurier). Também constatado na fala de Maestro: *"Eu queria focar nas crianças e curar as pessoas. Fazer terapia, curas, ensinar às pessoas que fiquem calmas. Ficar três dias sem movimento é a melhor terapia na cidade. Sorrir, cantar, pular, o que faz uma criança ser maior".*

Como por exemplo, o participante Aventurier, que encontrou na escrita uma maneira de compensar esse tempo de lazer, como forma de trabalho: *"Eu sempre tive interesse em escrever, mas eu escrevia para mim mesmo. Então, eu decidi escrever todo dia num blog de viagem. Então, fazendo isso eu posso dizer que eu aprendi a escrever para os outros. Que é algo muito especial entre se expressar e encontrar uma demanda. [...] Eu*

mudei essa implicação entre tentar achar um equilíbrio entre me expressar e encontrar uma demanda, foi muito forte na forma e o estilo, o conteúdo e estilo do que eu escrevia [...] Então, eu estava muito feliz com essas mudanças na minha forma de escrever, porque isso me ajudou a ter um conteúdo amplo e um estilo mais definido." Maestro, lança seu olhar para possibilidades*: "Depois de viajar eu queria ser professor de crianças pequenas [...] Eles serão o mundo que virá."*.

Ser-viajante: ser livre

A liberdade sentida pelos participantes é enfatizada pelas diversas possibilidades que são expostas a eles, pois estes não estão mais limitados a meros passeios turísticos já pré-estabelecidos ou a normas e/ou costumes. Como viajante independente, o ser-no-mundo se vê repleto de escolhas, que lhe permitem ser o mais autônomo possível: *"Mas, em todos os casos, eu iria me sentir livre para fazer isso e isso é muito importante [...] quando eu estou viajando eu sempre, sempre tento ser o mais autônomo que eu posso*" (Aventurier).

O cuidado consigo também sofre alterações. Ao se depararem com situações diversas, os viajantes se mostram bastante flexíveis, se adaptando a estas. Como um dos modos de se cuidar de existir são os estados de ânimo, onde se sinaliza se existimos tomando nas mãos nossa própria existência, ou deixando que os outros se encarreguem disso, questiona-se então, em que sentido estes viajantes existem? "Própria ou impropriamente [modos ontológicos do cuidar]"?[140]. No discurso de Aventurier percebe-se que o 'viajar' lhe permite se apropriar de seu modo de cuidar de si: *"Eu só não quero mais fazer isso. Então, eu não digo que eu vou ser um viajante. Eu estou realmente dizendo que eu vou ser um*

*aventureiro. Agora eu estou dizendo: eu não vou mais ter um chefe para variar. Então o dia que vocês me virem tendo um chefe, é porque meus pés não estão mais no chão [...] eu simplesmente não vou mais ter um chefe. Eu sou livre demais para isso. Então, é um estilo de vida agora [risos] n*ão é mais uma viagem. Eu posso descrever os significados da minha última viagem que é o nome do meu blog: faça da sua vida uma aventura."

Nesta fala de Aventurier, a aventura surge mais uma vez, mas agora como uma mudança significativa na forma pela qual este percebe e vivencia sua vida. Por toda a sua vida, o homem aprende a ser impessoal, pois, desde que é lançado no mundo, é convocado a ser para os outros, como se é no mundo, segundo as regras e costumes de sua sociedade, ou seja, regras e costumes que lhe são impostos, mas não são necessariamente seus. Porém, mesmo vivendo esses modelos da impessoalidade, o homem não deixa de ser quem realmente é. Critelli[141] afirma que há uma dualidade na nossa forma de 'ser', pois vivemos desejando ser o mais igual possível aos outros, o que a autora chama de identidade plural, ao mesmo passo que, tentamos ser o mais diferenciados possível dos outros, para que possamos, também, ser nós mesmos, que é a nossa identidade singular. Tal fato pode ser evidenciado na seguinte fala: *"porque quando você está livre pra fazer algo, tudo o que você faz, é como se […] você estivesse coerente com isso, é realmente você que está fazendo isso. Não são os outros que estão dizendo para você [...] se você fizer isso então é uma decisão autônoma chegando." (Aventurier).*

Uma percepção do existir na sua mais genuína compreensão: absorvido numa série de circunstâncias permite que ele enxergue que ele não é vítima dos outros e passa a se perceber como agente dos seus próprios desvios. Assim, este se apropria das próprias experiências e

decisões, de seus desvios, de si mesmo[142]. A viagem lhes possibilita isso. É uma forma de acelerar esta apropriação. Portanto, a viagem passa a ser percebida como mais do apenas um estilo de se viver, é um modo de 'existir'. A expressão de Aventurier reflete esta acepção: *"Gente, eu não vou nunca mais voltar à rotina de vida que eu tinha antes, nunca mais vou voltar a isso. Não achem que isso é um parêntese, eu fiz minha viagem e quando eu voltar a vida continua, não! [...] Essa viagem é uma viagem sem fim [...] ela vai durar."*

Viajar como forma de viver

Conforme já verificado anteriormente, viajar passa a ser um estilo de vida, mais do que uma simples atividade ou experiência, viajar se torna uma prioridade. As experiências vivenciadas pelos viajantes são tão impactantes que alteram a forma como eles vivem suas vidas, inclusive suas profissões. Há, ainda, uma troca de valores entre as realidades vivenciadas pelos viajantes, fora e durante suas viagens, viajar passa a ser o cotidiano destes viajantes (o que é fixo, a vida real do mesmo) e torna-se passageiro o cotidiano passado, a rotina de trabalho, marcada pelas regras de sua sociedade. Por isso, já não são mais cidadãos de sua cidade apenas, se tornam cidadãos do mundo: *"porque eu estou na 'média' do mundo, enquanto as pessoas estão na 'média' de sua cidade" (Maestro).*

Seus estilos de vida, a forma como viviam e experienciavam suas vidas e seus cotidianos sofrem um grande impacto. Tanto, que os viajantes relatam não conseguirem mais voltar a ser o que já foram antes. Toda a estrutura de vida que ambos tinham antes é modificada para um novo estilo de vida onde a viagem ganha destaque. Aventurier, por exemplo, se viu tão afetado pela sua viagem pelo mundo, afirmando que

ela jamais terá fim: "ela irá durar". Maestro, por sua vez, ressalta: "*Quando voltei, eu queria estudar filosofia, antropologia, queria estar sorrindo, queria ir andando, não queria cidades, eu queria ir para o centro da cidade. Não queria carros, não tinha pressa*".

O ser-no-mundo (*Dasein*) enquanto viajante, se torna bastante reflexivo acerca de suas experiências e vivências. Principalmente, no que concerne a situações conflitantes para eles. A condição de viajante, portanto, interfere na forma como o dasein se percebe e percebe o mundo ao seu redor. Ou seja, a disposição do *Dasein* com o mundo, enquanto viajante, se torna mais receptível e complacente, permitindo que este possa inclusive enfrentar seus conflitos e superar seus medos: *"Sabe, uma das razões de eu ter saído foi por que eu fui traído na vida antes e eu estava destruído. Eu estava tão destruído que eu achei que eu era um desperdício/lixo. Muito interessante que em alguns países do mundo, eu vi sociedades que foram tão destruídas que eles se viam como desperdício/lixo. Essas sociedades foram destruídas em vários difíceis pontos. Então, conhecer essas culturas, ver o como eles eram treinados a reconstruir a sociedade após os tremores/problemas, me ajudou a me reconstruir como indivíduo após o que eu vivi, que foi para os meus olhos muito difícil de passar. Então, você sabe, a mudança é […] ter algo totalmente reconstruído de algo totalmente destruído. É essa mudança." (Aventurier).*

Permite-lhes ainda ressignificar modos de pensar e também alguns conceitos e símbolos importantes para a sociedade moderna, como casar, comprar uma casa, um carro, ter um trabalho. Conhecer tantas sociedades e assistir distintas realidades no mundo inteiro lhes faz repensar os valores da sua sociedade. Percebe-se então que os viajantes se mostram resistentes a este padrão de vida, clamando agora por outros

propósitos e valores ressignificados sobre o mundo e a forma como as pessoas vivem suas vidas: *"Então conseguir uma casa, um carro, um trabalho, uma família, para mim é mais fácil que o mundo inteiro [...] Quero mudar o mundo, quero ultrapassar fronteiras. Quero ensinar ao mundo que o tempo não existe [...] que o dinheiro é um absurdo incrível, mas com tantas moedas, tantas diferenças de tantos países e que afinal o dinheiro é o mesmo para que todos estejam em dívida" (Maestro).*

A verdadeira essência do ser-no-mundo-viajante

Uma das ressignificações mais importantes para estes viajantes é a ressignificação de lar. O conceito de 'lar', que pode estar relacionado à família, à segurança, raízes, é modificado completamente. Uma vez que estão sempre em movimento, e considerando que o ambiente exerce um papel essencial na construção da identidade do viajante, a inserção na vida de pessoas locais, e na cultura e cotidiano de tantas sociedades afeta a forma como os viajantes se comportam, e consequentemente a forma como se sentem consigo.

Pertencer ao grupo, ao lugar, faz parte de uma das principais formas de ter identidade, de ser, e para o viajante, a sua identidade está composta em não ter casa, em estar no mundo. Aqui se percebe um conflito, pois a identidade do viajante é não ter identidade, é se desfazer da sua identidade, é se desfazer, é ir, estar em movimento, é um processo de desenraizamento, que permite ao viajante abrir caminhos, se redescobrir, se recriar: *"eu não posso realmente responder essa pergunta, porque [...] Eu me sinto em casa em muitos lugares do mundo [...] eu não acho que eu tenha um verdadeiro lar agora. Eu acho que eu deixei pedaços de mim em muitos lugares na Terra" (Aventurier).*

Chegamos aqui num dos principais pontos desta pesquisa, pois este sentimento de estranheza em relação a si mesmo, ou seja, ser estrangeiro de si mesmo é próprio do homem, segundo a perspectiva heideggeriana[143]. Assim, o viajante, como estrangeiro de si mesmo e estando nesta condição de quase nômade, não se sentindo pertencente apenas a um lugar, mas sim a vários revela a própria essência do ser-aí. É a própria personificação do ser-no-mundo-viajante. Como revelou Aventrier: *"A impressão é a de que eu tenho tantas opções na minha frente."*.

Existir significa que o ser deve seguir a diante, prosseguir em direção ao futuro, e abrir-se a novas possibilidades, não apenas se limitando a fatos ocorridos no passado. Embora o passado forneça elementos importantes para o autoconhecimento não podemos deixá-lo fixar o nosso modo de ser, pois não somos seres estáticos estamos em constante movimento, em um fluxo contínuo, indo ao encontro daquilo que pretendo ser. Assim, *"Então, eu tive a impressão de mudar totalmente meu modelo e o que eu esperava viver, eu vivia" (Aventurier).*

"As pessoas são muito boas, e sinto isso porque é a sua natureza" (Maestro).

O contato com o outro, realça a alteridade. Através do *couchsurfing*, os viajantes passam a se envolver de forma mais intensa com o outro. Este fato acarreta a diversas transformações, as quais serão explanadas nesta categoria.

Um dos participantes, Aventurier, comenta em seu discurso sobre uma evolução nos seus relacionamentos durante a viagem, consigo e com os outros. Esta evolução consiste num processo emocional da disposição do viajante consigo e com os outros, uma vez que o modo-de-

ser deste é fundamentalmente cuidar[144] [145] [146]. A princípio, o viajante está mais centrado em si, a viagem é algo particular, seu. E conforme já explicitado anteriormente, é uma forma pela qual o viajante se dispõe a se 'encontrar'. Num segundo momento, após ter se encontrado, o viajante se movimenta em relação ao próximo, a cuidar do outro. Essa mudança da disposição do viajante consigo e com o outro pode ser percebida na fala de Aventurier, onde ele destaca esta transição como sendo um dos objetivos de sua viagem: *"Esses objetivos teriam que ser menos egoístas e mais altruístas. Vamos dizer que: situação um, eu queria viajar independentemente para achar meus valores; situação dois, eu estava me sentindo sozinho com meus valores agora e eu queria conhecer pessoas; situação três, eu tinha meus valores, eu tinha minhas pessoas, mas eu estava cansado disso então eu queria me superar. E de certa forma, você tem essa evolução na minha viagem. Então, eu comecei independente, eu fiquei bem mais sociável depois. E depois, eu pude simplesmente trazer as duas coisas e tornar algo consistente" (Aventurier).*

Pessoas distantes se tornam próximas versus pessoas próximas se tornam distantes

A convivência com pessoas de todo o mundo, que os recebem sempre curiosos, interessados em suas viagens, faz com que se sintam especiais, pertencentes, acolhidos. Sentimentos estes que são os mesmos que vivenciamos com nossas famílias e amigos mais próximos, e que, para estes viajantes, passam a ser associados às pessoas que eles encontram nas suas viagens. Afinal, são estas pessoas que acabam compartilhando suas experiências mais de perto e com quem eles têm mais contato, uma vez que a própria família e amigos não mostram tanto

interesse em suas viagens. Por isso, os viajantes criam vínculos especiais e diferenciados com o 'outro' que cruza o seu caminho durante suas viagens. Como revelou Maestro: *"Quando estava viajando todo mundo vinha até mim, me perguntava o que estava fazendo, de onde venho, para onde vou, muitas perguntas. Mas na minha casa, nem a minha família, nem meus amigos não me perguntavam nada. "Acontecia que na Guatemala eu abraçava, mas não abraçava a minha avó, porque ela não abraça. Ou falava com gente desconhecida de coisas muito mais íntimas que com meus pais. Porque afinal os que são próximos de mim são sempre distantes."*

Isto faz com que os viajantes estejam mais abertos para o outro. Afinal, o outro desempenha um papel importante nos processos concernentes ao ser-no-mundo-viajante. Por isso, dentre as mudanças enfatizadas nesta pesquisa o outro está sempre presente. Maestro, revelou: *"Então o melhor jeito de aprender é sempre aprender com a gente local"*. Aventurier, por sua vez: *"Você também muda o relacionamento que você tem com os outros, você é mais amigável, você ama o desconhecido, você tenta ouvi-los com mais frequência. Então são essas as mudanças que são compreendidas pelos outros pontos de vista. Porque se eu só lhe contasse apenas as mudanças de como eu era antes e como eu fiquei depois da minha viagem pelo mundo não seria a mesma coisa. Mas quando você me vê atuando, discutindo com eles, tentando entender as problemáticas deles, então você entende que algo esta muito diferente na forma como me aproximo das pessoas. Então eu tento ter mais consciência do que eles vivem. Se você não esta consciente disso por dezoito meses, atravessando vinte e cinco países, cruzando várias culturas, então você se fecha para os outros e você ficará louco. Então, uma das mudanças foi reconstruir algo e a outra mudança foi me abrir mais para os outros."*

A alteridade vivenciada pelos dois lados: Viajante e cidadão local

É através do contraste da alteridade com sociedades distintas da sua que o viajante reconhece sua própria identidade, a si mesmo. Pois as identidades dos viajantes são colocadas à prova quando estes se deparam com a diversidade de outras culturas e de outras identidades. O outro é percebido como desconhecido, no entanto para o viajante o desconhecido é algo a se descobrir, a ser desvendado. E com isso, o viajante aprende, podendo até mesmo se reconstruir: *"Sempre é perigoso o outro, nunca os perigosos são eles. Sempre temos medo do desconhecido e é isso que nos faz parar. E então pegas o melhor de cada um [...] cada um ensina a sua coisa." (Maestro).* Aventurier, por sua vez: *"Essas sociedades foram destruídas em vários difíceis pontos. Então, conhecer essas culturas, ver o como eles eram treinados a reconstruir a sociedade após os tremores/problemas, me ajudou a me reconstruir como indivíduo após o que eu vivi, que foi para os meus olhos muito difícil de passar [...] a mudança é ter algo totalmente reconstruído de algo totalmente destruído".*

O outro [cidadão local] também é afetado por esse outro [viajante], assim como o viajante é afetado por pelas comunidades locais que conheceu. Deste modo, o outro [cidadão local] também é modificado, podendo através das experiências do viajante apreender o que ele não conhece. O outro [viajante] surge como algo desconexo à realidade da comunidade local, mas também pertencente a ela, pois este é acolhido por ela e inclusive recebe um tratamento diferenciado. Assim, temos na fala de Maestro: *"Eu viajei com pessoas que não podiam viajar. Eu falei às pessoas da Guatemala como é a neve, como é a Europa ou como a gente vive*

na Europa. Pois se sente longe das pessoas normais porque com as pessoas dessas experiências te sentes como um animal raro".

Transfundindo aprendizados

Ambos encontraram nas suas viagens uma forma de transfundir os aprendizados e mudanças positivas que experienciaram nestas para o outro. O que pode ser visto como trabalho, no sentido de que esta ação implica em devolver à sociedade aquilo que eles absorveram, o que ficou, o que os modificou, de forma positiva. De um lado, Maestro declarou: *"Quero mudar o mundo, quero ultrapassar fronteiras. Quero ensinar ao mundo que o tempo não existe [...] que o dinheiro é um absurdo incrível, mas com tantas moedas, tantas diferenças de tantos países e que afinal o dinheiro é o mesmo para que todos estejam em dívida";* asseverou Aventurier: *"Por todas essas ações, que eu posso dizer que correspondiam com minhas necessidades para encontrar os outros após ter encontrado a mim mesmo, de certa forma [...] foi tão comovente porque eu tinha a impressão de que a minha viagem estava sendo útil para os outros."*

Esta ação de compartilhar, de transmitir um pouco do que os viajantes conquistaram e experienciaram nas suas viagens, é também uma forma que estes encontram de se sentirem melhor consigo, se sentirem realizados por fazerem de suas viagens algo útil tanto para si, quanto para os outros: *"Eu me senti muito orgulhoso disso porque eu sabia que era útil para a felicidade deles e útil para a cultura deles virem para as aulas. Então […]u estava escrevendo mais, para os meus amigos, para minha família. Eu estava tentando tanto me envolver em mais atividades sociáveis." (Aventurier).*

No final de suas viagens, os viajantes possuem uma nova concepção de mundo. Passam a ter um olhar menos crítico às diferenças culturais e dão mais valor ao coletivo. Já não pensam apenas por si mesmos, mas por todos. E esta nova concepção de mundo deve ser compartilhada com todos ao seu redor. O viajante se torna então um indivíduo mais consciente de sua condição de cidadão do mundo, e não mais apenas de sua cidade. Para Maestro: *"Você percebe que no mundo todos somos iguais, não importa de que raça você é, as únicas coisas que mudam são as culturas, as regras do teu país, as normas impostas. Então como somos todos iguais, depois de ver muitas pessoas, muita gente, muitas caras e coisas diferentes, pegas o melhor de cada um e aplicas a você. E tentar ensinar essas coisas àqueles que estão perto de você, que gostas de cada um."* Aventurier, a seu turno, assevera: *"Então, de qualquer forma, no final da minha viagem eu não diria que eu estava independente. Eu não diria que eu estava sempre com os outros. Eu diria que eu tinha conseguido encontrar um equilíbrio entre todas essas coisas. Na verdade, no final da America Latina foi como, na França nos diríamos 'comme un poisson dans l'eau' que quer dizer, como um peixe na água. Foi meu elemento. É isso." (Aventurier).*

Considerações Finais

Conforme já fora mencionado, considerando o viajante independente como um dos principais modelos do homem-moderno atual, ter estudos que compreendam esse homem numa de suas mais significativas condições, a de ser-no-mundo-viajante, se torna extremamente importante. Com a escassez de estudos referentes a este sujeito, principalmente no âmbito da Psicologia, o estudo objetivou compreender através da perspectiva Fenomenológica-Existencial, os

sentidos e significados de suas viagens, assim como os fatores que estas influem na vida e modo-de-ser dos viajantes.

Através do método Fenomenológico-Existencial, foi possível chegar à essência desse fenômeno, isto é, conhecer como os viajantes experienciavam este momento (viagens) e como esta ação (viajar) modificou suas vidas.

Assim, as entrevistas realizadas com dois viajantes que estavam e estão viajando pelo mundo por um período superior a seis meses, revelaram o fenômeno estudado nesta pesquisa como uma das mais notáveis e expressivas manifestações do *ser-aí*. Como principais motivações, ambos os viajantes destacaram a insatisfação com as vidas que levavam e a necessidade de mudarem as mesmas, em busca de viverem novas experiências, conhecer o mundo e se (re) descobrirem. Este movimento, de ir, em busca do novo e desconhecido, já conota a uma grande mudança na vida destes. Foi evidenciado, através das falas dos participantes, que mais do que apenas uma vontade ou desejo, viajar era uma necessidade.

Uma música do cantor John Mayer intitulada "Why Georgia"[147] expressa de forma criativa e poética alguns dos sentidos e significados que os participantes revelaram neste estudo. A música retrata um momento da vida do cantor, onde ele resolve largar uma das mais renomadas e importantes faculdades de música para se mudar para Georgia, onde não conhece ninguém para então dar início a sua carreira. Durante o decorrer da música o cantor se pergunta se está fazendo a coisa certa, ao mudar sua vida de tal forma que se encontra sozinho num lugar cheio de desconhecidos, onde mesmo tendo um apartamento que tentou deixa-lo o mais confortável possível ainda assim

não se sente em casa. O cantor ainda se questiona sobre os resultados e consequências da sua escolha.

Os participantes também demonstram, a priori, certo desconforto ao escolherem um caminho oposto ao de toda a sua sociedade, no entanto, no decorrer de suas viagens estes chegam ao entendimento de que isso é apenas uma consequência de suas escolhas, mas que não há outra alternativa além desta, pois ser viajante, estar sempre em movimento, vivendo quase como nômades, tendo casas em vários lugares do mundo, já faz parte de seu modo-de-ser. Estas escolhas fazem mais sentido aos seus conteúdos mais íntimos que ao intelecto.

Por fim, ao se encontrarem num momento crucial de suas vidas, ambos na faixa etária de 25-30 anos, afirmam que encontram o sentido de suas vidas, de seu existir, através de suas viagens. Este fato é tão impactante que estes decidem não voltar jamais à vida que levavam anteriormente, seguindo uma viagem, pelo mundo e por si mesmos, que não terá fim, que "irá durar" (Aventurier). Tal fato expressa a própria personificação do ser-no-mundo, como ser-viajante.

A realização desta pesquisa foi muito gratificante para nós, como pessoa e como aprendiz de psicóloga e como docente. Ter que nos desfazer de nossos conteúdos e crenças, para então poder receber, acolher a fala do outro, sendo esta uma expressão de sua própria existência, repleta de conteúdos e significados, para compreender seu existir, seu modo-de-ser, fez ampliar a visão sobre estes, de tal forma que parâmetro importante neste processo foi ressignificar o sentido de viajar, inclusive para nós mesmos.

Assim como os participantes precisavam sair de tudo aquilo que lhes era familiar, para se 'encontrarem', os pesquisadores também

precisaram se retirar, e se colocar à disposição deles, para lhes dar o espaço necessário para que pudessem externalizar, através da fala, os significados e sentidos de suas viagens e de seu existir durante esse processo.

Sendo assim, não somos estáticos, estamos sempre em movimento, e através da terapia também fazemos esse movimento, é como se nos retirássemos de nossos corpos para então podermos enxergar outros lados, pontos de vista, e assim enxergamos e vivenciarmos outra realidade e refletirmos sobre nossa própria existência e modo de ser-no-mundo Por isso viajar torna-se terapêutico, pois é um momento de reflexões sobre os mais diversos conteúdos que abarcam nossas vidas, e consequentemente ressignificações.

Durante uma conversa informal com um dos participantes, este afirmou a importância desta entrevista para ele. O participante estava bastante empolgado, pois esta seria a primeira vez que ele iria falar tão abertamente e livremente sobre sua viagem. Neste momento, percebemos que além de fins puramente acadêmicos, esta pesquisa havia alcançado o sujeito, enquanto ser. Ambos os participantes agradeceram pela oportunidade de lhes permitir se mostrarem, compartilharem seu existir. Isto me fez sentir realizada como acadêmica, como pessoa, como um ser-no-mundo.

É fato que qualquer temática que trate de fenômenos enquanto formas de expressão do ser não pode ser limitada, uma vez que estas contêm um mundo de significados e sentidos. Portanto, não se pretende esgotar os conteúdos a respeito desta temática, pelo contrário, espero que este estudo possa servir como referência para outros que possam vir a investigar esse fenômeno, assim como o homem, enquanto viajante.

Referências

AVENA**,** B. M.; BURNHAM, T. F. A Viagem: Um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento. **Revista Faced**, nº 09, 2005 p. 13-20. Universidade Federal da Bahia.

CARVALHO, D. Turismo backpacker estudo exploratório sobre perfil, características e motivações. 2009.

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica** - São Paulo : EDUC : Brasiliense, 1996. 140p.

DUTRA, M. **Turismo 2.0: um estudo de perfil de usuários da rede Couchsurfing.** Porto Alegre, 2010.

FIGUEIREDO**,** S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. Novos **Cadernos NAEA.** v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004, p. 174.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

GONZÁLEZ, J. M. R; AÑEZ, M. E. M; ALEXANDRE, M. L.; OLIVEIRA, J. A. Perspectivas Teóricas sobre a Adaptação do Expatriado: uma Abordagem Multidimensional**. XXXV EnANPAD** (Encontro da ANPAD), Rio de Janeiro / RJ, 4 a 7 de Setembro de 2011.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

---

113 AVENA, B. M.; BURNHAM, T. F. A Viagem: Um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento. **Revista Faced**, nº09, 2005 pgs. 13-20. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2681/1891> Acessado em: 31. Jan. 2014, p. 18.

114 FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. Novos **Cadernos NAEA**. v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/40/34> Acessado em: 31 Jan 2014.

115 AVENA, B. M.; BURNHAM, T. F. A Viagem: Um espaço-tempo de aprendizagem multirreferencial privilegiado para a difusão do conhecimento. **Revista Faced**, nº09, 2005 pgs. 13-20. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2681/1891> Acessado em: 31. Jan. 2014, p. 18.

116 Ibidem

117 Ibidem, p.20

118 CARVALHO, D. Turismo backpacker estudo exploratório sobre perfil, características e motivações. 2009. Disponível em: <http://www.proac.uff.br/turismo/sites/default/files/DEBORA_TAMY_BARRETO_CARVALHO-tcc.pdf> Acessado em: 31. Jan. 2014.

119 Ibidem

120 DUTRA, M. **Turismo 2.0: um estudo de perfil de usuários da rede Couchsurfing.** Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25573/000754724.pdf?sequence=1> Acessado em: 31. Jan. 2014.

121 FIGUEIREDO, S. L. & RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. Novos **Cadernos NAEA**. v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/40/34> Acessado em: 31 Jan 2014, p. 159

122 Ibidem

123 FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. Novos **Cadernos NAEA.** v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/40/34> Acessado em: 31 Jan 2014, p.171.

124 Ibidem

125 FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. Novos **Cadernos NAEA**. v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/40/34> Acessado em: 31 Jan 2014.

126 GONZÁLEZ, J. M. R; AÑEZ, M. E. M; ALEXANDRE, M. L. & OLIVEIRA, J. A. Perspectivas Teóricas sobre a Adaptação do Expatriado: uma Abordagem Multidimensional. **XXXV EnANPAD** (Encontro da ANPAD), Rio de Janeiro / RJ, 4 a 7 de Setembro de 2011, p. 45

127 FIGUEIREDO, S. L. & RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. Novos **Cadernos NAEA**. v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/> Acessado em: 31 Jan 2014, p.180.

128 DUTRA, M. Turismo 2.0: um estudo de perfil de usuários da rede Couchsurfing. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/> Acessado em: 31. Jan. 2014, 10

129 Ibidem, p.6

130 DUTRA, M. **Turismo 2.0: um estudo de perfil de usuários da rede Couchsurfing.** Porto Alegre, 2010..

131 citação tirada diretamente do próprio site e traduzida pela primeira autora.

132 Ibidem, p.32

133 CARVALHO, D. Turismo backpacker estudo exploratório sobre perfil, características e motivações. 2009. Disponível em: <http://www.proac.uff.br/> Acessado em: 31. Jan. 2014.

134 CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do Sentido:** uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica - São Paulo : EDUC : Brasiliense, 1996. 140p. p, 58.

135 Termo utilizado na Fenomenologia que determina o movimento presente – escrita com hífen considerando a totalidade da compreensão.

136 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

137 FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. Novos **Cadernos NAEA**. v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/> Acessado em: 31 Jan 2014.

138 FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, viajantes e turistas. Novos **Cadernos NAEA**. v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/> Acessado em: 31 Jan 2014, p.174.

139 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

140 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 25.

141 CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido:** uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica - São Paulo : EDUC : Brasiliense, 1996. 140p.

142 CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido:** uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica - São Paulo : EDUC : Brasiliense, 1996. 140p.

143 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 25.

144 CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica** - São Paulo : EDUC : Brasiliense, 1996. 140p.

145 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

146 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017.

147 (Porque Georgia – um dos maiores estados norte-americanos)

E no desempenho do meu trabalho, sofri violência: agentes de trânsito têm a palavra

Raimundo Erasmo do Carmo de Sousa
Ewerton Hélder Bentes de Castro

Reflexões iniciais

A sociedade atual é profundamente marcada pela violência e agressividade em suas mais variadas instâncias. Um dos espaços onde a violência ocorre incessantemente é o trânsito. Este espaço que é "comum" na sociedade se tornou alvo de disputas acirradas que culminam, não ocasionalmente, em violência. A disputa ocorre pelo movimentar-se, pelo locomover-se dentro destes espaços cada vez mais diminutos diante das grandes demandas ocasionadas pela indústria automobilística que despeja um número cada vez mais crescente de veículos nas vias e pela própria corrida contra o tempo, a pressa, característica das sociedades urbanas da atualidade. A disputa por espaço e locomoção envolve os seres humanos e suas máquinas buscando

consolidar-se num ambiente que possibilite esse deslocar-se que vem se tornando a cada dia mais complexo, o trânsito. Os grandes centros urbanos têm se tornado um campo dessa disputa e consequentemente, ambiente onde ocorrem conflitos, violência e morte.

Vasconcelos[148] define o trânsito como "uma disputa pelo espaço físico, que reflete uma disputa pelo tempo e pelo acesso aos equipamentos urbanos, – é uma negociação permanente do espaço, coletiva e conflituosa". Nessa disputa pelos espaços surgem divergências de ideias, de valores, de cultura. E a negociação (amigável) que deveria ocorrer no trânsito, nem sempre acontece. Os condutores ficam então, nervosos, ansiosos e estressados, traçando um caminho para a luta e a agressividade que culmina quase sempre em violência no trânsito.

Acerca da agressividade humana, o comportamento agressivo refere-se a toda e qualquer ação que tenha por objetivo ferir o outro, física ou verbalmente. Ferreira e Tebaldi[149], afirma que a agressividade tem uma base inata, mas pode ser modificada, ou seja, o homem tem o impulso inato do comportamento agressivo em relação a sua própria espécie. No entanto, o homem, diferentemente de outras espécies, tem acesso ao uso de armas que multiplicam seu poder ofensivo, sendo o único animal que mata dentro de sua própria espécie. Porém, o homem tem um crescente conhecimento de si próprio, e isso aumenta o poder de autocontrole, de ter vontades assentadas em base sólidas, podendo compreender melhor as causas materiais da agressão e estar mais apto para tomar medidas racionais para controlá-la.

Diante da compreensão destes teóricos acerca do comportamento agressivo do ser humano no trânsito, compreende-se que tal comportamento pode ser evitado pelo uso da racionalidade, pela

capacidade de discernimento, pela negociação amigável pelo espaço que é comum, e pela humanização do trânsito.

Carvalho[150] teoriza acerca da significação que se dá ao veículo dentro do imaginário do indivíduo. Dá-se aos veículos significados que vão além do de meio de transporte, podendo ser este um meio que o proporciona emoção, poder, prestígio, satisfação do desejo, respeito, conquista, sucesso, felicidade e poder. Assim, não é o que ele oferece objetivamente o que mais importa, mas o que ele representa no imaginário coletivo que o torna tão atraente, um ser supremo e superior a quem o indivíduo venera e se submete, na esperança de através dele atingir a felicidade ideal. O veículo como símbolo de *status* passa a ser um componente indispensável na formação da ideologia na sociedade contemporânea.

A publicidade endossa esse imaginário coletivo colocando o valor do veículo como inabalável e permanente porque promove simbolicamente a ascensão social. A publicidade também vende a velocidade como sinônima de emoção, de poder, de prestígio, de autoafirmação e de sucesso. A velocidade se torna algo a ser comercializado, pois é um produto lucrativo. Controlar a velocidade significa estabelecer um limite às ações humanas para muitas pessoas que desafiam a temporalidade e a espacialidade em que vivem. A violência no trânsito se dá em muitos casos, em consequência da velocidade em excesso, sendo analisada como um reflexo da estrutura da sociedade contemporânea e passa a ser uma condição dada para o sistema que varia apenas na medida da alternância do desenvolvimento econômico da indústria automobilística. O controle da velocidade tendo em vista diminuir seus efeitos violentos é a norma ética que se contrapõe a essa

condição do sistema. Os sentimentos de poder, prazer e de liberdade ocasionados pela posse de um veículo, contrastam com as leis de trânsito, com as políticas de segurança, com a negociação amigável pelo espaço comum, com a cordialidade, com o respeito, com a urbanidade, enfim, com os valores que prezam pela preservação da vida.[151]

A precariedade dos espaços urbanos, a disputa agressiva pelo espaço comum e a simbologia construída no imaginário coletivo de que o veículo é objeto que proporciona prestígios e "transcendência" ao ser humano constituem fatores que desencadeiam violência generalizada na

vida da sociedade em movimento, ou seja, no trânsito. Estudos internacionais corroboram com esta perspectiva[152] [153] [154] [155] [156] [157]

E em meio a essa realidade caótica, está a figura do agente de trânsito, a quem entre outras atribuições, compete o papel de fiscalizar e "punir" comportamentos que venham ocasionar prejuízos à coletividade, através da aplicação de multas ou penalidades previstas no Código de Trânsito Brasileiro. O agente de trânsito, em sua cotidianidade, encontra-se na linha divisória entre o condutor (infrator) e a Instituição que representa, constituindo-se como ponto vulnerável ao ímpeto agressivo latente neste espaço de disputas. A violência tem se lançado sobre as mais variadas formas na existência desse profissional. Violência essa, que, inevitavelmente, produz múltiplos efeitos como experiências angustiantes e traumáticas sejam elas materiais, físicas ou psicológicas. Carvalho[158], afirma que "o corpo ou a mente, ambos violentados, podem representar um fator de risco para a realidade de vida que é socialmente construída pela pessoa. Um histórico difícil de quem é vítima da perversidade ou da impaciência humana pode complicar sua

convivência com outras pessoas, num mesmo espaço e em tempos que se coincidem."

Carvalho (2014) afirma, ainda, que, qualquer restrição a trajetória do automóvel ou da moto, representa um ultraje que desencadeia no motorista socializado sob as condições simbólicas aqui relatadas anteriormente (veículo como meio que proporciona emoção, poder, prestígio, satisfação do desejo, respeito, conquista, desejos de liberdade, usufruto da velocidade, descoberta da sensualidade, devaneio do erotismo, deleite na sua plenitude, obtenção do sucesso e felicidade), respostas violentas porque significa uma ofensa ao seu sentimento de onipotência e ao objeto de sua adoração, o veículo. E o agente de trânsito como fiscalizador, representa um dos elementos que frustra esse ímpeto do motorista quando o autua por avançar o sinal vermelho, por efetuar manobras perigosas e proibidas, por parar em fila dupla ou estacionar seu veículo, objeto de sua adoração, em locais proibidos pela sinalização. Sendo, o agente de trânsito, fiscalizador das leis de trânsito e aplicador de penalidades, impõe limites à presunção de onipotência do condutor infrator e ao mesmo tempo desperta a ira dos motoristas, por frustrar seus ímpetos ou por afrontar seu objeto de adoração, o veículo.

A profissão de agente de trânsito, segundo relatos destes próprios profissionais, tornou-se extremamente perigosa, por ter esse caráter fiscalizador, nada quisto por grande parte da população, sobre tudo, os transgressores das leis previstas no Código de Transito Brasileiro. Na cidade de Manaus, nos últimos anos, essa violência tem crescido alarmantemente, sendo manifestadas no mais diversos espaços, inclusive, através de ofensas e ameaças nas redes sociais constituindo-se como violência virtual, e, também se concretizando nas ruas (local efetivo da

atividade do agente de transito) através de desacato, agressão verbal e física, ameaça sob arma de fogo, atropelamentos, hostilização, constrangimento, entre outras, constituindo-se, como violência real. Dessa forma, o agente de trânsito, transita entre o dever de exercer sua tarefa e o medo de a qualquer momento sofrer algum tipo de agressão e perder a própria vida, ou seja, no seu fazer, vislumbra a finitude.

O agente de trânsito, na sua cotidianidade, vive a problematização do seu próprio ser enquanto trabalhador, visto que a dinâmica do trabalho ocupa centralidade na existência do ser humano, pois se apresenta a este como elemento significativo sedimentado pela cultura humana, pela história e parte integrante do mundo e do próprio homem enquanto ser-no-mundo. A violência ocorrida no exercício da atividade, do trabalho, que ocupa enorme valor na existência humana, muitas vezes compreendida como parte constituinte dessa existência, produz prejuízos que vão além do material ou físico e afetam a questão da dignidade destes profissionais que se sentem interrompidos no seu fazer que é sagrado, naquele elemento que lhe proporciona dignidade e respeito diante do seu mundo, da sociedade.

Tendo como pergunta norteadora: *o que significa (significou) vivenciar uma situação de violência no transito?* A presente pesquisa buscou compreender a experiência de agentes de trânsito da cidade de Manaus, vítimas de agressão no desempenho de sua função, com intuito de entender o que representou para eles o evento violento sofrido e como se deu o processo de ressignificação e continuidade do seu trabalho

Baseado na ótica heideggeriana de que o ser humano se constitui na história como Ser-aí (*Dasein*), minha proposta é de entender como estes

trabalhadores se re-constroem, como abraçam as novas possibilidades e como se reconstituem como *Dasein,* como ser "em cada ocasião"[159], como facticidade, ou seja, como se articulam no Mundo, como Ser-no-Mundo tendo como pano de fundo suas experiências cotidianas, sobretudo, aquelas onde sofreram situações de violência.

Possibilidades de compreensão do vivido

Dada a dimensão da experiência dos participantes, cumpre a partir deste momento, manter na íntegra suas falas para que o leitor possa perceber a dimensão da situação de agressão pelas quais passaram. Por isso, os autores fazem questão de manter a estruturação inicial.

Participaram do estudo, 10 (dez) agentes de trânsito do Instituto de Engenharia e Fiscalização de Trânsito de Manaus – MANAUSTRANS, que vivenciaram situações de violência ou ameaça no exercício de sua atividade na cidade de Manaus. Para manter a privacidade e o sigilo acerca da identidade de cada um, atribuiu-se, aleatoriamente, as iniciais: A, D, DA, E, F, H, K, L, LE, V.

Na ocorrência: a agressão se consolida

Um dos elementos que surgem nos discursos é o relacionado à ocorrência em si mesma, o momento que a agressão se efetivou. As falas mostram os mais variados matizes em que a agressividade se configurou. Dessa forma, se percebe a dimensão que a situação de agressão se efetivou. Situação de extrema comoção, como falou A: "*E um cidadão, dizendo ele, advogado queria entrar e eu disse que não poderia porque estava havendo a mudança de transito, tudinho, e ele desceu do carro com a arma na mão e botou a arma na minha boca, botou dentro da minha boca*

mesmo, a arma dentro da minha boca, dizendo pra mim que ele ia entrar e acabou-se e eu fiquei sem ação. [...] A outra situação que eu passei foi a situação lá do jiujiteiro. Ele agrediu tanto eu quanto o meu chefe na época. Ele estava drogado dizendo que o carro dele não ia ser removido e ele agrediu meu chefe e me agrediu. Ele nos agrediu com chutes, com pontapés, foi uma coisa horrível lá. Foi uma coisa horrível. Essa agressão foi também umas das coisas que mexeu muito comigo".

D, por sua vez, recorda: "*Quando você está olhando até pra placa do carro, a pessoa já sai do carro, a pessoa estressada e já vem pra cima de você, mas já vem pra agredir mesmo [...] porque você é agredido, como a gente vê nos noticiários, o que mais sai é agente de trânsito [...] como aconteceu comigo de um fato de policial pegar uma arma e me seguir né, me seguir armado. E eu me afastei e foi a minha atenção de perceber o que estava acontecendo pra eu poder me afastar porque se não teria sido pior, e foi dito que essa pessoa tava lá com essa arma e queria realmente atirar. [...] Aí, eu só fiz dizer pra amenizar, que eu estava fazendo o meu trabalho como qualquer outro trabalho, né?*

A agressão consumada de modo voraz: "*[...] foi um transeunte, um motociclista que avançou o sinal, quase me atropela, e eu chamei a atenção e foi toda a situação. Ele deu uma cabeçada na minha boca e eu tive que fazer o corpo de delito, né? [...] No ato da agressão, nessa primeira, ele me agrediu e eu revidei, eu revidei, eram dois, só que naquele local, eu conhecia o pessoal de lá, então o pessoal foi apartando, e foi...o pessoal botou pra cima deles e eles fugiram*"

A agressão foi de tal magnitude que resultou em fraturas: " *Quando saiu e já me bateu pela lateral, bateu na minha coxa, na coxa direita. Acertou no meu guidão, primeiramente, daí acerto u no meu guidão pela*

lateral dele, quando ele foi saindo, já pegou na lateral dele, quando eu fui passando ele foi saindo e em velocidade, bateu a minha perna direita na porta do passageiro e me jogando pra fora da moto e aí, eu caí né? Esse baque, teve fratura exposta do femo e quebrou a tíbia. A femo [o fêmur] quebrou em três partes, o meu joelho estourou o joelho e sem falar que com essa batida também encaixou a cabeça do femo na bacia e quebrou a parte traseira né, a parte posterior que encaixa o femo, estourou também. [...] Daí ele fugiu, ele não me deu assistência e eu fiquei gritando na rua lá, de dor, eu não perdi a consciência. (**E**)

A agressividade resulta em um agir diferente, o enfrentar o motorista: "*E no ato do preenchimento do auto ele apareceu e perguntou: por que você está me autuando? Eu falei: olha aí ó, tu causou um caos no trânsito aqui, o carro parou, o carro forte está parado aí esperando você sair. E ele disse: Não, mas eu já estou saindo. Então, eu disse: mas você já causou um prejuízo no trânsito. E ele disse: não você não vai fazer a minha multa não. Aí eu disse: eu tô fazendo, eu não posso fazer mais nada aqui. E eu estava de cabeça baixa fazendo. E ele abruptamente puxou o talão da minha mão e tirou a multa dele e rasgou. [...] Aí eu fui lá e tomei de novo o talão da mão dele. Ai ele falou: eu vou te bater cara, eu vou te bater, eu vou te encher de porrada. Eu falei: então vem... Ele falou, não, não sei o que... Ele era baixinho, né... eu vou te encher de porrada. Eu disse: então vem cara, eu tô aqui. E ele: não, amanhã eu te pego. Eu disse: eu to hoje aqui, vem! [...] E ficou nisso uns cinco minutos e eu fiquei muito tenso, porque eu nunca tinha passado por isso, eu fiquei bastante tenso. Mas nós chegamos perto de brigar mesmo e não aconteceu porque ele estava com mais medo do que eu então na posição dele, eu tomei uma atitude de encarar mesmo ali, mas ele se acovardou, porque a população já estava toda envolvida assim, assistindo, e*

mexeu com o meu brio, com o meu orgulho né, aí eu me posicionei e pensei: cara, eu apanhando ou não, eu vou encarar esse negócio aqui. (**L**)

A tentativa de minimizar o processo agressivo resulta em agressão física: "*Ele veio na minha direção pra agredir, mas mais bateu boca, ficou falando palavras de baixo calão, mas nesse momento não houve agressão e ele falou pra mim que não iria brigar comigo por que ele sabia que ele ia perder a razão, que ele era policial, foi quando eu percebi a camisa dele o brasão da polícia, né depois eu até pensei por eu estar fardado ele não ia brigar comigo [...] Aí, passando, eu vi que ele não ia brigar, aí eu me desloquei pro cruzamento e o sinal abriu pra ele e quando ele passou perto de mim, pra evitar confusão, eu virei a cabeça de lado, e quando eu virei de lado, quando eu percebi foi um soco no meu olho*. (**LE**)

O ato de fiscalizar resulta em exacerbação da agressividade contra o agente de trânsito: "*Num determinado dia um condutor parou no meio do cruzamento e eu anotei a placa dele, aí eu chamei pra que ele voltasse um pouco pra trás, desse a ré, pra que os outros veículos entrassem. Aí esse condutor, ele deu a ré no carro e eu olhando pra ele pelo retrovisor, ele olhava pra mim dando a ré, eu comecei a apitar pra ele parar, a dar com a mão pra ele parar, ele me via eu dando com a mão pra ele parar, cheguei a bater na lateral do carro dele pra ele parar, ele deu ré, até bater no veículo que estava atrás. Amassou com a traseira da picape dele, amassou o capô do outro veículo. Aí ele falou pra mim: olha aí o que você fez. E rindo com sorriso sarcástico. E esse cidadão saiu de lá e inclusive me ameaçando e dizendo que eu ia ter que arcar com aquele prejuízo, na verdade, esperando que ele fosse me agredir e eu pensando até em revidar, na hora a gente não sabe quem é, também, se tava armado ou alguma coisa. [...] tava também controlando o trânsito para que não houvesse bloqueio de cruzamento e veio uma moto, e*

vinha uma moto, uma moto grande e o camarada viu o trânsito alto andou por cima da calçada, veio por cima da calçada, desceu e quando ele me viu anotar a placa dele, ele falou pra mim que ele ia me fazer, n?, ele disse que ia me fazer e tal e [...] peraí que eu vou já te fazer [...]e aí foi embora e eu achei que ele tinha ido pegar alguma arma e tudo aí eu acionei o centro de operações e tudo e aí eles pediram para que eu saísse de lá. E nesse mesmo local, um cidadão parou no meio do cruzamento, depois de ter anotado a placa dele, aí ele veio na minha direção, ele veio pra me bater, já veio preparado pra me bater e na hora, por sorte, tinha duas pessoas lá né? um dos supervisores, eles abasteciam nesse posto e por coincidência, no momento que o cara veio na minha direção pra me agredir, eles estavam eles dois lá e aí os dois peitaram o cidadão e aí o cidadão resolveu ir embora, né? mas eu tinha certeza que ele ia me agredir. (**F**)

A agressividade toma proporções não imaginadas. As pessoas do entorno são envolvidas: *"Do nada, naquele aglomerado daqueles de pessoas, um cidadão daqueles apontou pra gente e disse pros demais que a gente tava multando os ônibus, e simplesmente veio correndo uma quantidade entre trinta e cinquenta pessoas na nossa direção, aí nos cercaram e começaram a querer agredir, eu fui empurrado, deram tapa na cabeça do outro agente que tava comigo, arrancaram o boné da agente, que tinha uma agente feminina, que inclusive já nem faz parte do quadro. Eu tava com uma agente feminina e um agente masculino, foram arrancados os bonés deles, eu fui empurrado por várias pessoas e tentando conter a situação, tentando tirar eles do meio porque na época eu era supervisor, eu tava como o chefe naquela situação, então, no caso eu tentei contornar da melhor maneira possível. E, por sorte, nós só não fomos agredidos porque tinha uma equipe de reportagem da TV Bandeirantes no local e na hora que*

começou a confusão com gente, eles vieram filmar na mesma hora, por esse fato eles não chegaram a bater mesmo, não chegaram a agredir fisicamente, mas empurrões eu recebi vários. Eu empurrava um, dois, três e me cercando e me empurravam por trás, nas costas e no peito e querendo me bater e um dos responsáveis da manifestação, tomou frente e disse que ninguém ia bater no agente e mesmo assim as pessoas continuaram tentando agredir. Aí a gente pegou, mandou o pessoal afastar, mandou os dois agentes entrarem na viatura que eles estavam, eles entraram, saíram e antes de a viatura sair, eles já saíram batendo na viatura, de murro de chute de todo jeito. Aí eu peguei, foi quando eu entrei na viatura que eu estava, começaram a bater na viatura, todo o lado tinha gente, dando de murro, de chute, aí ficaram uns três cidadãos na minha frente tentando me impedir, até que saíram da frente e eu consegui sair. [...] e o outro fato que aconteceu também foi numa manifestação. Era uma manifestação de motoristas de coletivo urbano e eles fecharam a Floriano Peixoto com Sete de Setembro e nós estávamos lá no meio da via pra tentar orientar o trânsito, pra tentar ficar de olho pra o melhor momento de agir. E do nada os motoristas, eu não sei se realmente era só motoristas e cobradores, correram na nossa direção também, era muita gente, nos cercaram, era eu e um outro colega e começaram a empurrar a gente, a empurrar, a querer agredir e nessa situação tinha uma colega do sexo feminino junto com a gente e nós ficamos na frente, ela ficou por trás da gente como era mulher pra gente tentar defende-la, só que nesse empurra-empurra, na brecha que ela teve, veio um cidadão na nossa direção, ela resolveu se meter entre a gente e empurrou ele pra ele não vir. No que ela empurrou, ele desferiu um soco no rosto dela que quebrou o nariz dela. E o cara saiu correndo no meio da multidão e a gente tentando ir atrás dele e o pessoal segurando a gente, empurrando a gente, querendo bater. [...]

E a última que aconteceu comigo foi agora, a mais recente que foi no Parque Dez na área centro-sul da cidade onde neste local nós estávamos removendo um veículo que tava estacionado irregular e um cidadão que apareceu no local, reclamando pela remoção e não era proprietário do veículo, não tinha nada a ver, não conhecia o dono do veículo, apareceu do nada me agredindo verbalmente, agredindo a equipe que estava comigo verbalmente e não contente partiu pra tentar me agredir só que resolveu parar porque eu reagi, no que eu reagi ele resolveu parar e não continuou a tentar a agressão que ele iniciou mas não chegou as vias de fato, mas verbalmente me agrediu com palavrões, com palavras de baixo calão. E não contente, ele arremessou o veículo dele da nossa viatura, bateu a viatura toda e antes de sair, ele arremessou um cone na minha direção tentando me acertar e quando entraram no veículo ele saiu gritando que era da família do norte e que todos nós íamos se ferrar. (**H**)

A agressão física de ambas as partes: "*Ele queria, na verdade ele só queria um pretexto e iniciar ali uma confusão, já que ele tava [...] eu acho que ele queria isso já que ele viu que a multa não ia ser retirada. Aí ele começou a bater no tapume [...] vocês não tiram isso daqui! Batendo no tapume bem alto, elevando o tom de voz pra chamar a atenção, do pessoal, que na verdade, eles gostam sempre de inverter os valores fazendo com que a população fique contra a gente. E aí quando ele falou desse jeito, o outro colega foi pra cima dele achando que ele ia bater nele pedindo pra ele afastar e aí no que ele colocou a mão assim, pedindo pra ele não se aproximar dele, ele veio pra cima pra bater no colega. E aí esse colega [...] eu tava mais afastado eu tava uns dois carros atrás e aí quando eu vi isso acontecer eu fui me aproximando, aí esse colega foi [...] largou-lhe o murro nele. Ele já tinha dado um murro no colega e ele se desviou, aí um dos colegas, porque na*

verdade ficou os dois agentes contra ele, esse rapaz era grande, eu acho que ele se confiava no tamanho dele, só que um dos colegas nosso acertou um tubasso no rosto, no nariz dele que quebrou o nariz do cara que a garapa de sangue veio na hora. Aí quando ele viu sangue dele o cara ficou valentão e ele é morador ali da área né ele pegou e foi... e aí ele saiu de lá e foi chamar outros, outros colegas dele, né. Quando ele veio, já veio com mais gente. E isso, a população toda inflamada lá. E aí quando ele veio com mais gente, ele pegou [...] a gente tava aguardando a viatura de polícia, que a gente tinha chamado uma viatura de polícia lá pro local e aí ele veio, que ninguém não viu. A gente ficou conversando ali, achando que a polícia que já ia chegar. E aí quando da fé, eu vi que ele já tava dando a volta assim, tipo assim, escondido longe do nosso campo de visão, quando eu vi ele pegou o nosso colega, quando eu já vi, ele já tava atracado com um colega que ele achou que deu o murro, que até hoje ninguém sabe quem deu o murro, que tava os dois no bolo lá, dois colegas lutando contra ele. E aí ele pegou na gravata e baixou com o colega, baixou na gravata com o colega e aí o colega tava apagando já, e aí eu poderia ter reagido de maneira agressiva que ele tava com cabeça baixa e eu tava de bota, que eu poderia ter dado um chute nele. Eu não fiz isso porque não é do meu perfil de vida, eu não sou um cara de briga. Eu tentei segurar ele e aí na hora que ele baixou o colega, eu tentei pegar no braço dele pra tirar a gravata, e aí veio um dos parceiros dele que eu não sei até hoje eu não sei quem foi, e me deu um chute, me deu um chute separando lá, me deu um golpe de karatê aí me jogou na [...] Não me deu tempo de me defender porque eu não vi. Eu tava preocupado aqui com o colega que tava quase apagando com uma gravata que o cara deu. E aí me ele deu uma porrada aqui que rasgou o bolso da calça que minha carteira caiu na hora e eu tive pra pegar a minha carteira. E aí quando eu caí, eu

rasguei aqui a mão, que eu cai ralando a mão no asfalto, minha calça rasgou na hora, rasgou o bolso. [...] E na delegacia a maior intimidação, o cara chegou com um monte de jiujiteiro, também ele era amigo de jiujiteiro e tentavam intimidar a gente na delegacia, tentavam intimidar os colegas. Eles estavam com raiva mesmo era do colega que eles achavam que tinha dado o murro e aí eles tavam com sede era no nosso colega. E aí a gente foi lá só pra prestar queixa. (**K**)

Dois casos de agressão: física e sob a forma de arma de fogo: "*E ele olhou pra mim e eu gentilmente falei: Senhor, o senhor está estacionado de maneira irregular, queira retirar o veículo por gentileza. Então eu nem cheguei a fazer a autuação de imediato [...] E ele já se exaltou. Ele devia estar fazendo alguma entrega ali na alemã e disse o seguinte, né: Eu vou parar o carro aonde, na sua cabeça? Eu falei: não, o senhor pode estacionar ou parar o carro onde você achar que seja melhor, menos nessa situação. Você está realmente atrapalhando a passagem de pedestres e de cadeirantes e de pessoas com deficiência. Aí ele veio passou entre os carros e veio na minha direção e proferiu palavras de baixo calão, xingando minha mãe. E veio pra cima de mim. O que me ajudou foi que eu sou um pouco alto né, então, eu subi no canteiro central e coloquei a mão no radio pedindo apoio policial. Ele disse: você pode pedir o apoio policial que você quiser, eu vou pra cima de você. [...] E ele mencionou sair do local só que nesse meio termo de ele sair do local, ele não só saiu do local, mas como ele jogou o carro em cima de mim. Então, se eu não estivesse atento ao que poderia acontecer, eu poderia ser atropelado e de maneira não casual e sim proposital, então eu me joguei pra calçada ele passou ao meu lado como se fosse um objeto qualquer. [...] Existiu uma agressão física na própria base. Eu estava sentado na mesa próximo da porta de entrada e tentaram alvejar a base, eu não sei se*

diretamente a mim ou diretamente ao vidro, né. Então, foi uma bala caseira que foi projetada de fora pra dentro e que passou por cima da minha cabeça e que bateu realmente no bebedouro e era de aço, ou seja, se fosse a intenção de me pegar ou de pegar a parede, essa foi uma situação muito grave porque eu poderia ter morrido, então se essa bala pegasse na minha cabeça, eu com certeza não estaria aqui falando com você hoje aqui (**V**)

Em busca do Ser. Heidegger[160] pautou sua filosofia, especificamente em torno dessa busca. Considera o homem como *Dasein* ou *Ser-Aí*, lançado no mundo e sujeito a situações que lhe vêm ao encontro em seu dia a dia. A estas situações, o filósofo da Floresta Negra denominou de *facticidade*. Os discursos mostram claramente ao conceito a que o autor se refere.

No exercício de sua profissão, sofrem agressão das mais variadas formas e modos. Seja verbal, seja através de armas de fogo. Nesse momento, percebe-se que esse momento é gerador de angústia, de dor e sofrimento. A relação com o outro se torna de opressão, de humilhação. O mundo humano é afetado consideravelmente. Mas, a que mundo humano nos referimos?

Heidegger[161] revela que a relação com o outro é o que de mais fundamental característica do existir humano. É o ser-com-o-outro, em que é vivenciada a reciprocidade, o crescimento conjunto. Uma vez que, através desse relacionar-se é que nos percebemos a partir do outro. Como diz Castro[162] amparado na obra do filósofo, o homem se reconhece a partir de seus semelhantes.

Entretanto, sob qual aspecto se dá o que é expresso nas falas? Sob a perspectiva da relação inautêntica, uma vez que, as relações ocorreram sob a égide da agressividade, do não-diálogo, resultando em – como já

colocado anteriormente – em dor e sofrimento que, como percebemos irá resultar em temor a retornar ao desenvolvimento de suas tarefas laborais cotidianas, uma vez que, constatamos que os agentes de trânsito participantes deste estudo, encontram-se afastados em virtude do ocorrido.

Rotina de ameaça e violência:caracterizando a cotidianidade

O cotidiano desses homens é permeado, como vimos, por diversas formas de agressão. Questionados acerca desse fazer profissional, revelam em suas falas que o dia a dia está pleno de situações em que são destratados, agredidos, vilipendiados em sua condição de pessoa e de profissional. E nas lembranças, o termo "inúmeras" vezes é observado repetidamente. A nos diz: *"Tanta agressão como, agressão verbal que a gente sofre diariamente. Isso aí, todos os dias a gente sofre, mas a física a gente procura manter-se distante do condutor, coisa que é errado, mas infelizmente a gente está passando por essa situação"*. (**D**) corrobora: *"E a gente sente, vê a violência que as vezes a pessoa tem no momento de amedrontar e vir pra cima do agente onde tem fatos que acontecem até de agressão, coisas até piores, as vias de fato. Comigo aconteceu não foi só uma não, foram inúmeras, várias vezes.*

Para (**DA**) *"A princípio tem vários tipos de agressão que a gente sofre diariamente né, seja ela, física, psicológica [...] No nosso trabalho a gente passa diariamente por isso"*. (**LE**) revela: *"Então por causa dessas agressões que não deram em nada, eu digo e que eu cheguei a trinta boletins de ocorrência, isso pra alertar os colegas e assustar e ver que não adianta em nada a gente tá brigando com ninguém, né, na rua"*. (**F**) *"Na verdade, aconteceram inúmeros, né? nesses sete anos aí, nós estamos no oitavo,*

aconteceram inúmeras situações. [...] em uma situação das muitas, em uma situação, ao acho que já passei mais ou menos umas vinte, eu acho que muito mais de vinte. [...] Os casos de agressão são inúmeros aqui em Manaus; há agressões de todo tipo, né, física, as verbais, muitas vezes a gente nem pesa mais na balança. É interessante como a gente é agredido verbalmente, principalmente em fiscalizações, praticamente, todos os dias, né. E a gente nem leva em conta mais essa agressão verbal, né, não dá mais atenção a essa questão. Então assim, mas o pior é quando é essa agressão física, há situações como... já atropelaram agente de trânsito, o cara jogou o carro em cima do agente de trânsito, já aconteceu muitas vezes".

Agressões sucessivas, como reportam: (**H**) *"Eu já tô com onze anos e nove meses no exercício da atividade de agente de transito e nesse período eu já passei por muita coisa em relação a agressão, todos os tipos de agressões, só não cheguei as vias de fato de agressão física, pelo fato de eu me resguardar mesmo porque se no caso, eu não me resguardasse eu teria acabado indo as vias de fato".* (**K**) *"Isso não foi o primeiro, não de agressão, mas já teve outros... bate boca e tudo mais, ameaça né ou algo parecido, mas que não chegou a agressão. [...] A questão da ameaça muitas vezes, elas ficam só a ameaça. A gente se for contar o número de ameaças com o número de agressões, o número de ameaças que a gente sofre vai triplicar, triplicar vai dar mil vezes mais que as agressões. As ameaças a agente até tira... ah, essa daí é só mais um...mais é perigoso, a questão da ameaça também é perigosa".* E (**V**) *"Então, existe muitas situações que a gente vivencia no nosso trabalho que não são relatadas que muitas vezes pela rotina de trabalho intensa que a gente vive, ou seja, eu acredito que não seja só comigo, mas com outras pessoas também. Então, são situações corriqueiras que acontecem praticamente todos os dias".*

Presente. Passado. Futuro. Tempo. E tempo para Heidegger[163] é uma questão fundamental. A temporalidade, ou seja, a forma como se vivencia presente, passado e futuro, é no dizer de Castro[164] a dimensão que, no pensamento heideggeriano, é basilar da existência humana, uma vez que é aí que o ser-no-mundo encontra condição de realização em suas possibilidades de vir-a-ser.

Ao relatarem suas concepções acerca do cotidiano pleno de situações difíceis, essas pessoas temporalizam, ou seja, mostram a dimensão ou a pluridimensão do que é vivenciar esse dia a dia em que a agressividade do outro é gerador de angústia. Ora, diante de tantas dificuldades pelas quais estas pessoas estão passando, ao remontarem ao aspecto laboral, percebe-se que mergulham em questões de grande sofrimento. Eis o temporalizar. Segundo Castro[165] o fundamento ontológico da existencialidade da pre-sença[166].

Temporalizar direciona a existir. Existir, por sua vez, sair de si mesmo, transcender. Ao recordar cada momento em que foram agredidos, estes homens trouxeram em suas falas como estas facticidades foram vivenciadas. Suas falas estão preenchidas pelo sofrimento, pela dor, pela angústia. E, conforme ressalta Castro[167], a angústia é a tempestade do Ser. Assim, compreende-se que é o ser-lançado no mundo, habitamos um mundo que se torna inóspito e ser-no-mundo como homens é habitar essa inospitabilidade, uma vez que somos chamados a enfrentar as mais diferenciadas situações que ocorrem em nosso dia a dia.

Conforme nos ressalta Heidegger[168] o sentimento de não-pertença ao mundo, seja natural ou artificial, caracteriza o que foi percebido nas

falas, o desamparo, a incerteza do que poderá vir a ocorrer em nossas vidas.

Os meandros da violência:consequências pessoais e sociais

Vivenciar situações de agressividade e violência certamente apresenta re-ações. Dentre estas, encontram-se: revolta; humilhação, raiva e frustração; medo; impotência e raiva.

Outra consequência que surge com muita intensidade; a falta de apoio institucional, geratriz de angústia dado o descaso a que são relegados, conforme atestam as falas dos participantes.

Encontramos revolta: *"O nosso primeiro sentimento é um sentimento de revolta porque a gente vê que ninguém faz nada. [...] E primeiro, porque eu virei motivo de chacota né, porque passou em tudo quanto é jornal e eu fiquei motivo de chacota isso aí e foi uma coisa assim que a gente ficou abalado, a minha família, na época eu já estava casado, e depois o motivo de chacota, as pessoas curtindo em relação isso aí, dizendo que eu corri. E realmente eu corri, porque o rapaz era muito grande e eu não tinha condição de enfrentá-lo. Você podia bater que ele não sentia nada porque ele estava totalmente drogado."* (**A**).

Revolta que vai além do ocorrido propriamente dito: *"Olha, a princípio, me dá um sentimento de revolta, mas de revolta no momento talvez nem tanto da pessoa, mas talvez por um conjunto de coisas. Revolta porque o sistema, ele é falho, me revolta porque eu também não posso culpar aquela pessoa, porque é estressante, como eu falei anteriormente, a pessoa ser punida dessa forma, é estressante. [...] Então esse sentimento de ser agredido, é um sentimento assim revoltante, as vezes dá muita vontade de eu revidar, porque eu fico também com raiva, é um sentimento assim ruim,*

certo. [...] Dá vontade de revidar, mas como o momento é ...eu respiro sempre fundo e penso que ali eu sou um servidor público, eu sou pago as vezes pra ter, criar uma certa técnica, evitar aquilo ali, porque é o meu dia a dia, lidar com aquilo, certo. Eu tenho que respirar fundo e procurar amenizar da melhor maneira possível, mas o sentimento no momento é de revolta, tal qual o sentimento do agressor, certo?" (**D**).

Revolta em virtude de seus familiares o encontrarem agredido: "*Eu senti mais porque minha filha, minha esposa me viu machucando, entendeu, ficaram preocupados, então, foi um sentimento pior pelo fato de as pessoas que me amam me vendo daquela maneira, né. Tá marcado, com a boca quebrada, pior ainda, então você se sente o pior que existe*". (**DA**).

Tristeza por ter sido atropelado por um adolescente sem habilitação: "*Meu amigo, assim, a minha tristeza sabe o que é? É que o rapaz, 17 anos, não habilitado, olha o veículo, como...Os pais que não tem cuidado, o cuidado assim de [...] meu filho, não! Eu dou pro meu filho, um rapaz sem experiência no trânsito, andando na contramão da via e por uma saída, ele tava andando na contramão da saída que é da Carrefour, que você nem percebe, me pegou assim, eu não percebi, eu não sei como, eu não percebi aquele carro quando saiu, então quer dizer, o que eu quero dizer assim olha, um rapaz de menor, não habilitado que pega um veículo, meu amigo, se transforma em uma arma que pode tirar a vida.[...] Olha, eu tô seis meses sem levantar duma cama meu amigo. Seis meses. Eu passei por sete cirurgias e estou aguardando a oitava cirurgia que vai ser daqui há..., nós estamos em dois de abril, só em maio, pode ser senão só daqui há mais dois meses, eu vou ter que aguentar na cama em consequência de um jovem não habilitado que o pai deixa a chave a vontade assim, que o filho pode pegar o carro. [...] Então essa é que minha revolta. Então, dificilmente a*

pessoa que é habilitada, ele vai andar pela contramão, por que ele sabe né: opa essa via eu posso causar um acidente do outro lado, eu tô totalmente aqui sob minha responsabilidade, eu posso causar [...] Matar uma pessoa." (**E**)

Humilhação, raiva e frustração. São sentimentos exarados por (**L**): *"O primeiro sentimento é de humilhação, porque você está ali trabalhando, eu estava executando o meu trabalho, e como eu levo meu trabalho muito a sério, essa atitude dele me deixou humilhado. Eu estava ali com meu instrumento de trabalho e ele, naquele momento, ele me privou de fazer o que eu estava fazendo arrancando o auto das minhas mãos, e depois foi de muita raiva. Primeiro eu tive sentimento de frustração e depois, sentimento de raiva.*" (**F**): *"Olha, assim, como eu sou colérico, o meu temperamento é colérico, pra falar a verdade o primeiro sentimento que a gente tem, de quando uma pessoa vem, assim, agredir a gente, é a gente, sei lá, revidar, de alguma forma pra se defender. O primeiro sentimento que tem, né? E depois, na verdade, quando passo esse momento, fica aquele sentimento de desproteção, que a gente não tem ajuda, que não tem ninguém olhando pra gente ali, que a gente, que a gente não tem segurança. [...] Mas o sentimento então, é primeiro esse sentimento de a gente fazer uma coisa pela gente mesmo, pra [...] Sei lá [...] proteger, e depois esse sentimento de que a gente estar desprotegido, de que a gente se sente muito inferior porque você não sabe quem é o condutor que tá ali naquele veículo, pode ser alguém...um traficante; pode ser alguém do submundo, pode ser alguém, um policial e tal e eu já tive...um policial que foi de certa forma grosseiro com o agente de trânsito e tudo, então é isso.*

Outro sentimento expresso é p medo, conforme mostra a fala de **H**: *"Infelizmente elas fazem com que nós tenhamos medo de exercer a nossa*

função da melhor maneira possível. [...] infelizmente essas coisas acontecem e acaba fazendo com que nós façamos, infelizmente façamos [...] tenhamos que fazer vistas grossa pra muita coisa que acontece pra resguardar a nossa segurança porque nós não trabalhamos armados, nós não temos segurança.

Impotência e raiva, eis o que (**V**) nos traz: *"Então, você se sente muitas vezes impotente em relação ao seu trabalho porque não tem nenhum tipo de segurança a sua segurança é realmente de algum companheiro que esteja com você, mas nesse caso, há um número pequeno né, de agentes na nossa corporação. Então, essa situação de impotência e você tentando realmente, como é que se diz? [...] você tentando executar o seu trabalho da melhor maneira possível né, sabendo que pode acontecer uma agressão, mas você não tem contrapartida, né, uma segurança física né, da sua pessoa, do seu trabalho [...] primeiramente, a indignação existe, a impotência existe. A maneira de você falar assim: pô, eu poderia ter falado isso naquela daquela maneira e tentar desarmar aquela pessoa através da palavra. Existe a indignação de você não ter agido da maneira que você poderia agir emocionalmente, mas realmente na hora que você está passando por essa situação é muito difícil você ter um autocontrole. Graças a Deus vez eu tive Graças a Deus você teve, mas muitos amigos não tiveram e graças deus que não tiveram um desfecho ruim, mas na hora ali, você tem realmente um sentimento de impotência, um sentimento de raiva, é claro né? Mas eu acho que é controlado pelo teu estado emocional. Agora depende muito de como você está emocionalmente na sua vida pessoal.*

A falta de apoio institucional foi um dos fatores que, no discurso dos agentes, trouxe muito sofrimento. (**A**) nos diz: *"E ficou isso aí, esse sentimento de revolta e por a justiça não ter feito o que era pra ser feito. [...] A gente fica sempre com aquele receio de acontecer novamente, trabalhando*

sempre com o pé atrás, com receio de você sofrer novamente essas coisas. [...] Em relação a minha função de agente de trânsito é medo". (**DA**) informa que "*Pra gente é um descaso né, a gente se sente desassistido de todas as formas né, e principalmente no lado emocional, a gente faz de tudo pra não levar esse tipo de problema pra casa, né*". Na fala de (**LE**): "*O sentimento que isso provocou em mim, é de raiva né, de raiva assim do órgão, por que eu acho que esse tipo de coisa não deveria acontecer, e se acontecesse, o órgão deveria tomar providencias ao extremo pra tornar a pessoa o exemplo, pra outros condutores saberem o que acontece e não repetirem né, a agressão a qualquer agente que seja, mas infelizmente, nada é feito*". (**K**), por sua vez ressaltou: "*Mas assim, uma coisa que me deixou muito chateado foi, e até hoje me deixa, é a questão de a gente não ter o apoio nem da população, sabe, a gente não tem. [...] E isso é uma das coisas que mais me entristece é esse lado aí. [...] É isso. Tristeza, revolta, indignação*".

Percebemos que diante da facticidade[169], as reações e concepções inerentes ao fato em si mesmo, apresentam diversidade. Ora, a partir do momento em que a pluridimensionalidade de percepção ocorre, tudo é expresso na linguagem, afinal como compreende o filósofo, o Ser se mostra na linguagem, afinal, a linguagem é a morada do Ser.

Assim sendo, a expressão oriunda de cada participante denota a visão muito própria, o olhar muito individual e singular que mostra as várias dimensões que a situação de violência vivida é respondida, é compreendida. Como ressalta Castro[170], para Heidegger a linguagem não é apenas um meio de expressão ou, como ele mesmo diz, o meio de um organismo se manifestar. Ao afirmar que a linguagem é a morada do Ser significa que, para ele, o que existe antes de tudo é o Ser, sendo que o

pensamento pode pro-mover a relação do Ser com o homem e a linguagem, sendo parte decisiva desse encontro.

Para pensar a linguagem, é preciso penetrar na fala do Ser, a fim de conseguirmos morar em sua linguagem, isto é, na fala de outro Ser e não na nossa. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que a linguagem do outro nos confie o modo de ser desse outro, a sua essência.

É neste movimento que se percebe, através da fala do outro, do que esse outro quer dizer, o quanto foram afetados, de forma inautêntica, pelo outro que agride, pelo outro que é violento, pelo outro que não se coloca no lugar de minimizar os efeitos deletérios do agir violento contra o agente de trânsito. O outro, me afeta. E, no afetar, me lança na facticidade que me faz expressar o que sinto, como sinto, o porquê sinto. Assim, lidar com a linguagem, significa compreender o que se diz, possibilita compreender a fala do discurso.

Compreendendo a dimensão do fazer do agente de trânsito:não é só aplicar multa

As falas estão repletas de referência ao trabalho realizado, ou melhor dito, aos vários tipos de trabalho que são direcionados para o agente de trânsito. Se ressentem pelo fato de a seu trabalho ser atribuído apenas a aplicação de multas. Quando, pelo contrário:

São várias atribuições, como nos diz (**D**): "*Você tem que estar sempre mostrando para a população que o agente de trânsito... As funções do agente de trânsito, que o agente de trânsito, ele tem que fazer a primórdio, tem que fazer uma coisa, aí vai baixando. O agente de trânsito não é um multador, o agente de trânsito ele tem que fazer fluir o trânsito. O principal... Por*

exemplo, se hoje for perguntado no Brasil, o que é a função do agente de trânsito, todos os brasileiros na sua maioria, vão dizer que é multar, certo. [...] Nós temos várias atribuições, até chegar a uma autuação. Nós temos que se fazer valer, nós temos princípios, primeiro nós vamos ter que valer a coletividade e que se possa andar, certo, e depois que se possa preservar o pedestre, pra depois você vim pra fazer uma medida administrativa que é realmente fazer com que autuação funcione, mas acima dessas autuações, tem várias coisas ainda que ser vista aí que realmente é primordial e que a gente como agente de transito, a gente cumpre isso.

O usuário do sistema viário não tem noção da dimensão, como explicitou (**V**) *"A nossa atribuição não é só autuar, são várias atribuições que você tem e que o público infelizmente, a gente serve como um extravaso um desabafo da população em relação a algo que você fez. [...] mas o que indigna mais é que ela não tem noção dos seus atributos que não é só autuar porque nós somos os primeiros a chegar num acidente muitas vezes, nós somos os primeiros a resguardar o acidente, nós somos os primeiros a tentar acalmar a vítima, a tentar fazer com que seja preservado, e que a via continue com a rotina normal pra não prejudicar outras pessoas também*".

Na minha relação com o outro, posso ser levado à conta de instrumento. Sou "manualizado" como dizia Heidegger[171]. O que ele queria dizer com isso? Que o *Dasein*, ao sentir-se lançado no mundo, e em decorrência de não compreender as situações pelas quais está passando, usa o outro apenas como instrumento, como manual. Diante disso, os agentes de trânsito se sentem cobrados e vistos apenas como aquele que autua e fiscaliza, ou seja, sua atuação profissional não é compreendida em sua dimensão real, apenas a partir de uma suposição.

O fenômeno acima gera incômodo, gera sofrimento. Como falado anteriormente, *ser-no-mundo* é estar lançado em um mundo inóspito, que muitas vezes parece cerceador de sua liberdade. Entretanto, a reflexão realizada em torno de suas possibilidades, colocam estes Dasein em contato com si mesmos, uma vez que, percebem, tem consciência do seu papel, e apesar incômodo causado pela concepção de outrem a respeito de sua atividade laboral, se mantém firmes, vão além do dito, do propagado pela população que, conforme eles próprios referendam, não conhecem a pluridimensionalidade de seu trabalho.

E no meu trabalho, a violência e o dilema entre o fiscalizar, o multar, o operar

Ser-agente-de-trânsito significa ir além da farda ou da institucionalização pertinente. Refere-se ao fato de que desenvolve sua atividade na orientação, na promoção de um trânsito que provoque menos estresse nos motoristas e, também no fiscalizar e suas consequências, a aplicação de multa àqueles que teimam em burlar a normativa geral que rege o trânsito em nossa cidade, em nosso país.

Dada a especificidade do trabalho que exercem cotidianamente, as situações de aplicabilidade de multa – fiscalização – é o que mais resulta, pela fala dos participantes, em ações de violência e agressividade. Assim, temos nas falas a violência associada ao ato de fiscalizar, como fala (**A**): *"A nossa função é apenas, é fazer cumprir a lei. É ser fiscalizador da lei. A nossa função é só fiscalizar, fazer fiscalização, mas infelizmente as pessoas não veem isso com bons olhos por que a partir do momento que dói no bolso das pessoas, logicamente ninguém gosta. Ninguém gosta de ser chamado atenção, ninguém de pagar contas, ninguém gosta de pagar seus tributos,*

mas somos apenas fiscalizadores. Para (**D**): *"A gente lida com a população, numa situação que a gente tem o dever de fiscalizar e na verdade, depois dos acontecimentos, foi quando eu vim descobrir na pele que a situação que acontece era um pouco constrangedora e leva a gente a sentir medo de estar na via fazendo aquilo que nossa profissão impõe que é fiscalizar. [...] Ninguém gosta de ser fiscalizado, principalmente quando sente no bolso né. E a gente sente, vê a violência que as vezes a pessoa tem no momento de amedrontar e vir pra cima do agente onde tem fatos que acontecem até de agressão, coisas até piores, as vias de fato. [...] o agente de trânsito, ele trabalha como agente fiscalizador e ninguém gosta de ser fiscalizado, ninguém gosta de ser mexido no bolso, ninguém gosta de ter uma CNH suspensa porque vai interferir na vida do cotidiano da pessoa".*

(**DA**) esclarece: *"O que acontece é que parte das pessoas não gosta de ser fiscalizada, ninguém gosta de ser fiscalizado, ninguém gosta de ser chamado a atenção [...] o agente de trânsito tem que vir preparado, né?".* O que vem ser complementado por (**E**): *"Então eu causo um dano porque eu tava no celular. Então, eu como motorista, não sei que eu não tenho que usar celular? Sei, mas então, porque eu uso. Então, eu ainda fico com raiva do agente porque me multou meu amigo? Né? Eu não deveria ficar com raiva dele, não! O cara tá me ajudando [...] peraí! jamais meu amigo! agora eu vou até desligar o celular, pra nem ser tentado de alguém me chamar. Então o cara deveria ver, ó [...] Não, ele tá fazendo o serviço dele. Mas infelizmente existem pessoas, tem vezes que ficam irado, olha!".*

Para (**L**): *"Uma autuação, uma multa, ela afeta, independente da estrutura emocional daquele indivíduo. Tem pessoas que não estão preparadas pra isso, nem cogitam a possibilidade de serem autuadas mesmo cometendo infração. Então, eu entendo que na nossa profissão, a gente vai*

passar sim, eu ainda devo passar por muitas situações dessa, é inevitável, porque como eu te falei, tem pessoas que tem maturidade para lidar com a autuação e tem outras que não tem. Então essas que não tem elas vão..., elas podem, por exemplo, estar armadas, ou pessoas que trinam jiu-jitsu ou alguma arte marcial, naquele momento, eles podem querer por egocentrismo, ou mostrar uma arma ou como aconteceu recente com o colega nosso que o cara pegou ele no jiu-jitsu e fez estrago com o cara lá. Então eu acho que sempre vai acontecer".

(**LE**) revela: *"Eu digo assim pra todo colega, no tempo da caneta, que nós só nos tornávamos ameaça quando nós puxávamos a caneta. Então enquanto tu não puxa a caneta, tu não é uma ameaça pra ninguém e ninguém vem a te ameaçar. [...] a questão fiscalização, né, no momento em que eu puxo a caneta, eu me torno um agressor à sociedade, esse que é o meu sentimento. [...] E a pessoa que não está sendo fiscalizada, ela sempre aplaude, mas a que tá sendo fiscalizada, a pessoa que vai ser punida, esse camarada que é o perigo pra nós, se eu não tiver multando o agressor, tá tudo bem muito obrigado, pode guinchar, pode fazer tudo*". (**F**) corrobora: *"As pessoas veem o agente de transito como alguém que tá ali pra fazer o mal porque eles tão recebendo, na verdade uma multa ou estão sendo autuados e vão ter que pagar a multa, mas assim, eles têm o agente de transito como inimigo por conta disso, porque ele é alguém está fiscalizando o erro deles"*. Para (**H**) *"E pode vir algum condutor que já pegou várias notificações e queira vir descontar no agente. [...]. Então, você chega pra fiscalizar, se não tiver acompanhado da polícia, você não vai ter a coragem de chegar lá e fiscalizar sendo que os próprios flanelinhas podem se juntar e querer te agredir pelo fato de tu estar notificando o veículo da pessoa que ele tá reparando que isso eu já presenciei lá na Arena da Amazônia de o agente ir*

conversar com o flanelinha pra retirar o veículo e o flanelinha xingar e chamar ele pra ir lá tirar o veículo pra ele ver o que vai acontecer com ele. Então isso daí são coisas que fazem com que infelizmente a gente não consiga exercer a nossa atividade da melhor maneira possível".

Surge, a partir desse quadro, um dilema: e o meu-fazer é para ser realizado. Dessa forma, (**D**) compreende que: *"Seria muito simples eu ganhar dinheiro como agente de trânsito e não me empenhar, não estar nem aí pra fazer, porém não é do agente de transito D esse que vos fala. [...] E também porque nós somos fiscalizados, tenta pela sociedade quanto pelos condutores, pedestres e por qualquer pessoa nós somos fiscalizados e se o cidadão achar por bem fazer uma denúncia que o agente de transito não está cumprindo com a sua obrigação, existe sim uma punição que pode vir administrativamente e até a exoneração ou a demissão do quadro".* (**DA**) nos diz: *"As pessoas pensam que quando o agente de trânsito chega e multa ele tá se satisfazendo, não, mas se a gente deixar de autuar, deixar de fazer qualquer prerrogativa nossa, então, a gente tá cometendo um crime também né, eu creio nisso. [...] Então, quando eu deixo de fiscalizar, eu sempre ponho relatado no CCO, eu relato o porquê...tiro foto ... Ou tá só eu ou não tem condições. Muitas vezes em eventos, né, um evento que tu tem uma quantidade maior de agentes de transito, mas é maior ainda de pessoas, então tu não tem condições, então, é sempre aquela questão, sempre ponho relatado né, sempre relato, porque as vezes se tu deixar de fazer, tu pode tá cometendo um crime né, prevaricação, né, por que alguma pessoa vai te questionar né, tu recebeu dinheiro? Então, pra me respaldar, eu sempre ponho relatado né, dependendo da situação, aquela questão de condições que não são dadas pra trabalhar"*

Abertura. Ser-no-mundo é ser abertura. Os participantes refletem acerca de sua atuação. Retornam a si mesmos e redimensionam o olhar que – mesmo diante do sofrimento e da dor que o outro me causa – consigo ir além, transcender e mergulhar no pensamento meditativo que aponta para a necessidade de não permanecer vinculado a um único modo de representação, exigindo que nos ocupemos com o que pode parecer inconciliável: a atuação enquanto agente de trânsito, a violência que aí ocorre e o dilema entre fazer ou não o seu trabalho em consonância com as normativas e regimentos.

Isso leva aos diferentes modos de pensar que o filósofo apresenta em *Serenidade* obra publicada em 1959, quando aponta para a simultaneidade da atitude de dizer sim – pensamento que calcula – neste caso o momento em que emite a infração e o não – pensamento que reflete – aqui, a consciência de estar realizando o seu melhor, independentemente às agruras que a profissão lhes traz.

Ora, para Heidegger[172] o homem só se torna livre na medida em que pertence ao âmbito do destino. É se perceber partícipe da história que flui, da qual faz parte e na qual está imerso. Se por um lado, a verve humana da agressividade se faz presença como consequência de sua atividade laboral; por outro lado, existe a reflexão de que caminhar em acordo com aquilo a que foram formados, torna-se fundamental. Afinal, como nos diz esse autor[173],

> *Ora, onde mora o perigo é lá também que cresce o que salva.*

Considerações Finais

Após longo período de convivência e escuta com os agentes de trânsito que no seu fazer laboral, existencial e cotidiano, sofreram algum

ato violento, podemos realizar algumas inferências, partindo da externalização dos sentimentos e da compreensão subjetiva destes profissionais acerca da própria experiência vivenciada, ou seja, da reflexão que fizeram acerca da situação violenta que sofreram no desenvolvimento de sua função como agentes de trânsito na cidade de Manaus.

A primeira constatação é a de que a violência se manifesta no fazer cotidiano destes profissionais sob as mais variadas formas que vão desde uma agressão verbal passando pela violência física, ameaças verbais ou morais, coação, desacato, ameaças sob arma de fogo, atropelamentos e outras. O "mundo circundante" dos agentes de transito é permeado por perigos diversos que eles mesmos não desejam, mas que contrariamente as suas vontades, vêm ao encontro de si, coabitam o seu espaço, no espaço do mundo, como facticidade e na relação com o "outro" perpassada pela inautenticidade manifestada pela agressividade, que gera dor, sofrimento e angústia na existência destes profissionais.

A segunda constatação é que todos os participantes da pesquisa já passaram por várias situações de violência na sua práxis laboral. No dizer destes trabalhadores, as situações de ameaça e violência são rotineiras. Eles classificam as ameaças verbais e "xingamentos" como costumeiras e as situações mais graves, aquelas que causam algum dano físico ou prejuízo psicológico mais sério, tem se tornado cada vez mais frequente. E percebem sua profissão como extremamente perigosa não apenas pelas ameaças provocadas pela irados condutores-infratores, mas pelo próprio perigo que o trânsito representa pelos múltiplos fatores que o tem tornado uma realidade cada vez mais complexa. Tudo isso leva o agente a refletir sobre a sua prática, a se compreender na espacialidade e na

temporalidade do seu fazer, a partir das angústias provocadas pela dor e indignação, pensa possibilidades para o seu existir enquanto ente que existe em cada momento vivido, como ente que se constrói em cada caso.

A terceira constatação é que as situações de violência vivenciada pelos agentes de trânsito lhes causam reações diversas no campo subjetivo, como sentimentos de: revolta; humilhação, raiva e frustração; medo; impotência; raiva e, ainda, a falta de apoio institucional que leva a uma sensação de frequente insegurança e descaso. Tudo isso causa crises de cunho existencial, pois os agentes se veem atingidos naquilo que consideram sagrado, que é o seu fazer, que é a sua práxis laboral que segundo suas convicções têm grande importância social, diante das significações sedimentadas pela sociedade de que é necessário manter um equilíbrio na convivência humana e preservar a vida. As consequências da violência sofrida perpassam também para o campo relacional, atingindo pessoas do círculo familiar e social. A partir dessa reflexão manifestada pela linguagem, o agente vislumbra a dinâmica do seu fazer. É pela linguagem que manifestamos a compreensão do ser-si-mesmo, visto que a linguagem é a morada do ser, conforme Heidegger.

A quarta constatação é de que os efeitos angustiantes do ser agredido levam o agente de trânsito a refletir sobre a dinâmica de trabalho, compreendendo como ela se dá na cotidianidade e como é absorvida pelo outro. O agente de trânsito percebe sua prática laboral como uma ação dinâmica, útil e pluridimensional e, ao mesmo tempo, se incomoda como uma compreensão equivocada do outro, que o vê apenas como um aplicador de multas. Há um conflito existencial, pois o agente possui convicções de sua tarefa como algo benéfico para a coletividade, porém a compreensão do outro é vista por um ponto de

vista insuficiente, não o abarcando na sua totalidade. Isso é um fator gerador de incômodo e sofrimento ao profissional que deseja acolhimento, reconhecimento e harmonia na realização do seu ser-com-o-outro.

E, finalmente, a constatação de que o ambiente inóspito, traz para a atividade cotidiana do agente um dilema que perpassa o seu fazer-para-ser. Ora, a experiência cotidiana, leva o agente de trânsito a compreender que quase sempre a violência impressa sobre si, decorre do fato do seu ato fiscalizador. A Instituição, por sua vez, não provê condições necessárias para que o profissional possa realizar seu trabalho com efetividade e, quando a violência ocorre, não presta apoio satisfatório, conforme expressão da maioria dos participantes da pesquisa. O dilema acontece, nesse sentido, quando o agente se vê em falta com o seu senso de obrigação e o cuidado com a sua própria integridade. Essa realidade não deixa de ser dolorosa para ele (agente de trânsito) que experimenta a incompletude do seu fazer, experimentando a frustração, o sentimento de não realização e a pre-ocupação de que seu fazer não se realiza essencialmente. No entanto, a situação experienciada de violência leva-o a pensar estratégias para vivenciar o seu dia-a-dia, buscando novos sentidos e razões para continuar desempenhando seu trabalho, prevalecendo a convicção de que o seu fazer é a construção do próprio seu próprio ser-no-mundo, do seu ser, do mundo.

Dessa forma, compreendemos que o caminho percorrido pelos agentes de trânsito que sofreram violência no seu fazer-para-ser é a expressão própria do *Dasein* heideggeriano. Lançados no mundo, com seu leque de possibilidades, buscaram sentidos para sua existência, vivendo seus modos de ser, entre os quais, ser agentes de trânsito. Sem

desejar, experienciaram um ambiente hostil de violência e ameaças constantes, mergulhando em angústias, sofrimentos e dilemas que, fundamentalmente, os levaram a re-pensar a sua práxis, articulando novas formas de poder-ser. Nessa empreitada, o sentimento de estar sendo inautêntico, no sentido de não realizar com efetividade a tarefa, transpassa o ser destes profissionais, porém visto que o *Dasein* não possui uma essência determinada ontologicamente, podemos inferir que não fazer, ou o deixar de fazer, também é ser, pois o *Dasein* é o ser-aí-em-cada ocasião. Portanto, quando o agente deixa de fazer o prescrito, está sendo autêntico, está dando sentido para sua existência nos seus modos de ser, está agindo ao modo do cuidado, pois possui convicções e tem consciência de ser-para-a-morte.

Referências

BAKKE, E. *et al.* Influence of alcohol and other substances of abuse at the time of injury among patients in a Norwegian emergency department. **BMC Emerg Med** 16, 20 (2016). https://doi.org/10.1186/s12873-016-0085-2

CARVALHO, C. C. **A violência manifestada no trânsito**. Monografia apresentada à Universidade Paulista/UNIP: Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" em Psicologia do Trânsito. Maceió, 2014.

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017. p. 17-26.

FERREIRA, V. R. T; TEBALDI, E. Comportamentos no trânsito e causas da agressividade. **Revista de Psicologia da Unc.** Vol. 2, N. 1 pg 15-22, 2004.

HAWLEY, C. *et al* Traumatic brain injuries in older adults—6 years of data for one UK trauma centre: retrospective analysis of prospectively collected data. **Emergency Medicine Journal** 2017; 34:509-516. http://dx.doi.org/10.1136/emermed-2016-206506

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

MACHADO, D. B. et al. As políticas de austeridade no Brasil podem afetar os resultados relacionados à violência. **Ciênc. saúde coletiva** , Rio de Janeiro, v. 24, n. 12, p. 4385-4394, dezembro de 2019.

SANCHEZ-RAMIREZ, D.C. & VOAKLANDER, D. The impact of policies regulating alcohol trading hours and days on specific alcohol-related harms: a systematic review **Injury Prevention** 2018; 24:94-100. http://dx.doi.org/10.1136/injuryprev-2016-042285

SHERRY, M.K. *et al* Rates of intentionally caused and road crash deaths of US citizens abroad **Injury Prevention** 2015; 21**:** e10-e14. http://dx.doi.org/10.1136/injuryprev-2013-040923

SLATER, M. D.; HAYES, Andrew F. & CHUNG, Adrienne H. Injury News Coverage, Relative Concern, and Support for Alcohol-Control Policies: An Impersonal Impact Explanation, **Journal of Health Communication**, 2015, 20:1, 51-59, https://doi.org/10.1080/10810730.2014.906523

VASCONCELLOS, E. A . **O que é trânsito?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

VINDEGRIEND, Z.; HASHEMI, A. & SHKOUKANI, M. Changing Trends in Adult Facial Trauma Epidemiology. **The Journal of Craniofacial Surgery**. 26(1):108–112, January, 2015, https://doi.org/10.1097/SCS.0000000000001299

---

148 VASCONCELLOS, E. A . **O que é trânsito?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

149 FERREIRA, V. R. T; TEBALDI, E. Comportamentos no trânsito e causas da agressividade. **Revista de Psicologia da Unc**. Vol. 2, N. 1 pg 15-22, 2004.

150 CARVALHO, C. C. **A violência manifestada no trânsito**. Monografia apresentada à Universidade Paulista/UNIP: Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" em Psicologia do Trânsito. Maceió, 2014.

151 MACHADO, D. B. et al. As políticas de austeridade no Brasil podem afetar os resultados relacionados à violência. **Ciênc. saúde coletiva** , Rio de Janeiro, v. ٢٤, n. ١٢, p. ٤٣٩٤-٤٣٨٥, dezembro de ٢٠١٩.

152 VINDEGRIEND, Z.; HASHEMI, A. & SHKOUKANI, M. Changing Trends in Adult Facial Trauma Epidemiology. **The Journal of Craniofacial Surgery**. 26(1):108–112, January, 2015, https://doi.org/ 10.1097/SCS.0000000000001299

153 SLATER, M. D.; HAYES, Andrew F. & CHUNG, Adrienne H. Injury News Coverage, Relative Concern, and Support for Alcohol-Control Policies: An Impersonal Impact Explanation, **Journal of Health Communication**, 2015, 20:1, 51-59, https://doi.org/10.1080/10810730.2014.906523

154 SHERRY, M.K. et al Rates of intentionally caused and road crash deaths of US citizens abroad **Injury Prevention** 2015; 21: e10-e14. http://dx.doi.org/10.1136/injuryprev-2013-040923

155 BAKKE, E. et al. Influence of alcohol and other substances of abuse at the time of injury among patients in a Norwegian emergency department. **BMC Emerg Med** 16, 20 (2016). https://doi.org/10.1186/s12873-016-0085-2

156 HAWLEY, C. et al Traumatic brain injuries in older adults—6 years of data for one UK trauma centre: retrospective analysis of prospectively collected data. **Emergency Medicine Journal** 2017; 34:509-516. http://dx.doi.org/10.1136/emermed-2016-206506

157 SANCHEZ-RAMIREZ, D.C. & VOAKLANDER, D. The impact of policies regulating alcohol trading hours and days on specific alcohol-related harms: a systematic review **Injury Prevention** 2018; 24:94-100. http://dx.doi.org/10.1136/injuryprev-2016-042285

158 CARVALHO, C. C. **A violência manifestada no trânsito**. Monografia apresentada à Universidade Paulista/UNIP: Curso de Pós-Graduação "Lato Sensu" em Psicologia do Trânsito. Maceió, 2014.

159 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco

160 HEIDEGGER, M. **Ontologia: (hermenêutica da facticidade).** Tradução de Renato Kirchner. 2. Edição. Petrópolis: Vozes, 2016.

161 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

162 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017.

163 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

164 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017. P. 17-26.

165 Ibidem, p. 15

166 Termo cunhado por Heidegger para designar o ser humano.

167 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017. P. 17-26.

168 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

169 Situações que nos colhem de surpresa em nosso cotidiano – Heidegger, 2013.

170 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017. P. 17-26.

171 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

172 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

173 Ibidem, p.31

Ser-vizinho de Residência Terapêutica: o sentido da "loucura" para comunitários

Gabriel Vítor Melo Rocha
Denis Guimarães Pereira
Ewerton Helder Bentes de Castro

Reflexões iniciais

A história da loucura se entrelaça com o início da história da humanidade. O que se entende hoje como loucura, ou seja, um processo duradouro e complexo com alterações emocionais e orgânicas é relativamente moderno na ciência. Pessotti[174] argumenta que há três principais maneiras de compreender o fenômeno da loucura, da antiguidade clássica ao século XIX: a mitológico-religiosa, sendo a loucura causada por caprichos divinos ou demoníacos, presente nas obras de Homero e nos eventos da Inquisição medieval; a passional-psicológica, um descontrole das emoções, presente nas tragédias gregas e na obra de Eurípedes; e a organicista, onde a loucura detém o atributo

de doença e é analisada pela visão médica, iniciada por Hipócrates e Galeno, continuando com Pinel, Esquirol e Cotard.

O principal lugar da loucura se estabeleceu com a criação da instituição psiquiátrica manicomial. Os manicômios surgiram a partir de instituições de caridade da Igreja Católica no início da Idade Média, que abrigavam pobres, mendigos, desabrigados, doentes e loucos[175]. No século XVIII, com os ideais republicanos advindos da Revolução Francesa, novas instituições assistenciais foram criadas para assumir a responsabilidade de tratamento dos enfermos. Assim, a Medicina ocupa seu lugar no hospital, transformando-o em seu local de trabalho e estudo. Nos anos de 1790, Pinel inicia suas pesquisas para fundamentar a atuação dos médicos nos hospitais gerais e psiquiátricos, onde postula que o isolamento e a segregação do doente são a forma mais apropriada de tratamento, transformando o enfermo num objeto empírico[176].

Apenas nos anos de 1950 foram iniciados os processos de reformas nas instituições manicomiais devido ao desrespeito aos direitos humanos dos internados, à extrema precariedade das instituições e ao agravamento das doenças psiquiátricas por conta das más condições dos manicômios, como a "comunidade terapêutica" de Maxwell Jones, na Inglaterra em 1959. No mesmo período, François Tosquelles inicia na França a "psicoterapia institucional" e surgem os movimentos da "psiquiatria de setor". Nos Estados Unidos, é criada a "psiquiatria preventiva", onde se iniciaram as propostas de promoção da saúde mental (sendo introduzidas outras metodologias como a sociologia, a antropologia e a psicologia); e a "antipsiquiatria" na Inglaterra, onde objetivava a desapropriação da loucura do saber médico. Em 1972, Franco Basaglia constrói centros de saúde mental e comunidades

terapêuticas em Trieste, na Itália. Finalmente, em 1978, foi aprovada a Lei Basaglia, que cria subsídios para a implantação da reforma psiquiátrica no território italiano[177].

No Brasil, a reforma psiquiátrica surgiu a partir de pequenos movimentos, como denúncias de funcionários ligados à DINSAM (Divisão Nacional de Saúde Mental) devido à constante violência contra os enfermos e às condições trabalhistas precárias, nos anos de 1970 [178]. Em decorrência, surge o MTSM (Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental), que realizam conferências e debates para a transformação da assistência psiquiátrica, criando-se subsídios para a realização de congressos nacionais e regionais com foco na discussão do fazer psiquiátrico e da humanização dos serviços psiquiátricos[179].

O ponto culminante para a reforma psiquiátrica brasileira foi a promulgação da Lei 10.216 de 6 de abril de 2001, que garante a proteção e o direto ao tratamento humanizado às pessoas em sofrimento psíquico, a derrubada do modelo assistencialista médico e a extinção gradativa dos manicômios, acarretando na criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS's) e das Residências Terapêuticas (RT's)[180].

Os CAPS's e as RT's destacam-se como sendo os principais agentes da Reforma Psiquiátrica. O objetivo do CAPS é realizar o acompanhamento clínico e a reinserção social do usuário pelo acesso ao trabalho, lazer, restituindo-lhe seus direitos civis e fortificação das relações familiares e comunitárias, com o comprometimento de diversos profissionais, como médicos, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, terapeutas ocupacionais, entre outros[181].

As Residências Terapêuticas (RT's) são o modelo substitutivo dos manicômios, destinadas às pessoas internadas há anos em hospitais psiquiátricos, caracterizadas como moradias abertas e inseridas na própria comunidade, podendo ser assistidas por profissionais da saúde[182]. Além disso, podem ser incluídos programas extra-hospitalares de atenção e assistência farmacêutica gratuita. O modelo psiquiátrico asilar do manicômio acabou por produzir graves sequelas nas vidas de milhares de pessoas, como obstruir projetos de vida, reduzir expectativas, expressões e sentimentos. Muitos não têm mais família ou a família não os querem

mais em casa. Cabe às RT's o acompanhamento destas pessoas, ajudando-as a adquirirem autonomia e independência[183].

A emergência para com a efetiva implantação da Reforma Psiquiátrica no Amazonas surgiu a partir da recente transferência dos ex-pacientes internados da instituição manicomial Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro (CPER), localizado na cidade de Manaus, para as RT's, localizadas no Bairro Santa Etelvina[184]. Diante disto, emergiu a preocupação quanto à forma como os moradores do Bairro Santa Etelvina percebem o fenômeno da "loucura" e do sofrimento psíquico, além de possíveis mudanças na dinâmica do bairro, decorrentes do estabelecimento dos ex-internos do CPER nas RT's, considerando que, posteriormente, podem ser feitas atividades de conscientização dos moradores do bairro a respeito de questões referentes à saúde mental e à reforma psiquiátrica, além de gerar maiores conhecimentos e despertar questionamentos científicos e sociais acerca deste tema.

O objetivo do estudo foi compreender o fenômeno da "loucura" segundo os moradores do bairro Santa Etelvina, na cidade de Manaus e

em como concebem a recente mudança dos ex-internos do CPER para as atuais RT's instaladas no bairro. Para realiza-lo, procurou-se essa compreensão a partir de significados existentes nos discursos destes moradores, os participantes da pesquisa, expressos em entrevistas áudio-gravadas e realizadas em seus domicílios, considerando a abordagem qualitativa da teoria da Psicologia Fenomenológica-Existencial.

As vivências: compreensão da "loucura"

A percepção do sentido de "loucura" segundo os moradores do entorno das RT's. Essa questão se relaciona com experiências vividas pelos participantes no que se refere ao conceito de "loucura" e de seus possíveis derivados, como: doença mental, transtorno mental, entre outros. As falas dos participantes sugerem a origem/causa da "loucura" como aquela que surge decorrente de situações de violência e de traumas. O sofrimento psíquico seria o resultado de vivências adversas que acometeram um indivíduo saudável, na perspectiva de que o ser humano nasce bom, sendo a sociedade (ou determinada sociedade) a responsável pelo desenvolvimento da patologia mental.

Assim, Maria (61 anos) nos revelou sua concepção de loucura, explicitando: *"Eu acho que... muitos me disseram que foi mulher muito maltratada, que batiam muito lá [no CPER] (...). Eles não tão doente (sic) porque eles querem, eles nasceram bonzinho (sic) como uma amiga que me contou de uma moça que nasceu boazinha (...). Eles nasceram bom (sic), adoeceram depois de maus-tratos da família"*.

Luiza (58 anos) revelou *"Acho que a maior parte das pessoas quando elas ficam violentas é porque elas são tratadas com violência, pode observar"*. Helena (46 anos), por sua vez, compreende a loucura como sendo: *"É*

uma questão social. O que eles passaram, a vida sofrida, do dia-a-dia. E é louco, por serem judiados, por serem maltratados". Para Davi (39 anos): *"São pessoas que sofrem traumas, na minha área, por exemplo, de segurança a gente vê muita gente que sofre traumas devido a um assalto, roubo ou uma violência física, algumas pessoas têm dificuldade de se recuperar ou não conseguem realmente. Enfim, tem diversos fatos, tem a haver com o trabalho também, estressante, sou policial militar e é bastante estressante assim, e a gente tem uns casos de alguns colegas que já tiveram que ter acompanhamento psiquiátrico especial devido ao estresse do trabalho*".

Heidegger[185] o homem, ou seja, o *ser-no-mundo* nunca é um ser isolado, pois apenas quando entra em contato com o mundo é que poderá dar início ao seu processo de construção, tornando-se um ser-com-os-outros. Assim, o ser humano sempre estará ligado ao seu contexto social. A pessoa, ao vivenciar situações violentas e traumáticas, carrega para si estas experiências vividas, prejudicando suas relações *para-com* o mundo, resultando no sofrimento psíquico.

A relação homem-mundo como condição da existência humana aparece em Heidegger[186], para quem o ser no mundo com outros é uma estrutura fundamental do Ser-Aí; em Merleau-Ponty[187], que estuda a percepção a partir do entrelaçamento corpo-mundo; em Sartre, que concebe o homem como ser em situação[188]. Considerando a compreensão dos participantes é nesta relação que o intercurso ocorre, ou seja, a gênese do problema psíquico surge. Ora, considerando o que expressaram os participantes e estabelecendo link com a teoria heideggeriana – cujo o conceito primordial diz respeito ao Cuidado para com os entes[189] - este foi vivenciado de modo deficitário, tendo em

vista que, os discursos explicitam que foi o outro – a família – concebida como o móvel para que as pessoas da RT estivessem na condição em que se encontram.

Autores como Aguiar & Castro (2017) compreendem que o processo de significação do conceito de "louco", demonstra a influência que o meio onde se está inserido influencia a forma de ver e pensar o outro. Enquanto participante de um cenário distante da "loucura", se é que é possível distanciar-se dessa "loucura", a construção do significado baseia-se, principalmente, no senso comum culturalmente estabelecido.

A "loucura" como incapacidade para solucionar os problemas

O transtorno psiquiátrico pode ser levado à conta de fator incapacitante para resolver quaisquer problemas, dos mais corriqueiros aos mais difíceis de solucionar, como um movimento de não resistir a situações que ocorrem no cotidiano. Como ressalta Catarina (37 anos): *"Acho que depende da cabeça de cada pessoa, você tem algum problema que às vezes você consegue converter, que consegue lidar, mas tem certas pessoas que não conseguem lidar e faz essas coisas. Eu entendo que seja mais ou menos por aí. Acho que a gente tem que levantar a cabeça e enfrentar. [Os moradores das RT's] não tem força suficiente, não tem capacidade suficiente pra levantar a cabeça e enfrentar o problema"*. Ou no falar de Ana (27 anos): "*Na verdade, a maioria das pessoas que eu já ouvi em falar... eu acho que é durante o tempo, em certas partes da vida que acontecem e ela não tem força pra resistir e acaba se tornando nisso. Umas são mais fortes e resistem certas coisas da vida e outras não, outras não tem, não são muito*

diferentes, então cada qual com pensamento diferente, que não suportam as coisas que acontecem".

As falas indicam que a "loucura" seria a inabilidade de resolver as dificuldades da vida, sendo relacionada como uma fraqueza das pessoas em sofrimento psíquico. Segundo estas falas, pessoas mentalmente saudáveis lidam com seus problemas de forma satisfatória, ao contrário das pessoas acometidas por patologias psicológicas: indivíduos que não "resistem" ou não "suportam" as adversidades cotidianas.

Para Aguiar & Castro[190] cada pessoa é um ser dotado de infinitas possibilidades de vivenciar e estar em seu mundo, sendo capazes de realizar seus atos. Há pessoas que precisarão de certos fatores para a expressão de sua espontaneidade e capacidade, como aquelas acometidas por sofrimento psíquico. Por exemplo, um ambiente propício para se manifestar livremente, a companhia de indivíduos fortalecedores e de confiança, entre outros.

A "loucura" como perda do sentido da realidade e da normalidade

A concepção de loucura ainda está muito arraigada na percepção da perda do sentido da realidade, não ter noção do que faz e de si mesmo, é diferente. Davi (39 anos) explica: "*Loucura, acho que é quando a pessoa perde o sentido a realidade, ela não tem noção do que está fazendo, ela vive num mundo à parte, e as regras, vamos dizer assim, da sociedade, seriam organizadas para que não fizesse o menor sentido, a menor diferença*". Heloisa (18 anos) fala: "*Acho que é você não ter noção do que está fazendo e não estar no seu estado perfeito de pensar por você mesmo*".

Ana (27 anos): *"Pra mim, eu entendo que seja uma pessoa com distúrbio, e não pensa no que faz, tem atitudes diferentes de uma pessoa normal"*.

Os discursos dos participantes revelam que a "loucura" é um estado da consciência onde houve a perda da concepção do que é real e do que é normal. A pessoa em sofrimento psíquico estaria vivenciando uma realidade alternativa em que as normas sociais não fazem diferença para ela, sendo que ela não é capaz de pensar por si mesma, comportando-se de forma anormal.

O fenômeno da loucura é assustador. A perda da razão, o prejuízo na capacidade de discernir o que é real e imaginário, a possibilidade de ser considerado como inútil perante a sociedade, são alguns dos medos atribuídos à loucura e que afligem as pessoas. Medos e angústias são comuns àquilo que nos é desconhecido, e por sê-lo, afastamo-nos desse objeto que nos provoca esses sentimentos e sensações ruins; e com a loucura essa realidade não é diferente (AGUIAR; CASTRO, 2017).

Para Merleau-Ponty (2011), a percepção da normalidade e da realidade se dá a partir do contato do ser humano com os outros (o mundo), mas cada indivíduo pode perceber seu ambiente de formas diferentes. Ainda segundo o autor, as normas sociais são construídas historicamente a fim de possibilitar uma coexistência pacífica entre todos os seres, cada qual desvelando sua própria percepção acerca da sociedade em que vive.

Mudança na compreensão em relação às pessoas em sofrimento psíquico

Através da convivência com os moradores das RT's e usuários do Centro de Apoio Psicossocial (CAPS), alguns participantes da pesquisa

expuseram mudanças na maneira de pensar acerca das pessoas em sofrimento psíquico. Assim, nos fala Helena (46 anos): *"No início a gente ficou, assim, até meio amedrontado, pensando que eles fossem perigosos, mas agora não. A gente vai até visitá-los, conhecer eles. A gente já conhece por nome e eles também, pelo nome da gente. Eles são bem carinhosos. Chamam a gente de mãe, eles são bem legais. O pessoal falava 'ah, os doidos do Eduardo Ribeiro [...] eles esganam a gente, eles agarram. Fazem isso e aquilo né'. Mas, é totalmente diferente. Conhecendo o dia-a-dia deles, a gente foi vendo que não é isso que as pessoas falam não. Eles só precisam de um pouco de carinho, de atenção, que cada cabeça é um problema pra se resolver"*.

Lívia (50 anos) revela: *"Já tinha contato com as pessoas lá do CAPS, que eu ia em busca de remédios pra minha filha. E quando eu me deparei com uma paciente, que estava muito agitada, aí eu pensei, quando ela se aproximou de mim eu tomei um susto (risos). Pensei que ela fosse me esganar naquele momento, mas não foi nada daquilo. Foi mais medo meu mesmo [...], ela só estava em busca de, assim, se comunicar com uma pessoa, aquilo era mais medo meu mesmo"*.

Amarante[191] relata que a reforma psiquiátrica brasileira não objetiva apenas mais atenção ao cuidado das pessoas em sofrimento psíquico, mas também a mudança de concepções arcaicas acerca da saúde mental, principalmente aquelas atreladas ao preconceito social. O trabalho de ressocialização do enfermo, em resposta ao período em que fora confinado no hospital psiquiátrico, representa o início da ressignificação da sociedade em geral acerca da pessoa em sofrimento psíquico.

Alencar & Castro[192] consideram a busca pelo conhecimento como "voltar às coisas mesmas", ou seja, suspender todas as ideias preconcebidas e estar aberto a perceber o fenômeno na experiência singular do momento. A ressignificação seria o "vir-a-ser", a possibilidade de lançar um novo olhar para uma parte da história e organizá-la de modo diferente, a fim de se obter uma compreensão mais ampla do fenômeno. As participantes Helena e Lívia, ao entrar em contato com a nova realidade em seu bairro, a instalação das RT's na comunidade, descontruíram a

ideia preconcebida socialmente acerca da pessoa em sofrimento psíquico e resgataram o sentido em novas vivências.

Ora, considerando que meu olhar lançado sobre o outro também é Cuidado, percebemos que a mudança me provoca o que Castro[193] compreende como o ser-com. A partir do momento em que o olhar se transforma, toma outra perspectiva, o usuário se torna protagonista de sua própria vida. Afinal, como compreendem Alencar & Castro[194], o cuidado nos coloca desde sempre em comunhão e comunicação. Ao partilhar seu ser-no-mundo comigo, nós nos comunicamos e, dessa forma, ocorre a interpelação, uma vez que ao vivenciar com o outro, ocorrem inevitavelmente: aproximar-me-do-outro, deixar-me interessar por ele, ser interpelado e interpelar, ser solicitado e solicitar, responder e corresponder.

Medo e segregação às pessoas em sofrimento psíquico

O medo e o temor a pessoas com transtornos psicológicos é algo vivenciado desde há muito tempo. E com algumas pessoas que participaram deste estudo, não foi diferente, assim como a visão

separatista para com os moradores das RT's. Catarina (37 anos) nos disse*: "Assim, eu sei que eles têm as necessidades deles, mas também a gente não gostou muito porque é um pouco perigoso. Porque de vez em quando eles fogem [...]. Já cansei de ver, não só eu, como tudo mundo aqui, que é até perigoso, porque de repente dá aquelas crises que dá naquelas pessoas [...]. Aí, todo mundo tem que andar de porta fechada [...]. Mas aí, a gente tem que conviver com eles né, eles lá e a gente aqui (risos). Até o muro é baixo, o pessoal até conversa com eles, mas por enquanto não vamos mudar nossa opinião*".

Davi (39 anos) a partir de leituras ou de saber que algo aconteceu – sob o aspecto da vitimização de outrem por parte de uma pessoa com transtorno psicológico, expressa: "*A gente sente uma certa insegurança, particularmente ao fato da minha mãe ser deficiente né, e muitas vezes ela está sozinha [...] porque a gente não sabe o motivo, o que aconteceu com elas, né. Já ouvi rumores que tem alguns que cometeram crimes familiares, mataram o pai, mataram mãe, mataram irmãos [...]. A gente sabe que é uma coisa necessária [as RT's], que muitas vezes a gente vê pacientes andando, vagando pela rua e a gente sabe que é errado. Eu só gostaria de um pouco mais de segurança porque já houve umas fugas aí. Tipo, o muro é muito baixo, tá (sic) certo que não é uma prisão também, não pode ter essas características*".

Uma fala que poderíamos considerar contundente no sentido desse medo relacionado ao outro nessa condição, é a de Maria: "*O muro é muito baixinho já viu? É muito baixinho, era pra ter feito uma grade como essa daqui [aponta para o muro alto da vizinha]. Que ficava mais seguro,* né? E também não quero que eles mexam comigo *[risos] nem com*

ninguém [...]. Vou dizer pra ti, que toda a vida eu tive medo [de pessoas em sofrimento psíquico], eu oro pra que isso nunca aconteça com meus filhos".

Goffman[195] salienta que parte da função da instituição psiquiátrica é proteger a comunidade do perigo e dos aborrecimentos que uma pessoa em sofrimento psíquico poderia causar. Ou seja, o que se teme é a dúvida em como a pessoa em sofrimento psíquico poderá se comportar, ainda na perspectiva de que a pessoa estará frequentemente em crise e não conseguirá controlar seus impulsos. O resultado deste processo é a privação de liberdade para o "sucesso" do tratamento psiquiátrico[196].

Foucault[197] também discorre nesta perspectiva, relatando que os chamados *loucos* viviam à margem da sociedade desde a época clássica. Em determinados momentos da história, o *louco* se relacionava com o "sagrado" na Grécia antiga, com o "profano" no período medieval e com o "marginal" no início da idade moderna. Após o século XVII "produziu-se uma grande ruptura: toda a série de modalidade transformou o louco como um ser marginal em um ser completamente excluído"[198]. Ou seja, o *louco* se tornou um ser sem identidade ou história, onde a exclusão é a maneira deste não *contaminar* o restante da sociedade.

Merleau-Ponty[199] afirma que o medo da angústia surge a partir do medo do futuro, do "vir-a-ser", não necessariamente do medo em si. Kierkegaard[200] esclarece a angústia como estar diante do nada, do desconhecido, da dúvida, projetando ideias preconcebidas acerca do fenômeno. Ou seja, o medo e a segregação às pessoas em sofrimento psíquico surgem na questão da dúvida, de como o morador das RT's irá se comportar e a própria incapacidade do morador do bairro ao

enfrentar esta nova realidade da comunidade, carregando as antigas concepções acerca do sofrimento psíquico.

Convivência com pessoas em sofrimento psíquico antes do estabelecimento das RT's

Neste momento, trazemos alguns excertos de discursos relativo ao fato de que os participantes da pesquisa, antes da instalação das RT´s nas imediações de suas residências, já haviam convivido com outras pessoas acometidas por transtornos psicológicos. Luzia (58 anos) nos disse: *"Eu tive um amigo que tinha uma família que eu conheci. O marido viu o ladrão matar a esposa e estuprar a filha. Ele ficou louco [...]. Ele rodava na rua, andava [...]* não sei o que foi feito daquele homem". Para Lívia (50 anos) a convivência vem logo após ter se tornado mãe: *"No caso da minha filha, a minha filha já nasceu assim né, e quando eu levei ela no pediatra pela primeira vez, aí [...] os outros pediatras que eu levava ela não me diziam o problema que ela tinha. Aí depois fui trocando de pediatra até que foi um médico que me falou assim: 'mãe, eu tenho uma coisa pra falar pra você'. Aí eu já fiquei já um pouco nervosa, aí eu disse: 'o que, doutor?'. Aí ele falou: 'a sua filha tem uma síndrome de [...] um nome muito forte, não me lembro. Aí falou: 'mas não fique triste por isso'. Mas que eu tinha que conviver com ela pra vida toda. Então, no momento, aquilo pra mim, assim, eu fiquei bastante assustada, é minha primeira filha e nasceu desse jeito. Mais hoje né, como certas pessoas falaram pra mim que como ela era uma criança assim, com problema assim, era raro a criança viver. Mas hoje ela está com 31 anos, não morreu como essas pessoas falaram pra mim. E hoje ela está aqui, está bem, tem momentos em que ela entra em crise, mas tem que saber conviver, saber lidar".*

No caso de Ester (39 anos) um familiar manifestou o transtorno psicológico: *"Uma tia minha ficou assim de uma hora pra outra. Surtou. Foi parar nesse hospital aí [CPER][201] [...]. Foi só um distúrbio e ela ficou internada nesse hospital aí por uns 20 dias. Mas não vi nenhuma melhora [risos]. Ficou doida (risos)"*. Para Lucas (43 anos): *"Quer dizer, já teve o caso de uma ex-esposa de um irmão meu. Meu irmão largou ela com os filhos, e ela ficou assim, doente. Ela andava até despida na rua [...]. Foi internada no Eduardo Ribeiro. Depois disso, os filhos dela, meus sobrinhos, tentaram ajudar no tratamento dela. Mas aí ela ficou meio 'beleléu', nunca ficou boa, não. Ela toma medicamento pra não ficar sempre surtada"*.

Percebe-se que a maioria das pessoas em sofrimento psíquico das quais os participantes discorrem, são seus familiares. A reforma psiquiátrica trouxe uma nova perspectiva acerca das relações entre a família e a pessoa em sofrimento psíquico: tornando os familiares, agentes da reinserção do enfermo à comunidade. A pessoa em sofrimento psíquico terá acesso aos serviços do CAPS e das RT's quando necessário, mas a família propiciará o contato com a sociedade externa, quando o paciente se reconhece como cidadão. Infelizmente, há situações em que a família age de maneira segregadora, mantendo o enfermo em instituições psiquiátricas e isolado do meio familiar[202].

Heidegger[203] relata que o acolhimento do outro em seu "ser-no-mundo" e a convicção no "vir-a-ser" são atividades de cuidado autêntico voltadas para a existência do outro. A família e a comunidade ao redor das RT's devem receber a pessoa em sofrimento psíquico e torná-la consciente de seu próprio potencial transformador, encaminhando-a para um mundo de inúmeras possibilidades de vivência. Do contrário, ao centralizar o cuidado com o indivíduo ao "modo-de-ser" da instituição

psiquiátrica, haverá a dependência do enfermo a esse sistema, restringindo suas capacidades.

Conquanto a questão do que trazem as falas, além da internação das pessoas – à essa época não se pensava em reforma psiquiátrica, há de se convir – a linguagem utilizada para referir àquele em sofrimento psicológico reflete o que Castro (2017), amparado na concepção heideggeriana, considera como um movimento inautêntico. A que inautenticidade nos referimos? Ao fato de que, como as pessoas são diferentes; passaram a agir de forma diferente; precisaram ser internadas, foram lançadas à condição de "doida", "louco", "beleléu". A inautenticidade reside no fato de, ao não sabermos trabalhar com a alteridade, assinalamos esse outro sob a égide do preconceito, da galhardia, da discriminação a partir do que falo em relação a ele. Eis o movimento inautêntico.

Considerações Finais

A reforma psiquiátrica abriu as portas para novos olhares acerca da enfermidade mental e do cuidado para com a pessoa em sofrimento psicológico, com a importância da participação da comunidade em prol de melhorias na rede de saúde mental.

O objetivo desta pesquisa foi atingido, os participantes discursaram sobre o sentido da "loucura", que poderia ser desinente de experiências envolvendo traumas e violência; a incapacidade em resolver os problemas da vida; ou a perda da percepção do que é real e normal. Além disso, houve explanações acerca da mudança do sentido da "loucura" em decorrência do convívio entre os sujeitos da pesquisa e os moradores das Residências Terapêuticas (RT's); destacou-se o medo e a

segregação em relação às pessoas em sofrimento psíquico; e foram relatadas experiências de convivência dos participantes do estudo com pessoas em sofrimento psíquico antes da instauração das RT's.

A principal contribuição deste estudo foi tentar compreender como os moradores residentes no entorno das RT's, Lar Rosa Blaya, estão defrontando a nova realidade do bairro, a convivência lado a lado com pessoas em sofrimento psíquico. A angústia vivenciada por eles ainda reflete o pensamento hostil com relação aos habitantes das RT's, mas tiveram pessoas que descreveram a boa convivência com indivíduos com enfermidades mentais.

É explícita a necessidade de se trabalhar em conjunto com os moradores do bairro, questões relativas a reforma psiquiátrica e a saúde mental. A reforma psiquiátrica europeia se preocupou em melhorar o atendimento oferecido às pessoas em sofrimento psíquico. A reforma psiquiátrica brasileira, além de ter o mesmo objetivo que a europeia, também deve atentar-se em discutir concepções e pré-conceitos acerca do sofrimento psíquico, desconstruindo antigos paradigmas.

O olhar para com a pessoa em sofrimento psicológico deve ser acolhedor, não como um *ser-doente* ou *ser-diferente*, mas um *ser-no-mundo* com infinitas possibilidades de atuação.

A pesquisa foi o primeiro passo para se pensar em novas abordagens para com a comunidade na questão da saúde mental. Futuramente, pensa-se em atividades em que possam ser trabalhadas a recepção desse novo cenário do bairro e o acolhimento dos moradores das RT's na dinâmica da vizinhança, objetivando, aos poucos, a efetivação da reforma psiquiátrica amazonense.

Referências

AGUIAR, D. & CASTRO, E.H.B. Con-vivendo com a loucura: ser-louco e ser-com-o-louco na vivência da Reforma Psiquiátrica In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** A(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 217-238.

ALENCAR, B.R. & CASTRO, E.H.B. Ser-com no voluntariado: o cuidar na perspectiva fenomenológico-existencial In: CASTRO, E.H.B. (Org.) Fenomenologia e Psicologia: A(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 201-216.

AMARANTE, P. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz. Temas em Saúde, 2007.

BERLINCK, M. T.; MAGTAZ, A. C.; TEIXEIRA, M. A Reforma Psiquiátrica Brasileira: perspectivas e problemas. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund**., São Paulo, 2008, v. 11, n. 1, p. 21-27.

CAETANO, A. S. et al. Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Reforma Psiquiátrica no Amazonas: um olhar dos envolvidos. **Sal. & Transf. Soc.**, Florianópolis, 2011, v.1, n. 3, p. 94-101

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017. P. 17-26.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999

FOUCAULT, M. **Problematização do sujeito:** psicologia, psiquiatria e psicanálise. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002

FRAGA, M. N. O.; SOUZA, A. M. A. & BRAGA, V. A. B. Reforma Psiquiátrica Brasileira: muito a refletir. **Acta. Paul. Enferm.** 2006, 19 (2): 207-211.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

HIRDES, A. A reforma psiquiátrica: uma (re) visão. **Ciência e Saúde coletiva**, 2009, 14 (1): 297-305.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus, 1968

LA HAYE, J. L de. **A morte do manicômio:** história da antipsiquiatria. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PAZUELLO, A. Governo faz transferência de pacientes psiquiátricos do Eduardo Ribeiro. **D24AM.** Manaus, 26 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://new.d24am.com/noticias/amazonas/governo-transferencia-pacientes-psiquiatricos-eduardo-ribeiro/107025>. Acesso em: 10/01/2015.

PESSOTTI, I. **A loucura e as épocas**. - 2. ed. - São Paulo: Ed. 34, 1995.

PESSOTTI, I. **O século dos manicômios**. São Paulo: Ed. 34, 1996

PITTA, A. M. F. Um balanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira: Instituições, Atores e Políticas. **Ciência e Saúde coletiva**, 2011, 16 (12): 4579-4589.

ROSA, L. C. dos S. **Transtorno mental e o cuidado da família** – 3. ed. – São Paulo, Cortez, 2011

SCHIMIDT, M.L.S. Apontamentos críticos à Teoria da Mudança de Carl Rogers. In: BARRETO, C.L.B.T.; MORATO, H.T.P; CALDAS, M.T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica.** Curitiba : Juruá, 2013, p. 107-146.e3

---

174 PESSOTTI, I. **A loucura e as épocas.** - 2. ed. - São Paulo: Ed. 34, 1995.

175 FOUCAULT, M. **História da loucura**. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999

176 PESSOTTI, I. **O século dos manicômios**. São Paulo: Ed. 34, 1996

177 AMARANTE, P. **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

178 PITTA, A. M. F. Um balanço da Reforma Psiquiátrica Brasileira: Instituições, Atores e Políticas. **Ciência e Saúde coletiva**, 2011, 16 (12): 4579-4589.

179 HIRDES, A. A reforma psiquiátrica: uma (re) visão. **Ciência e Saúde coletiva**, 2009, 14 (1): 297-305.

180 AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocia**l. Rio de Janeiro: Fiocruz. Temas em Saúde, 2007.

181 CAETANO, A. S.; ALVES, A. C. A.; SOUZA, J. C. P.; COLOMBAROLLI, M. S.; SILVA, M. V. V.; KATSURAYAMA, M. Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Reforma Psiquiátrica no Amazonas: um olhar dos envolvidos. **Sal. & Transf. Soc.**, Florianópolis, 2011, v.1, n.3, p.94-101.

182 FRAGA, M. N. O.; SOUZA, A. M. A.; BRAGA, V. A. B. Reforma Psiquiátrica Brasileira: muito a refletir. **Acta. Paul. Enferm**. 2006, 19 (2): 207-211.

183 BERLINCK, M. T.; MAGTAZ, A. C.; TEIXEIRA, M. A Reforma Psiquiátrica Brasileira: perspectivas e problemas. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund**., São Paulo, 2008, v. 11, n. 1, p. 21-27.

184 PAZUELLO, A. Governo faz transferência de pacientes psiquiátricos do Eduardo Ribeiro. **D24AM.** Manaus, 26 de fevereiro de 2014. Disponível em: <http://new.d24am.com/noticias/amazonas/governo-transferencia-pacientes-psiquiatricos-eduardo-ribeiro/107025>. Acesso em: 10/01/2015.

185 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

186 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

187 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

188 SCHIMIDT, M.L.S. Apontamentos críticos à Teoria da Mudança de Carl Rogers. In: BARRETO, C.L.B.T.; MORATO, H.T.P; CALDAS, M.T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**. Curitiba : Juruá, 2013, p. 107-146.

189 O outro

190 AGUIAR, D; CASTRO, E.H.B. Con-vivendo com a loucura: ser-louco e ser-com-o-louco na vivência da Reforma Psiquiátrica In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** A(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 217-238.

191 AMARANTE, P. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz. Temas em Saúde, 2007.

192 ALENCAR, B.R. & CASTRO, E.H.B. Ser-com no voluntariado: o cuidar na perspectiva fenomenológico-existencial In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** A(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 201-216.

193 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017. P. 17-26.

194 ALENCAR, B.R. & CASTRO, E.H.B. Ser-com no voluntariado: o cuidar na perspectiva fenomenológico-existencial In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** A(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 201-216.

195 GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos.** 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003

196 LA HAYE, J. L de. **A morte do manicômio:** história da antipsiquiatria. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

197 FOUCAULT, M. **Problematização do sujeito:** psicologia, psiquiatria e psicanálise. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002

198 Ibidem, p. 237

199 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

200 KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus, 1968

201 Centro Psiquiátrico Eduardo Ribeiro, em Manaus!

202 ROSA, L. C. dos S. **Transtorno mental e o cuidado da família** – 3. ed. – São Paulo, Cortez, 2011

203 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco,

2013.

Vivência hospitalar e o paciente oncológico:a possibilidade de compreensão da Logoteoria de Viktor Emil Frankl

Manoel Guedes Brandão Neto
Ewerton Helder Bentes de Castro

A análise existencial de Frankl:reconhecendo conceitos

Gênese da Logoterapia: A teoria de Viktor Emil Frankl, conhecida como Logoterapia ou psicologia do sentido da vida, baseia-se nos pressupostos humanístico-existenciais. Ela teve início em meio ao caos da Segunda Guerra Mundial e ao sofrimento passado em quatro campos de concentração nazista. Naquele ambiente desolador, Frankl deparou-se com a confirmação (interna, sua) de sua quanto às obras de Sigmund Freud a sua particular contribuição no campo do conhecimento, no qual defende a existência de seres humanos voltados para a vontade de sentido (*Sinngebung*)[204].

Na busca de um sentido para a vida, o autor teve por objetivo apresentar uma condição humana não mais voltada para a vontade de prazer ou de aspiração ao êxito material e de poder, definições estas que revelam crítica às outras escolas da psicologia, dentre elas, as deterministas teorias psicanalíticas.

Conforme Xausa[205], a teoria frankliana não foi um elemento isolado da circunstância perversa que se solidificou no século XX em plena segunda guerra mundial (e outros acontecimentos mundiais); ela teria sido a "antítese" das "teorias e terapias reducionistas do século passado", expressando, com forte contraponto uma *particular autenticidade científica* e um campo fundamental para o sentido da vida de cada ser humano.

Esta teoria tem sido amplamente utilizada, no pensar de Rodrigues & Barros[206]:

> a abordagem ontológica do ser humano aprofundada por Frankl na Logoterapia tem por fundamento compreender homens e mulheres em sua totalidade. Parte o autor da acepção básica de que o ser humano é bio-psico-sócio-espiritual, necessitado de liberdade e constituído pela capacidade de suportar o sofrimento, mesmo quando a vida parece longe de qualquer significado. É na obra de Frankl que encontraremos frágeis, mas voltadas para a realização do sentido e a efetivação do valor, ações consideradas normais e primárias da humanidade. (p. 13).

E mais, as críticas de Frankl quanto ao determinismo psicologista das teorias da época, enfatizam que o homem da atualidade não está emaranhado e sufocado pelas frustrações sexuais conforme defende as bases psicanalíticas quanto à gênese das neuroses do homem:

> O homem de hoje, ao contrário do que ocorria nos tempos de Sigmund Freud, já não é sexualmente frustrado, mas existencialmente frustrado. E hoje sofre menos do que no tempo de Alfred Adler, de um sentimento de inferioridade do que de um sentimento de falta de sentido, precedido por um sentimento de vazio, de um vazio existencial para sua vida (FRANKL, 1991, p. 155)[207].

Foi em 1926, numa *Associação de Psicologia Médica*, que, pela primeira vez, Viktor Frankl empregou o termo Logoterapia. Nessa época, ele ainda era um pesquisador/teórico. Sua obra deu origem à *Terceira Escola Vienense* ou *Terceira Força de Viena*, seguindo a trajetória das escolas de Freud e Adler.

A Logoterapia estrutura-se na ideia de que a vida tem um sentido (logos: sentido/ terapia: cura). Está motivada na reverência ao ser humano e na sua humanização. Amplia-se a cosmovisão de ser humano como um ser extraordinário, excepcional, responsável e capaz de situar-se diante das sujeições da vida, justamente porque possui uma dimensão espiritual que comporta as outras dimensões (psicológica, social e física)[208].

- **A busca e vontade de sentido**: Frankl reconheceu – principalmente na psicanálise freudiana e na psicologia individual adleriana, a mesma dificuldade compreensiva do ser humano – "*a preocupação com um equilíbrio interno, numa perene busca pela cessação de tensão, como objetivo maior da gratificação dos instintos e da satisfação das necessidades, constituindo-se, assim, o fim de toda atividade que envolva a vida*"[209].

O que de fato estimula o homem não é nem a vontade de poder (como assinala Adler), nem a vontade de prazer (como em Freud), mas sim o que Frankl chama de *vontade de sentido*. Na logoterapia, a vontade de sentido é norteada para uma efetivação de sentido, a qual mune uma razão para a felicidade; isto é, com uma razão para ser feliz, a felicidade surge automaticamente como efeito colateral.

Frankl[210] compreendia que cada pessoa tem uma aptidão própria ou missão especial na vida; cada um tem uma tarefa concreta

determinando consumação. Mas tal tarefa – o sentido – não é algo parado: o sentido muda de acordo com a pessoa e a circunstância, uma vez que a existência de cada homem proporciona um caráter de algo único e as situações nas quais estamos envolvidos não são repetidas.

Na contramão do que se pensa, sentido da vida não é um raciocínio absorto, é uma efetivação concreta no mundo. Sentido pode ser compreendido como um modo característico de dar forma à circunstância e/ou vivência. Viver com sentido exprime, então, que o homem, com suas disposições e capacidades, seus sentimentos e sua aspiração, se coloque a serviço da proposta de cada hora, se confronte criativamente com ela, recebendo e dando ao mesmo tempo. Sentido é uma espécie de natureza de engajamento, de "*estar totalmente dedicado a uma causa*"[211].

O desvelar do sentido de vida sobrevém na forma de resposta à vida. Frankl[212] entende que a pessoa não deveria perguntar pelo sentido, mas sim perceber-se questionada pela própria vida. Ou seja, conforme as circunstâncias se lhe apresentam, a pessoa deve responder na forma de uma ação comprometida com um sentido pessoal. Por isso, Frankl observa a seriedade da responsabilidade (habilidade para responder). Diante de sua finitude – sabendo-se mortal o homem não pode adiar infinitamente a realização de sentido – e do caráter irrevogável de seus atos, o homem deve decidir perante que ou perante quem se julga responsável.

• **Ontologia dimensional:** tem como compreensão aproximar-se da realidade em si, superando restrições e desvendando as bases humanas fundamentais, tendo como desígnio o *ser-em-si*, o ser tal como é. Muito embora a visão do homem em Hartmann e Scheler tenha se mostrado na

busca de um entendimento mais humano e existencial, somente Frankl favorece encontrar esta concepção total do ser humano[213].

A intensidade, dimensão e profundidade da Logoterapia consistem em compreender através de um esboço a perspectiva histórica da pessoa, encontrando solidez tanto na filosofia como na ciência, compreendendo assim, a formulação de uma imagem unicamente humana. Ao olhar esta *imagem* humana percebemos seu próprio ser através de sua humanidade. A Logoteoria alega que tão-somente quando se fala do espiritual é que se começa a falar do especificamente humano, onde se encontra a "pessoa". A *pessoa* é o centro funcional do ser finito, centro do espírito, mas não existe, só possui existência na livre consumação dos seus atos e mediante eles[214].

Frankl expõe um modo dimensional de compreender o homem, alvitrando o conceito geométrico de dimensões, ponderando ter salvaguardado a unidade antropológica (vivências, crenças, modos de vida) sem minimizar as diferenças ontológicas. Neste ponto de vista exprime duas leis para sua ontologia dimensional:

> A primeira lei é assim formulada: um só e idêntico fenômeno, projetado para fora de suas dimensões em dimensões inferiores às suas, dá origem a figuras diversas em nítido contraste entre elas. A segunda lei da ontologia dimensional afirma**:** (não apenas um só e idêntico fenômeno, mas sim) diversos fenômenos, projetados para fora de suas dimensões, não para dimensões diversas, mas para uma mesma dimensão inferior à própria, dão origem a figuras que não estão em contrastes entre elas, mas parecem ambíguas[215].

• **Dimensões humanas e a dimensão noética**: O vocábulo *noético* origina-se na palavra grega *nous* (espírito ou mente) e é nessa dimensão espiritual que se encontra as escolhas humanas face às condições corporais e de existência psíquica, além das decisões pessoais de vontade, intencionalidade, interesse prático e artístico, criatividade, senso ético e

a compreensão do valor[216]. O ser humano é uma unidade na pluralidade e a dimensão noética, o núcleo confluente de toda a dimensão humana. A ontologia dimensional de Frankl permite o homem como um ser tridimensional, isto é, sua totalidade é representada pela dimensão somática, psíquica e espiritual.

A *dimensão somática* alude-nos aos elementos corporais do homem, abarcando toda a estrutura fisiológica vital. A *dimensão psíquica* incide nas disposições, aspirações, sensações, desejos, comportamentos adquiridos, costumes sociais do homem. E na *dimensão espiritual ou noética*, toda tomada de disposição livre frente às condições corporais e psíquicas da existência humana.

Em oposição ao reducionismo psicodinâmico, naturalista e cartesiano do psicologismo (até atual) Frankl[217] expõe que a vivência se dá de caráter *noodinâmico* (dinamismo noético). A noodinâmica é a tensão tipicamente humana, a dinâmica existencial.

Viver esquadrinhando redução de tensão ou *homeostase* contrapõe-se à autotranscendência humana, uma vez que a *noodinâmica* é a tensão que se constitui entre o homem e o sentido, entre o ser e o *dever-ser*. E nela está contida a liberdade; as importâncias que nos engodam não o fazem de maneira instintiva ou impulsiva, mas podemos optar (escolher) por sua realização[218].

• **Logoterapia e religião**: Frankl é enfático quando separa a religião (preceitos e conceitos religiosos) da psicologia, mas não anula a experiência religiosa das pessoas e sua abrangência do campo da compreensão humana. As vivências religiosas fazem parte da humanidade e tal deve ser compreendida como composto da realidade do homem.

Muitos termos utilizados pela Logoterapia são adjetivos das religiões como "*Deus*", "*espírito*" e até mesmo "*síndrome de Jonas*" (referindo-se ao personagem presente nos Escritos das duas religiões – cristianismo e judaísmo - correlacionando o medo que Jonas sofreu ao ser mandado para a cidade de Nínive) ao medo de enfrentar os desafios da vida.

A logoterapia como logoteoria orientada para o sentido seguramente há de se atalhar necessariamente do prodígio universal da fé. "*A fé não é um pensar diminuído da realidade da coisa pensada, mas um pensar acrescido da existência daquele que pensa*"[219]. A fé não deve ser rígida, mas firme.

Frankl[220] quanto às práticas psicoterápicas e fundamentos da logoteoria, esclarece isto, quando diz que a logoterapia não quer cruzar a

fronteira entre psicoterapia e religião, mas deixa a porta aberta a esta, deixando ao paciente a escolha de passar por ela ou não.

• **Sentido de sofrimento:** Na história da humanidade, o sofrimento sempre se fez presente, *"decorrente de vários fatores: guerras, pobreza, pandemias, violência (no seu mais completo termo), desnutrição, etc. Hodiernamente, os dados apenas têm aumentado geometricamente, se considerarmos as estatísticas*"[221].

O sentido do sofrimento nem sempre é manifesto, e quando evidenciado, é apenas num tempo tardio e, portanto, é limitativo. Os exemplos geralmente são extraídos da própria experiência, "*donde se depreende que algum fato realmente doloroso em sua vida bem pode ter tido,*

a partir de uma visão mais tardia, um sentido que naquela ocasião não lhes era patente"[222].

No que se refere ao sentido de sofrer, Frankl explana que:

> Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento em numa conquista humana[223].

Entretanto, Frankl salienta que não é necessário sofrer para encontrar um sentido na vida. Mesmo sem sofrimento, é possível ir à busca e encontrar sentido de viver. Em muitas situações, quando o sofrimento é inevitável, uma vez que se pode evitar padecer, todos nós iríamos à causa raiz para eliminá-lo, sendo este sofrimento psicológico, biológico ou político, por exemplo.

É o que nos ratifica Moreira & Holanda, quando ressaltam que se a vida tem um sentido, o sofrimento também tem, sendo este último, oriundo das vivências humanas. "*O padecimento, enquanto necessário, é uma possibilidade de algo pleno de sentido. Sofrimento desnecessário é sofrimento destituído de sentido, todavia, sofrimento necessário significa sofrimento permeado de sentido*"[224].

- **Tríade trágica**: Frankl explana que o sofrimento tem três elementos as quais chama de *tríade trágica*: *a dor, culpa e morte*. Os três subsídios do sofrimento são inerentes às vivências humanas e, assim, corrobora a evidência desta tríade quando acontece, já que sofrer é inevitável: "*Não há um único ser humano que possa dizer que jamais sofreu, que jamais falhou e que não morrerá*"[225].

Frankl[226] também salienta que a tríade trágica é a 3ª tríade de sua logoteoria (que as outras duas são: *liberdade*, *vontade de sentido* e *sentido da vida* e que o sentido da vida tem três aspectos, que são *valores de criação*, *experiência* e *atitude*).

Quanto ao sofrimento como alicerce da tríade trágica, tolerar uma vida sem sentido é um sofrimento, mas não uma doença. Realmente, a vida é (e pode) ser vivenciada sem algum sentido? Considerando o que o autor pressupõe, a culpa é compreendida como a "síndrome inescapável", uma vez que se erra, estando no passado (e/ou na lembrança), o ato/ação não pode ser desfeito, refeito para anular, restaurado, invalidado, ou seja, na culpa, ou "infortúnio inescapável", o homem se vê diante de suas consequências e passa a ser agente motivador da obrigatoriedade de reflexão, assumindo-os.

Contudo, existencialmente compreendido enquanto fenômeno humano, há um sentido para esta vivência, que favorece motivá-lo (ao homem) a mudar e crescer, desafiando a sua dimensão espiritual em sua capacidade mais profunda de autotranscedência. Crescimento este que só pode se realizar se a pessoa aceitar sua culpa, as adversidades e as consequências de seus atos equivocados.

A culpabilidade deve ser compreendida como processo de autotranscedência para pacientes, entretanto, baseada na tríade trágica de Frankl, a culpa é um fenômeno humano que pode ser vivenciado em qualquer momento da vida, estando em sofrimento ou não. A questão é que podendo não estar em sofrimento (já que a culpa é um dos elementos do sofrimento), a partir do momento em que se sente culpa, sofre-se.

Há de se reconhecer que as vivências dolorosas e sofrimento fortalecem o homem, afinal, "*a resposta que o homem sofredor dá, por meio do 'como', ao 'porquê' do sofrimento é sempre uma resposta sem palavras, mas, reiteremos, ela é, do prisma da fé num super-sentido, a única significativa*"[227].

Compreendendo as vivências

O impacto da comunicação do diagnóstico:

Receber a notícia de que está acometido de uma doença crônica, na maioria dos casos carregada de estigmas socioculturais e que de fato, traz consigo um risco à vida, é traumático. É o ponto de partida para a busca pela saúde agora ameaçada e saqueada, uma vez que a inesperada notícia pega de surpresa aquele que a recebe.

O ***recebimento positivo do diagnóstico*** de CA não significa perder a vida, entretanto, o que se imagina é o prenúncio da morte. Coincidentemente, a maioria dos entrevistados estavam fazendo tratamento contra um severo câncer (assim relatados pelos mesmos), mais conhecido como *câncer maligno*, seja ele em qualquer parte de vitais órgãos internos, na pele ou no sangue em avançado estágio. Aqui se percebeu o medo da morte maximizado.

No decorrer das entrevistas, pude perceber o quanto as falas dos entrevistados estavam carregadas de emoção ao retratar do diagnóstico. Foi como se avida tivesse se partido em duas. Um antes e depois. Um *pré-eu* e um *pós-eu* a partir da notícia que desguiou os rumos de vossas vidas.

A fala de Ametista, carregado de aflição e desespero relata bem o recebimento do diagnóstico: "*quando descobri o diagnóstico, fiquei*

deprimida mesmo, não queria mais viver, que fosse assim, rápido porque sabia que tinha".

É o que descreve também Papagaio, completamente desmantelado pela notícia: "*Me senti pra baixo, o médico não falou abertamente, falou apenas pra minha esposa, disse que não tinha nem dois meses de vida e se eu conseguisse retornar à consulta, seria milagre*".

Ambos os pacientes, Ametista e Papagaio revelam uma pequena amostra de como as pessoas se sentem ao receber uma notícia de CA positivo. A fragilidade então é intuída pela iminente ideia de morrer, legitimando a perca da continuidade e da possibilidade de viver, a realização de sonhos, projetos futuros (que poderiam ser interrompidos), dentre outros sentimentos, pensamentos e reflexões pessoais.

Frankl[228] ressalta que o homem sempre está aberto ao mundo. Em contraste com os animais que não estão abertos ao mundo e limitados ao meio específico da espécie, onde o ambiente do animal gera elementos necessários para a existência instintiva da espécie, na condição humana, derrubar barreiras do meio onde se vive é uma característica essencial da nossa existência.

A amplitude de acesso para a transcendência e romper significadas formas de uma possível perca de horizontes ou esperanças, está na busca de sentidos e dentre as diversas vivências que temos ao longo da vida, podendo superar obstáculos, crises e abalos pessoais. Seja numa experiência traumática, assustadora, que ofereça risco ou intensamente prazerosa: o homem tem abertura total para trilhar passagens na busca de sentido, não compreendendo que o meio onde está inserido ou a situação real em que vive sejam fatores predeterminantes de estagnação

mental, aprisionamento existencial ou perca de sentido na vida arraigado na "*experiência de abismo*", termo acrescentado à ideia de Maslow sobre "*experiência de pico*"[229].

A *surpresa ruim* do resultado do diagnóstico, o adoecimento repentino, a profunda tristeza ou *ser pego de assalto*, são discursos presentes nas falas dos pacientes onde, a partir de então, passam a dar vertiginosa abertura para o *futuro-de-vida*. Então surgem reorganizações vivenciais, questionamentos internos, dentre elas, a busca de sentido confrontada às questões como finitude e morte, culpa, dor, sofrimento ou remissão do peso de todas elas quando se decide não sofrer por estar padecendo, certificando a *fase de abertura* para o sentido do sofrimento.

Frankl[230] ressalta que ao tentar compreender o sentido da vida, a mais humana de todas as questões, "*o homem é remetido para si mesmo, tornando-se alguém que a vida interroga, alguém que a esta tem de responder, sendo responsável, assim, por sua vida*".

No enfrentamento do câncer, a abertura para um questionamento existencial e autoanálise da vida marca a passagem de reconstruções, transição, esta que se faz perceber *ser-estar-doente*, buscando assimilar seu próprio e real sentido no seu *renovo-de-vida* e quais decisões, a partir de então, serão tomadas, uma vez que o caminhar requer decisões.

Referindo-se às sujeições que o homem enfrenta, Frankl[231] afirma que o ser humano é *autodeterminante,* porque é ele quem decide se afronta ou não a esses condicionamentos. Isso abrange opções em que o ser humano necessariamente faz, ainda que opere como se não fosse livre para escolher ou não tivesse possibilidades para optar. Não se aniquila o eu vivido ao longo de toda uma vida. Não se apaga uma historicidade de vida por conta da maximização do diagnóstico. O resultado positivo do

exame não toma conta da vida da pessoa, destituindo-a do poder de escolha. A remodelação desse eu diz respeito ao processo de reconstrução, passando a preponderar novas expectativas e vivências. Novos olhares para si mesmo. Novos caminhos. O que jamais foi visto, pensando e escolhido, agora passa a fazer parte da vida, sendo assim, um recomeço, um sentido.

Sentido pode ser percebido como um modo exclusivo de dar forma à situação em que se está vivendo. Viver com sentido quer dizer então que o indivíduo, com seus acondicionamentos e capacidades, suas emoções e suas pretensões, se ponha a serviço da proposta diária, se depare especialmente com ela, ganhando e dando ao mesmo tempo, assim então, encontrando significado para a transição e surgimento do *ser-para-enfrentamento*.

A compreensão do ser-para-enfrentamento

O sofrimento é inseparável da condição humana. Padecer traz sentido à vida em distintos graus de intensidade ao longo da existência[232]. Isso não quer dizer que possamos escolher sofrer. A inerência da dor e o fazer parte da vida estão em condições naturais da nossa história. Nas falas dos pacientes, o enfrentamento desvelou possibilidades diversas de lidar com a doença, como a ***importância do apoio social e familiar***, à negação de entender que não tem a doença, assim como, relações conjugais e religiosidade. Mediante o enfrentamento, o *confrontar a doença e encará-la como tal*, o desafio se compõe em decidir o que fazer diante dela (a doença).

Frankl[233] refletia que há sentido no processo de sofrimento. Há mais sofrimento tentando encontrá-lo na amplitude de sua compreensão

do que enfrentando a dor de estar doente. É como se a falta de sofrimento, sem sentido, sem direção, causasse dor.

Mesmo com todos os avanços tecnológicos ampliados para o tratamento do câncer, o diagnóstico traz pavor e pânico. Os ***estigmas sociais e culturais***, como já esclarecidos nos capítulos anteriores, associam fortemente o câncer com a morte e com o sofrimento físico e emocional causados pelo tratamento doloroso e invasivo aos quais os pacientes precisam enfrentar.

Com isso, a pessoa com diagnóstico de câncer passa a buscar compreender como enfrentará a doença. Não necessariamente estabeleça de forma sistemática o processo de enfrentamento, mas de forma vivencial e natural, constitui mecanismos que o levem a vivenciar o câncer.

Cada pessoa busca nas suas bases relacionais forte apoio nesta fase da vida. Alguns buscam apoio na família, outros em amigos, outros na fé e em pessoas ligadas à religião. É o que salienta Jade quando demonstra sua gratidão: "*Eu agradeço muito a Deus pelos amigos que tenho, pela minha família [...] pude ver que na minha vida eu tenho amigos e amigas porque eles me deram muito mais apoio que minha família*".

Nos diversos desdobramentos acerca dos apoios sociais encontrados nos discursos dos entrevistados, a angústia causada por ***não ter apoio das pessoas*** ou de quem se esperava ter auxílio foi manifesta. A busca pela compreensão do *ser-de-enfrentamento* também está marcada por decepção, tristeza e desapontamento: "*Você tem que ter dinheiro, se não tiver, viram as costas pra você*" relata a paciente Ônix acerca do abandono familiar.

Muito semelhante na fala de Turmalina, quando percebe estar sendo ignorada e destratada pelos seus familiares: *me jogaram pra casa do meu filho, aí da casa do meu filho não me senti bem lá e fui pra casa da sogra do meu filho, aí eu não me senti bem, aí fui pra casa do meu filho de novo, cada um foi me jogando pra um canto e eu disse 'nossa, depois de ter uma casa', eu fui pra minha casa agora tá recente, eu me sinto bem lá né, mas, as pessoas pra mim, todas elas mudaram, não são como era antes né.*

Imersas no sofrimento e desgosto, o sentimento de abandono e dor fazem emergir a luta pela vida, pois Ônix e Turmalina estavam no hospital lutando pela vida, assiduamente presentes em todas as consultas e retornos médicos, mesmo sentindo falta do apoio familiar. Frankl[234] ressalta que há situações em que a pessoa pode realizar plenamente a si mesma no puro sofrimento. Mesmo que o caminhar seja espinhoso e *sem sentido*, ali se constitui sentido, o de lutar pela vida. O sentido está na busca assim como vivenciá-lo em sua plenitude e não no problema.

O choque de escolhas entre quem encara a doença e quem pode apoiar no processo de enfrentamento os coloca nesta definitiva condição descritas nas narrativas dos pacientes. '*Eu preciso, ele não me apoia?*' ou '*ela quer ajuda, eu não tenho como ajudar*'. '*Será mesmo que eu tenho que me colocar no lugar de cuidador?*'

Apenas diante daquilo que é decisão genuinamente sua é que a pessoa é responsável. "*O ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido e cessa quando deixa de ser responsável*"[235]. A responsabilidade constitui aquilo a que somos convidados e a que somos despejados. O que nos acena e o que nos espanta. Um mergulho na dicotômica essência da responsabilidade nos consentirá uma pulsação

pelos extremos das vivências humanas. '*Como assim me acalenta e quando preciso, me abandona?*

É compreensível na fala dos entrevistados o quanto se é afetado pelo *jamais-ser* do outro. Aí então, busca-se a necessidade de superar a tristeza, amargura e decepção, mesmo que a real busca por ajuda esteja em desconhecidos (ou em ninguém).

O sentimento de vazio passa a ser inerente. É o que retrata Diamante: "*não tenho nenhum familiar que me acompanhe, mas quando eu soube, eu recebi a notícia do médico do que eu tinha e a gravidade, nesse momento eu precisei tanto de alguém do meu lado, não tinha*".

Mediante a provação de buscar entender tudo o que está se passando, o paciente oncológico se depara com a dor do sofrer, a dor do enfrentamento e a dor da doença. Dor física, mental, espiritual e relacional. Todas elas niveladas pela incerteza da dor da rejeição e da não condição do *ser-para-enfrentamento*. A *não possibilidade* está intricada de novos olhares de si mesmo onde transcender é o resultado do caminho para a busca – e além da consequência da busca, o encontro consigo mesmo, mesmo que frente à morte e sozinho.

E então, mediante o *ser-para-enfrentamento*, as diversas possibilidades de ressignificação da vida. As várias bases que sedimentam a difícil fase de enfrentar uma doença crônica são concretizadas para que nada desmorone nesse caminhar.

A pessoa que se reconstrói mesmo encarcerada na agonia, caminha para o sentido a qual não conseguia enxergar com os sentimentos minados de destruição. As vivências sufocantes conduzem-na para uma liberdade interior antes aprisionada pela doença, diagnóstico, abandono, *desengano médico* ou em qualquer outro infortúnio. "*Sofrer, então, não*

significa apenas esforçar-se, crescer e amadurecer, mas igualmente enriquecer-se"[236].

Especialmente, além do apoio familiar (que ficou essencialmente evidente nas falas dos pacientes até mesmo quando não há esse alicerce), outro processo de enfrentamento desvelado foi a relevância da ***religiosidade*** e busca por um ser, esse ser Todo-Poderoso que tudo pode, curar, amenizar a dor, inclusive abreviar o padecimento.

Jade então salienta: "*A fé que eu tenho em Deus é a oportunidade que Ele me proporcionou de continuar vivendo, é o que me faz assim viver dia após dia*", muito do que pontua Frankl[237]: "*Se alguma coisa corporal é possível, é realizada pelo psíquico, porque é uma necessidade espiritual*".

As palavras de Rubi também evidenciam o quanto se apegou a Deus: "*E eu sempre já me apegava há muito tempo e nisso, com esse acontecimento eu me apeguei muito mais ao um Ser maior que é Deus e eu sempre cri como a Palavra d'Ele mesmo diz que nada acontece na sua vida sem a permissão d'Ele e tudo tem um propósito* (...)". Quando Frankl descreve sobre a ligação humana com um Ser Superior e Divino, escreve: "*Os homens são declaradamente ligados à natureza e a Deus, embora não saibam disso*"[238] pontuando o quando o ser humano precisa e está ligado a Deus, ainda mais na tensão.

Frankl entendia que a fé era reprimida pela modernidade e que o mundo neurótico estaria afastando a fé, sendo considerada bucólica e sem nenhum sentido e que por esse motivo, estaria sendo reprimida[239], contudo, destaca a importância de Deus, não a figura religiosa (que pertence a uma religião em específico), mas a supremacia de um Ser Superior, assim como a vida religiosa das pessoas, isso porque "[...]

quando o paciente está sobre o chão firme da fé religiosa, não se pode objetar ao uso do efeito terapêutico das suas convicções religiosas."[240].

Enfrentar a doença também compreendeu-se rejeitá-la. Entender que sua vivência onde o câncer não está incluído evidenciou o quando se sofre aceitá-lo e encará-lo de frente, ressignificando-se e transcendendo a própria angústia.

A ***negação*** desvelada na fala de Esmeralda evidencia o quanto não se quer enfrentar a doença, seja no início ou durante o processo de tratamento, renunciando ao *ser-doente*: "*logo no começo foi muito triste, eu sofri muito, chorei muito, não queria vim pra cá porque eu não queria aceitar que eu tava com câncer e então eu procurei outros lugares pra me não vir pra cá, mas acabou todos os lugares que eu fui me mandando pra cá*".

Até mesmo estar no hospital por 15 anos e negar a doença na entrevista foi marcante perceber o quanto a enfermidade é invalidada no processo de enfrentamento, uma *menos-dor* assumi-la: "*Eu venho pra fazer a prevenção apenas. Tem que se cuidar né. [...] Há 15 anos que faço esse mesmo procedimento*" concluiu Gavião-real.

Segundo Frankl[241] o ser humano apresenta uma *autocompreensão ontológica pré-reflexiva* que aponta a orientação para o sentido a qual busca. A pessoa vivencia ou compreende a relação *eu-sentido* a uma série de circunstâncias que lhe demandam resposta na forma de atos carregados de sentido.

Trajetórias do ser-doente para ser-em-tratamento

Foi evidente a profunda ligação dos pacientes com o local onde realizavam o tratamento e toda a ***vivência na Instituição***, assim como, o

mais profundo dos elos foi de perceber a forma de como se chegou até ali, a percepção do ***retorno ao hospital e novas ressignificações e possibilidades*** passando pelo recebimento do diagnóstico, a fé de estarem com um diagnóstico errado abluído de temores, medos, incertezas e o processo de internalização do *ser-doente*.

A aceitação do diagnóstico foi o ponto de partida para a autêntica compreensão da dimensão acerca do tratamento e do estado de adoecimento. Admitiu-se então o *ser-doente*, buscando o *ser-em-tratamento* mesmo mesclado a sentimento de culpa, tristeza, receios e fraquezas.

Vale observar que a aceitação do diagnóstico e compreender tudo o que se passa até então, não os coloca na condição compassiva, determinada pela autodesignação, conotando fracasso e apatia por 'tudo aceitar'. Muito pelo contrário. Aceitar o diagnóstico é dar início a uma reconstrução e caminhada na qual, entendendo a atual condição de saúde, constitui-se o enfrentamento-próprio.

Ametista acerca do recebimento do diagnóstico salienta: "*Quando descobri há dois anos foi um choque, não vou negar, achava assim que eu ia morrer porque todas as pessoas que eu conhecia que tiveram um câncer faleceram*".

A turbulenta compreensão do *ser-doente* aos olhos do mundo interno logo se refletiu na busca do outro que passou pelo mesmo enfrentamento. Era a extensão da mesma dor, expurgo de algo que nunca esperou ter; um alguém que passou pelo mesmo sofrimento e pela mesma experiência estavam ali, posto como um *ser-de-esperança*, sentimento de '*não estou sozinho*', '*isso não é só comigo*', '*preciso saber como*

lidou com isso', mesmo que todos (os *seres-de-esperança*) estivessem mortos.

Aspectos sociais como bases relacionais, o *ser-no-mundo e* convívio com outros pacientes oncológicos também serviram como engrenagem durante a compreensão do *ser-doente*, uma vez que a doença, no imaginário popular, é compreendida como a doença fatal, sem chance de cura, mortal, uma '*sentença de morte antecipada*'. Japiim descreve: "*a gente não tá preparado psicologicamente pra receber um diagnóstico de câncer, essa palavra é muito dura, é muito bruta*".

Ainda adentrando em um campo totalmente desconhecido, minado de preconcepções, estigmas, experimentou-se então, no momento do diagnóstico, a morte. De cara, ali, o temor de perder a vida sem chance de continuar, lutar e vencer. Uma segunda chance era essencial na reconstrução da vida e de como a levara até então, já que o *ser-doente* nascera, emergira, precisando de cura.

É imprescindível compreender a diferença entre doença e sofrimento. Se a pessoa pode estar doente sem "sofrer" no sentido verdadeiro e próprio do termo, ela também sofre para além de todo o *ser-doente*, ou seja, trata-se do padecimento genuinamente humano que se insere na essência e sentido da própria vida.

Com isso, Frankl[242] alega que há situações em que o homem se pode realizar inteiramente a si mesmo no legítimo sofrimento e/ou apenas no puro sofrimento. Segundo Frankl, sofrimento e doença não se equivalem. O homem pode sofrer sem estar doente, e estar doente sem sofrer. O sofrimento é tão intrínseco ao humano – como já definiu Jaspers – que eventualmente o *não-sofrer* pode adoecer. E há estados

psíquicos doentios nos quais o homem, justamente por não sofrer, sofre[243].

A finitude e a temporalidade neste contexto não são exclusivamente suplementares à vida humana, são necessariamente distintivos do seu sentido. O sentido da existência humana baseia-se essencialmente no seu caráter irreversível. Em suma, o sofrimento pertence à vida, uma vez que este torna a existência do homem sem sentido, mas antes plena de sentido. A singularidade da vida, a irrepetibilidade do tempo e a irrevocabilidade daquilo que preenchemos nossa existência (e até a sua ausência) traz real significação à nossa vivência. Mesmo porque o ser passado, neste sentido, é a forma mais segura de ser.

Ao ser que se guarda na hora do diagnóstico, a "transitoriedade", essencialmente não pode causar dano algum[244], neste caso, falo da trajetória do *ser-estar-doente* para a aceitação e compreensão pessoal do *ser-em-tratamento*, uma vez que para tratar-se de uma doença crônica, cheia de mitos e envolta de temores, precisa compreender a condição natural de estar enfermo abrangido nas falas dos pacientes entrevistados.

A negação do *ser-doente* como um todo os leva a uma profunda rejeição até de si mesmos, não aderindo ao tratamento, abnegando-se da busca pela saúde e por fim, do adoecimento psíquico. Pode-se em determinadas fases do enfrentamento do câncer, negar a doença, mas não a si mesmo. Desistir, por exemplo, é negar-se em sua totalidade. Nulificar-se.

O relato de estar no hospital, realizar todos os procedimentos médicos, retornos, acompanhamentos, resultados de diagnósticos periódicos dentre outros processos clínicos, geram uma profunda inquietação e também não adaptação ao que se está vivenciando ali. É o

que relata Rubi: "*Quando chego aqui eu passo mal, de ficar nesse hospital pra ser paciente desse CECON*".

Em contrapartida, o olhar de Esmeralda reflete o quanto o ambiente é especial, reconfortante, carregado de esperanças e possibilidades de recuperação. É como se ali estivesse a cura, a recuperação e a salvação. E claro, é sim: "*Eu já com o tempo eu preferia como falei uma vez pro meu esposo, preferia mais estar aqui no hospital do que em casa, eu já ficava ansiosa quando diziam 'olha a data da consulta é tal dia', poxa, mas tão longe?*"

Por seguinte, em qualquer vivência humana o indivíduo pode encontrar o sentido real da vida. De sua existência; mesmo no último momento de fôlego de vida ou em profundo sofrimento há possibilidades de encontrá-lo na sua totalidade. Até diante daquilo que Frankl[245] chamou de "tríade trágica" – a dor, a culpa e a morte – é possível *experienciá-lo.*

A percepção da finitude:refletindo o limite do humano

Para Frankl[246] todos nós estamos emersos nas nossas responsabilidades porque somos seres para a liberdade. Livre para decidir o que será diante de vossas possibilidades. A liberdade humana, porém, tem restrições. O ser humano sempre se encontra envolvido em circunstâncias as quais não escolheu nem decidiu experienciar, principalmente, a morte.

Todavia, são exatamente tais limitações que nos admitem operar em liberdade, pois somente há liberdade frente a um *destino* ou frente a vínculos[247]. Não somos livres de nossos percalços, entretanto, temos

livre-arbítrio para nos dispor diante delas. Somos livres *para* algo e não de algo.

Durante as entrevistas, os pacientes deixaram claro o quanto temem, sentem ou percebem a morte, assegurando que a perca da liberdade se deu por conta da debilidade que vos ameaça de todos os lados, formas e situações. O perigo de morrer a qualquer momento os sufoca e então, se sentem aprisionados pelo amedrontamento, sensação de solidão, dúvidas, desilusões e perca da perspectiva de vida.

Nos discursos também ficaram evidentes que a vivência contra o câncer é um ponto de chegada e não de partida na corrida da vida, uma espécie de "*não há mais caminho pra mim, aqui é o fim*" e estágio final. Desvelaram suas aflições e inseguranças acerca do morrer por conta de ter um câncer: o medo de ser *derrotado* e *tragado* pela doença.

Da *quase certeza* de logo perder a vida ao apego a um Ser Supremo, caminhos e descaminhos para reparar erros do passado, aproximação da família, mudanças diversas de hábitos, todos resignaram uma forma de vida a partir do diagnóstico, atravessando caminhadas percorridas acerca da luta contra a enfermidade chegando à compreensão de que também podem perder a vida.

Uso aqui o termo "*vendo a morte passar*" em alusão ao marasmo da vida muito falado no senso comum quando se percebe que, tediosamente, estamos "*vendo a vida passar*". Aqui, trago à luz da compreensão a angústia descrita pelos pacientes quando percebem que estão morrendo "lentamente" e que a morte jaz à porta, vendo-a passar.

Cito a fala de Ônix quando se refere à sua própria morte: "*a gente espera que seja rápido, a nossa seja rápido, mas pra ficar sofrendo, com dor e aquilo é péssimo, não tem condições, eu peço tanto a Deus*". Compreende-se

o tormento de *lutar* contra o câncer, o quanto se vê a morte passar e chegar e o desejo de que se tenha uma *morte boa*, sem sofrimento, desgaste e penúria.

Topázio diz: "*Todo mundo vai passar pelo vale da morte né, mas a gente não sabe quando, eu posso tá doente, posso morrer né, a chance é mais*", corroborando a desesperança de Bem-te-vi: "*O que eu sinto é um sofrimento muito profundo que praticamente sabe que não vai vencer a maioria não vence*".

Frankl[248] pontua que mediante a morte, a vivência da finitude e toda a gama de experiências que acercam o adoecimento, estão contribuindo (e podem acrescentar) para o sentido da vida, até porque a morte faz parte do ciclo humano e não está dissociado da vida. "*O sacrifício é capaz de dotar de sentido até a morte, enquanto o instinto de conservação, por exemplo, não consegue sequer dar um sentido à vida*"[249], ou seja, enquanto sadios, desprendemo-nos do sentido da vida por tê-la. Quando nos sentimos ameaçados, ela (a vida e a saúde) passa a ter valor, apreço, sentido.

As pessoas sabendo da possibilidade de morrerem têm diante de si uma condição de profundo padecimento, principalmente quando esta *possível-chegada-da-morte* não condiz ao tempo considerado habitual. É claro que a finitude da vida é natural e também uma razão de sofrimento, independentemente do tempo no qual se dê a morte, das situações em que se desenvolve, e das pessoas envolvidas, todos sofrem.

A vida é passageira, nosso tempo é finito, somos mortais com possibilidades limitadas, então, aquilo que decidimos escolher viver ou como nos constituímos quanto pessoa ao longo da vida, acabam

suprimidos mediante a morte. Tudo pode ser abreviado quando se percebe a chegada da morte (ou quando se espera que ela chegue).

É como se tudo aquilo que projetamos durante décadas para vivenciar, com a possibilidade da morte, fossem pressionadas a serem vividas[250], além do mais, as diversas nuances da vida que abandonamos, aqui, são resgatadas para reparos. Envolto da liberdade de ser, se a vida tem sentido, o processo de sofrimento também tem.

Segundo Frankl[251], a integridade humana permanece inalterado mesmo depois da ameaça de morte, inutilidade física ou incapacidade provocada pela deterioração orgânica causada por uma enfermidade ou terrível evento de vida. Da mesma forma que a pessoa espiritual está envolta da inépcia física, igualmente a sua dignidade está superior à perda do valor biossocial.

Frankl acrescenta que enquanto não estivermos profundamente fortalecidos da dignidade será apenas uma questão de maior ou menor foco quanto à possibilidade de desejar a morte, desistir de lutar ou '*entregar os pontos*', abandonando o tratamento, por exemplo. Para ele, "*a pessoa espiritual deixa-se perturbar, mas não destruir por uma enfermidade psicofísica*"[252].

Perceber a morte mais de perto é um tanto dicotômico. Ao saber que corre risco de vida ameaçado por um prognóstico negativo, o paciente oncológico de cara sente a sua própria morte, entretanto, a sensação da própria morte foi aludida nas falas dos entrevistados quando viu, percebeu ou soube da morte de outras pessoas que passaram semelhantemente pela mesma experiência.

A morte do outro, que também pode ser um reflexo da minha finitude está exposta na fala de Rubi: "*Imagina que você conhece alguém*

que morreu daquilo, você diz, poxa, será que o próximo vai ser eu? Isso é uma coisa da gente mesmo, do ser humano".

A fala de Diamante completa a aflição de saber que outros morreram da mesma enfermidade que a sua: "*Será que isso não pode acontecer a qualquer momento comigo também, porque elas pareciam tão bem, a gente fica assustada em saber que a pessoa que tinha a mesma doença que a gente, morreu, sendo que fez de tudo pra se salvar e não conseguiu*".

A respeito das *multi-surpesas* da vida, Frankl[253] compreende que não deixaremos jamais de atravessarmos pela dor de sofrer. Não iremos estar autoimunes da agonia, culpa e da morte. A certeza de que todos nós temos o fim para vivenciarmos é tão palpável quanto o viver. A lacuna entre o que se é e o vir a ser é imprescindível à saúde mental, pois é ir além das possibilidades, compreendendo-se além do que se é, mesmo que se chegue ao fim[254].

Tríade do sofrimento: a dor de mim

Que *dor de mim* é essa que é avassaladora e que descaracteriza o meu próprio eu? Essa dor que adultera a minha história. Põe em xeque a minha existência. Desestabiliza a minha nova trajetória de vida e meu novo caminhar. Desorganiza o que fui, sou e posso ser a partir de então. Que dor é essa?

A "tríade trágica" – sofrimento, culpa e morte – de Frankl[255] é a compreensão do *ser-humano-é-finito*. Admite-se que o sofrimento *imacula* o homem, afinal, "*a resposta que o homem sofredor dá, por meio do "como", ao "porquê" do sofrimento é sempre uma resposta sem palavras, mas, reiteremos, ela é, do prisma da fé num super-sentido, a única*

significativa"[256]. É tão significativo quanto a natureza do sofrimento expressando seu caráter cooperativo e sensível.

Para Frankl, nenhum sofrimento humano é análogo. A aflição, angústia ou a amargura são singulares assim como é cada indivíduo. "*Falar das diferenças de grandeza do sofrimento seria por princípio sem sentido; uma diferença, porém, que realmente importa, é a diferença entre sofrimento com e sem sentido*"[257], preponderando que o que pode ser completamente atormentador para um, para outro, o início de um ciclo ou fase da vida.

A mente humana tem a inclinação de transformar percepções e experiências em fatos mentais, que podem ser compreendidos, representados e simbolizados, estabelecendo o pensamento, entretanto, ela não tem condições de representar e pensar sobre o que não existe. É o compreensível despreparo nato da condição humana de não imaginar o seu fim. Seja ele qual for.

Neste ponto, Frankl trazia à luz da reflexão que por mais que a dor do fim, a angústia ou o pior dos sentimentos que acercam a finitude, a morte e a tragédia-nossa-de-cada-dia, as coisas têm valor para serem sacrificadas. "*O que sacrifica dá ao sacrifício sentido, valor, preço. Dar sentido quer dizer entregar-se. Não é o que eu guardo comigo que retém valor; é o que eu sacrifico que adquire valor*"[258].

Esse não existente apenas surge por meio de sentimentos apavorantes, sinalizadores de fraqueza e desespero, frente aos enigmas relacionados à finitude, isto é, a própria tomada de consciência da ideia de finitude em si é atemorizante, pois o ser humano se depara com o vazio, do deixar de ser e o contrassenso de representar esse nada é desesperador.

O sentimento de dor culpa e a percepção da morte está intimamente ligada ao paciente oncológico. É uma busca marcada pela dor da perda da saúde, culpa de diversos caminhos ao longo da vida sentindo que precisa de remissão de algo e a real percepção do fim da vida.

Nos discursos dos pacientes entrevistados, a tríade do sofrimento se fez presente. Nas falas que retratam o caminhar desde o diagnóstico à compreensão de enfretamento da doença, a dor do medo de morrer e culpa por eventos de vida se fizeram presentes.

A paciente Ônix relata: "*A gente se sente péssimo porque um dia vai passar pela morte, a gente espera que seja rápido, mas pra ficar sofrendo, com dor, é péssimo, não tem condições, eu peço tanto a Deus, se for pra me tirar a vida tem que ser duma vez, não pra me tá sofrendo com dor*".

A paciente retrata a dor mediante a morte. Sua compreensão de morte e o medo de sofrer por conta da doença faz pensar o quanto a ideia da morte seja punição. Penalidade justa, se a pessoa idealiza a culpa ou o pecado. Mas injusta, se o indivíduo não se condescende com a realidade e supõe que sua morte seja causada por inimigos humanos ou divinos.

Nenhum paciente entrevistado relacionou diretamente sua condição de estar doente com alguma vingança divina, forças da natureza por conta de inimigos ou processos sobrenaturais, contudo, como nota-se na fala da paciente Ônix, o "*se sentir péssima*" e a clemência a Deus para que não sofra tanto, retratam sentimento de culpa e temor do porvir além do medo de sofrimento físico, fruto de estigmas sociais.

A escolha pelo enfrentamento é uma conscientização-própria da angústia ou desprendimento, uma possibilidade aberta para a descoberta do sentido. Frankl[259] alega: "*Insisto apenas em que o sentido está disponível apesar do – ou melhor, através do – sofrimento, desde que, (...) o sofrimento seja inevitável*".

Assim como no caos foi percebida a dor da perda (da saúde, da liberdade e em alguns casos até da família), para outros, a possibilidade de remoção de uma antiga história de vida, totalmente redigida e repaginada. A luta contra o câncer fez ver o quanto a vida precisa de sentido, estando ela à mercê do marasmo da inexistência.

Essa percepção está expressa na fala de Topázio, quando exemplifica outras pessoas passando pela mesma dor (até em mais intensidade), mas que estão seguras, firmes, lutando contra todas as *infelicidades* provenientes da doença: "[...] *outras senhoras estavam lá fazendo tratamento, quimioterapia, cabelo raspado, feliz da vida, então por que eu ia ficar triste se tava no início do tratamento e elas estavam lá, passando já por tudo aquilo, estavam feliz da vida*".

A *dor de mim* traz à compreensão da sociedade o quanto o paciente oncológico se percebe como *depuro da natureza*. A vergonha e insegurança de não poder falar para as pessoas a respeito da doença, a pré-noção de que o outro pode rejeitá-lo, a tristeza de saber que há discriminação, desinformação, nojo e repulsa por estarem doentes.

Nas falas dos entrevistados, a *dor de mim* se fez presente não tão somente por conta da dor física acerca de uma radioterapia, mudança nos aspectos visuais ou um longo processo de internação, mas sim, a dor de experienciar o quanto o outro pode anulá-lo. É o que relata Rubi acerca de discriminação: "eu vi casos também de pessoas que sofreram

preconceito, que as pessoas acham que câncer pega, não pega". Também compartilha da mesma dor Bem-te-vi: "*Infelizmente senti mudanças né porque existe aquele preconceito entendeu, a gente percebe que as pessoas não são mais as mesmas*".

É o que também relata Papagaio. De forma visceral e tocante, descreve que a dor de estar doente ganhava contornos dramáticos por conta da ideia da não aceitação do outro: "É difícil enfrentar essa doença maldita porque o câncer é pior que a AIDS, ela mata rápido. [...] Eu que não me sentia à vontade de receber os irmãos da igreja, eu mesmo tinha preconceito comigo mesmo, vergonha, fiquei muito tempo sem ir pra igreja".

Quanto ao que Frankl cunhou em 1993 de *tríade da tragédia*, reflito sob a cosmovisão da *dor de mim* em duas direções: a do paciente adoecido pelo desapontamento e a dor do paciente em vivenciar preconceito e discriminação.

Sentimento de culpa, além das vivências pessoais e descaminhos da vida, também devem ser desconstruídos até porque muitos destas *r-emoções* estão sutilmente impostas pela *culturalização* secular e medieval de nossa sociedade: do *doente-objeto*, *doente-descartável*, doente que deve ser despejado, pois não serve para mais nada, a não ser esperar pela morte.

O relato de Jaçanã traduz o que digo: "*Sinto vergonha, evito de estar comentando, são poucas pessoas que sabem, comento, porque se comenta, tem falatório, tipo, vai morrer, tá morrendo*". Aqui expresso a dor do silêncio, da solidão, da autointerdição.

O que Frankl[260] sugere é que a pessoa tome para si uma posição de *otimismo trágico*, ou seja, otimismo ante as dificuldades de modo que

possa demudar o sofrimento numa oportunidade para crescimento pessoal, assim como encontrar no sentimento de culpa motivos para mudar a si próprio para melhor e, por fim, fazer da finitude da existência um estímulo para a efetivação de atos responsáveis.

Considerações Finais

Há um mundo lá fora. Um mundo onde as pessoas estão inseridas nas suas vivências, experiências e cotidianamente enfrentam desafios, dores, buscam superações, transcendências, vitórias. São mundos permeabilizados de humanidade, sentimentos, desespero, ódio, tristeza, resiliência, fé, ousadia, esperança. Há humanidade lá fora.

Vivemos num mundo contemporâneo marcado pelo ostracismo. Pela individualidade. A mesma que fantasiamos e romantizamos. Doce autoengano. É a pura *ignorância-do-ser* de levantarmos nossos muros da interdição e não percebermos que do outro lado há vida.

Nesta pesquisa pudemos quebrar barreiras do *ensimesmamento* e da impassibilidade velada. Compilar e sedimentar a empatia outrora inacabada e perdida nas minhas convicções pessoais. Senti um *mix* de encorajamento, curiosidade, desejo de descoberta, realização assim como de contribuir socialmente e cientificamente falando acerca do tema.

Percebemos o quanto há vida lá fora. Redundante falar que há vida lá fora depois de levantar imensos muros rotineiros? Não porque não apenas vimos a vida lá fora, foi sentida, pulando nossos muros particulares. Sentimos vida de todas as formas, de todos os ângulos. De todas as angústias. De todo o caos. De todas as fés e esperanças possíveis. Esquecemo-nos do muro.

Durante as entrevistas, até então ansioso pelo cumprimento de metas, datas e tabelas do projeto, de cara pudemos perceber a fragilidade da inexperiência. Da inexatidão. Do medo. Do desconhecido. Da incerteza. Da imensidão. Do abstrato. Ali se fazia presente o *mundo-dos-outros* as quais estávamos buscando submergir.

Nos diversos rostos e expressões faciais, diversas histórias de vida. Distintas vivências, conhecimentos, experiências, saberes. Todos em silêncio, no mesmo lugar, na mesma rota. Na mesma direção. Pelos corredores, idas e vindas de pessoas ocultadas apenas pelo desejo de cura ou pelo desespero de estar ali, podendo escutar o turbilhão de palavras que se faziam transparecer pelos olhares que me recebiam. E os intuímos.

Pude ouvir *fisicamente* algumas destas pessoas. Sem saber de toda uma trajetória de vida. Onde nasceram. Como cresceram. De que forma se constituíram suas famílias. Quais crenças têm. Se possuem. Quais felicidades e tristezas tiveram durante toda trajetória de vida até ali.

Então, durante as entrevistas, vimos as ambivalências da vida. Os opostos. Os antônimos. Os extremos. Enquanto uns refletiam sobre a força que tinham diante de uma doença crônica, outros expuseram suas ansiedades, fragilidades e receios. Além das extremidades, pudemos ver as semelhanças. O quanto cada um, sem ao menos se cruzarem pelos corredores da vida, diziam praticamente a mesma coisa. Em nomes, lugares, famílias, tudo diferente, entretanto, da mesma forma e *maneira-de-ser* no que diz respeito ao *ser-para-enfrentamento*.

Nas diversas direções da vida de cada um, percebemos o quanto estava atento, curioso, emocionado, vibrante, triste, resiliente, empático, encorajado. Todas as sensações ali, diante da pessoa que de forma

receptiva, prestativa, contribuía com ricas experiências de vida as vivências hospitalares, familiares, pessoais às quais estavam inseridas.

A pesquisa trouxe sua contribuição. O método fenomenológico de pesquisa em psicologia, ferramenta que permite desvelar os fenômenos em sua totalidade e incrementos sem engessá-los, limitá-los ou dissecá-los, revelou os discursos do interlocutor e toda sua aerodinâmica. Isso mesmo. A aerodinâmica que não vê o movimento relativo entre o ar e corpos sólidos, mas a aerodinâmica do corpo, alma e espírito, ali, expressos em sua imensa totalidade.

Do corpo que se faz presente, suas nuances e formas de se portar no mundo. O *ser-no-mundo*, carregado de informações e codificado de linguagens corporais. A alma que se colocou pra fora através das falas, do discurso e da opinião. Mesmo que doída, fragilizada, destroçada, amargurada. E o espírito, o transcendente, acima de tudo, o *noético*, forte, esperançoso.

Todo esse conjunto de dimensões num só jamais poderia estar dissociado, senão, conseguiria ver o buraco de suas essências. Mesmo na dor e sofrimento há essência? Sim, a da total busca de sentido pela vida, enfrentamento da doença, ressignificações, reorganizações de vida e novos traçados de caminhos a percorrer.

Através das categorias de análise, as diversas formas de compreensão de uma grande dimensão ali proferidas, expostas, faladas e discursadas. A experiência do recebimento do diagnóstico. Como lidou com um difícil momento, o de saber que tem câncer. Ou os múltiplos processos de enfretamento: como esse *ser-amazônida* enfrentou uma doença crônica aos seus próprios olhos.

Além do mais, os diversos contrastes e vivências na instituição onde realizam o tratamento, caminhos que variam da estadia ao retorno, passando por vários ressignificados e construções ao longo do tratamento. Por fim, a possibilidade do fim de tudo. O entendimento e compreensão do próprio morrer, um assunto tão delicado, petrificado pelo tabu do desconhecido, do medo e das incertezas que cercam nossa condição humana.

Sentíamos que faltava mais. Pelas entrelinhas das certezas, a incerteza do infinito. Do planetário jeito de compreender que cada pessoa é um Universo sem fim (imagina vinte pessoas). Então compreendemos a real limitação de entender que não se põe ninguém num bico de lápis ou num conjunto de frases e teorias.

A busca pela compreensão é infinita. Aqui concluímos o que nos propusemos pesquisar, mas ao final, realmente, outras muitas inquietudes surgirão porque a verdade não é absoluta nem conclusiva: a ciência está em constante evolução e movimento, eternamente inacabada.

Já dizia Frankl que o homem é unidade na sua totalidade. Não está resumido num feixe de doenças e sofrimentos. O câncer é apenas uma doença. Nada mais. O mais aqui é a pessoa. Ela com toda sua historicidade e existência. Está concentrada na descentralização das coisas. Está revelada no oculto. Está elevada mesmo que caída. Está viva mesmo que pereça.

Referências

FIZZOTTI, E. **De Freud a Frankl:** interrogantes sobre el vacio existencial. Pamplona, Espanha : Universidade de Navarra, 1977

FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

FRANKL, V.E. **Logoterapia y analisis existencial**. Trad. J.A.P. Diez, R. Wenzel; I. Arias. Barcelona, Espanha, 1990. (trabalho original publicado em 1987).

FRANKL, V. E. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas/SP. Papirus, 1990.

FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática**. Papirus, Campinas/SP, 1991.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. 31 ed. São Leopoldo/RS; Sinodal; Petrópolis/RJ; Vozes, 2008.

FRANKL, V.E **A presença ignorada de Deus.** Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2009.

FRANKL, V.E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. Trad. Ivo Studart Pereira – São Paulo : Paulus, Coleção Logoterapia, 2011.

FRANKL, V.E. **Psicoterapia e o sentido da vida** – 5.ed. - São Paulo : Quadrante, 2015.

LÄNGLE, A. **Viver com sentido**. Trad. H. Reinhold. Petrópolis, RJ : Vozes; São Leopoldo : SINODAL, 1992.

LUKASZ, E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito**. – São Paulo : Edições Loyola, 1989.

MOREIRA, N; HOLANDA, A.F. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 5, n.o 3, p. 345-356, Curitiba/PR, 2010.

PEREIRA, I. S. A vontade de sentido na obra de Viktor Fra*nkl*. **Psicologia USP**, *18* (1), 125-136. São Paulo/SP, 2007.

RODRIGUES, L.A; BARROS, L.A. Sobre o fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia. **Estudos**, v. 36, n. 1/2, p. 11-31, jan./fev. Goiânia/GO, 2009.

ROEHE, M.V. Revendo ideias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimen***to***. **Psico,** *v. 36,* n. 3, pp. 311-314, Porto Alegre/RS, 2005.

SOUZA, E.A.S; GOMES, E.S. A visão do homem em Frankl. **Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial** 1(1), 50-57, Brasília/DF, 2012.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida** – *Petrópolis, RJ :* Vozes, 1986.

---

204 RODRIGUES, L.A; BARROS, L.A. Sobre o fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia. **Estudos**, v. 36, n. 1/2, p. 11-31, jan./fev. Goiânia/GO, 2009.

205 XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida** – Petrópolis, RJ : Vozes, 1986.

206 RODRIGUES, L.A; BARROS, L.A. Sobre o fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia. **Estudos,** v. 36, n. 1/2, p. 11-31, jan./fev. Goiânia/GO, 2009, p´. 13.

207 FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática** – Campinas, SP : Papirus, 1991.

208 FIZZOTTI, E. **De Freud a Frankl**: interrogantes sobre el vacio existencial. Pamplona, Espanha : Universidade de Navarra, 1977

209 PEREIRA, I. S. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, 18 (1), 125-136. São Paulo/SP, 2007, p.127.

210 FRANKL, V.E. **Psicoterapia e o sentido da vida** – 5. Ed. – São Paulo : Quadrante, 2015.

211 LÄNGLE, A. **Viver com sentido**. Trad. H. Reinhold. Petrópolis, RJ : Vozes; São Leopoldo : SINODAL, 1992, p. 13.

212 FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática**. Papirus, Campinas/SP, 1991.

213 SOUZA, E.A.S; GOMES, E.S. A visão do homem em Frankl. **Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial** 1(1), 50-57, Brasília/DF, 2012.

214 IBIDEM

215 FRANKL, V. E. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas/SP : Papirus, 1990, p. 52

216 LUKASZ, E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito** – São Paulo : Edições Loyola, 1989.

217 FRANKL, V.E. **Psicoterapia e o sentido da vida**. -5.ed. - São Paulo : Quadrante, 2015

218 ROEHE, M.V. Revendo ideias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. **Psico,** *v. 36*, n. 3, pp. 311-314, Porto Alegre/RS, 2005.

219 FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro : Ed. Zahar, 1978, p. 275.

220 FRANKL, V.E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. Trad. Ivo Studart Pereira – São Paulo : Paulus, Coleção Logoterapia, 2011.

221 MOREIRA, N; HOLANDA, A.F. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 5, n.o 3, p. 345-356, Curitiba/PR, 2010, p. 347.

222 LUKASZ, E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito**. – São Paulo : Edições Loyola, 1989, p. 198.

223 FRANKL, V.E. **Psicoterapia e o sentido da vida** – 5.ed. – São Paulo : Quadrante, 2015, p. 136-137.

224 MOREIRA, N; HOLANDA, A.F. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, v. 5, n.o 3, p. 345-356, Curitiba/PR, 2010, p. 349.

225 FRANKL, V.E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. Trad. Ivo Studart Pereira – São Paulo : Paulus, Coleção Logoterapia, 2011..

226 IBIDEM

227 FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro : Ed. Zahar, 1978, p. 283.

228 FRANKL, V.E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia**. Trad. Ivo Studart Pereira – São Paulo : Paulus, Coleção Logoterapia, 2011.

229 Ibidem

230 FRANKL, V. E. ***Em busca de sentido*** -31 ed. - Petrópolis, RJ : Vozes; São Leopoldo : Sinodal, 2008, p. 109

231 Ibidem

232 FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

233 FRANKL, V.E **A presença ignorada de Deus** – Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal; 2009.

234 FRANKL, V.E. **Psicoterapia e o sentido da vida** – 5. Ed. – São Paulo : Quadrante. 2015.

235 FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia** – Rio de Janeiro : Ed. Zahar, 1978, p.19.

236 FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia** – Rio de Janeiro : Ed. Zahar, 1978, p. 241.

237 Ibidem, p. 122

238 FRANKL, V.E **A presença ignorada de Deus**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal; 2009, p 54.

239 IBIDEM.

240 FRANKL, V. E. ***Em busca de sentido*** - 31 ed. - Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 52.

241 FRANKL, V.E **A presença ignorada de Deus**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2009.

242 FRANKL, V.E. **Psicoterapia e o sentido da vida** – 5. Ed. - São Paulo : Quadrante, 2015.

243 FRANKL, V. E. ***A questão do sentido em psicoterapia***. Campinas/SP : Papirus, 1990.

244 Ibidem

245 FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. 31 ed. São Leopoldo/RS; Sinodal; Petrópolis/RJ; Vozes, 2008.

246 FRANKL, V.E. **Psicoterapia e o sentido da vida** – 5. Ed. – São Paulo : Quadrante, 2015.

247 Ibidem

248 FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia** – Rio de Janeiro : Ed. Zahar, 1978.

249 IBIDEM

250 FRANKL, V. E. **A questão do sentido em psicoterapia**. Campinas/SP. Papirus, 1990.

251 FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro/RJ, 1978

252 Ibidem, p. 120

253 FRANKL, V.E. **Logoterapia y analisis existencial**. Trad. J.A.P. Diez, R. Wenzel; I. Arias. Barcelona, Espanha, 1990. (trabalho original publicado em 1987).

254 FRANKL, V.E. **Psicoterapia e o sentido da vida** – 5.ed. - São Paulo : Quadrante, 2015.

255 FRANKL, V.E. **Logoterapia y analisis existencial**. Trad. J.A.P. Diez, R. Wenzel; I. Arias. Barcelona, Espanha, 1990. (trabalho original publicado em 1987).

256 FRANKL, V.E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro/RJ, 1978, p.283

257 IBIDEM, p. 105

258 IBIDEM, p.263

259 FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. 31 ed. São Leopoldo/RS; Sinodal; Petrópolis/RJ; Vozes, 2008, p.170

260 FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**. 31 ed. São Leopoldo/RS; Sinodal; Petrópolis/RJ; Vozes, 2008.

Jovens Portadores de HIV/AIDS: compreensão dos fatores de abandono ao tratamento

Saasha Kathleen da Silva Vital
Mauro Batista Negreiros
Luziane Vitoriano da Costa
Ewerton Helder Bentes de Castro

Introdução

De acordo com MacPherson *et al*[261], até o ano de 1996, pessoas vivendo com o vírus HIV/Aids (PVHA) assumiam comportamentos de paciente terminal. Observava-se, ainda, muita ansiedade e depressão decorrentes do intenso esforço de adaptação da pessoa a esta nova e estigmatizante condição. Surgia o medo da desfiguração em decorrência da lipodistrofia, do adoecimento, da decadência e da morte, passando pelos sentimentos de segregação e de solidão.

Percebe-se que flora uma culpa relacionada à suposta transgressão sociocultural que é vinculada ao comportamento sexual do sujeito, bem como seu hipotético envolvimento com o ilícito. Nas representações percebidas por esses indivíduos, o HIV os denunciou e, por causa disso, serão punidos. Sendo assim, encontram-se na literatura várias respostas objetivas por parte das pessoas que recebem o diagnóstico de PVHA, tais como a abstinência sexual, a negação da doença com intensificação da prática sexual de risco e uso de drogas, o confinamento do indivíduo a grupos restritos de contato sexual[262].

Souto descreve quatro estágios de adaptação do indivíduo em relação à história natural dessa infecção, na qual a pessoa presume a própria morte, são eles: (*1*) estágio de crise, (*2*) estágio transicional, (*3*) estágio de aceitação e (*4*) estágio preparatório.

O *estágio de crise* consiste no momento imediatamente seguinte ao diagnóstico da infecção pelo HIV, tido como particularmente traumático, durante o qual se manifestam reações de perplexidade, culpa, desespero, negação, isolamento social, apreensão e ansiedade, por vezes resultando no afastamento do indivíduo do serviço assistencial e de sua comunidade.

No *estágio transicional* a pessoa assimila o diagnóstico, principalmente quando confirmado por alterações orgânicas objetivas ou preconceito social. Este momento é caracterizado principalmente pela presença de depressão, inclusive com potencial suicida e alterações no plano consciente do autoconceito. As concretas ou pressupostas alterações na aparência corporal tornam-se grandes incomodativos emocionais, especialmente pelo que representam em termos de estigmatização. O indivíduo tende ao isolamento e à solidão, são

observados com muita frequência sentimentos de desvalorização, desespero, baixa autoestima e perda de produtividade.

O *estágio de aceitação* caracteriza-se pela postura que o sujeito apresenta em assumir o controle da situação, diminuindo sua vulnerabilidade e sofrimento emocional. Torna-se autônomo e aberto à assimilação de informações e conhecimentos acerca do que está ocorrendo.

No *estágio preparatório*, a pessoa vislumbra a morte ao perceber que, realmente, está na fase terminal da sua doença. Sentimentos de medo

agonia e incompreensão do futuro ocorrem nesta fase, aproximando mais ainda, entre si, a morte e o indivíduo.

A hospitalização é um fator estressante que intensifica as reações típicas de cada um dos estágios descritos. Destacam ainda, que a tensão e a excitação adicionais decorrem da sintomatologia da doença, que, nesse momento, estaria se expressando clinicamente por intermédio de algum evento agudo.

O impacto da comunicação do diagnóstico

O desnudamento comportamental da pessoa provocado pela revelação do diagnóstico, especialmente na esfera sexual, e a perspectiva da morte, têm caráter extremamente estigmatizante, tanto por parte da sociedade em relação à pessoa infectada quanto por parte do indivíduo infectado em relação a si próprio. MacPherson *et al*[263] afirma ainda que, a depressão tornou-se uma íntima companheira do indivíduo infectado pelo HIV. Atribui-se esse sentimento à incerteza com relação à saúde e à vida, à insegurança frente à frequente alternância entre o mal-estar e o bem-estar, e à expectativa da morte. Por outro lado, o prolongamento da

vida, por meio do tratamento, induz a uma ansiedade em relação ao porvir da própria vida: "e agora, o que vem pela frente?".

A esse respeito, o diagnóstico da infecção pelo HIV produz intensa instabilidade na vida do indivíduo, de modo que ele passa a conviver com permanentes mudanças, perdas e dificuldades afetivas e materiais. Neste momento a experiência psicológica da morte vem como uma consequência do isolamento social do indivíduo, criando um senso de ser invisível, excluído do interesse alheio, desprezado e descartado socialmente. Porém, sob a ambiguidade de uma sensação de que está sendo observado e vigiado.

Essa ambiguidade de sentimentos desestrutura o bem-estar da pessoa e sua qualidade de vida. Ela passa a conviver com a perda, com a lamentação, a tentativa de controle racional de sua situação, o misto de desespero e esperança, as preocupações existenciais diante do significado e dos projetos da vida, a ansiedade frente à perspectiva consciente da morte e do isolamento, a sensação de estar entre a doença crônica e a doença terminal, entre o sentimento de culpa e de inocência. Posiciona-se, pois, entre a fé e a descrença, num contexto de grande necessidade de tomada de decisões e atitudes de significativa repercussão sobre a própria vida[264].

MacPherson *et al*[265] descrevem que, o indivíduo que recebe um diagnóstico de infecção pelo HIV pode apresentar desde alterações transitórias de humor, até desordens psiquiátricas importantes. Segundo o autor, tais desordens são mais frequentes em PVHA do que em uma população não infectada, manifestando-se, principalmente, por ocasião do diagnóstico. Castro[266] expõe que a presença de uma doença grave pode ser experimentada como um despertar para a vida. Podendo desta

forma aumentar e alterar nossa percepção das prioridades, com frequência perdidas nas exigências confusas do cotidiano. Obrigando-nos a realizar mudanças em nossos padrões de vida, bem como em nossas esperanças e sonhos.

A incredulidade, o desamparo e a prostração estão presentes no momento do diagnóstico, evidenciando o intenso excesso emocional que tomou inicialmente caráter absoluto, em condição traumática.

Problemática da adesão à Terapia Antirretroviral (TARV)

A adesão à TARV é definida como compromisso de colaboração ativa e intencionada do paciente, com a finalidade de produzir um resultado preventivo ou terapêutico desejado[267]. Considera-se aderente ao tratamento, aquele indivíduo que faz um uso ininterrupto e posologicamente preciso da terapêutica prescrita, sendo que esse uso não se limita à ingestão dos medicamentos conforme os horários estabelecidos, mas estende-se aos demais cuidados e orientações coadjuvantes da ação dos fármacos.

Aderir ao tratamento para a AIDS, significa tomar os remédios prescritos pelo médico infectologista nos horários corretos, manter uma boa alimentação, praticar exercícios físicos, comparecer ao serviço de saúde nos dias previstos, entre outros cuidados. Quando o paciente não segue todas as recomendações médicas, o HIV, vírus causador da doença, pode ficar resistente aos medicamentos antirretrovirais. E isso diminui as alternativas de tratamento. Outro aspecto relevante refere-se às mudanças ocorridas a partir de 1996 no âmbito farmacológico. Foram introduzidos no mercado medicamentos que reduziram de forma significativa a carga viral do sujeito a níveis indetectáveis por exames

laboratoriais, bem como a mortalidade relacionada a doença[268]. Esta nova era no tratamento da AIDS repercutiu fortemente sobre o comportamento de risco dos indivíduos e na prevenção, levando as pessoas a diminuírem o cuidado e o uso de preservativos nas relações sexuais.

Diante dos avanços apresentados no que se refere à terapia antirretroviral, observa-se o aumento da capacidade de diminuir ou mesmo de tornar indetectável a carga viral do HIV no organismo, bem como

reduzir a morbidade e mortalidade relacionadas à AIDS. A eficácia do medicamento, no entanto, depende exclusivamente da adesão à terapia.

De acordo com Kebaabstswe *et al*[269] [270] [271] na perspectiva do paciente, uma boa adesão reduz a possibilidade de falha virológica, aumenta a sobrevida, reduz o risco de progressão para AIDS e o desenvolvimento de cepas virais resistentes, além de melhorar a qualidade de vida do paciente.

Vários autores discutem que uma adesão em níveis ótimos promove uma replicação mínima de vírus e uma rara mutação espontânea deste. Estes mesmos autores ressaltam ainda que a cadeia de eventos de mutação do HIV reforça a necessidade de adesão rigorosa para prevenir falha terapêutica e preservar opções futuras de novos regimes terapêuticos, visto que alguns esquemas de tratamento são mais agressivos que outros.

Na perspectiva da Saúde Pública, a adesão é potencialmente capaz de reduzir o risco de transmissão do HIV e de resistência aos medicamentos antirretrovirais. A transmissão de cepas virais resistentes

é um problema em expansão, fortemente relacionado com a não-adesão ao tratamento.

Em se tratando de HIV/AIDS, a relação com o usuário deve se dar por uma postura de acolhimento, para o atendimento de demandas específicas e sua participação no planejamento e decisão acerca do seu próprio tratamento. Um desafio que se mostra acerca da adesão em enfermidades crônicas é a sua avaliação. O auto relato tem sido uma fonte de informação muito usada para identificação da conduta de adesão, pela acessibilidade e praticidade. No entanto, o auto relato tem aspectos limitadores como a memória, o nível sociocultural e o relacionamento com a equipe de saúde, que podem influenciar a veracidade dos relatos dos pacientes.

A importância e a contextualizaçãoda aderência ao TARV

MacPherson *et al*[272] destaca os seguintes aspectos biológicos e epidemiológicos atribuídos ao uso regular da medicação antirretroviral: (1) reduz morbimortalidade, (2) melhora da qualidade de vida e aumenta a sua duração, (3) pressupõe um reordenamento do modo de viver, e (4) reduz a transmissibilidade do vírus.

Afirma ainda que o uso inadequado do tratamento pode ser mais deletério do que o não uso. Além disso, torna a relação custo-benefício do tratamento inviável (gera ônus tanto econômico quanto socioassistencial, sem um retorno clínico e epidemiológico satisfatoriamente correspondente).

Sendo assim, observa-se que a causa mais frequente de falha terapêutica é a não aderência do paciente ao tratamento. A partir de então, o Ministério da Saúde estabeleceu, como um dos critérios para se

iniciar o tratamento antirretroviral, a adequada tomada de consciência, informação, desejo e decisão do paciente quanto ao uso correto da medicação, afirmando que "a terapia não deve ser iniciada até que os objetivos e a necessidade de adesão ao tratamento sejam entendidos e aceitos pelo paciente.

A não aderência ao TARV

O fenômeno da não-adesão ao tratamento tem sido considerado universal, particularmente entre pessoas com doenças crônicas secundárias à infecção pelo HIV. Estudos realizados acerca de fatores associados ao tratamento com antirretrovirais (TARV) em países desenvolvidos têm confirmado que a adesão ao tratamento é um fenômeno complexo e multicausal.

Sendo assim, os determinantes da adesão podem ser agrupados em categorias, que incluem: o paciente; o profissional de saúde; a relação profissional-paciente; a doença; o serviço de saúde; e o regime terapêutico[273].

Conhecer as dificuldades de pessoas vivendo com HIV/Aids relacionadas ao uso de TARV permite melhor compreensão da não-adesão ao tratamento nos serviços brasileiros. Tal conhecimento pode contribuir para melhorar as políticas dirigidas a esse grupo e auxiliar os profissionais de saúde a lidar com essas dificuldades[274 275]

Fox *et al*[276 277] apontam ainda que dificuldades de adesão em jovens soropositivos podem estar relacionadas a outros aspectos, como a não revelação do diagnóstico e a escassa comunicação sobre HIV/aids no âmbito da família.

Diversos avanços relativos ao tratamento, prevenção e políticas de saúde têm sido notados. Contudo, pesquisas apontam problemas e desafios que instigam profissionais de todas as áreas acerca do tema. A psicologia, dentro deste contexto, possui um papel fundamental no que tange a prevenção dos comportamentos de risco, a adesão ao tratamento farmacológico, e a influência dos estados de ânimo na saúde do paciente e nas terapias dirigidas a pacientes enfermos. (Aspectos psicossociais e HIV/AIDS: um estudo bibliométrico (1992-2002) comparativo dos artigos publicados entre Brasil e Espanha.).

Cabe ao psicólogo, ainda, promover acesso à informação, no que concerne a doenças sexualmente transmissíveis, e especialmente a medidas preventivas, como o uso da camisinha, tendo-se em vista, que, segundo a Organização Mundial da Saúde, aproximadamente metade das novas infecções por HIV ocorrem entre jovens, isto é, entre pessoas menores de 24 anos.[278]

Fox *et al*[279] afirma que:

> As dificuldades de adesão em HIV/AIDS decorrem, em parte, da complexidade da TARV, na medida em que alguns medicamentos precisam ser ingeridos com alimentos, outros em jejum, ou em sequências temporais combinadas com outros medicamentos, o que exige organização e compromisso do paciente em relação ao seu tratamento. Outra barreira importante refere-se à presença de efeitos colaterais. Nestes casos, tomar a medicação pode representar uma situação aversiva por causa da ocorrência de consequências adversas e desconfortáveis. A ocorrência de lipodistrofia, por exemplo, constitui-se em grande desafio, tanto para as pessoas HIV positivo quanto para as equipes de saúde.

A não-adesão relaciona-se a sentimentos de desesperança e a estratégias de enfrentamento de esquiva. O suporte social foi apontado por sua influência tanto direta – disponibilização de encorajamento e motivação para o autocuidado –, quanto indireta, ao amenizar os efeitos de situações que interferiam negativamente sobre a adesão.

Harahan *et al*[280] define autoeficácia como a crença do sujeito em sua capacidade para organizar e executar as ações requeridas para produzir determinado resultado. De acordo com essa concepção teórica, o indivíduo é visto como capaz de lidar ou manejar as circunstâncias que eventualmente o impeçam de realizar comportamentos de saúde, tanto preventivos quanto de tratamento[281]. Outra variável importante é a autoestima, componente da personalidade caracterizada pela avaliação que a pessoa faz de si mesma. Sentimentos de menos-valia poderiam favorecer a negligência nos cuidados de saúde, enquanto autoestima elevada poderia levar a crenças de invulnerabilidade pelo fato de a pessoa possuir sentimentos excessivamente positivos sobre si mesmo.

Os mesmos autores destacam ainda que a complexidade da adesão aos antirretrovirais decorre das modificações na vida cotidiana pelo uso diário dos medicamentos. Os efeitos colaterais (náuseas, enjoos, mal-estar), bem como as dificuldades de comunicação entre pacientes e profissionais de saúde mostram-se fatores de grande relevância na adesão.

A experiência do diagnóstico: a facticidade vem ao encontro

O momento do diagnóstico torna-se um divisor de águas na vida de pessoas que receberam diagnóstico HIV positivo. A comunicação da soropositividade confere ao sujeito a condição de ser-portador, trazendo consigo todas as preocupações, medos, angústias e o estigma da doença.

A notícia se dá, na maioria das vezes, em um encontro pontual e impessoal com um médico infectologista, as reações são das mais variadas e dependem das condições individuais e do contexto que envolve cada sujeito e situação. Para Pereira, Silva e Castro[282 283] o momento do diagnóstico desperta uma atitude de negação nas pessoas

infectadas pelo HIV, manifestada por fuga, depressão e medo da morte, acrescentando que esses sentimentos se sustentam durante toda a vida do indivíduo.

A descoberta: ser-no-mundo-sendo-portador-de-AIDS

O diagnóstico é marcado pela incredulidade, pela a não-aceitação de sua atual condição por não apresentarem sintomas manifestos da doença, desta forma, percebem a situação apenas no momento em que a hospitalização é indispensável. Souto[284] afirma que algumas pessoas insistem em omitir seu diagnóstico, pois apresentam medo de se tornarem rejeitadas. Tal esforço é consequência da fuga e da negação, meios pelos quais o indivíduo sustenta seu aparente bem-estar emocional.

> Eu descobri meu diagnóstico final de 2009, aliás, final de 2010, e em 2011 comecei o... Não, foi final de 2009 sim, só que na verdade eu não reagi ao diagnóstico, eu não reagi a... ao resultado positivo. Quando foi um ano depois, em dezembro, foi que eu fui reagir... Eu descobri por acaso quando eu fiz o último checkup. Veio o exame pra mim e foi um choque grande, tanto que eu acho que houve esse momento aí que eu já lhe falei. Eu não acreditava que pudesse ser aquilo por eu estar bem, por eu estar forte, não sentir dor de cabeça, não sentir nada, não aparentava nada. **(Polaris)**

A incerteza e demora no processo de diagnóstico, tendo em vista que os sintomas se assemelham ao de outras infecções, faz com que se leve um tempo considerável até que o paciente seja encaminhado ao serviço especializado, gerando angústia tanto ao paciente quanto aos familiares e acompanhantes. *Hydrus* revela que foi inicialmente a um SPA e nada foi descoberto "*Aí fui no SPA e o médico me encaminhou aqui pro Tropical. Quando cheguei aqui pediram os exames todinho e não deu nada. O médico de plantão que pediu um teste de HIV, e quando veio deu positivo o resultado do exame*". *Capella* revelou que um dia passou muito

mal e "*eu achei que ia morrer! Vomitava tudo, vomitei sangue até, e eu não conseguia respirar. Minha mulher me levou no pronto socorro, eu fiquei dois dias pra descobrirem que o que eu tinha era AIDS*".

A revelação do diagnóstico para um casal gera instabilidade e uma ambiguidade de sentimentos, a notícia afeta a forma como se relacionam, e o impacto deste momento por vezes desestrutura suas vidas, sendo fundamental o suporte psicológico. Veja lembra: "*Eu descobri através do meu esposo, ele ficou doente fez um exame de HIV e deu positivo. Então eu fui orientada a fazer... aí também deu positivo*".

Castro[285] compreende o ser do homem como o ser-no-mundo, ou seja, não existe um sujeito e um mundo dissociáveis, distanciados um do outro. Pelo contrário, o filósofo revela que o existir humano se dá exatamente pelo fato de ambos – homem e mundo – serem indissociáveis. Assim, é na minha relação com o mundo que consigo atribuir significados e o mundo passa a ter sentido.

Szymanski e Szymanski[286] apropriando-se do pensamento heideggeriano refletem que é no mundo que se dá a existência; o ser-no-mundo refere-se a uma unidade, impossível de ser dissolvida e que não significa "dentro de", nem uma justaposição entre *Dasein* e mundo. O "em" do ser-em-um mundo tem o significado de morar, habitar. Assim, *a expressão "sou" se conecta a "junto"; 'eu sou' diz, por sua vez: eu moro, me detenho junto... ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar*" (p. 83). Amparado em Heidegger, Castro[287], "mundo" deve ser visto como "fenômeno", isto é, "*como o que se mostra enquanto ser e estrutura ontológica*" e um caráter do próprio *Dasein*.

Considerando esse pensamento, ser-no-mundo significa vivenciar as situações das mais variadas configurações em meu dia-a-dia. Isto

equivale dizer que existem situações com características diferenciadas, ou seja, ao vivenciá-las posso atribuir-lhes um sentido, de prazer ou de desprazer[288], eis o que Heidegger[289] denomina como facticidade: as situações que me vem ao encontro e com as quais não conseguimos ou conseguimos lidar e, na grande maioria das vezes me tira o chão, sinto-me lançado em um turbilhão de pensamentos, sentimentos e emoções produzindo em mim mesmo uma sensação de desconforto, dor e sofrimento, enquanto outras me trazem sensação de bem-estar.

O diagnóstico de AIDS é a facticidade na vida dessas pessoas: algo impensável, inacreditável, inadmissível e com uma caracterização de imersão no limite, na finitude da vida, das coisas, das relações. É um momento que se configura revestido por incredulidade, insegurança, desespero. O ser-no-mundo sente-se jogado no mundo: o mundo da doença com o qual terá de conviver a partir de agora.

Diante da facticidade: as re-ações diversas e diversificadas

O diagnóstico positivo é vivenciado de diferentes formas por cada pessoa que recebe o resultado, as preocupações existenciais diante do significado de ser-portador se manifestam e muitas dúvidas vêm à tona, quanto ao tratamento e suas consequências, a rotina de consultas e exames, perspectivas futuras, a reação dos familiares, amigos e pessoas próximas. A importância do olhar do outro sobre a doença é uma das maiores preocupações apresentadas:

> Eu não sabia como reagir, como era o tratamento, como era o acompanhamento, como que as pessoas iam me tratar, minha família, como ia reagir? meus amigos, como ia reagir? As pessoas ao meu redor não sabia como ia reagir. Então é uma coisa, é uma loucura na sua cabeça, você... é uma coisa mesmo... não dá pra explicar. Só pra quem vive que sabe assim. É terrível explicar. Você não sabe como as pessoas da sua casa vão reagir, os seus amigos próximos, as pessoas, os vizinhos, quem souber... você não sabe

> como você encarar como você vai viver a partir dali. Você não consegue fazer projetos, planos: Ah, eu tomo a medicação, eu fico bem... você não consegue! De início você não consegue nada. De início eu pensava dessa forma **(Polaris).**

Diante do impacto sofrido com o diagnóstico algumas pessoas apresentam sentimentos de fuga, evitando pensar em questões que remetam à situação em que se encontram, questionam a fidedignidade do teste, e também são comuns sentimento de culpa e revolta por não terem tomado os cuidados necessários.

> "Eu **não pensava no que eu tinha**. Minha vida foi normal. Na época eu já tava na igreja, já tava fazendo os trabalhos da igreja todos, tinha os projetos que a gente tinha que sair da cidade, eu saía da cidade, me divertia... tudo normal. **Como se não tivesse nada**. Por algum momento vinha pela minha cabeça, às vezes me passava... mas era um bloqueio. **Eu não conseguia sentir reação nenhuma** [...] A minha **revolta** maior assim quando eu lembro, é porque eu sempre fui de me prevenir muito, e por um vacilo de repente isso aconteceu. Pra mim é difícil porque se eu fosse uma pessoa que fosse muito descuidada, é... seria mais fácil aceitar. Mas por eu sempre me preservar muito, pra mim foi difícil, saber assim que por um vacilo isso aconteceu". **(Polaris).**

Ser PVHA, significa estar marcado pelo estigma da doença, e ciente dos desafios que se apresentam na esfera psicossocial, tendo em vista que, demonstra dificuldades em elaborar o significado da sua condição, o que interfere tanto na aceitação do seu diagnóstico quanto na adesão ao tratamento. Polaris nos fala: *"Eu tava falando hoje assim... você aceita, você... Aliás, na verdade, você nunca aceita! Eu acredito que se você conversar com um portador de vírus ele nunca aceita. Ele jamais aceita,* ***mas ele aprende a conviver****. E conviver você sabe que é muito bom, você aprender a conviver com alguém... é como uma pessoa que é difícil de lidar, mas depois que você aprende a conviver com ela, você lida muito bem*". Hydrus, por sua vez, ressalta: *"quando eu peguei alta fiquei tomando o medicamento. Pouco tempo, depois de um ano, a doutora Silvia tirou e fiquei sem tomar. Mas a* ***minha carga viral sempre dando alta****"*.

Alguns PVHA possuem maior facilidade de assimilação da situação, desenvolvem uma percepção positiva acerca das circunstâncias, têm o diagnóstico como uma segunda chance para a vida, o significado existencial da infecção pelo HIV para essas pessoas é mais facilmente elaborado, as chances de adesão são maiores, pois se comprometem com sua saúde antes de qualquer outra coisa. Quanto a este fenômeno, Hydrus compreende: "*Eu não esperava, mas eu não sou do tipo assim de receber notícia ruim e se estressar ali, ficar nervoso. Sou tranquilo, qualquer notícia assim é chato, fica chateado, mas o que pode fazer? Aconteceu! Eu aceitei normal. Agora a minha esposa não aceitou não, ficou indignada comigo. Mas foi tranquilo pra mim, aí os médicos vieram, conversaram comigo, normal, explicaram sobre a doença, que não ia paralisar a minha vida, eu ia continuar fazendo o mesmo exercício de sempre que eu faço. Então eu aceitei normal. Foi tudo bem pra mim*".

Por outro lado, identificamos que a falta de informações acerca da doença favorece reações de desespero frente ao desconhecido, e o medo da morte figura o cenário de sucessivas perdas funcionais, tornando o indivíduo dependente de outras pessoas para realizar suas atividades de vida diária. Para Vega: "*na época, eu fiquei desesperada... era assim um desespero. De primeira assim o que veio foi o desespero [...]A gente quando não tem uma informação de uma coisa ainda é muito pior. Eu não tinha nada de informação sobre o assunto e naquela época quando se falava de HIV a primeira coisa que associava era à morte*". Capella, nos diz: "*Eu não acreditava que pudesse ser isso, mas o médico aqui fez o exame de novo. A última coisa que passa na nossa cabeça é ter uma doença dessa. Isso é uma praga, vai te matando aos poucos [...] eu dependia sempre de alguém pra*

tudo, porque eu era um inválido, era incapaz de fazer qualquer coisa sozinho [...]".

O diagnóstico instaura outro momento na vida dessas pessoas. A existencialidade fica comprometida no sentido de não conseguirem inicialmente lidar com o mundo da doença em que foram lançados. É o 'mundo' aqui considerado em sua dimensão existencial-ontológica[290] de "*mundaneidade*". Isto significa que nesse sentido, *Dasein* é sempre "mundano", uma vez que é apreendido por ele, o é já com e no mundo. Ressalte-se que é na cotidianidade de nosso mundo mais próximo que vivemos, lidando no mundo e com as coisas do mundo (entes intramundanos), numa infinidade de modos de se ocupar da vida, num todo articulado de significações.

E ao ser comunicado que é PVHA torna-se a gênese de uma série de re-ações: receio do 'olhar do outro', negar a situação, a revolta, a percepção dos desafios psicossociais a serem enfrentados, um enfrentamento positivo e o medo da morte. Assim, lidar com a facticidade leva o Ser-no-mundo à reflexão pautada no temor, no sofrimento e na dor. Instaura-se o que Forghieri[291] compreende como a maneira preocupada de existir.

Contudo, essa maneira preocupada de existir que "*varia desde uma vaga sensação de intranquilidade*" até, como no caso dos participantes, uma "*profunda sensação de angústia, que chega a nos dominar por completo*"[292]. A angústia para a Fenomenologia é o modo mais originário e profundo de nosso existir preocupado. Dessa forma, quando estamos angustiados, ficamos muito aflitos, sentindo-nos impotentes para nos livrar da aflição, pois a angústia não tem um objeto definido em relação

ao qual possamos nos envolver e agir, e superar. Afinal, como ressalta Heidegger[293]:

> a única ameaça que pode tornar-se temível, e que se descobre no medo, provém de algo intramundano. Mas aquilo com que a angústia se angustia é o ser-no-mundo como tal [...] *não é algum ente intramundano. Por isso, com ele não se pode estabelecer nenhuma conjuntura essencial* [...] pois é o 'nada' que não se revela em parte alguma [...] *A própria ameaça é indeterminada, não chegando, portanto, a penetrar, como ameaça, nesse ou naquele poder ser concreto e de fato.*

Assim, a comunicação do diagnóstico de AIDS – um fato comprovado – é a gênese de todo um processo de angústia – o fenômeno –, onde o medo é a expressividade do sentido atribuído a esse momento. Deve-se, contudo, considerar que tais objetos não são os responsáveis pela angústia, mas a própria situação humana como tal, que nos revela, intuitivamente, a certeza de nossa própria morte; este é o fundamento de todas as ameaças que tentamos objetivar no decorrer de nossa existência[294].

Nosologia: con-vivendo com a facticidade

Os indivíduos infectados que não seguem a terapêutica conforme orientação médica, apresentam nível de carga viral muito alta em decorrência da ação do vírus do HIV no organismo, desta forma, é natural que apresentem também uma série de outras infecções que agravam ainda mais seu quadro funcional, bem como aumentam consideravelmente o tempo de hospitalização dessas pessoas, que permanecem expostas a outras infecções dentro do ambiente hospitalar.

A dor, angústia, e o sofrimento vivenciados dentro deste contexto são atribuídos ao sentimento de incerteza quanto ao prognóstico, e a insegurança diante da frequente alternância entre o mal-estar e o bem-

estar. Deneb revelou: *"Eu senti dor de ouvido... dor de barriga... eu já nem como nada... [choro] eu tô de jejum por causa de um exame"*. *Pollaris* corrobora: *"Eu fui internado porque eu tava com o corpo muito fraco, trêmulo, e logo em seguida já veio a pneumonia. Na verdade, já veio a TB né. A pneumonia e em seguida já veio a TB. Eu já tava com perda de peso, aí veio água no pulmão, veio várias complicações, teve o derrame pleural, eu tive... hepatite devido a medicação, e tudo isso foi uma complicação mesmo. Eu tive um mês e dezesseis dias de internação aqui no hospital"*.

Com muita frequência estes indivíduos não conseguem repousar, o constante estado de alerta, conforme relato, é motivo de agitação intensa, alucinações e pesadelos, conforme ressalta Vega: *"Eu fiquei com medo e assustada, eu tinha alucinações, de início eu não conseguia dormir à noite direito, eu tive insônia, quando eu dormia tinha pesadelos, e quando eu tava acordada eu tava vendo coisas, por exemplo, eu tava olhando uma parede manchada e eu tava vendo formar rostos de coisas, até de coisas que não tinha sentido [risos] bichos que se movimentavam, eu via umas bonequinhas de mão dada na parede no meio da noite, isso me tirava o sono e eu não dormia direito"*.

As manifestações do vírus passam a ocorrer em eventos sequenciados, vivenciados pelo indivíduo de forma bastante dolorosa. Em virtude da baixa imunidade as doenças oportunistas invadem o organismo, e a grande quantidade de medicamentos que precisam ser administrados deixam a pessoa ainda mais debilitada, como revelou Capella: *"Eu tive pneumonia e tuberculose. Eu não conseguia falar direito, nem comer porque tinha muita ferida na minha boca. Tive anemia e até precisei de sangue. Depois veio a hepatite, porque eu tomava muito remédio"*.

Con-viver com o diagnóstico de AIDS significa conviver com intercorrências médicas, doenças oportunistas continuamente geradores de ansiedade e angústia nos participantes. A insegurança é a tônica dos discursos. Na fala estão expostas as significações dessa convivência. Como reporta Augras[295] ao descrever o mundo, o homem retrata-se a si mesmo. Afinal, o homem cria o mundo à sua imagem e semelhança. Não o explica apenas, como também o organiza, pois, os símbolos que elabora para descrevê-lo vão servir para dominá-lo. Eis a profunda ambiguidade do relacionamento que o homem estabelece com o mundo e consigo próprio. Constrói sistemas simbólicos que têm a propriedade de transformar o real imediato em conjunto com as abstrações, mas essa transfiguração é requisito indispensável para atuar sobre a realidade.

Assim, diante da ambiguidade do antes não ser portador e a realidade atual, o discurso mostra como convivem com toda a carga emocional relacionada à nosologia. E aí presentificam toda a dimensão de sofrimento e, consequentemente sua existencialidade.

A imersão no mundo da doença, como experiência de mal-estar, constitui-se situação problema que altera atitudes exercidas no cotidiano da lida diária, tendo em vista que demanda medidas normalizadoras, viabilizadoras de recursos que transformam vivências geradoras de rupturas em esquemas simbólicos, interpretativos e de reintegração ao viver cotidiano. Atente-se ao fato de que o sentido atribuído ao fenômeno doença, pelas quais o sujeito, na sua vivência de aflição, define, legitima, comunica e negocia significados para o sofrimento.

O tratamento: momentos de dor e sofrimento ou a corporeidade manifesta

Para algumas pessoas a pílula representa muito mais que a possibilidade de melhora, uma chance que se coloca diante das dificuldades que vêm apresentando. Contudo, na maioria dos casos outros significados também são observados, além de enfrentar todas as reações desagradáveis que surgem durante o tratamento, tomar a medicação é também ter que lidar com a responsabilidade e a culpa de ter sido infectado. Assim, Polaris nos diz: *"Eu me lembro que no primeiro dia assim foi muito difícil mesmo tomar aquele remédio. Eu chorei muito e tomei. Realmente tinha alucinações. Era difícil saber que eu tinha um problema, saber que eu tinha um problema e tinha que tomar aquela medicação. Aí tomei, aí depois veio à consciência que eu sabia que eu precisava tomar pra ficar bem. E fiquei muito bem. Me recuperei"*. Corroborado por Veja: *"[...] aquele remédio ele tinha um cheiro tão horrível, tão horrível que eu sentia à metros de distância o cheiro dele e na verdade ele não tinha o cheiro ruim, era eu que sentia... tu entendeu? Até hoje eu não coloco, não consigo jogar na boca, meu marido junta tudo na mão e engole de uma vez, e eu não, coloco lá na garganta aí eu tomo o liquido em cima"*.

O ambiente hospitalar gera desconforto, e o diagnóstico da infecção pelo HIV, muitas vezes associado à necessidade de hospitalização, representa uma experiência traumática, capaz de desencadear reações agudas ao estresse. De acordo com relato, no entanto, a internação pode ainda possibilitar um tempo de reflexão, de acordo com Pollaris: *"De repente você imagina que... nesses dias no hospital, refletindo sobre... não sinto dores, mas é um lugar preso, como se eu*

tivesse dentro de uma gaiola, dentro de uma prisão, não é um lugar confortável".

Alguns indivíduos, mesmo sendo orientados quanto à necessidade e a indicação de cada esquema terapêutico, apresentam-se não aderentes ao tratamento, e segundo Deneb: *"Explicou... Mas eu deixei de lado, eu não tomava porque me deixava tonto, eu vomitava, não conseguia fazer mais nada. Aí eu comecei a ficar doente, emagreci da noite pro dia, não consigo engolir porque a garganta tá toda ferida".* Ou como frisou Capella: *"Aquele remédio me deixava mal, me enjoava e eu passava mal do fígado porque era muito forte".*

A maneira como o indivíduo é orientado acerca de sua doença e do tratamento tem significativa influência sobre a qualidade de vida do sujeito a partir do seu diagnóstico e seu perfil de aderência terapêutica. Quando são esclarecidas as dúvidas existentes relacionadas às reações desagradáveis do medicamento, existe uma maior aceitação e entendimento de todo o processo de adaptação do organismo à medicação, ressaltado por Hydrus: *"Sentia enjoo, tontura.* ***Mesmo assim continuei tomando*** *[...]a que eu tomava de noite eu não conseguia ficar em pé de tanta tontura que me dava, mas no começo só, depois foi acostumando e ficou tudo normal, mas logo no começo me deu muita tontura" (Hydrus).*

Pimentel e Castro[296] Pereira, Silva e Castro[297] Correia e Castro[298] relatam que alguns indivíduos queixam-se acerca do tamanho e da quantidade de medicamento que devem ser ingeridos, bem como o gosto desagradável, ou afirmam não gostar da cor do comprimido e predispõem-se emocionalmente aos efeitos indesejáveis do tratamento, são sujeitos que valorizam os aspectos maléficos do medicamento, e atribuem muitos dos seus males ao uso da medicação. Tais

comportamentos foram observados, e interferem de forma direta na aderência terapêutica, principalmente no que se refere ao impacto do tratamento no corpo e na aparência do paciente:

> Logo de início veio uma náusea, e falta de apetite, e a pele ficou escamosa, ressecada, e como eu sou muito vaidosa aquilo pra mim foi um tiro [risos]... foi difícil. Eu me sentia, digamos assim que pequena... eu cheguei a dizer pra minha psicóloga que eu parecia um patinho feio [...]O médico já tinha me orientado, e eu também li a bula dos remédios, que ia vir depressão, diarréia, pele escamosa [...] tinha muita dificuldade, era complicado porque só de ver ela, **só de ver o remédio eu já dava náuseas** *aí eu já pegava ele sem olhar aí já colocava lá dentro da garganta e tomava com suco ou com leite, mesmo assim às vezes eu vomitava [...]Me sentia mal por ter que tomar aquilo, eu achava que eu nunca ia precisar tomar e quando eu comecei a tomar aquilo veio e foi desesperador, eu fiquei desesperada* (**Vega**).

O mundo da doença estabelece um novo quadro na vida dos participantes. A medicação que precisam ingerir vem acompanhada por uma série de efeitos colaterais indesejáveis e que são causadores de maior dor, sofrimento e angústia. O desespero em alguns momentos toma conta do existir cotidiano dessas pessoas. Instaura-se a angústia.

Para a abordagem fenomenológica, é inquestionável o poder de comunicação do corpo. Tal poder se revela como uma potência aberta a significações e se manifesta como corpo vivido ou corpo próprio. Para a fenomenologia, o corpo próprio indica, exatamente, tal possibilidade concreta de ser, de se expressar e de se comunicar com o mundo, sendo este o fundamento da intersubjetividade: "por meu corpo me expresso mundanamente e ao mesmo tempo sou consciência da existência do outro"[299]. Para Ferreira e Castro[300], corpo e afetividade estão ligados, na medida em que o corpo é o lugar de comunicação com os outros e com as coisas. Tal perspectiva nos remete, mais uma vez, à distinção entre corpo próprio e corpo objeto:

> não se trata do "corpo objeto" da anatomia e da fisiologia; esse corpo que podemos pôr a distância considerando-o precisamente como um sistema obediente às leis físicas e

> fisiológicas. Na verdade, este corpo não esgota o significado do corpo; não é falso, mas não é toda a verdade do corpo[301].

Posso, portanto, afirmar que o meu corpo é, antes de tudo, o corpo que eu sou, não o corpo que eu tenho. Dotado de sentido e significado, capaz de se expressar e de se comunicar. Assim, o corpo, nesta perspectiva, é uma ressonância de nosso ser-no-mundo. Baseado em Heidegger, Castro[302] revela trata de um sujeito corporal que carrega a capacidade de se expressar e vive no corpo a possibilidade de se comunicar, passando seu corpo a ser o lugar do encontro com o outro. Por meio do gesto e da palavra, o corpo manifesta o seu vivido bem como a sua *mundaneidade*:

> através do corpo se dá uma ressonância de nosso ser sobre o mundo e do mundo sobre nós. Somos presença ativa e afetividade, transcendência e receptividade originária. Somos afetados enquanto nosso ser é abertura, intercâmbio e comunicação [...]

E no caso dos participantes é através do corpo que mostram sua insatisfação com o processo de tratamento, comunicam de *per si* sua insegurança, fragilidade. Enfim, o corpo expressa o repudio pelo o que aconteceu, o diagnóstico de AIDS. E isto me remete a Merleau-Ponty e sua teorização sobre a corporeidade, sobre o corpo.

Quando eu digo que eu sou o meu corpo, concebo-o como dotado de significação a partir da minha própria experiência. Não é possível decompô-lo ou recompô-lo para compreendê-lo, senão por meio da experiência vivida. A experiência do corpo não é comparável à ideia do corpo, que é o que sustenta o pensamento dualista.

> Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vive-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o

> sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em idéia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade[303].

O estigma: percepção do ser-para-a-morte

Ainda que atualmente haja uma sobrevida maior e um controle grande das infecções oportunistas, nota-se que ainda existe a ideia de uma estreita relação entre a soro positividade e a morte. Observou-se que o medo da morte caracteriza a maior preocupação das pessoas que convivem com o HIV, como ressaltou Polaris: "Medo. Eu acredito que toda sensação que os pacientes têm quando eles recebem a notícia, é de morte. E primeiro que não vem um pensamento vírus-HIV, vem logo o pensamento AIDS que é uma palavra muito forte. Eu acredito que todos os pacientes eles têm isso em mente, assim de início a palavra AIDS é uma palavra muito forte. Eu me lembro que um dia eu ia chegando em casa e eu: nossa, eu tô com AIDS! Eu tô com AIDS! Aquilo se repetia várias vezes. E eu vou morrer, eu vou morrer".

A percepção de que a morte é uma possibilidade real, despertada pelo diagnóstico da infecção por esse vírus, pode ser um catalisador de uma revisão que produz, na consciência, uma noção sobre o limite da vida, caracterizada, por exemplo, pela falta de perspectivas futuras, e a partir daí Veja infere: *"a primeira coisa que veio na cabeça foi: poxa vida eu vou morrer, tô condenada à morte [...] Eu pensava que eu ia morrer, que eu tava doente e que eu já ia morrer, que eu ia deixar os meus filhos, não ia conhecer os meus netos e eu sou doida pra ser vó"*.

Para os indivíduos entrevistados a morte está associada a sua condição sorológica, ou seja, a morte não é encarada como um problema que se manifesta na própria existência, mas está intimamente ligada à sua condição de PVHA: *"eu pensei que aquela era a minha hora,*

aquela noite eu achei que ia morrer, liguei até pra minha mulher e pedi perdão dela" (Capella).

A perda da saúde e a perspectiva da morte podem potencializar na pessoa diversos sentimentos, como a angústia, a insegurança, o temor, o arrependimento, a culpa e a revolta, entre outros. Para Kubler-Ross[304] todos esses afetos podem ainda vir acompanhados de questionamentos acerca de negligência no cuidado da própria saúde ou mesmo de julgamentos a respeito da vida pregressa do doente.

Desta forma, observou-se também que há uma preocupação do infectado em proteger sua família do sofrimento que sua situação pode representar: "*Até pensei que seria melhor morrer de uma vez, assim eu não ia ter que encarar ninguém, não ia dar esse desgosto pra minha mãe [...] Eu sentia que a minha vida já tinha acabado, aquela doença já tinha acabado comigo, eu não tinha mais que viver. Eu amo minha família e a minha mulher mais (sic) eu pensei que era melhor assim" (Capella).*

Morte, finitude, limite do humano, o não-ser, o nada. Eis o estigma que a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS adquire enquanto dimensão existencial. Castro (2009) amparado em Heidegger que o homem, em sua temporalidade, é um ser-para-a-morte, uma vez que a pre-sença é inacabada. Contudo, apesar de a morte ser um fenômeno da vida, a possibilidade da mesma ocorrer revela nesse mesmo homem, a angústia, porque se percebe finito, limitado. Na angústia, a presença é chamada à existência, passa do ôntico ao ontológico, vivenciando a possibilidade de não-ser, de ser-para-a-morte, do nada.

O diagnóstico de AIDS leva os participantes a refletir sobre esse fenômeno chamado morte, dado ao estigma existente, e a adentrar por um quadro de angústia onde é impensável a antecipação da morte,

ocorrendo então o fechamento de si mesmos ao mundo e a inautenticidade, por buscarem negá-la.

Heidegger, em Ser e Tempo, a partir do fenômeno da morte, tal como se mostra em seu pensamento, se afastará da concepção mecanicista e exterior até então vigente. O seu ponto de partida é a interpretação da morte como um fenômeno da vida. "A morte – assinala Heidegger[305] – no sentido mais amplo, é um fenômeno da vida". Para quem é obstinado a vida continua a ser só vida. Para eles a morte é morte, e somente isso. Mas, o ser da vida é, ao mesmo tempo, o ser da morte. Percebe-se que tudo o que começa a viver, também começa a morrer, ou seja, a morte é, simultaneamente, vida.

Para Castro[306] [307]o interesse de Heidegger no que concerne à morte não reside tanto na determinação da morte como um sucesso terminal ou meramente pontual – o ato mesmo de morrer – quanto à presença da morte em um continuum vital. Dessa forma, o que interessa a Heidegger não é tanto a morte ser um acontecimento terminal, mas à morte ser uma estrutura da existência humana. O que interessa, na realidade, não é uma análise ôntica da morte, mas uma análise ontológica ou, como ele denomina, uma análise existenciária. A compreensão ontológico – existencial revela a morte como uma estrutura do ser do homem, um existencial do próprio homem em sua estrutura existencial de ser-para-a-morte.

E a pessoa portadora de AIDS, em decorrência de uma série de fatores: carga viral, dosagem e efeitos colaterais da medicação, baixa imunidade, dentre outros, mergulha no pensamento da finitude, passa a refletir acerca de algo que até a contaminação e consequente diagnóstico, sequer houvera ousado pensar. E assim, o quadro clínico

leva-os a pensar sobre a própria finitude, assim como a finitude do outro os leva a pensar na própria finitude, na morte.

E as relações ficam comprometidas

Não há dúvidas de que a família é o suporte mais importante que temos nos momentos de crise ou adoecimento. No entanto, nem sempre ela está disponível ao indivíduo infectado pelo HIV. Principalmente porque o estigma da doença atinge todos os membros da família, e possui um efeito desagregador de sua estrutura, registros de abandono são comuns e muitas vezes responsáveis pela não-aceitação do diagnóstico por parte do portador. O medo do abandono familiar apresenta-se em uma dimensão mais ampla e ameaçadora, pois poderá interferir de forma direta na maneira como o indivíduo responde à terapêutica.

O apoio familiar e do grupo social

O indivíduo infectado tende a valorizar mais as relações familiares e de amigos próximos, das quais procura se aproximar em busca de apoio. Em alguns casos, a família apoia o PVHA, sendo fundamental durante todo o processo de adaptação e recuperação: *"A minha família aparentemente assim na minha frente o que eu percebi, aliás o que eu percebo até hoje, é... acredito que foi difícil pra eles aceitarem, acreditarem que tem alguém na nossa família que tem um problema. Mas assim quanto a mim, quanto a... vamos dizer quanto ao amor da minha mãe, do meu pai e dos meus irmãos, não mudou nada em nenhum momento" (Polaris).*

Com frequência, os mesmos sentimentos de sofrimento, desespero, insegurança, medo, depressão, ansiedade e estresse vivenciados pelo

indivíduo infectado pelo HIV, são também vivenciados pela sua família de maneira muito semelhante, e mesmo diante destas dificuldades, muitas famílias apoiam e se fazem continente para essas pessoas, conforme nos traz a fala de Polaris: *"E a minha família me amparou assim como... fez papel de família mesmo, o papai de pai e a mamãe de mãe.* ***Pra mim foi muito mais fácil****. É muito mais fácil pra mim, pra um paciente desse que ele recebe esse apoio é muito mais fácil. Por mais que as pessoas e os amigos virem as costas, abandonem, mas a família é importante nesse momento. De alguma forma isso uniu mais a minha família com certeza. Eu fiquei mais próximo até dos meus irmãos, em todos os sentidos a gente se aproximou mais. Dos meus próprios amigos mesmo, amigos de verdade, eu me aproximei mais. Muito mais!. E eu me sinto grato, muito grato assim".*

Esse acolhimento assegura ao portador uma oportunidade para se afirmar como sujeito identificado, aceito e adaptado ao seu meio social e cultural, caracterizando-se como um importante instrumento de apoio à sua reestruturação interna: *"A minha família graças a Deus me apoiou, não virou as costas pra mim quando souberam [...] Todo mundo não tem esse negócio de... Como é que se diz? Ele é... "ele tem Aids", "ele é não sei o quê", não tem esse negócio não. É normal minha vida. No trabalho, em casa" (Hydrus).* Ou como ressaltado por Veja: *"Eu já melhorei já um pouco com a ajuda das pessoas, eu contei pra minha família e eu tive o apoio da minha família".*

O não apoio dos grupos sociais

A pessoa vivendo com o vírus HIV/Aids conta com o acompanhamento de diversos profissionais que auxiliam e orientam durante todo o processo de tratamento, o serviço de psicologia dentro

da instituição pesquisada atende às demandas tanto dos usuários quanto de seus familiares e acompanhantes, no entanto a quantidade de profissionais é muito pequena frente a demanda cada vez maior, o que dificulta o acesso dessas pessoas ao serviço, e muitos desistem do acompanhamento, ou não encontram o suporte do qual necessitam. Para Polaris: *"Só que depois quando foi agora em novembro desse ano pra dezembro, eu comecei a precisar da ajuda da, vamos dizer assim da psicologia novamente, só que no caso é, não foi no horário de vocês é claro, eu não encontrei todo o suporte que eu precisava. E eu tava precisando muito. E eu comecei a entrar em desespero e nesses casos você precisa procurar um profissional mesmo porque muitas vezes os seus amigos eles dão apoio, mas não o necessário que você precisa de quem estudou. Pra mim é importante, tanto que eu procurei ajuda, mas assim eu não tive o suporte que eu precisava"*.

Há também familiares que discriminam, abandonam e expressam preconceito contra seu ente portador do vírus, pois se veem diante da inesperada e indesejada ruptura de seus valores morais, éticos, culturais e tradicionais: *"Moro com a minha avó e os meus irmãos, mas é mesmo que morar só. Quando eu tô assim eles não me ajudam [...] Sabem. E é por isso que nem ajudam [...] Eu prefiro ficar aqui do que na minha casa. Porque lá não me ajudam não. Eu dou meu jeito mesmo. O que estraga é que eles bebem muito, todo dia quase". (Deneb).*

Ser-no-mundo é ser-com-o-outro. Vivemos em relação contínua com os outros seres intramundanos[308] [309] [310]. E a partir da comunicação do diagnóstico de AIDS a esfera relacional e constitutiva do cotidiano dos participantes também é um dos aspectos a serem considerados no processo.

Comunicar à família foi um ato que demandou energia, sofrimento, dor e, nesse ínterim, de modo concomitante, a culpa, a responsabilidade, a vergonha pelo ocorrido. A relação com o outro os autores supracitados denominam como o mundo humano que é o que diz respeito ao encontro e convivência da pessoa com seus semelhantes. Uma relação fundamental para a existência, afinal, desde o nascimento encontro-me em situações que incluem a presença de alguém. Afinal, "*o existir é originariamente ser-com-o-outro, embora o compartilhar humano nem sempre seja vivenciado de fato*"[311].

Dessa forma, o enfrentamento de um diagnóstico dessa natureza e magnitude obterá uma resposta positiva ou negativa da configuração familiar. Ser-com é estar ao lado existencialmente, é permitir que o outro perceba a importância que tem para mim. E, no caso dos familiares, este estar ao lado pressupõe possibilidades de cuidado, amparo, o que certamente facilita o enfrentar a situação. Por outro lado, diante da negativa da família em compreender, em estar junto à pessoa, tornar-se indiferente à ela, significa adentrar na solidão, sentir-se lançado num mundo hostil, inóspito e sem possibilidades de conseguir enfrentar a facticidade.

A não-aderência

Não há dúvidas que os conflitos surgidos no momento do tratamento antirretroviral têm implicações sobre a aderência terapêutica. A ansiedade vivida pelos indivíduos que precisam do tratamento, relacionada à necessidade que sentem de esconder sua condição de PVHA e os fármacos que usam, faz com que as pessoas

adotem comportamentos e atitudes estratégicas de isolamento na hora de tomar os remédios.

As mudanças que ocorrem tanto na aparência quanto à nível orgânico levam a um importante impacto psicológico em relação ao convívio da pessoa com a sua nova conformação física, esse impacto pode ser tão significativo a ponto de desestimular um indivíduo a manter seu tratamento: *"eu achava que o remédio tava me fazendo mal porque antes eu tava muito melhor e depois que eu comecei a tomar o remédio em vez de eu melhorar eu piorei. Então eu achava que o remédio tava me fazendo mal, mas era só os efeitos colaterais né? Mas aquilo tava me fazendo muito mal, com o enjoo eu não comia, eu tava perdendo peso demais, tinha muita diarreia e eu disse: esse remédio não tá fazendo bem só tá fazendo mal. E eu tava distante do médico porque eu moro no interior, eu moro numa comunidade rural, aí eu parei" (Vega).*

Situações que ocasionam estresse podem ser consideradas aspectos que dificultam a adesão terapêutica e induz à negligência e erros na utilização dos medicamentos: *"Foi aqueles momentos que a gente vive de... como eu posso dizer... de... problemas, é... financeiros... problemas assim em casa, não vamos dizer não é de briga, mas problemas de... tinha muita gente em casa e eu tava muito assim... ficava muito perturbado, não conseguia descansar direito com a medicação, isso me irritava muito e essa irritação causou com que eu viesse a parar de tomar a medicação, essa irritação causou que eu viesse a parar a medicação... Porque tudo que a gente pensa é assim: 'eu vou parar por três dias'. Só que você para e quando você percebe você tá acostumando, aí você toma um dia sim, um dia não. Um dia sim, um dia não. E quando você percebe você já tem parado a medicação totalmente [...] eu lembrava do remédio, mas não tomava. E com pessoas em*

casa que tinham chegado de viagem e eu dormia muito tarde e eu precisava de repouso e eu não dormia, tudo isso me causava irritação" (Polaris).

Tomar a medicação pode representar uma situação aversiva por causa da ocorrência de consequências adversas e desconfortáveis, e fazer com que os pacientes, mesmo orientados quanto à ocorrência dessas reações, decidam por não tomar os antirretrovirais: *"Não porque eu ficava muito na rua, não tinha como pegar o remédio... Eu vinha pras consultas, o médico explicou que eu tinha que tomar, mas eu... [pausa longa] Eu não gosto de ficar aqui só... [choro]... Eu enjoava, vomitava tudo [...] Não. Porque eu tomava e ficava vomitando aquele negócio vermelho, parece sangue. Eu ficava doidinho. A minha vizinha que me ajudou" (Deneb).*

A negação da soro positividade, mesmo sabendo de seu quadro clínico, também se mostrou determinante quando se questionava acerca dos motivos do abandono ao tratamento, como nos fala Hydrus: "mas a minha imunidade nesses dois anos aí que eu fiquei sem tomar **nunca deu alta**, **sempre deu baixa**. Eu vinha frequentemente com a doutora aí, só passei uns seis meses sem vim"**.** Por sua vez, Capella revela: *"eu sabia que tinha que tomar, mas eu não tomava. Eu até não tava mais sentindo nada, por isso nem tomava. Aí eu não deixava mais ninguém me acompanhar na consulta, eu dizia que ia no médico, mas eu não ia, e evitava falar sobre o que eu tinha, mas nesse momento todo mundo já sabia, mas eu não queria ficar falando, não queria que tivessem pena de mim, nem que se afastassem, eu queria uma vida normal, como eu tinha, sem horário pra tomar remédio, sem consulta, sem nada".*

O ser-aí está sempre sendo, e sendo, coloca em jogo o seu poder-ser. Isso significa que ele é sempre possibilidade de alguma coisa, não pode

ser determinado a partir de características que são possibilidades e não qualidades arraigadas. No entanto, ele tem que ser, e ser quer dizer ser num mundo que já lhe é aberto, compreendendo-se de determinado modo. Embora infinitas, suas possibilidades de ser são dadas pelo mundo em que se projetou compreensivamente e no qual decaiu[312].

Na situação expressada pelos participantes, a não-aderência se dá em decorrência a vários motivos já relacionados em categorias anteriores. A não-aderência significa dizer que o ser-aí caiu no impessoal e este – o impessoal -, são os modos de ser do mundo, de todos e ninguém, o que é compartilhado. O impessoal sempre nos dá a possibilidade de ser, já que somos ser-no-mundo-com-os-outros. No entanto, na maior parte das vezes, o ser-aí vive as possibilidades que a interpretação do impessoal fornece sem tê-las propriamente escolhido, ou seja, impropriamente. Viver impropriamente quer dizer que as possibilidades são vividas a partir do conveniente, do modo como todo mundo faz, sem se dar conta de que são possibilidades, mas como o que habitualmente "se tem que viver".

No caso dos participantes deste estudo foi atribuído um sentido de que o remédio fazia mal, as pessoas irritam, a solidão, a mentira e isso, a partir dessa compreensão de *ser-no-mundo-sendo-portador-do-vírus-da-AIDS* escolheram não aderir ao tratamento, mesmo sabendo que isso lhes prejudicaria sensivelmente. O ser é um ser-de-escolhas, sejam boas ou más, positivas ou negativas, mas sempre pode escolher, pode se possibilitar seguir por quaisquer caminhos.

Considerações Finais

A dimensão emocional da comunicação diagnóstica está diretamente relacionada com os desdobramentos decorrentes da nova condição do sujeito, e a maneira como ele absorve a notícia e lida com todas as dificuldades que possam surgir é determinante durante todo o processo de tratamento. A partir do diagnóstico essas pessoas se deparam com inúmeras dificuldades, no entanto percebem que, se houver uma boa adesão, a soropositividade não será uma condição que, necessariamente, invalide suas vidas.

A estigmatização dessa população também se encontra relacionada à falta de informação, tornando-se cada vez mais necessário a reflexão acerca das midiáticas milionárias que o governo tem utilizado. Seguem-se a isto os seguintes questionamentos: a) o que ocorre no sentido de que as campanhas sobre promoção de saúde e prevenção não estejam atingindo o objetivo proposto?; b) percebe-se que o esclarecimento de dúvidas e estereótipos negativos relativos à doença ainda permanecem em parte da população e isto não pode ser visto como fator interveniente para dificultar a prevenção, a busca pelo diagnóstico, a adesão ao tratamento e a vivência da soropositividade? Falamos isso lembrando que as dificuldades no enfrentamento, em grande parte, decorrem da estigmatização vivenciada a partir do diagnóstico.

A partir das entrevistas, ficou bastante claro o papel negativo que o processo de estigmatização pode desempenhar na vida dessas pessoas. Desta forma, o apoio psicológico é fundamental, desde a comunicação diagnóstica, devendo o profissional colocar-se a serviço dessas pessoas, pelas consequências psicológicas que tal notícia traz consigo, e no que se refere às orientações acerca da importância da continuidade do

tratamento, visto que surgem dificuldades que interferem no processo de adesão aos antirretrovirais.

A experiência na construção deste estudo, possibilitou momentos de grande aprendizado e permitiu observação da forma como as pessoas vivendo com o vírus HIV/Aids vivenciam o processo de diagnóstico, as adaptações à medicação, além das dificuldades associadas à realidade de sua condição, a necessidade de lidar com o estigma, discriminação e preconceitos relativos à soropositividade.

Lidar com esta população é uma rica aprendizagem que mostra diferentes nuances e detalhes a cada momento. Não existem histórias iguais, assim como não existem formas de enfrentar que se encaminhem da mesma maneira, mas há algo em comum entre estas pessoas, que é o fato da necessidade de sobrepor-se à dificuldade, da melhor maneira possível, dentro do seu contexto. A vida é feita de escolhas, de decisões. Percebemos que os participantes, por uma série de fatores, escolhem a não-adesão ao tratamento para o Hiv/Aids e isso, certamente resulta em consequências muitas vezes irreparáveis.

Viver é arriscado, não restam dúvidas. Conquanto esta acepção, é preciso ter coragem para ser, coragem para viver a nossa vida, diante de tantas inseguranças e dos perigos que continuamente nos ameaçam. Finalmente, considera-se que, a partir dos resultados obtidos, o estudo pode colaborar, tanto com pesquisas futuras, como no sentido de abrir novos caminhos no atendimento às pessoas vivendo com vírus Hiv/Aids.

Referências

AUGRAS, M. **O ser da compreensão:** Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. – 14. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

BACHANAS, P. *et al.* Delivering Prevention Interventions to People Living with HIV in Clinical Care Settings: Results of a Cluster Randomized Trial in Kenya, Namibia, and Tanzania. **AIDS Behav** 20**,** 2110–2118, 2016 https://doi.org/10.1007/s10461-016-1349-2

BEER, L. et al. Nonadherence to Any Prescribed Medication Due to Costs Among Adults with HIV Infection — United States, 2016–2017 **MMWR Morb Mortal Wkly Rep***; 68(49): 1129-1133, 2019 Dec 13.*

CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico:** o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger – Ribeirão Preto, 2009, 182 p.

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

CORREIA, P.C.; CASTRO, E.H.B. O que as estrelas têm a dizer: a escuta com adolescentes com câncer. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 101-114

FERRAND, Rashida et al. Viral suppression in adolescents on antiretroviral treatment: review of the literature and critical appraisal of methodological challenges. **A European Journal TMIH.** Volume 21, Issue 3, p. 293-453, March 2016, https://doi.org/10.1111/tmi.12656

FERREIRA, C.F.; CASTRO, E.H.B. Re-descobrindo o ser-si-mesmo: a existencialidade de mulheres praticantes de pole dance. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 193.

FERREIRA, C.F.; CASTRO, E.H.B. A Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 27-32

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

FOX, M.P. et al. Adherence clubs and decentralized medication delivery to support patient retention and sustained viral suppression in care: Results from a cluster-randomized evaluation of differentiated ART delivery models in South Africa. **PLOS Medicine** *16 (7): e1002874, 2019 07.*2019, https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002874

HANRAHAN, C.F. et al. The impact of community- versus clinic-based adherence clubs on loss from care and viral suppression for antiretroviral therapy patients: Findings from a pragmatic randomized controlled trial in South Africa. **PLoS Med;** *16(5): e1002808, 2019 05.* https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002808

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KEBAABETSWE, P.M. *et al.* Factors Associated with Adherence and Concordance Between Measurement Strategies in an HIV Daily Oral Tenofovir/Emtricitibine as Pre-exposure Prophylaxis (Prep) Clinical

Trial, Botswana, 2007–2010. **AIDS Behav** 19, 758–769 (2015). https://doi.org/10.1007/s10461-014-0891-z

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer:** o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros e a seus próprios parentes trad. Paulo Menezes – 9ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.

LARAY, M.M.; CASTRO, E.H.B. Mães soropositivas e transmissão vertical: o trajeto de vida à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial. In CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa**. Curitiba : Appris, 2017, p. 77-92.

McBRIDE, K. *et al.* ART Adherence Among Malawian Youth Enrolled in Teen Clubs: A Retrospective Chart Review. **AIDS Behav** 23, 2629–2633 (2019). https://doi.org/10.1007/s10461-019-02580-y

MACPHERSON, P et al. Service delivery interventions to improve adolescents' linkage, retention and adherence to antiretroviral therapy and HIV care. **A European Journal TMIH.** Volume 20, Issue 8, August, 2015, p. 1015-1032. https://doi.org/10.1111/tmi.12517

MELCHIOR, R. et al., Desafios da adesão ao tratamento de pessoas vivendo com HIV/Aids no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, 2013

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** Carlos Alberto Ribeiro de Moura (trad.). 4.ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011, p. 269.

MOLEMANS, M. *et al.* Changes in disclosure, adherence and healthcare interactions after the introduction of immediate ART initiation: an

analysis of patient experiences in Swaziland. **Trop Med Int Health;** *24(5): 563-570, 2019 05.* https://doi.org/10.1111/tmi.1321

PEREIRA, D.G.; SILVA, M.R.O. da; CASTRO, E.H.B. Meu filho tem câncer: vivências de mães a partir da Ontologia Hermenêutica de Heidegger In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 49-62

PELLOWSKI, J.A *et al.* A Systematic Review and Meta-analysis of Antiretroviral Therapy (ART) Adherence Interventions for Women Living with HIV. **AIDS Behav** 23, 1998–2013 (2019). https://doi.org/10.1007/s10461-018-2341-9

PIMENTEL, C.G.; CASTRO, E.H.B. Re-descobrindo o viver: adolescentes e a experiência do diagnóstico de HIV/Aids. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017 p. 93-100

SIKAZWE, I. *et al*. Retention and viral suppression in a cohort of HIV patients on antiretroviral therapy in Zambia: Regionally representative estimates using a multistage-sampling-based approach. **PLoS Med;** *16(5): e1002811, 2019 05.* https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002811

SILVA, J.M. da; CASTRO, E.H.B. Ela tem peito, a outra tem peito; sou des-peitada, muito prazer: a vivência de mulheres mastectomizadas In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 70

SOOMRO, N. et al. Comparison of Antiretroviral Therapy Adherence Among HIV-Infected Older Adults with Younger Adults in Africa:

Systematic Review and Meta-analysis. **AIDS Behav** 23, 445–458, 2019. https://doi.org/10.1007/s10461-018-2196-0

SZYMANSKI, H.; SZYMANSKI, L. Repercussões do pensamento fenomenológico nas práticas psicoeducativas. In: BARRETO, C.L.B.T.; MORATO, H.T.P.; CALDAS, M.T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica** Curitiba : Juruá Editora, pp. 77-94, 2013.

---

261 MACPHERSON, P. *et al*. Service delivery interventions to improve adolescents' linkage, retention and adherence to antiretroviral therapy and HIV care. **A European Journal TMIH**. Volume 20, Issue 8, August, 2015, p. 1015-1032. https://doi.org/10.1111/tmi.12517

262 LARAY, M.M.; CASTRO, E.H.B. Mães soropositivas e transmissão vertical: o trajeto de vida à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial. In CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa**. Curitiba : Appris, 2017, p. 77-92.

263 MACPHERSON, P. *et al*. Service delivery interventions to improve adolescents' linkage, retention and adherence to antiretroviral therapy and HIV care. **A European Journal TMIH.** Volume 20, Issue 8, August, 2015, p. 1015-1032. https://doi.org/10.1111/tmi.12517

264 MELCHIOR, R. et al., Desafios da adesão ao tratamento de pessoas vivendo com HIV/Aids no Brasil. **Rev. Saúde Pública,** São Paulo, 2013

265 MACPHERSON, P et al. Service delivery interventions to improve adolescents' linkage, retention and adherence to antiretroviral therapy and HIV care. **A European Journal TMIH**. Volume 20, Issue 8, August, 2015, p. 1015-1032. https://doi.org/10.1111/tmi.12517

266 CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico**: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2009, 182 p.

267 FERRAND, R. *et al*. Viral suppression in adolescents on antiretroviral treatment: review of the literature and critical appraisal of methodological challenges. **A European Journal TMIH**. Volume 21, Issue 3, p. 293-453, March 2016, https://doi.org/10.1111/tmi.12656

268 BACHANAS, P. *et al*. Delivering Prevention Interventions to People Living with HIV in Clinical Care Settings: Results of a Cluster Randomized Trial in Kenya, Namibia, and Tanzania. **AIDS Behav** 20, 2110–2118, 2016 https://doi.org/10.1007/s10461-016-1349-2

269 KEBAABETSWE, P.M. *et al*. Factors Associated with Adherence and Concordance Between Measurement Strategies in an HIV Daily Oral Tenofovir/Emtricitibine as Pre-exposure Prophylaxis (Prep) Clinical Trial, Botswana, 2007–2010. **AIDS Behav** 19, 758–769 (2015). https://doi.org/10.1007/s10461-014-0891-z

270 SOOMRO, N. *et al*. Comparison of Antiretroviral Therapy Adherence Among HIV-Infected Older Adults with Younger Adults in Africa: Systematic Review and Meta-analysis. **AIDS Behav** 23, 445–458, 2019. https://doi.org/10.1007/s10461-018-2196-0

271 SIKAZWE, I. *et al*. Retention and viral suppression in a cohort of HIV patients on antiretroviral therapy in Zambia: Regionally representative estimates using a multistage-sampling-based approach. **PLoS Med**; 16(5): e1002811, 2019 05. https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002811

272 MACPHERSON, P *et al*. Service delivery interventions to improve adolescents' linkage, retention and adherence to antiretroviral therapy and HIV care. **A European Journal TMIH**. Volume 20, Issue 8, August, 2015, p. 1015-1032. https://doi.org/10.1111/tmi.12517

273 FERRAND, R. *et al*. Viral suppression in adolescents on antiretroviral treatment: review of the literature and critical appraisal of methodological challenges. **A European Journal TMIH**. Volume 21, Issue 3, p. 293-453, March 2016, https://doi.org/10.1111/tmi.12656

274 MELCHIOR, R. *et al*., Desafios da adesão ao tratamento de pessoas vivendo com HIV/Aids no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, 2013

275 MOLEMANS, M. *et al*. Changes in disclosure, adherence and healthcare interactions after the introduction of immediate ART initiation: an analysis of patient experiences in Swaziland. T**rop Med Int Health**; 24(5): 563-570, 2019 05. https://doi.org/10.1111/tmi.1321

276 FOX, M.P. *et al*. Adherence clubs and decentralized medication delivery to support patient retention and sustained viral suppression in care: Results from a cluster-randomized evaluation of differentiated ART delivery models in South Africa. **PLOS Medicine** 16 (7): e1002874, 2019 07.2019, https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002874

277 BEER, L. *et al*. Nonadherence to Any Prescribed Medication Due to Costs Among Adults with HIV Infection — United States, 2016–2017 **MMWR Morb Mortal Wkly Rep**; 68(49): 1129-1133, 2019 Dec 13.

278 MACPHERSON, P. *et al*. Service delivery interventions to improve adolescents' linkage, retention and adherence to antiretroviral therapy and HIV care. **A European Journal TMIH**. Volume 20, Issue 8, August, 2015, p. 1015-1032. https://doi.org/10.1111/tmi.12517

279 FOX, M.P. *et al*. Adherence clubs and decentralized medication delivery to support patient retention and sustained viral suppression in care: Results from a cluster-randomized evaluation of differentiated ART delivery models in South Africa. **PLOS Medicine** 16(7): e1002874, 2019 07.2019, https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002874.

280 HANRAHAN, C.F. et al. The impact of community- versus clinic-based adherence clubs on loss from care and viral suppression for antiretroviral therapy patients: Findings from a pragmatic randomized controlled trial in South Africa. **PLoS Med**; 16(5): e1002808, 2019 05. https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1002808

281 PELLOWSKI, J.A. *et al*. A Systematic Review and Meta-analysis of Antiretroviral Therapy (ART) Adherence Interventions for Women Living with HIV. **AIDS Behav** 23, 1998–2013 (2019). https://doi.org/10.1007/s10461-018-2341-9

282 PEREIRA, D.G.; SILVA, M.R.O. da; CASTRO, E.H.B. Meu filho tem câncer: vivências de mães a partir da Ontologia Hermenêutica de Heidegger In: CASTRO, E.H.B. **Fenomenologia e Psicologia**: a)s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 49-62.

283 McBRIDE, K. et al. ART Adherence Among Malawian Youth Enrolled in Teen Clubs: A Retrospective Chart Review. **AIDS Behav** 23, 2629–2633 (2019). https://doi.org/10.1007/s10461-019-02580-y

284 MACPHERSON, P. *et al*. Service delivery interventions to improve adolescents' linkage, retention and adherence to antiretroviral therapy and HIV care. **A European Journal TMIH**. Volume 20, Issue 8, August, 2015, p. 1015-1032. https://doi.org/10.1111/tmi.12517

285 CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico**: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2009, 182 p.

286 SZYMANSKI, H.; SZYMANSKI, L. Repercussões do pensamento fenomenológico nas práticas psicoeducativas. In: BARRETO, C.L.B.T.; MORATO, H.T.P.; CALDAS, M.T. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica Curitiba** : Juruá Editora, pp. 77-94, 2013.

287 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017. P. 17-26, p. 21.

288 Ibidem.

289 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

290 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 105.

291 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

292 Ibiem, p.36

293 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 251-252

294 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

295 AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. – 14. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

296 PIMENTEL, C.G.; CASTRO, E.H.B. Re-descobrindo o viver: adolescentes e a experiência do diagnóstico de HIV/Aids. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 93-100

297 PEREIRA, D.G.; SILVA, M.R.O. da; CASTRO, E.H.B. Meu filho tem câncer: vivências de mães a partir da Ontologia Hermenêutica de Heidegger In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 49-62

298 CORREIA, P.C.; CASTRO, E.H.B. O que as estrelas têm a dizer: a escuta com adolescentes com câncer. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 101-114

299 SILVA, J.M. da; CASTRO, E.H.B. Ela tem peito, a outra tem peito; sou des-peitada, muito prazer: a vivência de mulheres mastectomizadas In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 70

300 FERREIRA, C.F.; CASTRO, E.H.B. A Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 27-32

301 FERREIRA, C.F.; CASTRO, E.H.B. Re-descobrindo o ser-si-mesmo: a existencialidade de mulheres praticantes de pole dance. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**:

a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 193.

302 CASTRO, E.H.B. A Filosofia de Martin Heidegger In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 25

303 MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Carlos Alberto Ribeiro de Moura (trad.). 4.ed. São Paulo: Editora WMF (Biblioteca do Pensamento Moderno), 2011, p. 269.

304 KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros e a seus próprios parentes trad. Paulo Menezes – 9ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.

305 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 105.

306 CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico**: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger – Ribeirão Preto, 2009, 182 p.

307 CASTRO, E.H.B. A Filosofia de Martin Heidegger In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017

308 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

309 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

310 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

311 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

312 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

A criança foi adotada, agora o vazio:o olhar das cuidadores de abrigo em Manaus

Raimundo Sidney Gil Evangelista
Ewerton Helder Bentes de Castro
Rafael Luiz de Aguiar Porto
Luan Silva de Souza

Introdução

A vida contemporânea em seu feerismo nos traz motivações diferentes e diferenciadas, predominando a ideia de que família é a que produz, a que possui filhos. Entretanto, temos um público infantil relegado à marginália que vivencia uma infância desvalida e infeliz. São aquelas que são lançadas na condição da busca por um lar e, consequentemente, por assistência e acompanhamento de quem os queira como filhos, são órfãos asilados em orfanatos.

Estudos internacionais ressaltam como o processo de adoção tem se tornado alvo de pesquisas no sentido de compreender essa prática que,

continuamente, tem sido levada a efeito em vários países do mundo.[313] [314] [315]

Pesquisas buscaram identificar as representações sociais sobre a adoção, elaboradas por mães adotivas, pertencentes ou não a grupos de apoio à adoção e, verificar os aspectos psicossociais que envolvem a adoção. Esses estudos deduziram que as mães pertencentes a grupos de apoio à adoção têm mais consciência do problema psicossocial que envolve a adoção e demonstram ser mais esclarecidas sobre a necessidade de se combater o preconceito.[316] [317]

O conceito de adoção tem variado ao longo da história, "tanto de maneira legal (Código de Hamurabi, Código de Napoleão, Lei Comum Inglesa) quanto de maneira informal"[318]

> A infância e a adoção tiveram interpretações bastante diversas ao longo dos tempos, sendo que os códigos morais, as leis e as religiões ora eram coerentes, ora divergiam entre si. Cada cultura vem assumindo, ao longo dos períodos históricos, posturas diferenciadas em relação à adoção, que sempre estão relacionadas ao contexto sócio-político, econômico e religioso da época.

Comparando a adoção na Polinésia Francesa (corresponde a uma regra social) com a adoção nas culturas afetadas pela tradição cristã (durante muito tempo deu destaque à ideia de filiação pelo sangue) ou islâmica (apenas a guarda legal é permitida), não é sem motivos que ainda hoje a adoção seja cercada de preconceitos e estigmas. A adoção de crianças, em muitas outras culturas, é interpretada como um conceito não-problemático, um dos aspectos de parentesco, forma de solidariedade ou resposta a condições demográficas. Portanto, a adoção, enquanto discurso, não só é interditada em alguns lugares como também sugere, como veremos um nível sutil de exclusão.[319]

Adoção de crianças sempre foi um assunto que chamou muito a atenção, acreditamos que alguns fatores contribuíram para isso no decorrer da trajetória do primeiro autor. Conheçamos a história.

Na primeira fase de sua adolescência, bem no início, aos doze anos de idade passou pela experiência de abandono por parte do pai que saiu de casa para nunca mais retornar, deixando para trás oito pessoas: a mãe e sete filhos. Essa situação causou alguns transtornos para a família tanto financeiro, como emocional, psicológico, dentre outros. Nesse período, a falta de dinheiro para compra de alimento levou a mãe a trabalhar fora de casa. Nos primeiros meses, alguns parentes e amigos se propuseram a ajudar a cuidar. Depois de algum tempo, nenhum deles tinha mais tempo disponível para esse fim, não tinham mais paciência. Com dificuldade para trabalhar e nos deixar os filhos em casa, sozinhos, a mãe ficou em situação difícil, sem saber o que fazer. Foi aí que buscou conselhos e ajuda de parentes e amigos. A maioria sugeriu que entregar para a adoção seria a solução, já que a renda da família se resumia ao salário mínimo e por isso, não dava para pagar nenhum cuidador, e, na concepção dos parentes, ficar sozinhos em casa durante o dia seria muito pior e arriscado.

Para resolver essa situação, a mãe resolveu trabalhar em casa, para isso, pegou algumas lavagens de roupa. Dessa forma, resolvia parte do problema e não precisava entregar nenhum de seus filhos a ninguém. Com o passar do tempo, tendo melhor condição financeira, a mãe cuidava de crianças que estavam praticamente na mesma situação e os filhos a ajudavam.

O tempo, sempre o tempo, corre célere. Após alguns anos de casado, o nascimento de três filhos, o primeiro autor foi trabalhar em um abrigo

de menores, onde presenciou a situação de muitas crianças que iam parar ali, sem esperança de voltar para o convívio da família que, em sua maioria, vivia em situação de risco e vulnerabilidade social. Percebeu que o maior desejo daquelas crianças, era ter um lar! Foi aí, que ele e a esposa, resolveram cuidar de duas crianças, que permanecem até hoje em seu convívio.

Anos depois, já cursando Psicologia, resolveu adentrar na mesma instituição como pesquisador, uma vez que, em sua trajetória de vida, percebeu que outras famílias nesta cidade estão passando por situação semelhante ou mais difícil ainda. E, desse modo, precisam entregar seus filhos à adoção. As instituições recebem as crianças e nestas, várias pessoas – geralmente gênero feminino – cuidam dos infantes. Daí surge a pergunta, o que será que sente alguém quando cuida de uma prole que não é sua? É necessária uma capacitação para esse fim? Como fica a questão afetiva nesse processo? São perguntas que necessitam de resposta.

Considerando a pouca literatura existente acerca da temática, buscamos neste estudo, captar o sentido da vivência, do significado atribuído a determinada situação e, para conseguir este intento, será lançado sobre a temática um olhar a partir dos pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial.

Reconhecendo (ou seria conhecendo?) a temática:

O código civil define adoção como sendo "o ato jurídico pelo qual uma pessoa recebe outro como filho, independentemente de existir entre ambos qualquer relação de parentesco consanguíneo ou afim"[320].

A fundamentação teórica, na qual o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA[321] e os programas de acolhimento familiar, já implantados no Brasil, baseiam-se para valorizar a família como contexto primordial de desenvolvimento da criança, articulam-se a algumas teorias dentro da psicologia, especialmente a psicologia do desenvolvimento. A própria inclusão do direito à convivência familiar e comunitária nas normativas internacionais e nacionais, foi subsidiada por teorias que ressaltavam a importância dos vínculos afetivos com as figuras parentais para o desenvolvimento saudável da criança, como também os efeitos nocivos ao desenvolvimento causado pelo processo de institucionalização.

Dessa forma, o vínculo afetivo valorizado nesses documentos, adquire dimensão política, haja vista que, seu desenvolvimento e manutenção, quando não ocorre na família de origem necessita da proteção do estado, no sentido de assegurar essa possibilidade às crianças e aos adolescentes. Assim, o direito a convivência familiar passa a fazer parte do conjunto das políticas públicas e fundamenta ações de colocação em família substitutas (guarda, tutela ou adoção) ou acolhedoras.[322]

Outro estudo teve por objetivo verificar as condições sócio afetivas vividas por pajens de orfanato em seu ambiente de trabalho, tendo como pano de fundo a teoria de apego e conclui que o trabalho ali realizado é gerador de fortes laços de afetividade.[323]

Assim, toda experiência afetivo-emocional acontece no encontro do eu com outro eu, sendo a fronteira do contato o lugar dos fatos e conflitos psicológicos. Situações repetitivas nas quais ocorre tensão e angústia distorcem ou bloqueiam o contato e causam desajustamento

comportamental e emocional. A partir desta ótica a relação mãe e filho, interrompida, são gerados transtornos emocionais que inferem no comportamento da criança.[324] [325]

Sabemos que o ser humano é portador de uma história filogenética que lhe garante um aparato biológico e o auxilia no estabelecimento e manutenção de vínculos afetivos com o outro, principalmente com a mãe (biológica ou substituta), sendo a constância dessa primeira vinculação afetiva crucial ao seu desenvolvimento psicossocial saudável.

Sobre isto é necessário pensar na criança que é adotada, como será a forma de tratar?

A adoção de uma criança é semelhante a um parto, onde elas são gestadas. O período em que os pais a escolhem e a partir do adotar, a finalidade da adoção é substituir ao máximo a família biológica pela adotiva. Percebe-se que, apesar de a adoção ser semelhante ao parto, a criança foi gerada por outra pessoa, e não é parente desta família, mas por ser adotada passa a fazer parte dela, o que significa possibilitar que o diferente se torne normalidade.[326] [327]

A adoção é um ato jurídico onde uma pessoa recebe outro como filho, independentemente da existência de parentesco consanguíneo entre elas. No Brasil, as crianças que podem ser adotadas são as seguintes: crianças e adolescentes, 0 a 18 anos de idade, caso os pais biológicos tenham falecido, ou, que tenham sido abandonadas por seus familiares e crianças que os próprios pais entregam a adoção. Além disso, pessoas entre 18 e 21 anos que já estiveram sob a guarda ou tutela dos adotantes antes de completarem 18 anos.

No caso de crianças ou adolescentes de 0 a 18 anos de idade, hoje em dia o processo é regido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente -

ECA, entretanto, os maiores de 18 anos são regidos pelo código civil. É necessário ressaltar que a adoção deverá ser aceita quando apresentar vantagens para o adotando e basear-se em motivos legítimos. Depende do consentimento dos pais ou do representante legal do adotando, dispensado em relação à criança ou adolescente que os pais são desconhecidos ou tenham sido destituídos do poder, e caso o adotando seja maior de 12 anos é necessário que este dê o seu consentimento. Antes da adoção

consumada, é feito um estágio de convivência do adotando com os futuros pais e o tempo desta pré-convivência será determinado pela autoridade judiciária[328].

O vínculo da adoção é constituído pela sentença judicial, que deve ser inscrita no registro civil, que fornecerá a certidão específica, onde constará o nome dos adotantes como pais da criança, inclusive o documento registra o nome dos avós maternos e paternos. O mandado judicial será arquivado e cancelará o registro civil do adotado. Não deverá constar nenhuma observação sobre a origem da adoção na certidão de registro. A sentença conferirá ao adotado o nome do adotante, que poderá, se assim for de seu desejo pedir para modificar o nome antigo da criança.

De acordo com Fonseca[329], adoção é um processo onde:

> A criança é levada para dentro de uma família por um ou mais adultos, que não são seus pais biológicos, mas que passam a ser reconhecidos legalmente como tais.

Para a criança, a adoção seria a oportunidade de ter uma família, de superar os traumas do abandono ou, se for o caso, dos anos vividos em uma instituição.

Sobre o local da pesquisa

Em 1996, é criada uma instituição sob a forma de Entidade Beneficente de Assistência Social em um bairro da periferia da capital amazonense que, após algumas modificações durante o percurso, torna-se referência no acolhimento integral ou parcial de crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade social. Para isto, realiza atividades relativas às necessidades física, emocional, social, educacional e espiritual.

O local recebe crianças e adolescentes na faixa etária correspondente a 0 a 18 anos, vivendo sob várias formas de violência e risco social. As famílias, a seu turno, recebem acompanhamento, elaboram um projeto de vida e são atendidas em suas necessidades psicossociais.

As colaboradoras do estudo, propuseram ser reconhecidas com o nome de rios da Amazônia, dessa forma temos: **Rio Amazonas**, **Rio Solimões**, **Rio Japurá**, **Rio Uatumã**, **Rio Negro**, **Rio Manacapuru**, **Rio Xingu**, **Rio Purus**, **Rio Madeira**. Interessante observar que escolhem nomes de elementos que propiciam o cuidar, a renovação.

Compreendendo a vivência das cuidadoras O Cuidado é expresso na vivência

Exercer a atividade laboral em uma instituição cujo princípio fundamental é o de receber crianças que não tem família é lançar-se no mundo da solidariedade, do acolhimento, do amparo. Enfim, é vivenciar dia após dia, o ato de cuidar. Observamos nos discursos das cuidadoras que, para elas, o mais importante é tornarem-se presentes nessa relação. É, antes de quaisquer fatores, propiciar o melhor para as crianças que

foram abandonadas ou que por vários motivos foram levadas para a instituição.

Assim, vemos em seu discurso que Cuidar é amar:

> Cuidando deles, né? Cuidando bem [...] dando amor. Procurando fazer tudo com carinho. **Rio Negro**

É ter por essas crianças o sentimento de mãe:

> Tenho-os como se fossem meus filhos, tenho um carinho muito grande por eles, tenho como se fossem meus próprios filhos ...Precisa, pra ter amor muito carinho, precisa sim com certeza. **Rio Solimões**
>
> Como filhos... Eu me sinto assim né, como se eu tivesse cuidando da minha casa, né, como na minha casa cuidando dos meu próprios filhos, porque o carinho que dou pro meus filhos dou pra eles...É, eles vêm pra instituição porque foram desamparadas, sem afeto sem carinho, ai a gente tem que suprir isso **Rio Purus**
>
> É com muito amor. É como filha de nove anos, eles me chamam de mãe, agora alguns novatos me chamam de tia [...] Ah! [...] Eu sinto uma coisa, sei lá. Muito legal ser chamada de mãe [...] Ah! É uma coisa boa, né? Cuidar daquela criança, todo dia a mãe tá sabendo ali que [...] tá sabendo ali que tá perto daquela pessoa que gosta, né? Chamar de mãe, mãe pra mim é tudo, né? **Rio Uatumã**
>
> Aqui é igual na sua casa, a mesma coisa. A gente que limpa, arruma, tem que dá o almoço, tem que ter o respeito, que dá correção, né? E a gente tem que amar igual a um filho. Pra mim principalmente assim, né? **Rio Amazonas**
>
> Bom, eu cuido delas como se fossem meus filhos. Não é muito diferente, né? a gente passa mais tempo aqui do que em casa, todo dia eu venho pra cá. Daí a gente dá amor, carinho, atenção! **Rio Xingu**
>
> Muito carente, é assim, eles chegam aqui sem a família, né? sem o pai e sem a mãe! Quando eles encontram qualquer pessoa, né? já se dão com algumas pessoas mais ainda, como se fosse mãe deles, né? a família deles [...] **Rio Madeira**

É cuidar da alimentação, da recreação, de suas carências, dar colo, é mostrar para eles o quanto são importantes, e principalmente, o quanto são amados:

> Ah! A gente cuida deles. A gente dá alimentação deles, dá banho neles, bota eles pra passear, bota eles pra dormir, tem o horário deles dormirem [...] **Rio Preto**
>
> É, passear no pátio, pegar um arzinho, depois volta de novo, dá banho de novo, aí tem o lanche das nove, aí depois a gente tem o almoço. É uma rotina como eu falo a gente faz tudo como se fosse em casa, como se fosse nossos filhos mesmos. **Rio Madeira**
>
> Desde a hora que eu chego, né? eu procuro assim [...] ver como é que eles estão, porque é assim, eu gosto muito deles, né? ai eu aprendi a amar mesmo eles. Eu vejo o

> remédio pra mim dá, vejo se fizeram cocô, se tiver eu dou banho, como se fosse meus mesmo [...] Eu dou muito carinho pra eles, quando tem um chorando eu já corro lá, só se não dé mesmo, se eu tiver com outro no colo. **Rio Japurá**
>
> Como é que demonstro afeto com elas é [...] a gente fala pra eles que gosta deles, porque é muito importante tratar as crianças bem e elas sentirem o apoio, sentir que tem alguém que cuida delas também. Além de ser professora, sou cuidadora também, porque a gente cuida deles, tenta passar pra eles o nosso amor, da mesma forma nossas colaboradoras também, é como mãe! Desde o momento que a gente entra aqui, a gente não é mais só professora, é mãe também; a gente fica perguntando se eles estão sentindo alguma coisa, se não tá, se tiver doente, a gente cuida, tudo a gente faz por eles! **Rio Manacapurú**

A Fenomenologia vai trabalhar com o enunciado, a linguagem. O enunciado é a manifestação do poder da fala que revela e interpreta o mundo[330]. Para Heidegger[331] o homem se manifesta como o ente que fala: isto não significa que a possibilidade de se expressar mediante sons lhe pertença propriamente, mas tal manifestação se processa no modo do descobrimento do mundo e da própria existência. É na fala que expressamos o sentido que atribuímos a determinada situação, a fala, sou eu mesmo!

A fala, pelo seu caráter físico e abstrato, interpretativo e manipulador, concentra em si todas as modalidades de formulação e atuação de ser-no-mundo. Assim, ser-no-mundo é interpretar esse mundo que se apresenta à consciência, é atribuir significado, sentido. As participantes expressam em suas falas que o trabalho desenvolvido com essas crianças é a vivência do Cuidado, o zelo, o desvelo, o preocupar com o outro. Ser-no-mundo é Cuidar.[332] [333] [334] [335] [336] [337]

Esse Cuidado é expresso de duas formas: o cuidar das necessidades fisiológicas dessa criança e o Cuidar sob a forma da proteção, do carinho, do suprimento da carência da criança que não tem ninguém por ela. Percebemos nesses discursos, o Cuidado sob a forma da solicitude, da pré-ocupação com o outro, no ser-com. Um Cuidado que

designa o amor, a maternagem dessas mulheres para com esses "filhos do outro" de quem são cuidadoras.

Percebe-se, em suas falas, o ser-com-o-outro sendo vivenciado sob dimensão imensurável. Essas mulheres trazem realmente para si mesmas a responsabilidade desse cuidar. Não é "trabalho" o que realizam, mas generosidade, solicitude, amparo. Elas são no mundo sendo-com-as-crianças. Podemos inferir, a partir destas vivências que a experiência do mundo humano, o mundo cotidiano das relações que estabelecemos em nosso caminhar.

O apego na relação com a criança

A convivência com crianças em situação de abandono é algo mobilizador. Diante do quadro de carência que percebem em cada um daqueles que estão sob seus cuidados, as colaboradoras interagem de tal forma com essas crianças, que os laços afetivos aí têm origem e são fortalecidos.

A relação é de respeito, amparo, reciprocidade, poderíamos inferir, a partir dos discursos, que seria a efetivação de um vínculo relacional cuja centralidade é o cuidado, o direcionamento do amor ao outro, culminando em alguns aspectos que nos chamaram a atenção e explicitaremos neste momento. Exemplo é a fala de **Rio Negro** suscitando que dado o apego, adotaria a todos: "*Porque a gente se apega muito trabalhando todo dia com ela, é como se fosse os nossos filhos. Deus me livre, se eu pudesse levaria todos pra casa*". Na fala de **Rio Solimões**, ter por eles o *sentimento de filho*: "*Assim pelo sentimento que eu tenho por eles de filho, como eu já falei e, assim, a gente se apega muito a eles, de uma maneira assim, tremenda né? Eu, pelo menos, me apego a eles, a todos eles.*

Tanto do berçário 1 quanto do berçário 2, todas as crianças a gente se apega muito a eles".

Rio Preto compreende a relação como expressividade do amor: "*Eu acho assim, conviver com eles é uma coisa assim maravilhosa, né? Eu dou pra eles o que eles o que eles não têm, né? O amor, carinho pra eles, porque quando eles venho aqui [sic], eles venho carente [sic], bastante carente, a gente faz de tudo pra dá carinho pra eles*." O olhar de **Rio Purus** vem no sentido de expressar que, apesar de amar todos, existe sempre um mais que especial: "*Tem uns assim [...] que a gente já se apega [...] mesmo assim, como a gente trata eles por igual, né? mas só que sempre tem aquele que é mais especial né? é que nem em casa n?, a gente ama nosso filho né? mas, sempre tem aquele que é especial. A mesma coisa é aqui, eu me sinto assim*". **Rio Uatumã**, por sua vez, considera que ali, todos os atores sociais que compõem a instituição, são uma família: "*Por que [...] eu acho assim, né? no momento que elas chegam aqui, a família deles somos nós, né? que passa o dia a dia com ele! Então, a gente vai pegando, aquele amor de família, porque todos nós aqui somos família deles, né*?".

O apego é a expressão do amor pelo outro, amor direcionado a alguém que no caso destas mulheres é à base da relação com as crianças. Forghieri[338] revela que embora a preocupação e angústia sejam básicas em nossa existência, paradoxalmente conseguimos viver momentos de sintonia e tranquilidade, quando nos encontramos agradavelmente envolvidos com algo ou alguém[339].

É, dessa forma, uma manifestação mais profunda e, consequentemente, a vivência de harmonia completa em nosso existir no mundo. Sob esta perspectiva, é a relação caracterizada pela propositura Eu-Tu, que o encontro com o outro propicia surgir. Pode acontecer,

quando nos encontramos com alguém que compreendemos, e de quem gostamos e sentimos que nos corresponde, fundindo a ambos, eu e o outro, numa totalidade. Assim, as cuidadoras ao revelarem seu apego a estas crianças, expressam a dimensão da sintonia na relação com o outro, as crianças.

Ousamos também estabelecer esta relação de apego como o mundo humano, um dos vários mundos em que o *ser-no-mundo* vivencia o encontro e a convivência da pessoa com seus semelhantes. Esta relação é fundamental à nossa existência, e para essas crianças o acolhimento e o cuidado direcionado a elas por essas mulheres é importante no sentido de sentirem-se amparados, seguros. Afinal, como nos diz Forghieri[340] "*o existir é originariamente ser-com-o-outro*" e só posso saber quem sou como ser humano, convivendo com meus semelhantes. Como acrescentam Maia & Castro[341] o ser-com-o-outro é inerente ao ser -no-mundo, à constituição fundamental da existência, ou seja, o mundo enquanto horizonte de sentido, deve ser compreendido como uma rede de referências que nos vêm ao encontro, uma vez que, assim como as situações, o outro vem até nós e atribuímos sentido à presença dele em nossas vidas.

No ato do Cuidar: a possibilidade da aprendizagem

Questão que consideramos relevante expressa nas falas dos participantes, diz respeito, no exercício do cuidado para com estas crianças sob seus cuidados, ao fato de possibilitarem-se crescer. E, nesse vínculo que estabelecem uns com os outros, além de cuidar, há também o aprender.

Apesar da situação *sui generis* em que vivem sua atividade trabalhista, a de lidar com a carência e o abandono, essas mulheres exteriorizam que, é no dia a dia com essas crianças que o aprendizado se efetiva. Dessa forma, **Rio Solimões** considera que aprendeu a amar: "*Assim, cuidando deles eu tenho aprendido a amar mais as outras crianças [...] o que eu posso dizer [...] a ter paciência, assim [...] ter calma, assim tudo de bom, né? Eu tenho aprendido assim pra minha vida! Que antes eu era um pouco estressada agora não, agora já sou mais calma, já sei ter paciência até com meus próprios filhos mesmo*. **Rio Preto** aprendeu a valorizar as crianças: "*eu aprendi bastante valorizar essas crianças, dá bastante educação pra eles, Ah! Não sei assim explicar não, mas sei lá [...] é uma coisa boa assim*".

Outros aspectos relacionados ao tópico, chamam a atenção. Por exemplo, **Rio Madeira** revelou que na relação com essas crianças, passou a dar mais atenção, mais carinho: "*Aprendi a amar mais, assim, dá mais atenção, principalmente pra elas, porque com os filhos da gente é diferente, né? Pra eles [...] assim, parece que a atenção é redobrada. A gente sente quando qualquer criança sofre, né? Às vezes na gravidez, né? às vezes até na gravidez é rejeitada. Assim, depois que nasce eles maltratam, então quando eles chegam aqui, eu pelo menos sinto que me apego mais, dou mais amor mais carinho*".

Similar a fala anterior, **Rio Purus** assevera que aprendeu a não maltratar, a também oferecer mais carinho e principalmente a gostar do que que faz: "*Aí, eu aprendi muito, muito aqui mesmo, não maltratar das crianças, né? ter mais carinho, mais amor, gostei muito de trabalhar aqui durante esses anos todinhos, ainda estou gostando*".

Rio Uatumã, percebe que passou a conversar, a dialogar com o outro, a partir de sua experiência no abrigo, como nos mostra sua fala: "*Ah! Sim! o que eu aprendi, é que aqui em Manaus tem pai que malina*[342] *de crianças; muitas chegam aqui com as mãos queimadas, sabe? cabelo raspado às vezes porque pega uma moeda em casa. Isso daí pra mim, aprendi não maltratar de criança, entende? Bater naquela criança pra mim já ta maltratando, sabe? Acho que a gente tem que conversar, a educação da criança a gente tem que conversar!* Para **Rio Japurá**, é um ato de "*amor ao próximo*". **Rio Amazonas** revela que é aprender dia após dia: "*O que eu aprendo assim, é que cada dia é uma novidade pra mim com eles porque, eu me ponho assim no lugar deles porque são carentes de tudo*". Para **Rio Xingu** é, antes de tudo, a aprendizagem do ser-paciente, conseguir superar uma dificuldade que, ao que tudo indica, comprometia suas relações: "*Bom, tenho procurado ser mais paciente na minha casa, com meus filhos e com outras pessoas. Eu era muito agitada, as coisas pra mim tinham que ser na hora, tudo me irritava, agora não, tenho aprendido a me controlar, a ter mais paciência mesmo*".

O homem é singular e complexo. É desse homem que cuidamos. O homem com possibilidades de novos horizontes em seu vir a ser. A existência deve ser concebida como *poder-ser*, possibilidades, projetos, no sentido de abertura e movimento. O homem, a cada momento, tem de assumir o próprio ser como seu, ou seja, constituir-se em seu ser. Isto nos remete à dor de ser, uma vez que todos nós, em algum momento, sentimos essa dor de ser. Assim, nossa existência é sempre *ser-com-o-outro* e, ao mesmo tempo, estaremos sempre buscando por nosso ser singular e autêntico[343].

Para Heidegger[344], o mundo no qual o homem existe não se restringe ao espaço geográfico, mas à construção humana que o homem realiza para viver junto com os outros, referindo-se sempre a uma rede de relações significativas. Ser-com-o-outro é um constitutivo fundamental do existir humano e, como tal, pode se dar de várias formas: somos uns-com-os-outros amando, odiando, guerreando, cuidando, descuidando, educando, desprezando, promovendo. Ou seja, somos seres de possibilidades. E, enquanto possibilidade, a relação existente entre cuidadoras e crianças órfãs pode ser percebida como estar aberto às facticidades, às surpresas que a vida nos reserva e, ao mesmo tempo, apesar da dor que me aflige, posso compreender esse outro e na relação que estabeleço com ele, a possibilidade de aprender a amar, cuidar, zelar, me possibilitar melhorar minha relação com o outro.

E, esta possibilidade se faz presente nos discursos dessas cuidadoras. A partir da relação com a criança, o ser-si-mesmo aprende e apreende, cresce no movimento relacional estabelecido e vivenciado.

4.4 E a criança foi adotada, agora o vazio, a saudade! Mas, também,a possibilidade!

A convivência diária com essas crianças leva ao apego, a um vínculo muito forte onde o cuidado, o acolhimento, a entrega de um para com o outro são vivenciados. Assim, conforme o tempo vai passando e essas relações vão tomando a proporção e, até mesmo, a dimensão inimaginável na vida dessas pessoas, há um querer bem, um querer ter ao lado, expressividade do amor propriamente dito.

Percebemos que conviver com crianças carentes e sem família é mobilizador, é uma situação onde o sentimento e o afeto se tornam

presentes de forma grandiosa. Consequentemente, desenvolver atividade junto a este tipo de clientela, significa que no momento em que uma adoção é realizada, esse cuidador sofre, esse cuidador sente a dor da perda, uma vez que tem designado a vida ao cuidado dessa criança que ora está sendo retirada de seus braços, de seus cuidados.

Assim, **Rio Negro** nos traz "o sentir muito a falta": "*Algumas a gente vê, outras, as que são adotadas pelo pessoal de fora não vê mais [...] Muita falta, quando saí uma criança pra adoção [...] eu choro muito, por muito tempo, a gente espera que essa criança vá pra um lar que cuide bem dela*". Sentimento corroborado por **Rio Amazonas**: "*Sinto falta, mas fico feliz porque ela vai ter um lar, vai ter um pai, uma mãe. Essa é a realidade, eu choro, mexe com meus sentimentos. Eu descrevo essa saída assim, eu me sinto feliz porque ela está sendo adotada, vai ter uma família, eu fico feliz quando elas saem por esse motivo. É bom se você vai pra família de verdade, né?*".

A saudade, o vazio, mostrando o quanto a relação tomou dimensão grandiosa na vida dessas mulheres, como vemos nas falas de **Rio Solimões: "***Com certeza muito. Assim tem crianças que, que quando são adotadas é de vez, levam de vez. Algumas famílias trazem, outras, não! Aí quando tem uma festa na instituição, ai eles trazem e outras não a gente nunca mais vê. Outras a gente não vê mais, mas com certeza fica uma saudade muito grande!* **Rio Manacapuru:** "*Sinto bastante saudade assim, por exemplo, quando não é meu plantão, as meninas [as outras cuidadoras] dizem: olha a fulana tá indo embora hoje, tu vai vim aqui? a gente vem, se despede assim deles, mas falta faz bastante, faz muita falta a gente já ta acostumada ali com eles* [...]". **Rio Madeira** assevera: "*A gente sente saudade, nem todos voltam. Alguns a gente vê, alguns outros não. Tem uma*

que eu levava muito comigo, até hoje eu tenho vontade ver ela. Até hoje eu tenho vontade de ver ela [...]".

A expressividade da dor sob a forma de choro. **Rio Preto** comentou: "*A gente chora bastante, principalmente quando eles tão indo embora, a gente faz oração com eles, pede pras pessoas cuidar bem deles, dá bastante amor e carinho, a gente chora bastante [...] Muitos a gente tem contato, agora os que vão pra fora à gente não tem muito contato, né? Os que ficam por aqui a gente tem contato* [...]. Nesse momento, **Rio Japurá** ficou muito emocionada ao recordar, chorou longamente e ao final reitera: "*Sinto saudade*".

Rio Uatumã nos trouxe a concepção de que a sensação da mãe que "perde" o filho: "*Porque eles são abrigados e quando eles saem pra família ou pra adoção, porque tem alguns que voltam pra família. A gente cuida, quando sai eles chamam: mãe, mãe, mãe [...] Eu sofro*!".

Um sentimento paradoxal. É preciso compreender que a adoção é o melhor para a criança. Contudo, o coração lamenta a perda como nos diz **Rio Manacapuru: "***Nunca se pode colocar o coração acima da razão, temos que ser sábias nesta hora. Sei que é difícil pra nós. É difícil eles irem embora, porém temos que orar pra que eles possam se dar bem na nova casa, com sua nova família. Todos nós precisamos de um lar, né? aqui eles podem ser adotados ou voltar para o seio da família. Eles podem ser mais felizes. Aqui foi um momento na vida deles, vai ficar na lembrança [...]sinto falta!*. **Rio Xingu**, por sua vez ressalta: "*Demais, a gente sente alegria e ao mesmo tempo tristeza. Alegria porque elas vão pra uma família, tristeza porque vão deixar a gente, já tão acostumada com a gente e a gente com elas sabe?*". **Rio Purus** completa: "*Mas eu me sinto muito feliz assim, né? quando eles são adotados, que a gente sabe que eles vão ter aquele carinho,*

né? é que a gente dava aqui pra eles, aí a gente sabe que eles vão ter ao dobro, né? com a nova família deles, né?.

No relacionamento do homem com o mundo, podemos abstrair da teoria de Martin Heidegger[345] dois elementos que configuram o exposto: a compreensão e a autenticidade. Assim, a compreensão é observada quando essas mulheres, mesmo sofrendo diante da adoção, conseguem perceber o quanto esse movimento é importante para a criança.

E quando falamos paradoxo é no sentido de que esses momentos sintetizam duas esferas: de um lado a tristeza em decorrência da saída da instituição da criança e por outro lado, ficam felizes. A felicidade que sentem vem no sentido de que através da adoção as crianças terão maiores chances de desenvolver e crescer, de seguir adiante, de terem uma chance a mais na vida; de poderem suprir a necessidade – ou carência, como falam – de uma família, de pais que as acompanhem e propiciem uma vida mais segura. Esse momento caracterizo como autenticidade que Castro[346] ressalta como o "olhar" para o outro enquanto um poder-ser-si-mesmo, momento em que percebem que somente através do processo de adoção essas crianças conseguirão ter um futuro, ter um ninho, ter uma família.

Considerações finais

O estudo teve como finalidade compreender a concepção de cuidadoras de crianças institucionalizadas quando estas são adotadas. Para isso, utilizamos os pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial.

Observamos que as cuidadoras se apegam as crianças como aos seus próprios filhos. Algumas, inclusive, declararam sentir o amor de mãe, no cuidado e na atenção. Os relatos são pujantes de carinho, preocupação, dedicação e amor das cuidadoras em relação às crianças. É um sofrer junto com eles, é um redimensionamento da visão de vida, uma vez que se fazem presentes na vida das crianças e, nesse ínterim, percebe-se a vivência do cuidado como o fator principal da relação.

Acompanhar uma criança que está em uma instituição de adoção é vivenciar o cuidado em toda a dimensão do zelar, desvelar, pretender que consigam uma família onde possam ser acolhidas da melhor forma possível. E, quando essa criança é adotada, o contentamento é verdadeiro, contudo, um sentimento de tristeza e solidão parece fazer parte de suas vidas por "perder" o filho, a criança que até aquele momento cuidaram.

Utilizar o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia significou mergulhar na vida dessas mulheres, identificar a forma como amam e se direcionam para essas crianças, e, paradoxalmente perceber a tristeza em suas falas diante da adoção. Este método nos possibilitou, enquanto pesquisadores, verificarmos que não há um mundo lá fora, mas, que estamos nesse mundo, fazemos parte dele e, consequentemente, devemos nos permitir estar abertos à vida e às pessoas com suas alegrias e sofrimentos, pesares e contentamentos.

É necessário perceber que este trabalho não teve a pretensão de esgotar a temática, por si mesma muito abrangente. Apenas, é um olhar que foi lançado sobre a mesma, a partir da intencionalidade dos pesquisadores. Assim, outros olhares, outras visadas sobre este tema devem ser consideradas de forma que profissionais e estudantes de

Psicologia possam aprofundar cada vez mais o conhecimento acerca das várias dimensões presentes na relação entre cuidadores e crianças em processo de adoção.

Referências

ALENCAR, B.R. & CASTRO, E.H.B. Ser-com no voluntariado: o cuidar na perspectiva fenomenológico-existencial In: CASTRO, E.H.B. (Org.) Fenomenologia e Psicologia: A(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 201-216.

AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico – 14. ed. – Petrópolis : Vozes, 2011

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

CASTRO, E.H.B. de. A clínica psicológica e a pesquisa em seus encontros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares In: CASTRO, E.H.B. de (Org.) **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica –** 1ª ed.- Curitiba : Appris, 2020, p. 157-176.

DEBNATH, R. *et al*. The long-term effects of institutional rearing, foster care intervention and disruptions in care on brain electrical activity in adolescence . Proc Natl Acad Sci U S A*; 116(5): 1808-1813, 2019.* https://doi.org/10.1111/desc.12872

ERICSSON, C.L. et al. Childhood social class and cognitive aging in the Swedish Adoption/Twin Study of Aging. **Proc Natl Acad Sci U S A;** *114(27): 7001-7006, 2017 07 03.* https://doi.org/10.1073/pnas.1620603114

FERNANDES, M.A. Do cuidado da Fenomenologia à Fenomenologia do cuidado**.** In: PEIXOTO, A. J.; HOLANDA, A.F. (Org.) **Fenomenologia do cuidado e do cuidar:** perspectivas multidisciplinares – Curitiba : Juruá, 2011, p. 17-32.

FONSECA, C. M. S. M. de S. *et al.* A adoção de crianças com necessidades especiais na perspectiva dos pais adotivos. **Paidéia** (Ribeirão Preto) vol. 19 no. 44 Ribeirão Preto set./dez. 2009

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – 4ª ed. - São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

LARAY, M.M.; CASTRO, E.H.B. Mães soropositivas e transmissão vertical: o trajeto de vida à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial. In CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa**. Curitiba : Appris, 2017, p. 77-92.

LAWLER, J.M. et al. A Preliminary, Randomized-Controlled Trial of Mindfulness and Game-Based Executive Function Trainings to Promote Self-Regulation in Internationally-Adopted Children. **Dev Psychopathol***; 31(4): 1513-1525, 2019 10.* https://doi.org/10.1017/S0954579418001190

LINARES, L.O. et al. Reducing sibling conflict in maltreated children placed in Foster Homes. **Prev. Sci.** 16, 211-221, 2015, https://doi.org/10.1007/s11121-014-0476-0

LINDLEY, L.C. & SLAYTER, E. M End-of-life trends and patterns among children in the US foster care system: 2005–2015, **Death Studies**, 43:4, 248-259, DOI: 10.1080 / 07481187.2018.1455765

MAIA, M.L.S. & CASTRO, E.H.B. de. Eu e minha mãe, minha mãe e eu: entre dor, amor e busca da compreensão. In: CASTRO, E.H.B. de. **Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica**: o contexto amazônico em clínica e pesquisa. – 1ª ed.- Curitiba : Appris, 2020, p. 17-26

MAY, T. The value of genetic testing for family health history of adopted persons. **Nat Rev Genet** 20, 65–66, 2019. https://doi.org/10.1038/s41576-018-0080-4

PEREIRA, C. M. da S. **Instituição de Direito Civil**. Rio de Janeiro: Forense 2006.

PEREIRA, D.G.; SILVA, M.R.O. da; CASTRO, E.H.B. Meu filho tem câncer: vivências de mães a partir da Ontologia Hermenêutica de Heidegger In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 49-62

PREFEITURA de Manaus. Secretaria da Infância e da Juventude. **Estatuto da criança e do adolescente**, 2002.

SÁNCHEZ-SANDOVAL, Y.; MELERO, S. & JIMÉNEZ-LUQUE, N. Exploring health-related quality of life of Spanish domestic adult

adoptees: sociodemographic characteristics, chronic medical conditions, and gender differences. ***Qual Life Res*** 28, 3281–3291, 2019. https://doi.org/10.1007/s11136-019-02262-1.

SILVA, J.M. da; CASTRO, E.H.B. Ela tem peito, a outra tem peito; sou des-peitada, muito prazer: a vivência de mulheres mastectomizadas In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 70

TEIXEIRA FILHO, F.S. Os segredos da adoção e o imperativo da matriz bioparental. **Rev. Estud. Fem.** vol. 18 no. 1 Florianópolis jan./abr. 2010.

WADE, M. et al Long-term effects of institutional rearing, foster care, and brain activity on memory and executive functioning. **PNAS** January 29, 2019 116 (5) 1808-1813; January 14, 2019 https://doi.org/10.1073/pnas.1809145116

WIKONUR, M.; HOLTAN, A & BATCHELDER, K.E. Kinship care for the safety, permanency, and weel-being of children removed from the home for maltreatment. **Cochrane Database of Systematic Reviews.** 2014, Issue 1. https://doi.org/10.1002/14651859.CD006546.pub3

---

313 MAY, T. The value of genetic testing for family health history of adopted persons. **Nat Rev Genet** 20, 65–66, 2019. https://doi.org/10.1038/s41576-018-0080-4

314 LINARES, L.O. et al. Reducing sibling conflict in maltreated children placed in Foster Homes. **Prev. Sci**. 16, 211-221, 2015, https://doi.org/10.1007/s11121-014-0476-0

315 WIKONUR, M.; HOLTAN, A & BATCHELDER, K.E. Kinship care for the safety, permanency, and weel-being of children removed from the home for maltreatment. **Cochrane Database of Systematic Reviews**. 2014, Issue 1. https://doi.org/10.1002/14651859.CD006546.pub3

316 MAY, T. The value of genetic testing for family health history of adopted persons. **Nat Rev Genet** 20, 65–66, 2019. https://doi.org/10.1038/s41576-018-0080-4

317 WADE, M. et al Long-term effects of institutional rearing, foster care, and brain activity on memory and executive functioning. **PNAS** January 29, 2019 116 (5) 1808-1813; January 14, 2019 https://doi.org/10.1073/pnas.1809145116

318 TEIXEIRA FILHO, F.S. Os segredos da adoção e o imperativo da matriz bioparental. **Rev. Estud. Fem.** vol.18 no.1 Florianópolis jan./abr. 2010.

319 WIKONUR, M.; HOLTAN, A & BATCHELDER, K.E. Kinship care for the safety, permanency, and weel-being of children removed from the home for maltreatment. **Cochrane Database of Systematic Reviews**. 2014, Issue 1. https://doi.org/10.1002/14651859.CD006546.pub3

320 PEREIRA, C. M. da S. **Instituição de Direito Civil**. Rio de Janeiro: Forence 2006.

321 PREFEITURA de Manaus; Secretaria da Infância e da Juventude. **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**, 2002.

322 MAY, T. The value of genetic testing for family health history of adopted persons. **Nat Rev Genet 20**, 65–66, 2019. https://doi.org/10.1038/s41576-018-0080-4

323 DEBNATH, R. et al. The long-term effects of institutional rearing, foster care intervention and disruptions in care on brain electrical activity in adolescence . **Proc Natl Acad Sci U S A**; 116(5): 1808-1813, 2019. https://doi.org/10.1111/desc.12872

324 ERICSSON, C.L. et al. Childhood social class and cognitive aging in the Swedish Adoption/Twin Study of Aging. **Proc Natl Acad Sci U S A**; 114(27): 7001-7006, 2017 07 03. https://doi.org/10.1073/pnas.1620603114

325 SÁNCHEZ-SANDOVAL, Y.; MELERO, S. & JIMÉNEZ-LUQUE, N. Exploring health-related quality of life of Spanish domestic adult adoptees: sociodemographic characteristics, chronic medical conditions, and gender differences. **Qual Life Res** 28, 3281–3291, 2019. https://doi.org/10.1007/s11136-019-02262-1.

326 LAWLER, J.M. et al. A Preliminary, Randomized-Controlled Trial of Mindfulness and Game-Based Executive Function Trainings to Promote Self-Regulation in Internationally-Adopted Children. **Dev Psychopathol**; 31(4): 1513-1525, 2019 10. https://doi.org/10.1017/S0954579418001190

327 LINDLEY, L.C. & SLAYTER, E. M End-of-life trends and patterns among children in the US foster care system: 2005–2015, **Death Studies**, 43:4, 248-259, DOI: 10.1080 / 07481187.2018.1455765

328 PEREIRA, C. M. da S. **Instituição de Direito Civil**. Rio de Janeiro: Forence 2006

329 FONSECA, C. M. S. M. de S. *et al*. adoção de crianças com necessidades especiais na perspectiva dos pais adotivos. **Paidéia** (Ribeirão Preto) vol.19, no.44, Ribeirão Preto set./dez. p. 14-28, 2009, p.15

330 AUGRAS, M. **O ser da compreensão**: Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. – 14. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

331 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013, p. 204

332 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

333 SILVA, J.M. da; CASTRO, E.H.B. Ela tem peito, a outra tem peito; sou des-peitada, muito prazer: a vivência de mulheres mastectomizadas In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e**

Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 70

334 PEREIRA, D.G.; SILVA, M.R.O. da; CASTRO, E.H.B. Meu filho tem câncer: vivências de mães a partir da Ontologia Hermenêutica de Heidegger In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 49-62

335 LARAY, M.M.; CASTRO, E.H.B. Mães soropositivas e transmissão vertical: o trajeto de vida à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial. In CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba : Appris, 2017, p. 77-92.

336 FERNANDES, M.A. Do cuidado da Fenomenologia à Fenomenologia do cuidado. In: PEIXOTO, A. J.; HOLANDA, A.F. (Org.) **Fenomenologia do cuidado e do cuidar**: perspectivas multidisciplinares – Curitiba : Juruá, 2011, pp.17-32.

337 ALENCAR, B.R. & CASTRO, E.H.B. Ser-com no voluntariado: o cuidar na perspectiva fenomenológico-existencial In: CASTRO, E.H.B. (Org.) Fenomenologia e Psicologia: A(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 201-216.

338 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

339 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

340 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011, p. 31.

341 MAIA, M.L.S. & CASTRO, E.H.B. de. Eu e minha mãe, minha mãe e eu: entre dor, amor e busca da compreensão. In: CASTRO, E.H.B. de. **Pluridimensionalidade em Psicologia Fenomenológica**: o contexto amazônico em clínica e pesquisa. – 1ª ed.- Curitiba : Appris, 2020, p. 17-26

342 Termo regional utilizado para designar um ato de maldade contra o outro, tais como: bater, gritar, humilhar, dentre outros.

343 CASTRO, E.H.B.de. A clínica psicológica e a pesquisa em seus en-contros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares In: CASTRO, E.H.B. de (Org.) **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica** – 1ª ed.- Curitiba : Appris, 2020, p. 157-176.

344 HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

345 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013

346 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

Violência sexual contra a mulher: possibilidades de compreensão do mundo - vivido!

Ewerton Helder Bentes de Castro
Janderson Costa Meira
Enio José de Andrade Rodrigues

Introdução

A violência, considerada um fenômeno crescente que incide de forma direta e indireta nos distintos domínios da convivência social, tem sido um tema constante no cenário dos debates acerca dos fenômenos sociais. É um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade e não pode ser apenas caracterizada pela agressão física, mas as violências sexual e psicológica, incluindo agressões verbais, e humilhações, afetando a autoestima e a capacidade de reação e decisão da pessoa agredida.

Desde o início da década de 70, a violência contra a mulher tem recebido crescente atenção e mobilização. O problema inclui diferentes

manifestações, como: assassinatos, estupros, agressões físicas e sexuais, abusos emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial, por causa de dote ou por opção sexual. A violência pode ser cometida por diversos perpetradores: parceiros, familiares, conhecidos, estranhos ou agentes do Estado.

A violência contra as mulheres persiste em todos os países do mundo como uma violação contundente dos direitos humanos e como um impedimento na conquista da igualdade de gênero. Dessa forma, a violência contra as mulheres é um grave problema de saúde pública, pois afeta profundamente a integridade física e a saúde mental das mesmas[347] [348]

Estudo realizado acerca da violência sofrida por mulheres em várias partes do mundo, as mulheres relataram ter experimentado violência física e / ou sexual a taxas que variaram de 14% a 17% das mulheres no Brasil, Panamá e Uruguai a mais da metade (58,5%) na Bolívia. A prevalência de violência física e / ou sexual no último ano variou de 1,1% no Canadá a 27,1% na Bolívia. Evidências preliminares sugerem um possível declínio na prevalência relatada de certos tipos de violência em oito países; no entanto, algumas mudanças foram pequenas, alguns indicadores não mudaram significativamente e foi encontrado um aumento significativo na prevalência relatada de violência física no último ano na República Dominicana. Concluem que a violência contra mulheres continua sendo um problema de saúde pública e direitos humanos nas Américas; no entanto, a base de evidências possui lacunas, sugerindo a necessidade de evidências mais comparáveis e de alta qualidade para mobilizar e monitorar a prevenção e resposta à violência. [349]

Considerando o exposto, percebe-se que a violência contra mulheres é considerada um dos pontos que merecem atenção urgente, reflexão e articulação social e política[350]. Depreende-se que, além de todo esforço que o país adota no combate à violência e a discriminação contra mulheres, através de políticas públicas e assinaturas de acordos, ainda funcionam de maneira lenta, mesmo com a criação da lei de combate à violência, ainda assim não é suficiente para coibir a essa prática.

Azevedo[351] ressalta que existe um crescente aumento no número dessa violência, que inclui várias formas, como violência física, psicológica, estupro, ameaças e desrespeito em relação aos direitos sexuais e reprodutivos, dentre outros. Martins[352] ressalta que o ato do estupro está baseado na força e no ódio do agressor, uma vez que o ato de estupro não passa de um ato pseudo-sexual, uma conduta sexual baseada na agressão, na violência e no amplo domínio da vítima.

Assim, a temática abordada neste capítulo é oriunda de um Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia e surgiu a partir de experiência vivenciada no âmbito familiar, com um grupo de mulheres que sofreram abuso sexual na cidade Manaus. O estudo possibilitou desvelar o sofrimento nos aspectos físico e psíquico e o grau de enfrentamento de cada uma das vítimas, que experenciaram essa situação. Consideramos importante a problemática a ser pesquisada, tendo em vista que, por ser alto o índice de violência contra mulheres no Brasil, e especificamente o aumento dessa violência na cidade de Manaus. Sendo possível compreender como é, essa vivência para mulheres que vivenciaram esses momentos de sofrimentos e como

reagiram a partir daí, ou seja, como experienciaram a resiliência diante do infortúnio.

Melillo, Elbio *et al*[353] salientam que o enfoque da resiliência leva a uma reflexão diante das adversidades sofridas por uma pessoa, e que estas têm potenciais e capacidades para crescer a alcançar a saúde e bem-estar. Através dessas capacidades é possível tolerar, manipular e aliviar as consequências psicológicas, comportamentais e sociais. Corroborando com essa acepção Martins[354] diz que a resiliência é um processo dinâmico, e está caracterizado por ser construído ou desenvolvido através de interações entre o indivíduo e seu meio ambiente e que a ressignificação do trauma vivido pode ocorrer em distintas fases da vida como a infância, a adolescência ou a vida adulta desde que se estabeleça um vínculo de confiança.

Dessa forma, torna-se relevante esse estudo, uma vez que o gênero feminino se torna vulnerável a esse constante perigo, violência que causa transtornos psíquicos nas vítimas. Além disso, o estudo teve como objetivo compreender o nível de enfrentamento e o grau de sofrimento que tal atitude proporcionou nessas mulheres e contribuir para amenizar esses traumas. Dessa forma, foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia e como base de análise, o arcabouço conceitual de Martin Heidegger.

Foram realizadas cinco entrevistas áudio-gravadas com mulheres que sofreram violência sexual na cidade de Manaus e o resultado foi a construção de categorias de análise.

Conhecendo a temática

A violência é um fato que acontece desde a antiguidade, e na sociedade contemporânea esse fenômeno tem se multiplicado, e inúmeras causas tem sido foco de estudos e preocupação. Conforme Martins[355], sangue, desejo, poder e sexualidade configuram o terror apresentado nos eventos da violência sexual. Destacando o uso da força como prática dessa violência, comumente ocorre contra crianças e contra adolescente, não excluindo as mulheres e homens. E o descaso de responsabilidade social e precariedade de políticas públicas, assistência social e psicológica afetam a milhares de pessoas que sofrem violência sexual, guardando para si mesmo tal sofrimento.

Pode-se inferir que a sociedade parece tolerante com a violência, uma vez que, esta última foi incorporada ao cotidiano e não nos assusta mais as brutalidades cometidas contra a mulher em vários níveis, ou seja, caracterizadamente estão presentes a permissividade, a complacência e a acomodação diante do quadro que vem sendo instaurado há alguns anos.

A violência sexual tem sido impetrada em vários países, conforme estudos têm continuamente demonstrado. Pesquisas realizadas no Japão[356], África do Sul[357], Reino Unido[358], Etiópia[359], Vietnã do Norte[360], Tanzânia[361], Zimbabwe[362]. Além de outros estudos internacionais demonstrando a pluridimensionalidade da temática em questão, tais como: a relação de mulheres com dispareunia sobreviventes de abuso sexual[363],

sexo não-consensual entre universitários[364], violência entre parceiras sexuais[365], mulheres com filhos gerados a partir de violência sexual[366].

Percebe-se que este tema tem sido grandemente estudado, o que nos possibilita compreender a dimensão que o mesmo atinge e o quão grave é a consumação do ato sexual não consensual e o quanto podemos estar trabalhando no sentido de sensibilizar cada vez mais a sociedade acerca do sofrimento e da dor causados à mulher submetida a este tipo de ação.

Mulheres abusadas sexualmente por desconhecidos destaca-se a questão do sofrimento psíquico, caracterizado pelo medo da figura do abusador e, pelo forte sentimento de culpa por não poder ter evitado que isso lhe acontecesse. Expressam, muitas vezes, terem sido displicentes com sua segurança, colocando em si toda a culpa pela violência. Assim, a saúde e a qualidade de vida dessas mulheres são prejudicadas, vez que a insegurança, medo e dificuldades para dormir são elementos que passam a fazer parte das suas vidas.

Outra consequência listada por Martins[367] e que em alguns casos do abuso sexual ocorre à gravidez e resulta na realização do aborto, embora seja legalmente amparado pelas leis não livra essas mulheres de fortes sentimentos negativos.

O quadro que se instaura após a violência sexual, manifesta-se sob a forma de sintomas como o medo e a perda da confiança e do controle, o estresse pós-traumático, e a somatização que se configuram como o distúrbio do sono, mudanças nos hábitos alimentares, mudança drástica no comportamento, inibição ou agitação psicomotora e fobias.

A violência sexual, dessa forma, acarreta uma série de efeitos na vida das mulheres, expressos por meio de uma complexidade de sentimentos, tais como: o trauma emocional, o medo, as sequelas físicas, a insônia, os efeitos colaterais dos medicamentos, a dificuldade em retomar a vida sexual e o trabalho[368].

Compreendendo as vivências

São apresentadas a partir deste momento, as categorias temáticas elaboradas na análise das entrevistas realizadas.

Ocorre o ato violento:à mercê do violentador

A violência sexual é considerada um dos atos mais atrozes perpetrados a alguém. Vivenciar uma situação desta natureza e magnitude emocional é mergulhar em um poço sem fundo, é ficar totalmente entregue a uma outra pessoa que coage, limita, humilha, denigre.

Os relatos nos trazem situações diferentes no que concerne à abordagem. Os dois primeiros são similares, uma vez que, o violentador utiliza do artifício de assalto para em seguida, violentar suas vítimas. Com isso, ambas ficam bastante assustadas e culmina por cederam às exigências do violentador e, sob ameaça de uma arma, as mantém na condição de reféns e consuma o ato de violência.

> Quando fui abordada ele me mostrou uma arma e algumas balas que estavam em sua mão. Eu disse: moço pode levar a bolsa! Calma! pode levar tudo. Ele disse que não queria minha bolsa, que estava sem grana e que queria fazer um assalto em um hotel no centro, e que depois eu iria embora. Eu disse que estava indo para a faculdade, ele perguntou: que faculdade que nada, vem, vai andando, me acompanha e não faz nada, porque senão eu atiro em você, esta arma está cheia de balas e tenho mais essas aqui! No caminho passou uma ambulância e eu olhei. Ele disse: se passasse algum carro de polícia, ou alguém conhecido, não era pra fazer nada senão iria morrer! Eu estava muito cansada, porque nós andamos lá da Getúlio Vargas até o centro, eu coloquei a minha mão no peito e chorava muito, ele disse: para de chorar e abaixa a cabeça, senão eu vou te matar. E eu implorei para ele não me matar, ele dizia: já pensou o teu pai e a tua mãe, ver teu corpo estendido no chão aqui no centro? Falou que era um ladrão muito conhecido lá no centro, quando chegamos no quarto do hotel, eu disse pronto nós já chegamos, você já entrou, agora eu vou embora! Ele disse: não, tira a roupa! Eu disse: não foi isso que você disse! Ele disse: tira a roupa e pegou a arma, e aconteceu tudo. Depois ele virou a minha bolsa sobre a cama e mexeu tudo viu meus documentos, viu meu nome, viu meus documentos todos, tirou o dinheiro, e o meu celular, ele foi tomar banho e disse que eu tinha que ficar lá no banheiro! Depois saímos do hotel, que ficava

> lá no centro na rua Lobo D'Almada, e fomos caminhando em direção a parada de ônibus que fica próximo do colégio militar. Ele entrou no ônibus, pagou minha passagem, e durante o percurso, disse que era pra eu não falar pra ninguém o que tinha acontecido (**Girassol**).
>
> eu estava indo visitar minha avó que morava perto de casa, eu moro na.... eu estava perto da casa dela quando fui abordada. Ele [o violentador] me mostrou uma faca. Eu estava em frente da igreja, a rua estava deserta, e [...] ele disse para eu ir andando e não fazer nada que era um assalto: vai andando! Segurou na minha mão e atravessou a rua, ele disse que estava sem grana. Eu disse: moço, eu não tenho dinheiro! Ele me perguntou se eu tinha cartão de crédito, eu disse que tinha e que poderíamos ir lá na farmácia que ficava próximo na rua que estávamos andando; ele disse: não você mora por aqui! Eu disse: não, minha avó é quem mora! Então ele parou um taxi e disse para que eu ficasse normal e não fazer nada senão ele ia me furar todinha, eu iria morrer, ele disse ao motorista para ir em direção do centro [...] e lá ele me levou para um daqueles hotéis onde ninguém pergunta nada e me violentou [choro convulsivo] (**Jasmim**).

O próximo relato refere que o violentador foi alguém muito próximo, uma figura significativa [o tio], um parente próximo que, ao que tudo indica, tinha a confiança da família e ficava à espreita, esperando a mãe da criança sair para realizar suas intenções. Não ocorria penetração, o violentador ficava excitado roçando seu órgão genital na genitália desnuda da menina. Esta, por sua vez, assustada não conseguia esboçar quaisquer reações, a não ser ficando inerte diante do que sofrera e, calada no momento em que ocorria e após esse momento, uma vez que o tio "orientava" no sentido de que não falasse nada para sua mãe.

> [...] Esse tio aproveitava quando a minha mãe saía. Então, ele batia na porta e eu vinha atender e aí ele [...], ele [...] saía me levando pro quarto, nossa, nossa [...] família é de meninas, só de meninas, né? E [...] nós tínhamos beliche no nosso quarto. Então, ele me colocava na cama de baixo, tipo assim tapando minha boca pra mim não falar nada e eu não tinha ação de gritar do susto, né? Assustada, não tinha ação de gritar, de falar nada, ficava inerte, e [...] e ele me colocava na cama, levantava minha roupa, tirava minha calcinha e deitava em cima de mim, né? Com [...] com [...] as genitálias só se excitando, não tinha penetração, mas só se excitava, né? e eu ficava ali inerte, embaixo dele, e ele se excitando [...] e depois ele jorrava em cima de mim. Então, isso aconteceu várias vezes e ele dizia pra não contar pra mamãe (**Lírio**).

O segundo caso relacionado a familiares ocorreu com um primo da menina. Percebe-se na fala que, inicialmente acariciava a menina e em

seguida, lhe dava dinheiro para a merenda. Contudo, quando foi chamada para ir ao local onde esse primo trabalhava, o ato sexual violento ocorreu, revoltando-a, principalmente porque o primo saiu falando para outros o que havia ocorrido. Ressalta a violência e a crueldade com que o estupro aconteceu, uma vez que foi jogada sobre o material existente na sala e o agressor estava ensandecido [parecia com raiva, ela expressa], tirou suas roupas e cometeu o ato insano.

> Eu tinha doze anos quando aconteceu. Ele [o primo] me chamava para o local de trabalho, eu era pequena e não tinha noção disso. Aí, ele começou a me aliciar, fazer carinho, me dava dinheiro pra merenda! Aí, quando foi um belo dia, né? Aconteceu! Isso me causou muita revolta, muito ódio. Depois que aconteceu, da forma como ele fez e depois que ele fez ainda ir contar pros outros [...] O ato ele [...] eu cheguei um dia lá, ele era telegrafista no correio, que funcionava uma máquina naquela época, hoje é tudo moderno, ele me chamou e pediu que entrasse. Aí, quando entrei, ele começou a me pegar assim [mostra com as mãos tocando seu corpo]. Ele era muito mais alto do que eu. Aí, me jogou num saco de milho, não foi nem na cama. Aí, lá ele foi tirando minha roupa assim, parecia que estava com raiva e aconteceu, eu sangrei muito, doeu, foi horrível e eu saí dali, assim transtornada, sem saber o que aconteceu, o que vou dizer, como vai ficar a minha vida daqui pra frente! Me limpei e fui pra aula [...] e não consegui estudar [...] (**Orquídea**).

Com Tulipa, a violência foi no ambiente laboral, onde desempenhava o papel de secretária e o chefe assumindo a posição de violentador:

> Bem [...] o que senti no momento, no momento do ato da violência, me senti como [...] um objeto, né? Que você usa e joga fora, porque no meu caso aconteceu no trabalho, é [...] no momento que [...] eu [...] ninguém está preparada pra isso, ninguém sabe quando o mal vai bater na sua porta, e eu tinha só 17 anos, imagina uma pessoa recém casada, né? Vivendo o amor de verdade, três meses de casada e [...] cheia de sonhos e de repente, acontece isso, alguém dentro do teu trabalho, o teu chefe te tranca, te tranca numa sala e te joga numa mesa, rasga tua roupa e te estupra, porque não foi consentido, né? Você tem tua boca tampada, tenta se desvencilhar e não consegue porque ele é muito maior do que você. Foi horrível, simplesmente horrível. Senti dor, sangrei pela violência dele e ainda me ameaçou. Muito difícil e humilhante (**Tulipa**).

Os discursos das participantes me remetem à essa vivência do inesperado, da surpresa, da sensação de não ter liames onde possam se

agarrar para livrarem-se do ataque a que foram submetidas. Sentem-se lançadas em um redemoinho de sensações e emoções tão fortes onde há um misto de raiva, dor, sofrimento, angústia, depreciação.

Esse momento está caracterizado pela violência que oprime, opressa, desrespeita, torna o violentado refém do desejo insano de um outro que, na condição de violentador, utiliza de arma, do conhecimento de que não terá ninguém próximo, uma vez que pertence à configuração familiar e da sua condição de chefe. As pesquisas realizadas em várias partes do mundo afirmam, peremptoriamente, o alto nível de desgaste

emocional, o agravo psicológico culminando em quadro que mostra o comprometimento psíquico de quem é submetida a esse tipo de agressão [369] [370] [371] [372] [373] [374] [375] [376] [377] [378]

Considerando o constructo *facticidade* que Castro[379]preconiza como as situações inesperadas, as surpresas que tomam o ser de assalto abruptamente, tais quais as que ocorreram com as participantes deste estudo. É um processo gerador de angústia. Pela angústia, que se mostra no temor sentido ante o desconhecido e o incerto, que nos relatos apresentados referem-se ao momento em que foram vítimas de violência sexual por parte de desconhecidos (02 assaltantes) e de pessoas conhecidas (tio, primo e chefe), sentindo-se, naqueles momentos – o que antecedeu, o momento da violência sendo consumada e depois da agressão – literalmente lançadas em uma profusão de sentimentos e emoções; lançadas em um mundo que não pediram; experiência aviltante que não buscaram. Assim, como nos diz Heidegger[380]a presença, entendida como o ser (humano) que aí está no mundo, depara-se com o seu modo mais próprio de ser que é aquele de cuidar, acautelar-se diante

das possibilidades antevistas na abertura ao mundo, a qual se dá em sua facticidade, a de sempre já estar lançada. Lançada, jogada, projetada ao que virá a ser, inclusive o mundo e ela mesma. Portanto, lançada ao desconhecido.

Pesquisas internacionais[381] [382] [383] onde é revelado que a maioria das crianças abusadas sexualmente não conseguem relatar o que ocorreu em decorrência do medo, culpa, desconhecimento de serviços de apoio, dentre outros, corrobora com o achado nesta pesquisa, uma vez que, duas sofreram a ação enquanto crianças (8 e 12 anos), outras duas na adolescência (15 e 17 anos) e foram tomadas pelo pavor do que ocorrera, não conseguindo expressar ou mesmo comunicar o que haviam sofrido. Guardam para si mesmas a vivência do ato que angustia, traumatiza, fere.

Sentimentos e sensações experienciados

O sentir-se lançada nessa situação sem precedentes é fielmente mostrada nos discursos, uma vez que diante da ameaça que sofreram, o receio, o temor de serem mortas como frisam nos dois primeiros discursos, leva ao pensamento de morte, a possibilidade de serem mortas se não cederem à coerção sexual a que estavam sendo submetidas. E, este é um momento de dor, sofrimento, agrura e desespero.

> porque quando eu fui abordada, né? Que ele falou num assalto, a primeira coisa que pensei foi em Deus, eu disse: meu Deus, tem que me salvar daqui! E assim, é um desespero horrível que a gente sente, porque tu está sozinha, entendeu? tu pensa no teu pai, tu pensa na tua mãe, tu pensa nos teus irmãos, pensa em tudo, pensa em todos (**Girassol**).
>
> No momento [pausa] é [...] me senti sem chão, desesperada! É uma sensação terrível, a gente pensa que nunca vai acontecer isso [...] eu [...] queria chorar, meu coração estava acelerado e pensava na minha mãe, no meu pai e pedia a Deus para não me deixar morrer eu [...] eu [...] não queria morrer [choro convulsivo]. [..., ...] ele dizia: pensa no teu pai, na tua mãe, te vendo morta, toda furada. Ele ia andando e falando, me colocando

> muito medo, meu Deus, foram momentos de terror, parecia que não estava em mim e que aquilo era um sonho [...] um pesadelo [...] eu não acreditava que isso estava acontecendo (**Jasmim**).

A situação de medo e terror é designativo de origem de trauma:

> [...] e eu tinha medo, morria de medo dele, por que ele era enorme, muito alto, ele fazia isso porque é [...] não foi algo mais [...] mais profundo, né? De [...] de [...] penetrar, de abrir as pernas e de fazer violência, então [...] né? [...] só me causou medo e o trauma [...] (**Lírio**).

Designa raiva, ódio e não entrega a partir dessa situação, o não-ser-de-ninguém, principalmente em decorrência de que outros homens a quem havia sido comentado o fato, buscavam por sua vez, tirar proveito da situação, gerando mais desconforto, mais sofrimento:

> [...] e eu ali fiquei presa, porque eu não podia falar pra ninguém, não tive apoio de ninguém, só de Deus! Porque nem buscar a Deus naquele tempo eu sabia, eu nasci no evangelho, me criei no evangelho, mas o Deus que eu conhecia naquele tempo, era um Deus carrasco, tudo era pecado e [...] fiquei presa naquilo, com revolta, com ódio, me tranquei, me isolei, não quis mais saber de ninguém. Acho que nunca amei ninguém, hoje eu tenho certeza que amo a Deus, e sou outra pessoa. Deus fez uma reviravolta, me transformou, mas naquele tempo foi muito difícil pra mim, fiquei falada e com isso os outros [...] os outros homens que ele falava, vinha comigo e diziam se tu não for comigo e não fizer também, eu vou falar pra tua mãe, eu ficava com medo eu tinha muito medo da minha mãe, que foi criada a base [...] (**Orquídea**).

Diante da coerção sexual, a maior mágoa parece ter sido o "deixar acontecer" que ainda hoje, surge como a lembrança do sentir-se incapaz de reação:

> [...] deixei acontecer simplesmente e foi horrível, horrível mesmo me senti suja, saí daquele lugar e nunca mais voltei, é vivi durante dez anos, é [...] da minha vida longe, longe é [...] (**Tulipa**).

Diante da atrocidade sofrida por estas mulheres, cumpre redimensionar a análise ao constatar que expressam através da linguagem o horror de ter sido submetida a violência impetrada contra

elas. É na linguagem que está a expressividade da dor, do sofrimento, da experiência de desamparo, da coerção sexual que vivenciaram.[384] [385] [386]

Percebe-se que as sensações concorrem para os mesmos patamares: medo, raiva, desespero. Essas pessoas, mesmo passado tanto tempo em alguns casos (eram crianças 08 e 12 anos) expressam as marcas da violência vivenciada, expressividade similar à de 15 anos, a que relata o ocorrido aos 17 anos e a que já é adulta quando sofreu a ação.

Dado o exposto, o pesquisador tem de ir ao encontro da fala, a fala do discurso. Assim, nessas falas encontram-se expressas todas as dimensões de dor, sofrimento, angústia, vergonha e raiva que as participantes sentiram após a consumação da violência sexual. Percebo aí, nessas falas, a caracterização do ato violento e o ser-no-mundo-tendo-sofrido-violência sexual se manifesta em toda a sua magnitude.[387]

Falar ou não falar com a família:difícil decisão

Após a questão insidiosa que se abate sobre elas, preocupam-se com outro fato, um momento de extrema angústia, o de ter de falar para seus entes familiares acerca do ocorrido. Instaura-se o medo, a dor, a vergonha. Contudo, o primeiro discurso traz a condição emocional que se instala na família e que, apesar de todo o sofrimento, são o ponto de apoio para as providências que necessitam ser tomadas.

> [...] eu disse pra eles eu fui assaltada. Eles: o que foi que te levaram? Ah! levaram meu celular. Ai eles disseram: o que mais? fizeram alguma coisa? foi só isso? Eu disse: não! Aí eu tive que falar pra eles, então essa foi a pior dor assim, porque [...] eu vi que o meu pai ficou sem chão, entendeu, ficou muito assustado foi muito, assim, foi traumatizante, e aí vem assim, né? É [...] eles sofrendo junto comigo, mas querendo mostrar que tava tudo bem [...] principalmente da mamãe, que ela me acompanhava, vai no médico e volta, e tem isso, um monte de coisa assim, então foi muito, foi bom assim, ver o amor deles por mim, porque não tinha assim pastor pra vim ajudar, não tinha tio, tia era muito superficial [...] (**Girassol)**

> Quando eu cheguei [...] cheguei em casa logo contei, primeiro para minha mãe foi [...] foi um momento de dor, muita dor me senti desorientada. Ah! [...] não sei descrever a sensação que senti, é um sentimento de dor indescritível, lembro que me sentia muito desolada, triste, revoltada, e muito preocupada com desespero de minha família (**Jasmim**).

Não falar com a família: o medo é expressado

> [...] e [...] eu nunca contei pra ela [a mãe] e pra ninguém. Mas eu tinha medo dele, toda vez que ele vinha, já ficava tremendo, já ficava assustada e ele não [...] ele era normal, ele quando estava na casa da minha mãe, na casa da minha avó, era tudo normal. Esse, dentre outros tios que tinha, mas só esse que fazia esse tipo de coisa e eu não cheguei a ver se ele fazia com as minhas irmãs, nunca foi comentado nada e [...] e eu tinha medo, morria de medo dele, por que ele era enorme, muito alto, ele fazia isso porque é [...] (**Lírio**).
>
> [...] e eu ali, fiquei presa, porque eu não podia falar pra ninguém, não tive apoio de ninguém (**Orquídea**).
>
> [...] longe até de mim mesma, porque nos momentos que pensava em contar pra alguém, o sentimento de culpa era muito grande e eu não queria expor meu esposo, minha família, né? Você temia, você temia a reação das pessoas e o abandono, e foi muito difícil superar isso, durante esses dez anos, que foi o tempo que me calei e o ódio muito grande. Na verdade, eu chorava toda vez que tinha relação sexual porque a gente lembra, né? E eu lutava pra não transmitir isso para o meu esposo, né? Pra que ele não soubesse, pra que nada interferisse no nosso relacionamento (**Tulipa**).

Após o ocorrido e diante da possibilidade de comunicar à família, um fenômeno ´torna-se presente no ato de falar e no ato de não falar. Depreende-se que o ser-no-mundo ao se perceber lançado, jogado em um mundo que não escolheu vivencia a estrutura configuracional típica do humano, a angústia[388]. E, diante da dor sofrida por essas mulheres, o mundo e a vida passam a ser vistos sob outra ótica, a do sofrimento e do medo. O sentido é atribuído ao que vivenciaram.

Percebe-se que o ato de comunicar à configuração familiar promove em duas das participantes a certeza do pertencimento. Elas se sentem pertencendo a um locus que acolhe, que se mostra presente junto a elas, minimizando a extensão da violência sofrida. Existe a possibilidade de refletir, mesmo diante da preocupação, sobre o ocorrido e, nestes casos, o apoio oferecido pelo grupo familiar – mesmo preocupados – é fator

protetivo, gerador de segurança e fortalecimento. Esse movimento faz ir ao encontro do que Rebecca Solnit, em sua obra *A mãe de todas as perguntas*, especificamente no que tange *A uma breve história de silêncio,* em que revela que o contexto mundial tem apresentado que as mulheres têm rompido com a cultura do silêncio, imposta sob várias faces, especificamente a que diz respeito à ordem patriarcal e ao machismo instituído, e revelam as formas como vêm sendo oprimidas, lançando seu grito por justiça[389].

Torna-se premente que as políticas públicas relacionadas à violência contra a mulher, considerem a sensibilidade que o ser humano tem para o sentido do emocional, uma vez que, acha-se nele profundamente arraigada. Enfim, diante de quaisquer situações o homem atribui um significado, um sentido acerca do que está ocorrendo com ele próprio. E, nas falas das participantes, o sentido atribuído, por um lado, para falar sobre a violência ocorrida, é designativo de dor e sofrimento, mas, catapultado pela presença firme da família; por outro lado, é de raiva, de nojo, de revolta presentes no calar. Necessário que os profissionais desenvolvam o olhar a partir do não-dito, do olhar que recusa ser notado, do ensimesmamento enquanto refúgio para ficar à distância de determinadas situações, o silêncio que grita.

É necessário enfrentar

A vivência do sofrimento a que foram submetidas é algo que vai seguir estas mulheres enquanto viverem. A dor, a angústia, o sentirem-se vilipendiadas em sua condição humana de mulher é a lembrança que certamente as acompanhará em sua trajetória.

Contudo, apesar da dor e do sofrimento, da angústia e da revolta, elas conseguem transcender a esses momentos nefastos e se direcionam ao enfrentamento necessário até mesmo para continuar suas vidas. E, esse enfrentamento se dá a partir do apoio familiar, do retorno ao trabalho, do apoio profissional, do estudo e da religiosidade. Para Girassol, Jasmim e Lírio. Por um lado, percebe-se o apoio e a importância do apoio familiar, no caso dos pais e irmãos das duas primeiras e do esposo no caso da terceira. Todas afirmam que esse apoio, esse cuidado empreendido pela configuração familiar as motivou a enfrentar o ocorrido, corroborando com o estudo de Lima & Alberto[390] que também revelam o apoio familiar como fundamental para o processo de enfrentamento.

> [...] eles querendo assim, assim me levantar, me alegrar isso. Foi, isso foi, muito bom, tanto da parte dos meus pais quanto dos meus irmãos, que eles também, é [...] me amaram, cuidaram de mim, ficaram perto, me deram força, é [...] andavam comigo, juntos, não me deixaram sozinha, então isso foi muito importante! (**Girassol**).
>
> Eu via minha mãe e meu pai, meus irmãos me dando apoio. Não me deixavam sozinha e tentavam de tudo para me fazer ficar melhor, isso foi muito confortante ter a atenção e o cuidado. Saber que você não está sozinha, até porque [...] as vezes, muitas mulheres, adolescentes e crianças, passam por esses momentos, não contam pra ninguém por serem ameaçadas. Penso assim [...] foi bom [...]. assim, apesar de todos os momentos ruins de não conseguir dormir sozinha, sempre tive minha mãe, minha família ali do meu lado, sofrendo junto comigo (**Jasmim**).
>
> [...] mas aí [...] com [...] com [...] meu esposo já foi assim [...] já tive certo apoio dele. Foi isso que me ajudou a enfrentar e já devido ter [...], ter [...] afetado a minha vida, isso veio já me incomodar através dele, por ele se sentir triste, com certeza. Ele tinha também muitos sonhos, como eu (**Lírio**).

Outra forma de apoio é o profissional, como relatam Girassol e Jasmim apoio profissional quando afirmam que a receptividade e o cuidado oriundos dos profissionais do serviço diretamente relacionados a esses casos (SAVVIS/SAVAS) foram fundamentais para que o

enfrentamento pudesse ser realizado. Estudos têm demonstrado que esse primeiro momento é crucial para que o enfrentar a situação de violência.[391] [392]

> [...] porque eu não sabia direito o que era isso, eu não queria, e aí [...], não! vamos deixar isso pra lá, vamos esquecer, mas aí eles disseram: não! eu nem sabia que existia SAVIS, não sabia, e aí a gente foi na delegacia da mulher, a gente fez a ocorrência, e eles nos encaminhou pra ir no IML. A gente chegou lá, tinha um médico, atendeu, ele foi assim [...] até bem profissional, né? Fez os exames todinho, e depois, no dia seguinte, porque como foi de noite, de manhã ele já mandou pra o SAVIS que era pra começar tomar os remédios. Aí, a gente foi pra lá, e aí, eu tive que contar toda história que tinha acontecido pra médica, tudinho, contei pra ela e aí, tomei um monte de injeção, e aí, ela deu os remédios pra tomar (**Girassol**).
>
> Hoje, entendo a importância do Savas para essas mulheres que passam por esse tipo de violência, os riscos que sofrem de contraírem AIDS ou mesmo engravidar, é [...] é que no momento se torna um processo muito sofrido, mas é necessário os remédios, o atendimento psicológico que é oferecido sem nenhum custo, é fundamental principalmente para as mulheres e famílias que não tem condição de bancar esse custo (**Jasmim**).

O estudo e o trabalho são outros elementos trazidos por três participantes, Jasmim, Girassol e Lírio, como o viés que possibilitou o enfrentamento. Enquanto a primeira foi no sentido de não desistir de concluir o curso, momento em que encontrou força para ir além do ato de violência e atualmente desenvolve suas atividades profissionais, sem contudo, esquecer o ato de violência; a segunda, por sua vez, ressalta que está trabalhando e que não existe quaisquer problemas para retornar à faculdade; a terceira, em sua experiência no ensino superior, a solicitação de trabalho acadêmico acerca da violência a fez recordar a situação vivenciada quando criança, contudo, mesmo diante disso, apresentou o trabalho, ou seja, enfrentou o choque em decorrência da temática a ser desenvolvida.

> [...] eu não desisti de ir para a faculdade e concluí o meu curso de direito, tive força para continuar [...] Hoje estou formada trabalhando, mas não dá pra esquecer o fato de ter

> sido abordada um dia por um desconhecido dizendo ser um assalto e ter acontecido tudo isso (**Jasmim**).
>
> Aí, eu to trabalhando. Eu ainda não voltei a faculdade porque eu fiquei em dúvida em que curso fazer. Mas, nenhum problema de trauma de não querer voltar a estudar pelo que aconteceu! (**Girassol**).
>
> [...] tive que fazer um trabalho na faculdade, quando fiz serviço social, sobre [...] sobre abuso infantil, o índice de abuso infantil é muito grande, com [...], com [...] pessoas que a criança confia, tipo pai, tio, padrastos. Então, as crianças acham que estão protegidas com essas pessoas e de alguma maneira elas são arrancadas, né? São envolvidas nessas situações, pelas pessoas que mais elas amam: pai, mãe! Então isso me chocou, na época que fiz essa pesquisa tive que apresentar esse trabalho com a minha equipe, então são coisas que fazem relembrar, voltar ao passado então! (**Lírio**).

O homem tem como uma de suas características consideradas inatas, a religiosidade e tudo o que está relacionado ao transcendente. As participantes do estudo foram unânimes em afirmar que sua religiosidade/espiritualidade foi o que as motivou, mesmo diante do quadro assustador, a seguir adiante. Em todas, a certeza da existência de Deus e o quanto a fé – Girassol, Jasmim – foi porto seguro naquele momento; para uma delas – Orquídea – a certeza de que Deus tinha um propósito para sua vida; Lírio e Tulipa ressaltaram o quanto o perdão foi o que as fez realmente soltar as amarras.

> Então! Só Deus que podia fazer alguma coisa, então foi o momento de saber se Deus existia, né? Então, aí eu fui andando, Ele foi me levando, eu fui andando com Ele. Aí, eu pensei assim: Meu Deus, eu vou morrer, eu vou morrer, eu vou morrer, e eu lembrei do salmo que diz assim: ainda que eu andasse pelo vale da sombra e da morte, eu não temerei, e eu disse assim: Senhor, eu sei que estou toda errada (**Girassol**).
>
> Eu sou católica. Não sou essa católica praticante, não vou a igreja todo domingo, não pertenço a nenhum grupo [...] mas acredito em Deus, acredito que Ele nos protege, e quando eu estava andando com aquele homem eu pensei em Deus e pedi a Ele que não me deixasse morrer (**Jasmim**).
>
> [...] mas, eu superei isso devido Deus em minha vida! Foi no encontro que eu coloquei isso pra fora e pedi ao Senhor que queria me libertar disso. Foi quando liberei perdão pra ele, porque eu entendi que tinha isso no meu coração guardado e eu aprisionava essa pessoa e foi no encontro que eu entendi, eu quero ir pro céu e me ver livre dessas amarras que tinha no meu peito (**Lírio**).
>
> Deus foi tão bom que eu acho que Ele tinha um propósito na minha vida, porque mesmo naquele tempo, Deus me amparou, me guardou, me protegeu. Hoje eu cheguei aonde estou (**Orquídea**).

> É interessante, muito interessante, essa palavra perdão. É quando você libera perdão de fato vem a cura, não vem a justiça, né? Porque quem faz a justiça só é Deus. Mas, pra você, pra tua vida, vem a paz, foi o que senti depois que liberei o perdão, depois de dez anos [...] sabe por que? Você sente a paz interior de saber que Deus é poderoso, né? A espiritualidade dentro de você, essa fé que existe dentro de você, essa força que te proporciona, te impulsiona, né? Pra vencer os obstáculos e mostrar que tudo é possível quando você crê de fato nessa cura, nessa transformação, e o perdão, né? O perdão foi o que refletiu na minha vida. Enquanto eu não liberei perdão pra aquele homem que me machucou, que me abusou, que me ofendeu, né? Eu realmente não conseguia encontrar paz, hoje eu sinto essa paz e essa força! (**Tulipa**).

Fomari *et al* revelam a dimensão de vários estudos que realizaram pesquisa acerca da violência sexual contra mulheres onde expõem a dificuldade para o enfrentamento da situação violenta.[393] Delziovo et al,[394]Madeiro et al[395] Lima & Alberto[396] também fazem referência a essa questão e trazem aspectos similares ao encontrado neste estudo.

Ser-com-o-outro[397] [398] conceito necessário para realizar a análise destes discursos sobre o enfrentamento da situação de violência vivida por estas mulheres. Quando ressaltam o apoio familiar e profissional, encontram em seus semelhantes a base necessária para seguir adiante. Considerando que o ser-com é caracterizadamente o mundo humano, a convivência com o outro, é nesse conviver que a base do enfrentar a facticidade ocorre.

Ser-no-mundo é ser de Cuidado[399]. Dessa forma, a família e os profissionais viabilizam esse Cuidar, e em suas falas as participantes se sentem cuidadas, zeladas com desvelo, o que propicia elementos necessários ao enfrentamento e ressurgirem para suas vidas, almejando seguir adiante, buscando deixar o passado no passado e, assim, cuidarem de si próprias e se perceberem como um ser-de-possibilidades.

No que concerne ao trabalho e ao estudo, permito-me ousar dizer que essas mulheres a partir do cuidado, da solicitude direcionada a elas,

vivenciam a liberdade de escolha e consequentemente a responsabilidade inerente ao fato de optarem por sair do sofrimento que lhes foi impingido e, mesmo à custa de si mesmas e do sofrimento relacionado à situação vivenciada, permitem-se transcender à facticidade e buscar o que consideram fundamental, ressignificar a relação com o mundo, e trabalho e estudo são os fatores em que se amparam para seguir adiante, possibilitam-se ser autênticas e, a autenticidade é exatamente esse movimento em que liberdade de escolha e responsabilidade se conjugam[400], dando um novo sentido a suas vidas.

Outro aspecto muito presente em seus discursos e que é basilar para que o enfrentamento seja vivenciado diz respeito à religiosidade. Conforme ressalta Castro[401] a partir desse vislumbre do grande Outro em suas vidas é que reside a esperança, que implica a capacidade que o homem tem de descobrir o sentido único e singular oculto em cada situação. Percebe-se que o sentido religioso é o sentido do todo. Afinal, o homem é um ser emocional. É por meio da emoção que o homem se mantém atento aos sinais que o mundo lhe manda. A emoção é algo pré-reflexivo, cuja leitura coloca a pessoa, a *posteriori*, em posição de atencioso cuidado. Quando o homem não é capaz de entender suas emoções, de conviver com elas, frequentemente, busca, alhures, explicação para aqueles sentimentos dos quais não consegue livrar-se, efetiva-se a religiosidade em suas vidas, possibilitando a transcendência da dor e do sofrimento.

Considerações Finais

A sociedade tem caminhado gradativa e progressivamente, conforme percebe-se nos noticiários da mídia, para a experiência de

crescentes índices de violências afetando a vida das pessoas, causando prejuízos e deixando marcas irreparáveis, por vezes, de longa duração comprometendo até a saúde. As mulheres participantes desta pesquisa tiveram suas vidas marcadas físicas e psicologicamente pela violência praticada nos espaços públicos e privados. Essa adversidade provocou medo, insegurança, e tudo isso modificou tanto a identidade pessoal, como a maneira de ser e estar no mundo.

A pesquisa possibilitou identificar que as mulheres vítimas de violência sexual, enfrentaram essa adversidade a partir de inúmeros elementos, do apoio familiar à religiosidade. Com isso, conseguiram elaborar o sofrimento e dar um novo significado a sua vida, possibilitando caminhar pelos próprios pés.

É premente que ações integradas da justiça, ação social e saúde, com a sociedade civil sejam implantadas e implementadas no que concerne ao acompanhamento de mulheres que sofreram violência. Muito tem sido feito, não restam dúvidas. Contudo, há muito por fazer.

A Lei Maria da Penha tem sido de extremada importância para que mulheres nessa condição possam ser auxiliadas a denunciar, mostrar a cara mesmo (como vimos no caso deste estudo, o medo ainda é grandioso e suas famílias não permitiram que o fizessem). Outras ações têm sido realizadas no sentido de coibir estes atos - e hediondos, daí o título do capítulo. Entretanto, mesmo diante de punições severas, divulgação na mídia das faces dos violentadores, campanhas preventivas, os casos se sucedem continuamente.

A Psicologia tem o aparato teórico-metodológico amplo que, independentemente a quaisquer linhas de pensamento, são profissionais qualificados à essa escuta ativa e a auxiliar a equipe multiprofissional.

Conquanto este aspecto, torna-se premente que a formação na área aprofunde o conhecimento, de modo que tenha, cada vez mais, possibilidades de atuar para além da dimensão física, e ter desenvolvido um olhar diferenciado que possibilite captar as dores da alma, visto que estas também ocasionam problemas à saúde mental.

A pesquisa mostra que a dor, o medo, a vergonha e culpa revelada nos discursos das mulheres vitimadas pode ser ressignificada, apesar de muitas vezes esses fatores impedirem a denúncia nos órgãos de atendimento às vítimas. Observa-se nas falas das vítimas entrevistadas que o crime de abuso sexual contra crianças, adolescentes e mulheres se alimenta do medo das vítimas em denunciar as agressões, por esse motivo é muito difícil obter números confiáveis sobre os casos de abuso sexual.

Referências

ATIM, T.; MAZURANA, D. & MARSHAK, A. Women survivors and their children born of wartime sexual violence in northern Uganda. **Disasters***; 42 Suppl 1: S61-S78, 2018 Jan*. https://doi.org/10.1111/disa.12275

AZEVEDO**, S**. **Preconceitos contra a mulher, diferença, poemas e corpos** - São Paulo: Cortez, 2007.

BENEBO, F.O.; SCHUMANN, B. & VAEZGHASEMI, M. Intimate partner violence against women in **Nigeria: a multilevel study investigating the effect of women's status** (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0628-7

CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico***:* o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger – Ribeirão Preto, 2009, 182 p.

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia***:* a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26

CLARK, C.J. *et al.* Mixed methods assessment of women's risk of intimate partner violence in Nepal. **BMC Womens Health***;* 19(1): 20, 2019 01 28. DOI https://doi.org/10.1186/s12905-019-0715-4

DELZIOVO, C.R. *et al*. Violência sexual contra a mulher e o atendimento no setor saúde em Santa Catarina – Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(5):1687-1696, 2018 DOI: 10.1590/1413-81232018235.20112016

FEMI-AJAO, O. Intimate partner violence and abuse against Nigerian women resident in England, UK: a cross- sectional qualitative study. **BMC Women's Health 18,** 123 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0610-4

FEKADU, E. *et al.* Prevalence of domestic violence and associated factors among pregnant women attending antenatal care service at University of Gondar Referral Hospital, Northwest Ethiopia. **BMC Women's Health 18,** 138 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0632-y

FIELD, S.; ONAH, M.; van HEYNINGEN, T. *et al.* Domestic and intimate partner violence among pregnant women in a low resource setting in South Africa: a facility-based, mixed methods study. **BMC Women's Health 18,** 119 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0612-2

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011

FOMARI L.F.; SAKATA-SO, K.N.; EGRY, E.Y. & FONSECA, R.M.G.S. Gender and generation perspectives in the narratives of sexually abused women in childhood. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2018;26:e3078. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2771.3078.

FRANKLIN, C. A.; GARZA, A. D.; GOODSON, A. & BOUFFARD, L. A. Police perceptions of crime victim behaviors: A trend analysis exploring mandatory training and knowledge of sexual and domestic violence survivors' trauma responses. **Crime & Delinquency**, 66, 1055–1086, 2020. DOI: https://doi.org/10.1177/0011128719845148

GRANOT, M. *et al.* Trauma, attachment style, and somatization: a study of women with dyspareunia and women survivors of sexual abuse. **BMC Women's Health 18,** 29 (2018). DOI: https://doi.org/10.1186/s12905-018-0523-2

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

HENRIKSEN, L. *et al.* The Safe Pregnancy study - promoting safety behaviours in antenatal care among Norwegian, Pakistani and Somali pregnant women: a study protocol for a randomized controlled trial. **BMC Public Health** 19, 724 (2019). https://doi.org/10.1186/s12889-019-6922-y

JAVALKAR, P. *et al.* What determines violence among female sex workers in an intimate partner relationship? Findings from North

Karnataka, south India. **BMC Public Health** 19, 350 (2019). https://doi.org/10.1186/s12889-019-6673-9

KATAOKA, Y. & IMAZEKI, M. Experiences of being screened for intimate partner violence during pregnancy: a qualitative study of women in Japan. **BMC Women's Health 18,** 75 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0566-4

LIMA, J. A. & ALBERTO, M. F. P. Urgências psicológicas no cuidado às mães em casos de abuso sexual intrafamiliar **Estudos de Psicologia**, 21(3), julho a setembro de 2016, 337-347

MACHISA, M. & SHAMU, S. Mental ill health and factors associated with men's use of intimate partner violence in Zimbabwe. **BMC Public Health 18,** 376 (2018). https://doi.org/10.1186/s12889-018-5272-5

MADEIRO, A. *et al* Violência física ou sexual contra a mulher no Piauí, 2009-2016. J. **Health Biol Sci**. 2019; 7(3): 258-264. doi:10.12662/2317-3076jhbs.v7i3.2417

MARTINS, R. de C. **Jovens mulheres Vitimadas**: abuso sexual, sofrimento e resiliência. Curitiba: Juruá, 2010

MELILLO, A. *et al*. **Resiliência:** descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MESSING, J. T.; WARD-LASHER, A.; THALLER, J. & BAGWELL-GRAY, M. E. The state of intimate partner violence intervention: Progress and continuing challenges. **Social Work**, 60, 305–313, 2015. DOI: https://doi.org/10.1093/sw/swv027

MULAWA, M.I. *et al*. Associations Between Peer Network Gender Norms and the Perpetration of Intimate Partner Violence Among Urban Tanzanian Men: a Multilevel Analysis **Prev Sci** (2018) 19: 427. https://doi.org/10.1007/s11121-017-0835-8

NHI, T.T.; HANH, N.T.T. & GAMMELTOFT, T.M. Emotional violence and maternal mental health: a qualitative study among women in northern Vietnam. **BMC Women's Health 18,** 58 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0553-9

OLIVEIRA, F.S *et al*. Violência doméstica e sexual contra a mulher: uma revisão integrativa. **HOLOS**, Ano 33, Vol. 08, 2017 p. 275-284, DOI: 10.15628/holos.2017.1903

SANGER, N. & LYNCH,I. You have to bow right here: heteronormative scripts and intimate partner violence in women's same-sex relationships. **Cult Health Sex***; 20(2): 201-217, 2018 02.*

SOLNIT, R. **Os homens explicam tudo para mim**. Trad. I.M. Lando. São Paulo : Cultrix, 2017 (Original 2014)

ZUO, X. E. *et al.* Gender role attitudes, awareness and experiences of non-consensual sex among university students in Shanghai, China. *Reprod Health* **15,** 49 (2018). https://doi.org/10.1186/s12978-018-0491-x

---

347 CLARK, C.J. *et al.* Mixed methods assessment of women's risk of intimate partner violence in Nepal. ***BMC Womens Health***; 19(1): 20, 2019 01 28.

348 HENRIKSEN, L. *et al*. The Safe Pregnancy study - promoting safety behaviours in antenatal care among Norwegian, Pakistani and Somali pregnant women: a study protocol for a randomized controlled trial. **BMC Public Health** 19, 724 (2019). https://doi.org/10.1186/s12889-019-6922-y

349 JAVALKAR, P. *et al*. What determines violence among female sex workers in an intimate partner relationship? Findings from North Karnataka, south India. **BMC Public Health** 19, 350 (2019). https://doi.org/10.1186/s12889-019-6673-9

350 BENEBO, F.O.; SCHUMANN, B. & VAEZGHASEMI, M. Intimate partner violence against women in Nigeria: a multilevel study investigating the effect of women's status and community norms.. **BMC Women's Health** 18, 136 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0628-7

351 AZEVEDO, S. **Preconceitos contra a mulher, diferença, poemas e corpos** - São Paulo: Cortez, 2007.

352 MARTINS, R. de C. **Jovens mulheres Vitimadas**: abuso sexual, sofrimento e resiliência. Curitiba: Juruá, 2010.

353 MELILLO, A.; ELBIO, N. S. O. *et al*. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

354 MARTINS, R. de C. **Jovens mulheres Vitimadas**: abuso sexual, sofrimento e resiliência. Curitiba: Juruá, 2010.

355 Ibidem

356 KATAOKA, Y., IMAZEKI, M. Experiences of being screened for intimate partner violence during pregnancy: a qualitative study of women in Japan. **BMC Women's Health 18**, 75 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0566-4

357 FIELD, S. *et al*. Domestic and intimate partner violence among pregnant women in a low resource setting in South Africa: a facility-based, mixed methods study. **BMC Women's Health 18**, 119 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0612-2

358 FEMI-AJAO, O. Intimate partner violence and abuse against Nigerian women resident in England, UK: a cross- sectional qualitative study. **BMC Women's Health 18**, 123 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0610-4

359 FEKADU, E.. *et al*. Prevalence of domestic violence and associated factors among pregnant women attending antenatal care service at University of Gondar Referral Hospital, Northwest Ethiopia. **BMC Women's Health 18**, 138 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0632-y

360 NHI, T.T.; HANH, N.T.T. & GAMMELTOFT, T.M. Emotional violence and maternal mental health: a qualitative study among women in northern Vietnam. **BMC Women's Health 18**, 58 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0553-9

361 MULAWA, M.I. et al. Associations Between Peer Network Gender Norms and the Perpetration of Intimate Partner Violence Among Urban Tanzanian Men: a Multilevel Analysis **Prev Sci** (2018) 19: 427. https://doi.org/10.1007/s11121-017-0835-8

362 MACHISA, M. & SHAMU, S. Mental ill health and factors associated with men's use of intimate partner violence in Zimbabwe. **BMC Public Health 18**, 376 (2018). https://doi.org/10.1186/s12889-018-5272-5

363 GRANOT, M. *et al*. Trauma, attachment style, and somatization: a study of women with dyspareunia and women survivors of sexual abuse. **BMC Women's Health 18**, 29 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0523-2

364 ZUO, X. *et al*. Gender role attitudes, awareness and experiences of non-consensual sex among university students in Shanghai, China. **Reprod Health 15**, 49 (2018). https://doi.org/10.1186/s12978-018-0491-x

365 SANGER, N. & LYNCH, I. 'You have to bow right here': heteronormative scripts and intimate partner violence in women's same-sex relationships.**Cult Health Sex**; 20(2): 201-217, 2018 02.

366 ATIM, T.; MAZURANA, D. & MARSHAK, A. Women survivors and their children born of wartime sexual violence in northern Uganda. Disasters; 42 Suppl 1: S61-S78, 2018 Jan.

367 MARTINS, R. de C. **Jovens mulheres Vitimadas**: abuso sexual, sofrimento e resiliência. Curitiba: Juruá, 2010.

368 OLIVEIRA, F.S *et al*. Violência doméstica e sexual contra a mulher: uma revisão integrativa. **HOLOS**, Ano 33, Vol. 08, 2017, p. 275-284. DOI: 10.15628/holos.2017.1903

369 KATAOKA, Y. & IMAZEKI, M. Experiences of being screened for intimate partner violence during pregnancy: a qualitative study of women in Japan. **BMC Women's Health 18**, 75 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0566-4

370 FIELD, S. *et al*. Domestic and intimate partner violence among pregnant women in a low resource setting in South Africa: a facility-based, mixed methods study. **BMC Women's Health 18**, 119 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0612-2

371 FEMI-AJAO, O. Intimate partner violence and abuse against Nigerian women resident in England, UK: a cross- sectional qualitative study. **BMC Women's Health 18**, 123 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0610-4

372 FEKADU, E. *et al*. Prevalence of domestic violence and associated factors among pregnant women attending antenatal care service at University of Gondar Referral Hospital, Northwest Ethiopia. **BMC Women's Health 18**, 138 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0632-y

373 NHI, T.T.; HANH, N.T.T. & GAMMELTOFT, T.M. Emotional violence and maternal mental health: a qualitative study among women in northern Vietnam. **BMC Women's Health** 18, 58 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0553-9

374 MULAWA, M.I. et al. Associations Between Peer Network Gender Norms and the Perpetration of Intimate Partner Violence Among Urban Tanzanian Men: a Multilevel Analysis **Prev Sci** (2018) 19: 427. https://doi.org/10.1007/s11121-017-0835-8

375 MACHISA, M. & SHAMU, S. Mental ill health and factors associated with men's use of intimate partner violence in Zimbabwe. **BMC Public Health 18**, 376 (2018). https://doi.org/10.1186/s12889-018-5272-5

376 GRANOT, M. et al. Trauma, attachment style, and somatization: a study of women with dyspareunia and women survivors of sexual abuse. **BMC Women's Health 18**, 29 (2018). https://doi.org/10.1186/s12905-018-0523-2

377 ZUO, X. et al. Gender role attitudes, awareness and experiences of non-consensual sex among university students in Shanghai, China. **Reprod Health** 15, 49 (2018). https://doi.org/10.1186/s12978-018-0491-x

378 ATIM, T.; MAZURANA, D. & MARSHAK, A. Women survivors and their children born of wartime sexual violence in northern Uganda. **Disasters**; 42 Suppl 1: S61-S78, 2018 Jan.

379 CASTRO, E.H.B. de A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

380 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

381 FOMARI, L.F.; SAKATA-SO, K.N.; EGRY, E.Y. & FONSECA, R.G.M.S. Gender and generation perspectives in the narratives of sexually abused women in childhood.. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2018;26:e3078.

DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2771.3078

382 FRANKLIN, C. A.; GARZA, A. D.; GOODSON, A. & BOUFFARD, L. A. Police perceptions of crime victim behaviors: A trend analysis exploring mandatory training and knowledge of sexual and domestic violence survivors' trauma responses. **Crime & Delinquency**, 66, 1055–1086, 2020. DOI: https://doi.org/10.1177/0011128719845148

383 MESSING, J. T.; WARD-LASHER, A.; THALLER, J. & BAGWELL-GRAY, M. E. The state of intimate partner violence intervention: Progress and continuing challenges. **Social Work**, 60, 305–313, 2015. DOI: https://doi.org/10.1093/sw/swv027

384 FOMARI, L.F.; SAKATA-SO, K.N.; EGRY, E.Y. & FONSECA, R.G.M.S. Gender and generation perspectives in the narratives of sexually abused women in childhood.. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2018;26:e3078.

DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2771.3078

385 ATIM, T.; MAZURANA, D. & MARSHAK, A. Women survivors and their children born of wartime sexual violence in northern Uganda. *Disasters; 42 Suppl 1: S61-S78, 2018 Jan*

386 FEMI-AJAO, O. Intimate partner violence and abuse against Nigerian women resident in England, UK: a cross- sectional qualitative study. *BMC Women's Health* 18, 123 (2018) doi:10.1186/s12905-018-0610-4

387 MULAWA, M.I. et al. Associations Between Peer Network Gender Norms and the Perpetration of Intimate Partner Violence Among Urban Tanzanian Men: a Multilevel Analysis **Prev Sci** (2018) 19: 427. https://doi.org/10.1007/s11121-017-0835-8

388 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

389 SOLNIT, R. **Os homens explicam tudo para mim**. Trad. I.M. Lando. São Paulo : Cultrix, 2017 (Original 2014)

390 LIMA, J. A. & ALBERTO, M. de F. P. Urgências psicológicas no cuidado às mães em casos de abuso sexual intrafamiliar **Estudos de Psicologia**, 21(3), julho a setembro de 2016, 337-347

391 Ibidem

392 OLIVEIRA, F.S *et al*. Violência doméstica e sexual contra a mulher: uma revisão integrativa. **HOLOS**, Ano 33, Vol. 08, 2017, p. 275-284. DOI: 10.15628/holos.2017.1903

393 FORMARI L.F.; SAKATA-SO, K.N.; EGRY, E.Y. & FONSECA, R.M.G.S. Gender and generation perspectives in the narratives of sexually abused women in childhood. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2018;26:e3078. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2771.3078.

394 DELZIOVO, C.R. *et al*. Violência sexual contra a mulher e o atendimento no setor saúde em Santa Catarina – Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(5):1687-1696, 2018. DOI: 10.1590/1413-81232018235.20112016

395 MADEIRO, A. *et al* Violência física ou sexual contra a mulher no Piauí, 2009-2016. **J. Health Biol Sci**. 2019; 7(3): 258-264. doi:10.12662/2317-3076jhbs.v7i3.2417

396 LIMA, J. A. & ALBERTO, M. de F. P. Urgências psicológicas no cuidado às mães em casos de abuso sexual intrafamiliar **Estudos de Psicologia**, 21(3), julho a setembro de 2016, 337-347

397 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

398 FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa – São Paulo: Cengage Learning, 2011

399 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

400 CASTRO, E.H.B. de A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26

401 CASTRO, E. H. B. de **A experiência do diagnóstico**: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger – Ribeirão Preto, 2009, 182 p.

Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares

Ewerton Helder Bentes de Castro

Reconhecendo a temática Suicídio e autolesão

A cada 40 segundos, a terminalidade do humano se torna efetiva a partir do ato praticado contra si mesmo. Ainda seguindo a mesma perspectiva epidemiológica, são 24 casos a cada 24 horas em nosso país e três mil a nível mundial, além do que são 60 mil tentativas, também diariamente.

Percorrer esta senda significa, percebo antes de tudo, ser necessário ousar construir uma possibilidade histórica acerca da temática. Creio ser necessário que possamos minimamente conhecer o que temos de informações acerca da prática do suicídio.

Conceito variável em decorrência do tempo e cultura, sob o viés etimológico, o vocábulo suicídio parece ter derivação latina a partir de dois termos *"sui"* (si mesmo) e *"caedes"* (ação de matar) originário do verbo *caedo, is, cadeci, caedere*, significando matar-se a si próprio. Ato de suicidar-se, portanto, é o entendimento da palavra Suicídio.

Fenômeno que atualmente é percebido à conta de social global e problema de saúde pública, dada sua envergadura, o suicídio ocorre desde eras remotas. Relatos descobertos em escritos egípcios

Desde a mais remota antiguidade, relatos sobre o suicídio surgem em relatos no Egito, 2000 a. C., sendo tratado pelo viés filosófico-moral-religioso, até o ´século XVII. Enquanto enfoque científico, a questão é abordada a partir do século XIX e vários estudiosos aprofundaram a temática, tais como: Esquirol, em 1827, enfatiza aspectos psiquiátricos; em 1897, Durkheim estuda sob o viés dos aspectos sociais. Freud, em 1920, propõe uma abordagem psicológica a respeito do suicídio através de conceitos metapsicológicos como "pulsão de vida X pulsão de morte" com os quais tenta explicar a destruição do próprio eu. Já em 1976, Asberg e cols. fazem uma abordagem biológica através de estudos sobre o papel da serotonina na ideação suicida.

Com o advento da Internet percebe-se um aumento nas publicações de artigos e livros e outras formas de divulgação sobre o suicídio que demonstram o grau de interesse a respeito do assunto. Pesquisas apontam que o suicídio se encontra entre as dez principais causas de morte na maioria dos países.

Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS, a mortalidade por suicídio atingiu a cifra de um milhão de pessoas. Estima-se que o número de tentativas de suicídio seja dez a vinte vezes superiores ao

número de mortes. Isto corresponde a uma morte a cada 40 segundos e uma tentativa a cada 03 segundos. Esses números superam as mortes em guerras e são superiores ou comparáveis as mortes provocadas por acidentes de trânsito. De acordo com as tendências observadas, a OMS estima que em 2020 tal número de morte no planeta atinja 1.530.000[402]

Os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), mostram que a média de Suicídio aumentou em 60% nos últimos 45 anos, principalmente nos países em desenvolvimento. É a terceira causa de morte entre os jovens e adultos de 15 a 34 anos, embora a maioria das causas aconteça entre pessoas com mais de 60 anos e, a consequência imediata de cada suicídio ou tentativa é uma devastação emocional entre parentes e amigos, causando um impacto emocional "profundo" que pode pendurar por muitos anos[403]. Alarmado por esta perspectiva, Diekstra, 1993, afirmou que o suicídio será "a morte do futuro"[404].

A questão primordial é que, independente da causa (ou das causas), o comportamento suicida tem elevado a estatística de morbimortalidade por suicídio em todo o mundo, tornando-se um problema de Saúde Pública até nos países desenvolvidos.

A percepção que a medicina desenvolveu a respeito do suicídio é um legado cultural arraigado ao pensamento filosófico que relacionava o comportamento suicida ao ócio, à existência de algum tipo de doença ou herança genética. Pensamento esse que se contrapunha à visão religiosa que atribuía a um crime contra Deus, contra a sociedade e leis, ato destruidor de famílias, causa da danação eterna e da infelicidade. Em suma, o suicídio era um pecado passível de punição.

Atualmente o suicídio ainda é considerado assunto tabu, cujos preconceitos são determinados culturalmente a esse respeito, sendo

também a formação da subjetividade influenciada por fatores culturais, é inegável que a percepção do médico e a sua relação com o paciente suicida, nestas circunstâncias, também pode ser afetada de maneira preconceituosa.

Torna-se necessário e urgente falar sobre o suicídio. Não é apenas o ato em si, mas a envergadura de comprometimento social que resulta. Sabemos que não existe uma faixa etária específica, uma classe social específica. Estima-se que entre 10 e 20 milhões de pessoas atentam contra a própria vida – e o conseguem – por ano no mundo. A grandiosidade destes números é assustadora, uma vez que, nesse bojo temos crianças, adolescentes, adultos jovens, homens e mulheres em franco período de produtividade, idosos.

Cobranças, culpa, remorso, depressão, ansiedade, medo, fracasso, são fatores que estão presentes na vida de quem tenta ou comete o suicídio numa tentativa de minimizar as pressões a que está sendo submetido cotidianamente. Quando essas situações estão presentes, ocorre o que denominamos de ambivalência, ou seja, combina dois ou mais sentimentos ou ideias conflituosas. De um lado, em virtude de se sentir esquecida ou ignorada, ela busca a atenção do outro – amigos, familiares, etc. – e tem a sensação de solitude, de estar só, a solidão vivenciada à conta de insuportável. Por outro lado, existe aqueles que têm a vontade de levar o outro a sofrer ou a sentir o mesmo que estão passando; outros, sentem vontade de desaparecer, de sumir no mundo para algum lugar que lhes possibilite situação melhor. Querem, na maioria das vezes, sentem necessidade de alcançar paz, possam descansar, sair do desespero em que se encontram.

A exaustão emocional é agravada pela presença de situações que originam maiores sensações de fragilidade, acarretando no impulso de cometer o suicídio. Percebe-se que a epidemiologia, a nível mundial, mostra que as tentativas são em maior número em mulheres, contudo, a consecução do é maior em homens, e a esse aspecto são atribuídos questões relacionadas a costumes e preconceitos sociais.

Entretanto, diante de situações exasperadoras, as pessoas pedem por socorro, clamam a seu modo, por ajuda. E, nesse momento é crucial o trabalho de profissionais, instâncias como o CVV. A escuta qualificada é essencial para que possamos oferecer o auxílio necessário a esse outro que está em sofrimento com o qual não está sabendo lidar, não está conseguindo conviver. Encontra-se em desamparo. Como a Fenomenologia-Existencial pode servir como um olhar e uma escuta que possibilitam a ajuda a esse ser?

Relações abusivas

Outro aspecto muito presente na contemporaneidade, diz respeito às relações afetivo-emocionais e como estão se constituindo e construindo em nossa época. A premência, atualmente, se dá no sentido de que ao psicólogo e as áreas de forma geral, necessitam ir além do que a questão midiática tem outorgado para a sociedade.

Castro[405] ao pensar acerca da clínica psicológica proposta a partir dos três olhares que facultarão compreender a dimensão dos en-contros, des-encontros e re-encontros, procura redimensionar o olhar que se lança sobre o outro. Um redimensionamento que equivale, para o profissional que acompanha pessoas em situação de relação abusiva, a enveredar pelo aspecto existencial propriamente dito, indo além da

demanda pela própria demanda, mas, executar um mergulho vivencial com esse outro. Precisamos ir além de conceitos, hermeticidade teórica, justificativas incoerentes. É premente que sejamos continentes, verdadeiros, genuínos, autênticos. Esse outro requer essa atitude, a vida requer essa atitude.

Vale ressaltar que relações abusivas não ocorrem apenas na vivência afetivo-emocional, Santos[406] revela que, muito provavelmente, o Burnout experienciado por centenas de profissionais em nosso país, se deva ao fato da não-oferta de oportunidades para que os profissionais ativem seus papéis de expressão, criatividade, reconhecimento ou autoconhecimento a cada momento em que desempenham suas atividades junto às pessoas que os buscam diariamente.

Este tipo de relação também tem sido reportado em denúncias de abuso físico parental. Existem indicadores de risco severos e diversificados atuando intensamente no contexto familiar, resultando no uso da força física nas relações pais-filhos, desencadeador da violência intrafamiliar. Esta situação atinge o processo de desenvolvimento desse outro que sofre ação violenta e repercute, diretamente, nos aspectos físicos, psicológicos e sociais dos envolvidos, do sistema em si mesmo e, consequentemente, do contexto social em que o grupo familiar está sediado.

Dentre as formas de manifestação da violência intrafamiliar, encontramos: abusos físico, sexual, emocional e a negligência. Contudo, o que se tem observado é que estas ações são sobrepostas e expressam multidirecionalidade, ou seja, manifestam-se todos os tipos de abuso e direcionados a todos os membros da configuração familiar.

Um desequilíbrio nas relações interpessoais está caracterizado na violência no ambiente de trabalho, centrada no abuso do poder, em ameaças e ações desrespeitosas. Este tipo de violência pode ser manifesta sob dois aspectos: situação pontual ou de forma sistemática, o chamado assédio moral no trabalho. Nos dois casos, tem-se observado como resultante várias psicopatologias, doenças psicossomáticas ou distúrbios do comportamento.

Sabemos que outros tipos de violência ocorrem no que concerne às relações afetivo-emocionais, tais como o *cyberbullying* e o *sexting*, entretanto, deixaremos estes aspectos para outra pesquisa.

Fenomenologia e desamparo

O dualismo existente desde há muito, admite a separação do homem em corpo e alma, matéria e espírito. Para Platão, a alma antecede o corpo e pertenceu ao mundo das ideias antes de aprisionar-se nesse. O intelecto era priorizado diante de trabalhos braçais, os desejos do corpo eram renegados devido à moral e aos bons costumes, pois prejudicavam a relação da criatura com o seu Criador. Posteriormente, Descartes trará o dualismo psicofísico instituído por Platão, corpo e alma, que será questionado na visão naturalista de considerar o homem como uma máquina. [407]

Reis[408] também ressalta as dicotomias existentes dentro do conhecimento, como a divisão entre corpo *(res-extensa)* e alma *(res-cogitans)*, corpo e mente, corpo e consciência. A ciência visa o corpo como objeto e a Psicologia, a subjetividade. As duas perdem o foco da corporeidade do homem e da impossível separação entre corpo e alma/mente. Merleau-Ponty, em suas obras Fenomenologia da

Percepção, O visível e o Invisível, Signos, vem rebater tais conceitos e ideias que separam o homem em fragmentos para considerá-lo como um todo, a relação indissolúvel entre corpo e mente, como agente e reagente na sua constante relação com o mundo e com o Outro. Integrando-se à terceira base da Psicologia: a fenomenologia.

Castro[409] traz o conceito de fenomenologia no primeiro parágrafo de *O que é a Fenomenologia?* "*[...] a* fenomenologia *é o estudo ou a ciência do fenômeno*". Essa a proposta que encontramos no pensamento de Edmund Husserl, o pai da Fenomenologia.

Embasado nos estudos de Brentano, Husserl absorve o termo "intencionalidade", que estará correlacionado com o idealismo transcendental de Kant, em que a consciência constitui o mundo. Husserl propôs uma nova visão de homem, dando margem às ciências humanas sem seus laboratórios de investigação, distanciando-se do olhar sobre o comportamento humano como objeto de estudo. Como falado no parágrafo anterior, foi o iniciador do movimento da fenomenologia, e em sua perspectiva teórica, o fenômeno penetra no pensamento e através do pensamento é possível expor o fenômeno. A fenomenologia busca verificar a essência do fenômeno, a correlação entre a consciência e o objeto.[410] [411]

A fenomenologia para Husserl consiste na ciência descritiva das essências da consciência e dos atos do ser. O sentido é que dá propulsão ao ser ao mesmo tempo que é oriundo dessa relação com o meio. O objeto sempre é um objeto-para-um-sujeito, em que o sentido do objeto é adicionado pela consciência. A compreensão do fenômeno, o sentido a ele adquirido pelo ser, precisa ser intencionado, verificado sua essência

através da redução fenomenológica, em que o essencial permanece, ou seja, aquilo que não pode mais ser pensado de outra forma.[412]

Castro[413] reitera que o termo Fenomenologia deriva de duas palavras de raiz gregas, a primeira é *phainomenon* e quer dizer "aquilo que se mostra a partir de si mesmo"; e de *logos,* "ciência ou estudo". A partir daí, temos etimologicamente que o termo Fenomenologia quer dizer estudo ou ciência do fenômeno, sendo que fenômeno é tudo que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo à consciência.

A consciência pode ser compreendida como a percepção imediata mais ou menos clara, pelo sujeito, daquilo que se passa nele mesmo ou fora dele. Como se pode observar a consciência sempre está para algo, isso revela a sua intencionalidade. A intencionalidade, assim, deve ser compreendida como a ação em que atribuímos um sentido, é o que possibilita a união entre a consciência e objeto, sujeito e mundo.

A preocupação da Fenomenologia se dá no sentido de compreender aquilo que é captado pela consciência. Tal entendimento avança na busca do sentido para o objeto e na questão no que faz o mesmo ser o que ele é. Para maior contato com o objeto, a fenomenologia aponta como caminho a descrição deste como uma forma de se evidenciar esse objeto – fenômeno - em si mesmo. Descrição essa que pode ser compreendida como o ato de descrever aquilo que é visto, o sentido e a experiência vivida pelo sujeito.

Um dos seguidores de Husserl, o alemão Martin Heidegger, redimensiona o método fenomenológico e acresce alguns conceitos, que podemos considerar fundamentais para a imbricação acerca da clínica que proporemos a seguir. Dessa forma, torna-se necessário trazer ao leitor, a proposta conceitual heideggeriana, especificamente contida na

obra Ser e Tempo (1927/2013).[414] Assim, temos: ser-no-mundo, Dasein ou Ser-Aí, mundo circundante, mundo humano, mundo próprio, angústia.

Heidegger se propõe a tratar da questão do sentido do Ser, ou seja, buscar a noção de homem em sua singularidade a partir do que chamou de *Dasein* (pre-sença, Ser-Aí). O *Dasein*, como totalidade estrutural, mostra-se na cotidianidade mediana, imprópria e impessoal, sempre, porém, como abertura para possibilidades de outras formas de vir a ser-no-mundo, quais sejam: próprias e impróprias. É preciso compreender que estamos abertos às possibilidades, logo, somos livres em nosso modo de ser. Assim, a expressão *ser-no-mundo* aponta primeiramente para um fenômeno de unidade, e é desse modo que devemos compreendê-la. *Ser-no-mundo* deve ser entendido como uma estrutura de realização do Ser, ou seja, é no mundo que estamos, é no mundo que agimos, é nesse Aí, momento presente, que devemos entender a homem e sua singularidade.

Quanto a questão mundo, encontramos na teoria desse filósofo uma concepção tripartite, a saber: mundo circundante, diz respeito ao entorno onde o homem vivencia o seu cotidiano, espaços pelos quais transita e as normas e regimentos oriundos do seu contexto social; mundo humano está diretamente relacionado às relações sociais que estabelece com o outro, são as pessoas – outros *Dasein* – com os quais convive cotidianamente; mundo próprio é o ser si mesmo, é ele próprio e a forma como se refere a si mesmo.

Ao ser lançado no mundo, o homem (Dasein) fica imerso em situações das mais variadas perspectivas. A essas situações, o pensador compreende-as como facticidades, ou seja, as situações que nos sobrevêm de súbito, retirando-nos de nosso lugar seguro. Considerando que estas

situações podem nos levar a vivenciá-las sob o viés prazeroso ou não. Dessa forma, estamos jogados no mundo sem saber o que nos espera, não sabemos o que poderá ocorrer daqui a um minuto, isso é gerador da angústia que se faz presente no humano, continuamente. Castro[415] considera a angústia como a tempestade do Ser.

E nesse lugar em que foi lançado, o homem sente-se em desamparo. Daí a relação existente entre Fenomenologia e desamparo. Como não sabemos o que se nos ocorrerá daqui a pouco, daqui a dias, meses ou anos, cada um de nós vivencia expectativas e, nesse ínterim, vamos percebendo nossas possibilidades, erigimos objetivos que muitas vezes são alcançados e outras vezes, não. E quando as situações que vem ao nosso encontro são vividas a partir da dor e do sofrimento imensuráveis, pode nos levar a pensamentos suicidas, à tentativa de suicídio ou a próprio ato em si mesmo.

Perspectiva dos três olhares: a clínica em movimento!

A clínica psicológica tem como fundamento acolher esse outro que não está conseguindo conviver com as situações que vem ocorrendo em sua vida. Esse outro traz, sob um prisma muito próprio e singular, o olhar que lança sobre essas situações causadoras de sofrimento e angústia, sentindo-se em desamparo e, nisso, o acolhimento por parte do terapeuta é fundamental, a escuta deixa de ser apenas o ouvir e torna-se algo mais grandioso, uma vez que, é no presentificar-me junto ao outro que o acolho em sua estranheza do mundo.

Ora, o mundo se transformou em algo estranho, já não consigo mais me perceber, dado sofrimento pelo qual estou passando e nem me sentir pertencendo a um lugar que antes me era caro, seguro. O que fora até

aquele momento, vivenciado à conta de caminho permeado por cores, passa a ser um lugar sombrio, cinza e sem perspectiva, a não ser a dor e o sofrer que me enclausuram em certezas herméticas e, nesse processo, não me permito ir além. Meu caminhar se torna célere e preenchido pela angústia, a ansiedade, pelo olhar negativo sobre a vida.

O percurso inicial desse outro na clínica me trazem questões que o terapeuta deveria, a meu ver, observar. A primeira, o não-pertencimento ao possibilitar que o outro atue de modo a cercear sua autonomia e liberdade em realizar suas escolhas; e a consequência desta primeira, não conseguir tomar decisões pertinentes à própria vida. Dessa forma, a pessoa chega até a sessão terapêutica, muitas vezes, sentindo-se um lixo, incapaz, com baixíssima autoestima, autoconceito e autoimagem. Foi, literalmente, lançada em um turbilhão de desencontros e sente que não pode – e nem consegue – contar com outras pessoas de sua rede social. Tudo se torna estranho. A vida se torna estranha. O outro se torna estranho. É a própria estranheza.

Percorrer com essa pessoa o caminho até então trilhado, significa, inicialmente, se colocar na condição de "escutador". O que seria isso? Seria eu, como terapeuta, conseguir ir além de minhas próprias vivências e experienciar o mundo vivido desse outro, junto a ele, continente. Significa compreender o modo muito dele de olhar o entorno, olhar o outro e olhar para si mesmo. Dessa forma, temos três aspectos do olhar: o olhar sobre mim mesmo, o olhar que lanço sobre o outro e o olhar que lanço sobre o olhar do outro. Três dimensões, três perspectivas.

Iniciemos a proposta de clínica pelo *olhar que lanço sobre mim mesmo*. A trilha de vida nos permite o autorreconhecimento. Me

reconheço como alguém caminhando no sentido de me tornar mais seguro, atingindo ou não, os objetivos a que me propus. Contudo, quando não atinjo meus propósitos de vida, me frustro, sinto-me fracassado, mas sigo adiante, buscando experienciar outras situações e me percebendo capaz de continuar a caminhada. Consigo me ver, a mim mesmo, sendo eu mesmo. Entretanto, para alguns, não é assim que ocorre. Esse processo de conseguir elaborar estratégias de enfrentamento para atingir os objetivos e ir além da frustação é vivenciado sob outro aspecto, assim, mudanças ocorrem em mim mesmo diante da não-realização de minhas possibilidades.

Transformações no dia a dia me lançam em redemoinho emocional infrene, me catapulta em verdadeiro fosso emocional, onde o autorreconhecimento não ocorre, ou se ocorre, é de modo distorcido, uma vez que, passo a não-me-ver-mais, a não-me-perceber-pertencendo-a-mim-mesmo. Maioria das vezes, vivencio um emaranhado de situações que, unindo-se umas às outras, me joga para a vivência da tristeza, do ensimesmamento, da dor e do sofrimento. Não consigo mais me perceber. Não consigo ver possibilidades. Sou "aquele problema", já que me travisto da problemática em si mesma, me travisto da situação difícil pela qual estou passando. Me distancio de mim mesmo. Não sou mais eu, sou apenas a situação difícil e considerada intransponível que estou experienciando. O olhar que lanço sobre mim mesmo é um olhar de pena, de mágoa, de estranheza.

Como podemos estar trabalhando na clínica? A partir do discurso desse outro que sofre, mergulharemos com ele em sua história de vida, saltamos com ele no abismo de dor e de sofrimento, vamos junto com ele compreender os sentidos e significados que atribui a determinada

situação. Lançamo-nos junto com ele no emaranhado de experienciações que traz até nós. Possibilitamos que ele caminhe, experiencie verdadeiramente, o vazio em que se transformou sua vida e o impelimos ao auto resgate, ou seja, o resgate que se efetivará para ele, por ele e com ele mesmo.

Um exemplo, os casos de autolesão. Tenho acompanhado na clínica adolescentes e adultos jovens, gênero feminino, estudantes do ensino fundamental e médio, praticantes do ato de cortar-se, o *cutting*, a autolesão. O antebraço, ao nível das costelas e a lateral externa e/ou interna das coxas são os pontos mais comuns do corte. Como pode-se observar, locais difíceis de os pais perceberem o que está sendo feito.

Conforme as sessões vão sucedendo, percebo que o véu vai sendo retirado a pouco e pouco, uma vez que, ao caminharmos juntos, a percepção de que podem confiar em mim enquanto terapeuta, um vínculo sendo construído de forma sólida, nos leva a momentos em que o discurso vem trazendo um misto de sentimentos relacionados a elas próprias, em que o olhar é voltado para si mesmas tendo como base, o olhar do outro. Resultando na autoagressão. Algumas questões são trazidas como elementos que originam o processo. Discorro em seguida sobre algumas que me tem sido trazida com maior frequência na psicoterapia.

A sensação de incompetência é algo subjacente aos discursos, tendo em vista que, 99% dos casos (21 dos 22 casos) está relacionado a cobranças excessivas para "serem as melhores" em todas as instâncias; precisam compreender "tudo o que foi feito por elas"; entender "todo o sacrifício" para que elas pudessem ter tudo; que eles – os pais – "abriram mão dos sonhos" por elas. São obrigadas a tornarem-se o que os pais

querem ou muitas vezes, o que gostariam (os pais) de ter sido, daí minha concepção de que talvez a incompetência pertinente a eles enquanto pais é trazida sob a forma da emissão de julgamentos.

Consequências? Lazer, estar em paz consigo mesmas, tranquilidade de transitar em questões corriqueiras, estudo, relações interpessoais, são deixados de lado e assim, sem saber lidar com a situação, na escola conhecem outras alunas que também praticam a autolesão e lhes é indicado entrar em páginas da internet que orientam como fazer os cortes. Inicialmente, o elemento utilizado são as próprias unhas que, de tanta fricção no mesmo local, provoca descamação e sangramento. Contudo, não param por aí. Em seguida, se munem de elementos cortantes (lâminas de barbear, lâminas de apontador de lápis, instrumentos cortantes de forma geral) e praticam a autolesão. Em suas falas são unânimes|: quando o sangue escorre aqui (apontam o local), a dor daqui (levam a mão ao peito), passa.

Neste momento lanço um questionamento aos leitores: de quais dores tão profundas estas meninas – diria mesmo crianças – estão vivenciando. De que existir experienciado sob a égide da dor, do sofrimento e consequente distanciamento de si mesmas está ocorrendo com elas? Gente, pertencem a faixa etária de 12 anos (sim, senhores e senhoras, 12 anos) a 20 anos. E aqui lanço meu grito angustiado no sentido de que é premente compreendermos essas dimensões aí presentes. E na clínica, esse grito se torna atitude, ação.

Um dos aspectos que tenho utilizado na clínica, diante de casos de autolesão, é o trabalho a partir de personagens de filmes, lançando mão das características desse personagem e a semelhança com seu modo de ser. O uso de animes também é algo que venho usando na prática nessa

mesma perspectiva (características, cores, dentre outros). Qual a finalidade? De que ao descrever as características do personagem - e geralmente aí se identificam – é possibilitado, nesse momento, perceber a similaridade com suas próprias características e, a partir daí, percorrerem o conceito que tem de si, o ser-si-mesmo trazido pela teoria heideggeriana. O olhar, nesse momento, se volta para si mesmas e daí por diante, iniciamos um mergulho gradativo em suas vivências cotidianas, em suas concepções, em suas perspectivas, expectativas de vida, suas possibilidades e na compreensão do que está ocorrendo com cada uma sem julgamentos, preconcepções ou pré-conceitos. Somos duas almas como dizia brilhantemente Jung ou como revela Castro[416] "somos ser-com-o-outro e esse é o maior fundamento do existir humano".

O olhar que lanço sobre o outro é a segunda perspectiva na clínica. Minha trajetória de vida se dá com o outro, é com o outro que consigo me perceber em meu próprio caminhar. É a partir do outro que me reconheço, me aproprio de mim mesmo, me sinto quem sou.

Como nos diz Heidegger, ser-no-mundo é *ser-com-o-outro*. Como refletir essa máxima? O filósofo da Floresta Negra nos brindou com uma perspectiva relacional que remete ao cotidiano, uma vez que, torna-se necessário que cada um de nós – existentes – busque predispor-se a olhar o entorno, e neste, perceber que aí estão presentes companheiros de vida nos mais variados níveis de relação: familiares, família extensa, amizades, colegas de estudo e de trabalho, amores e desafetos. Enfim, estão pessoas com as quais convivo cotidianamente e junto as quais me sinto caminhando, me sinto e sou afetado por elas.

E o que seria sentir-me afetado por esse outro? Nas relações que estabeleço com esse outro, ele imprime em mim o seu próprio olhar, ele me possibilita – ou não – ser quem sou; me possibilita – ou não – sentir-me aceito, acolhido por ele e isso me faculta perceber a dimensão de quem sou a partir de minhas relações interpessoais. É o outro mostrando a forma como me vê, como me concebe enquanto humano, enquanto ser relacional. Eis, a meu ver, mais um elemento presente na pluralidade do existir.

Há de se considerar que nem sempre as relações são saudáveis, impulsionadoras de crescimento e de probabilidades existenciais. Sabemos disso. O con-viver diário, dadas várias questões que se apresentam, pode-se tornar uma experiência em que dor, sofrimento e angústia permeiam as ligações amorosas, de amizade, fraternais, enfim, todas as relações em que a afetividade se torna o centro de todo o processo. Sim, afetividade. Mesmo quando o outro me causa dor e temor, sofrimento e injúria, desprezo e alijamento, nesse olhar está presente o afeto. Poderia colocar aqui distorcido, mas vem um questionamento: distorcido para quem? Distorcido por quê? São nuances da vivência, do viver, do relacionar-se.

Contudo, o olhar do outro pode ser amorável e amoroso, prenhe de motivações para que eu consiga atingir meus objetivos, minhas metas. Percebo o cuidado que me é direcionado no sentido de expressar: Ei! Estou aqui, podes contar comigo, sim! Conquanto afetividade, esse modo de olhar me motiva a ir bem além do que estou vivenciando, me plenifica a conceber que esse outro caminha comigo, está a meu lado, me possibilita crescer.

Entretanto, se por um lado esse "amor" me lança a ser eu mesmo; por outro lado, pode ser encarcerador, já que em alguns momentos é compreendido apenas como o que solicita de mim, o que me pressiona a agir desse ou daquele modo, o que me impede de ser eu mesmo, o que me aprisiona, como tem ocorrido nas relações contemporâneas, familiares, afetivo-emocionais, no trabalho.

Na clínica tenho percebido em casais que acompanho e vivenciam na relação afetivo-emocionais (ficar, namorar, noivar, casar), expressões diversas acerca do que o outro pode – e consegue – fazer comigo e eu com ele, onde são experienciadas situações permeadas pelo que há de mais desrespeitoso, incoerente e consequentemente, abusivo.

O abuso a que me refiro diz respeito ao critério de invasibilidade que um perpetra ao outro. O interessante é que – e parece não estar relacionado ao tempo em que estão juntos – todo o processo inicia sob o viés do ciúme, que a *pari passu*, torna-se danoso, mesquinho, cruel. E em nome da relação, o que sofre abuso se deixa ficar, permanece e muitas vezes, alimenta a toxicidade ai presente.

Um exemplo desse fato é o que está ocorrendo acerca do uso de redes sociais nos telefones celulares: "você está falando com quem?" Pergunta boba, trivial e que vai ocorrendo com frequência cada vez maior. Percebo, quando estou em ambientes coletivos – restaurantes ou mesmo mesas em shoppings centers – que no momento da recepção de notificação de mensagem – de quaisquer uma das redes -, o outro que acompanha quem recebeu a mensagem, muitas das vezes realiza verdadeiras acrobacias visuais e contorcionismo na busca de ler quem é o remetente e, quem sabe, inclusive ler o teor do que foi recebido.

Ponto bastante substantivo que tenho acompanhado, e que tem sido também frequente, é o ciúme relacionado ao passado do outro: "você acha legal estar recebendo mensagem do fulano, mesmo que tenha um filho com ele?". O outro justifica, lança mão da fala: "mas, você também recebe mensagens de seu relacionamento anterior!" E as dissensões iniciam, um tentando mostrar ao outro que está equivocado. E a relação vai fragilizando cada vez mais e a confiança, preterida.

Em continuidade à terapia percebo que se faz presente uma fala continuamente expressa: "Então façamos o seguinte: você me dá a senha de seu celular e eu te dou a senha do meu". Reflexão. Titubeio. Convencimento. "Está certo, vou mostrar o quanto eu te amo". Locupletado está o quadro. Privacidade é algo não mais vivenciado tanto por um quanto pelo outro. Começa a guerra fria, o que denomino "espionagem relacional". Situação em que iniciam os questionamentos, os porquês de determinadas mensagens, áudios, vídeos, fotos. Tudo passa a ser "printado" para servir de justificativa a uma possível traição. E, conforme os casais insistem em me falar, em nome do "amo você".

Em que isso tem resultado? De que forma está sendo um fator interveniente nas relações, no sentido do dano que tem provocado? Observo casais que estão juntos a 5, 10, 12 anos, e essa condição de "te amo", sob o viés do "apenas uma prova de amor", tem levado a crises intensas, com acusações de ambas as partes, mágoas, decepções. E o amor é levado ao ponto máximo da violência: eu não permito que o outro tenha autonomia, mantenha sua privacidade. Preciso mantê-lo sob a égide do desrespeito, da desconfiança e do desespero, o que passarei a chamar a partir daqui de os 3Ds.

Desrespeito em virtude de uma fantasia que coloca o outro na condição de refém, prisioneiro virtual do parceiro. Legitimado, neste momento, o caráter de abuso para com esse outro que compartilha a relação comigo, caminha cotidianamente junto a mim e que, diante de minha ação infrene, se permite subjugar, se permite não ter autonomia, se permite não questionar o objetivo verdadeiro do que está sendo vivido. E, nesse momento, sempre lanço uma pergunta: "como é para você se desvalorizar para se sentir valorizado?". Maioria das vezes o resultado é apenas a lágrima que escorre pela face, o baixar a cabeça, o mergulho necessário em si mesmo e em seu relacionamento. Inicia o processo de reflexão, elemento fundamental para que essa pessoa busque em si mesma a resposta e tome para si a responsabilidade por sua vida, por sua relação, por seu caminhar.

Tornando o quadro ainda com maior características de insensatez, o segundo D, a *desconfiança*, torna-se um elemento que fomenta maior gravidade à relação. O outro não pode, sim, esse é o termo utilizado, "não pode" ter passado, não pode ter lembranças de outros relacionamentos, mesmo aqueles que são de amizade. Observo que, maioria dos casos, inicia com uma leve ironia acerca do fato: "hum, lembrando quem?"; "parece que essa música marcou mesmo, né? "sofrendo ainda hoje?". Percebo que essa atitude vai aos poucos tomando proporções de uma dimensão impensável, atingindo o patamar experienciado nas falas seguintes: "será que não dá pra você pensar um pouco e ver que sou eu que estou em sua vida?"; "não gosto dessa playlist que você montou. Tem algumas músicas que não curto mesmo, você poderia retirar, pelo nosso amor?"; "eu não aguento mais você fazer essa cara de quem está sofrendo por lembranças de sei lá quem seja. Você está

comigo, sua vida me pertence agora, dá para entender?". Percebamos: "sua vida me pertence agora". E o outro desiste de escutar sua música preferida para não magoar ou ferir o (a) parceiro (a) que por sua vez, fica satisfeito (a) por ter seu desejo atendido. Quando inquirido no setting terapêutico: "Em que momento você se permitiu fugir de você mesmo e da tua vida?". O olhar torna-se sombrio, acinzentado, de uma expressividade de dor e desafeto inexplicável. Muitas vezes titubeia, a voz torna-se trêmula e sem quaisquer argumentos. Possibilito que o silêncio – que nesse momento é um grito – seja vivenciado em toda a sua magnitude. Possibilito refletir sobre o algoz de si mesmo (a) no qual se tornou.

O terceiro D, o *desespero,* é expresso: "Não consigo mais saber por onde caminhar. Minha vida está um inferno"; "O que aconteceu em minha relação? Simplesmente, a vida está completamente diferente e diferente no sentido pior do termo, entende"; "Já não sei como agir, ele(a) parece um guarda, não posso muitas vezes olhar para o lado, falar com um conhecido. A cara fecha, o resmungo começa, quando chega em casa, o tempo fecha". Neste momento, realizo o confronto necessário: "E quem você considera que possibilitou isso? Quem você considera que se permitiu viver essa situação?". E assim, o amor ou a compreensão distorcida do que é o amor, lança esse outro em um redemoinho de impedimentos, frustrações, im-possibilidades, des-encontros. A nós cabe, peremptoriamente, possibilitar o auto resgate, a autoestima, o autoconceito, a autoimagem, o refletir sobre si mesmo (a). E isso se dará, certamente, quando imergimos com essa pessoa naquilo que ela traz até nós, suas dores, seus amores, suas dúvidas, suas certezas, e dessa forma, junto com ela e a ela, redimensionar o olhar que lança sobre si mesma e

o olhar do outro, impelindo ao fortalecimento do ser-si-mesmo, no sentido de buscar experienciar a autenticidade e refletir sobre a inautenticidade inerente ao colocar-se em demasia em disponibilidade para com o outro que se compraz em propiciar dor e sofrimento, mágoa e tristeza.

Continuando a sequência dos olhares, como vimos dois foram expostos: o olhar que lanço sobre mim mesmo e o olhar do outro. A partir de agora, falarei sobre o *olhar que lanço sobre o olhar do outro* que, dada minha experiência na clínica é um ou mesmo, maioria das circunstâncias, o mais nocivo para o existir. Como tenho percebido isso? Como caracterizo esse olhar a partir da perspectiva da clínica?

As relações de forma geral são constituídas e construídas a partir do envolvimento com esse outro que me é importante, que amo e torno a pessoa com relevância ímpar em meu existir. Assim, tenho percebido que – ainda em nome do amor – algumas pessoas se anulam, se deixam ficar longe de si mesmas, justificando que o outro gostaria que elas agissem dessa ou daquela forma. Em que expressões tenho observado isso? "Tenho feito tudo o que ele(a) me pede apenas com o olhar"; "Sei o que pensa e como pensa, então busco fazer o que está me sendo solicitado"; "Minha vida tem sido girar em torno dele (a) e fazer tudo o que acredito que ele (a) queira que eu faça". Minha atenção volta-se – e busco propiciar o mesmo desse outro – para o fato de que a pessoa deixa de viver sua vida para viver o que ela acha que o outro quer ou requisita dela. Dessa forma, passa a experienciar o que ela acredita que o outro pensa em relação a ela e ao vínculo afetivo, muitas das vezes – para não citar a totalidade – volta-se para uma concepção de mundo e de vida voltada a responder ao que julga que esse outro deseja. Essa atitude é

auto repressora, designa o auto aprisionamento, automutila emocionalmente.

Obviamente como nos outros aspectos já relacionados, alguns questionamentos são trabalhados no processo: “Então sua vida deixou de ser sua desde quando?”; “Em que momento seu (sua) companheiro (a) exigiu que você aja dessa forma?”; “Como é para você viver o que achas que o outro quer de você?”; “Você está me dizendo que o outro é o responsável por você estar da forma como você está se vendo hoje?”. As respostas são desencontradas, incoerentes, uma tentativa contínua de justificar as atitudes que ela própria tomou a partir do que considera ser o desejo do outro. Conforme a reflexão se torna mais profunda, uma profusão de sentimentos aflora e esse outro começa a brotar de si mesmo. Há o ressurgimento dos próprios desejos e vontades; a vida é percebida como sendo sentido – sim, sendo e não tendo, afinal vida é sentido – surge Narciso, a flor cujo mito é compreendida de forma diferente por mim.

Sempre falo que o mito de Narciso vai além do reflexo no espelho. Busquemos a compreensão. O homem de beleza imensurável, ficou prisioneiro de sua própria beleza. Foi confinado a um local em que nem as ninfas dos bosques ousavam aproximar-se. O tempo, sempre o tempo, propiciou o esgotamento por se saber e se ver sozinho, a solitude pesa. Foi quando em determinado momento, encontra um espelho d’água e vê seu reflexo, pensa que é outro e inicia o diálogo – ou o que poderíamos entender como tal – e, nesse processo, sofrendo pela solidão que lhe fora impugnada, vai em busca desse outro refletido e se lança no poço onde está o espelho que reflete sua imagem. Narciso se afoga e ressurge como

uma das mais belas flores que conhecemos. Como podemos redimensionar esse mito? Vamos adiante!

As relações me fazem perceber a grandiosidade de quem sou, amo e sou amado em uma proporção inimaginável (a beleza de Narciso). Entretanto, quando passo a viver minha vida a partir do que eu acredito que o outro quer de mim - em realidade início o processo de afastamento daqueles que convivem comigo sob outra égide (família, amizade, e como nos diz o conto, as ninfas não ousavam aproximar-se), me lanço na solidão. Ora, ao esquecer-me de mim, a relação em que estou causa dor, sofrimento, angústia. A clínica – o espelho d'água – com seus questionamentos e reflexões, propicia percorrer minha história de vida e faz perceber o quanto renunciei a mim em nome de justificativas extemporâneas e incoerentes. Mergulho em mim e travo a maior luta que o humano pode vivenciar: com ele mesmo. E muitas vezes quase me afogando em distorções por mim propostas, a clínica me propicia, literalmente, ir ao fundo do poço e, a partir daí, me perceber com possibilidades de viver as relações de forma pluridimensional, sendo eu mesmo com minhas dificuldades e potencialidades. Ressurgi para mim, ressurgi para a vida, ressurgi para o mundo. Eis Narciso, a flor que para mim e na clínica na qual acredito, significa a possibilidade do existir.

Considerações Finais

Experienciar a clínica com embasamento na Fenomenologia-Existencial requer, inicialmente, se perceber lançado no mundo, em desamparo, inclusive eu mesmo enquanto terapeuta. Significa ir além de verdades obsoletas construídas para outros locais equidistantes, construídas para outros povos em outros momentos da humanidade. Por

isso, ouso a partir de minha experiência, redimensionar a perspectiva da relação clínica.

A clínica sob esta perspectiva não se mune de certezas, pelo contrário, respeita a certeza desse outro que vê sua vida transformada de forma abrupta maioria das vezes e não se percebe em condições de realizar o enfrentamento necessário e, dessa forma, conseguir seguir adiante em sua caminhada. Desculpe-me um autor nacional, mas é premente ir além de detalhes e nuances, torna-se fundamental, a meu ver, mergulhar com esse outro em sua historicidade, em seu caminhar pleno de sentidos e significados.

Trabalhar com pessoas que já vivenciaram tentativas de suicídio e se autolesionam, te impelem a ir além do teu lugar seguro, da tua "teoria de base", e te chama – sim, você é convidado – a seguir com esse outro em sua trilha de desamparo. Você, enquanto terapeuta, é invitado ao mergulho existencial com essas pessoas cujo olhar sobre si mesmas é um misto de desafeto, desamparo e desengano. Muitas vezes, culminam em desespero diante da vida que te lançam a questionamentos acerca de ti mesmo e da tua prática clínica. Passamos por uma espécie de forja, somos transeuntes, juntamente com eles, de um processo de não-aceitação de si mesmos, não-aceitação do outro, não- aceitação da vida. E nesse momento, realmente inicia o processo terapêutico que se dá no sentido heideggeriano de Cura, ou seja, de Cuidado para com essa pessoa cuja vida está transformada e não cabe mais em sua visada sobre o mundo. Precisamos caminhar com eles, precisamos nos tornar continentes, precisamos nos perceber contínuos aprendizes de nosso fazer profissional.

O viés da relação afetivo-emocional tratado neste capítulo, pode ser considerado como um marco na contemporaneidade, uma vez que, os relacionamentos estão, muitas vezes, construídos e constituídos com base na desconfiança, com base na crença de que o outro é meu utensílio – como dizia o pensador da Floresta Negra -, em que o olhar de um está sobremaneira pensado como o mais importante; o que melhor sabe acerca da experiência afetiva, e consequentemente manipula o outro e esse outro, por sua vez, se permite ser manipulado. A relação abusiva está estabelecida. A ruína é vivenciada, a inautenticidade relacional é experienciada. Precisamos enquanto terapeutas ir além do prescrito, ir além da norma e da normatividade que enquadra, que reprime, que não sustenta a relação terapêutica em sua pluridimensionalidade.

Obviamente estes temas merecem outros olhares e outros estudos. A *clínica dos três olhares* merece maior aprofundamento por parte de quem a viabiliza na prática. É preciso refletir sobre nosso papel de psicólogos na atualidade, a vida é feérica, importante característica da contemporaneidade. Precisamos ir além, muito além do que aí está posto, como já expressei a vida merece resposta que não está mais na possibilidade de anos de acompanhamento psicoterápico. Esse outro, dadas as devidas dimensões, merece nosso respeito no sentido de ser motivado a "viver" em seu campo relacional, a segurança que a psicoterapia proporciona. É necessário nos desafiarmos e sair dos lugares seguros de teorias que teimam em patologizar, teimam em medicalizar, teimam em "consertar", teimam em "curar" e, ao final apenas criam pessoas sem responsabilidade por si próprias e, o que considero mais grave, que não conseguem se perceber como seres possíveis.

Referências

BOTTEGA, N.J. Conduta nas tentativas de suicídio In: **Guia de Psiquiatria** – Barueri, SP: Manole – Série Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar/editor da série Nestor Schor, 2005.

CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B. (Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017.

CASTRO, E.H.B. de A clínica psicológica em seus en-contros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares. In: CASTRO, E.H.B. de **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica**: o contexto amazônico em pesquisa e clínica. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2020, p. 157-176

FERREIRA, C.F. & CASTRO, E.H.B. A fenomenologia de Merleau-Ponty. CASTRO, E.H.B. (Org.) *Fenomenologia e Psicologia***:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 27-32.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

PEIXOTO, A. J. Corpo e Existência em Merleau-Ponty. In TOURINHO, C. D. C. & BICUDO, M. A. V. (Org.) **Fenomenologia: influxos e dissidências**. Rio de Janeiro: Booklink, 2011. p. 156-168.

REIS, A. C. A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Vivência**, n. 37, 2011, p. 37-48.

SANTOS, J. A. Resgate das relações abusivas em que nos encontramos: uma questão de prevenção quinquenária. Rev. bras. med. fam. comunidade*; 14(41): 1847, fev. 2019*.

VOLPE, F.M.; CORRÊA, H. & BARRERO, S.P. Epidemiologia do suicídio. In: CORREA, H. & PEREZ, S. (Orgs.) **Suicídio, uma morte evitável**. São Paulo: Editora Atheneu; 2006. p. 11-27.

---

402 VOLPE, F.M.; CORRÊA, H. & BARRERO, S.P.. Epidemiologia do suicídio. In: CORREA, H. & PEREZ, S. (Orgs.) **Suicídio, uma morte evitável**. São Paulo: Editora Atheneu; 2006. p. 11-27.

403 BOTTEGA, N.J. Conduta nas tentativas de suicídio In: **Guia de Psiquiatria** – Barueri, SP: Manole – Série Guias de Medicina Ambulatorial e Hospitalar/editor da série Nestor Schor, 2005.

404 VOLPE, F.M.; CORRÊA, H. & BARRERO, S.P.. Epidemiologia do suicídio. In: CORREA, H. & PEREZ, S. (Orgs.) **Suicídio, uma morte evitável**. São Paulo: Editora Atheneu; 2006. p. 11-27.

405 CASTRO, E.H.B. de A clínica psicológica em seus en-contros, des-encontros e re-encontros: des-velando olhares. In: CASTRO, E.H.B. de Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2020, p. 157-176

406 SANTOS, J. A. Resgate das relações abusivas em que nos encontramos: uma questão de prevenção quinquenária. **Rev. bras. med. fam. comunidade**; *14(41): 1847, fev. 2019*.

407 PEIXOTO, A. J. Corpo e Existência em Merleau-Ponty. In TOURINHO, C. D. C. & BICUDO, M. A. V. (Org.) **Fenomenologia: influxos e dissidências**. Rio de Janeiro: Booklink, 2011. p. 156-168.

408 REIS, A. C. A subjetividade como corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Vivência**, n. 37, 2011, p. 37-48.

409 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B.(Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26

410 FERREIRA, C.F. & CASTRO, E.H.B. A fenomenologia de Merleau-Ponty. CASTRO, E.H.B. (Org.) *Fenomenologia e Psicologia*: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 27-32.

411 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B.(Org.) F**enomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26.

412 Ibidem

413 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B.(Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26

414 HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco,

2013.

415 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B.(Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 17-26

416 CASTRO, E.H.B. A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, E.H.B.(Org.) **Fenomenologia e Psicologia**: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa – Curitiba : Appris, 2017, p. 25.